



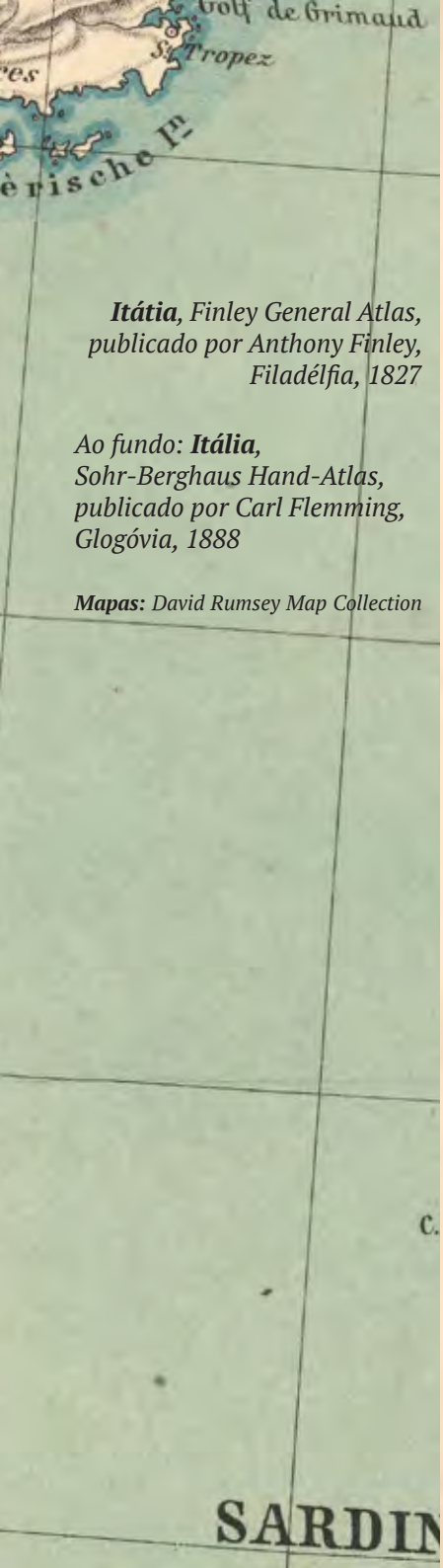
Triunfati

os italianos no Brasil

Itália, Finley General Atlas,
publicado por Anthony Finley,
Filadélfia, 1827

Ao fundo: *Itália*,
Sohr-Berghaus Hand-Atlas,
publicado por Carl Flemming,
Glogóvia, 1888

Maps: David Rumsey Map Collection



Oriundi

os italianos no Brasil

ORGANIZADOR
Iberê Cavalcanti

NOVEMBRO • 2020
Rio de Janeiro



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



Oriundi

os italianos no Brasil

PROJETO E COORDENAÇÃO GERAL

Interaction Cine TV Audiovisual Ltda. e Iberê Cavalcanti

Uma realização *INTERCULTURAL*

AUTOR / COORDENADOR GERAL Iberê Cavalcanti

COLABORAÇÃO Vanessa Koiky e Tarsio Storage

ASSISTENTE DE SERVIÇOS Cláudio Carijó Cavalcanti

PRODUÇÃO EXECUTIVA Pery de Canti

EDIÇÃO E PROJETO GRÁFICO Ali Celestino

REDAÇÃO Iberê Cavalcanti, Roselene Alves e Ali Celestino

PESQUISAS Iberê Cavalcanti, Gabriela Ciuffo, Roselene Alves e Ali Celestino

REVISÃO DE PORTUGUÊS M. M.

TRADUÇÃO AO ITALIANO Matteo Gennari

FOTO CAPA

Mãos de trabalhador • Miyeon / ABSFreePic.com

CONTRACAPA

Reunião da família de Franklin Benvenuti, em Caxias do Sul, em 1928
Domínio público / Wikimedia.org

ORELHAS

Imigrantes italianos em 1905 • The New York Public Library Digital Collections

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angelica Ilacqua CRB-8/7057

O78

Oriundi : os italianos no Brasil / organizado por Iberê Cavalcanti ; redação de Iberê Cavalcanti, Roselene Alves ; projeto gráfico de Ali Celestino ; tradução para o italiano de Matteo Gennari. -- Rio de Janeiro : Hexis, 2020.
160 p. : il., color.

Obra bilíngue, língua italiana
ISBN 978-65-990639-2-3

1. Imigrantes - Italianos - Brasil - História 2. Imigração - Itália - Brasil 3. Brasil - Colonização I. Cavalcanti, Iberê II. Alves, Roselene III. Celestino, Ali IV. Gennari, Matteo

CDD 981.00451

20-3601



“Hexis” é um selo editorial da
Ali Comunicação e Marketing
Rua Honório de Barros 23 / 503
Rio de Janeiro, RJ, CEP 22250-120
www.hexiseditora.com.br
hexis@alicomunicacao.com.br



sumário

APRESENTAÇÃO	04	DESTAQUES	64
INTRODUÇÃO	06	A cultura e os personagens ítalo-brasileiros	
CAPÍTULO 1	12	A COZINHA ÍTALO-BRASILEIRA	66
Motivos da emigração para o Brasil		VINHO GANHA IMPULSO COM <i>ORIUNDIS</i>	68
CAPÍTULO 2	16	FESTAS ITALIANAS PELO BRASIL A FORA	70
A longa viagem em busca de uma vida melhor		SÉCULOS DE TRADIÇÃO NAS ARTES PLÁSTICAS	74
CAPÍTULO 3	22	CONSTRUINDO CIDADES	76
A chegada ao Brasil e as primeiras colônias formadas		LIVROS E LITERATURA	77
CAPÍTULO 4	29	CINEMA E TEATRO	78
A expansão para o Sudeste		MÚSICA E DANÇA	81
CAPÍTULO 5	34	MINO CARTA: CRIADOR DE REVISTAS	83
A abolição da escravatura e a fixação da maioria em São Paulo		GERSON CAMATA: UM FIM TRÁGICO	83
CAPÍTULO 6	39	ITAMAR FRANCO: O 33º PRESIDENTE DO BRASIL	84
Decreto Prinetti		RICUPERO: DUAS VEZES MINISTRO	84
CAPÍTULO 7	42	BANCAS: TUDO COMEÇA COM MOEDA DE VENEZA	85
O crescimento e a adaptação na nova pátria		FAMÍLIAS QUE FIZERAM HISTÓRIA	86
CAPÍTULO 8	45	UM ITALIANO QUE VIROU NOME DE AVENIDA	88
O desenvolvimento na primeira metade do Século XX		IMIGRANTES CONSTRUÍRAM GRANDES EMPRESAS	89
CAPÍTULO 9	56	GRUPOS ITALIANOS QUE ATUAM NO BRASIL	91
A integração e a afirmação sociocultural e política		BRASIL E ITÁLIA, TRADIÇÃO ESPORTIVA	92
		GRANDES MOMENTOS DE BRASIL X ITÁLIA	95
		VERSÃO EM ITALIANO	97
		REFERÊNCIAS	159





Em 1957 a Evaristo Comolatti & Cia. Ltda. abre sua primeira loja, na esquina da Avenida Alcântara Machado com Rua Piratininga



Oriundi

os italianos no Brasil

Esta publicação resume aspectos relevantes do longo processo da imigração de cidadãos italianos ao Brasil e de suas lutas e realizações como fatores decisivos na construção da moderna sociedade brasileira.

A partir de meados do século 19, começaram a aportar no Brasil milhares de italianos vindos em busca de um futuro promissor.

Foram muitas lutas no duro exercício do trabalho e do enfrentamento de grandes desafios, vencidos com muita criatividade, fé e esperança.

Os milhares de italianos se multiplicaram e formaram novas gerações, que somam hoje milhões de ítalo-brasileiros atuantes e produtivamente ligados a todas as áreas da vida brasileira.

O Grupo Comolatti, por sua origem e expressiva participação na vida nacional, e também por sua já tradicional parceria em projetos artísticos e culturais inclusivos, orgulha-se de patrocinar a realização deste livro, com o objetivo de contribuir para o conhecimento, a educação pela Arte e a amizade entre os povos do Brasil e da Itália.

Boa leitura!

Sergio Comolatti
Presidente



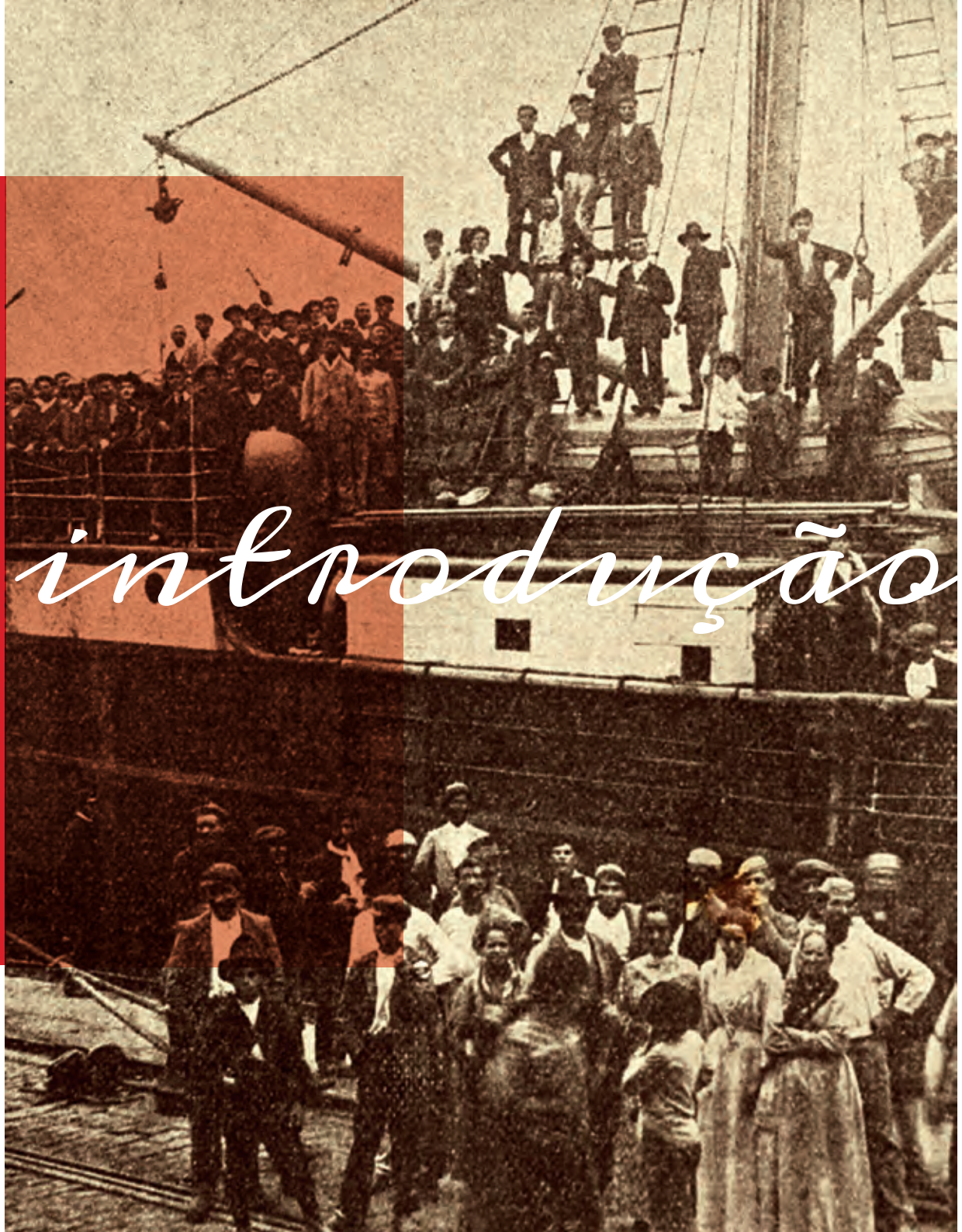


Foto: Museu da Imigração do Estado de São Paulo

introdução

Na segunda metade do século XIX, a Itália iniciou uma das mais numerosas emigrações de sua história. Famílias inteiras, de todas as regiões do país, partiam rumo ao porto de Gênova, para embarcar nos navios que zarpavam em direção às Américas. Nesse cenário, em momento não datado, um ministro italiano, curioso com a intensa movimentação de emigrantes, questionou um dos viajantes a respeito de sua vontade de deixar a nação italiana. A resposta daquele cidadão italiano foi immortalizada de forma contundente:

*“Que entendeis por uma nação,
Senhor Ministro?
É a massa dos infelizes?”*

*Plantamos e ceifamos o trigo,
mas nunca provamos pão branco.*

*Cultivamos a videira,
mas não bebemos o vinho.*

*Criamos animais,
mas não comemos a carne.*

*Apesar disso, vós nos aconselhais
a não abandonarmos
a nossa pátria?*

*Mas é uma pátria, a terra
onde não se consegue
viver do próprio trabalho?”*



REUNIFICAÇÃO

Em meados de 1800, a Itália não era um país unificado como o conhecemos hoje, mas dividido em pequenos estados: Reino da Lombardia-Veneza, Reino da Sardenha, Estados Pontifícios, Reino das Duas Sicílias, Ducados de Modena, Massa Carrara, Lucca e Parma e Grão Ducado da Toscana.

A maior parte dos territórios do norte e do centro, com exceção do Reino da Sardenha, governado pelo Rei Victor Emmanuel, foi submetida à Áustria. Esta situação fez com que a Itália se transformasse em uma península economicamente atrasada, em comparação com os outros países europeus da época.

Foi nesse clima que teve início o Ressurgimento, período em que os habitantes da Península deram origem a iniciativas para uma reunificação. Por esta razão, foram chamados “patriotas”.

*Il quarto stato - Giuseppe Pellizza da Volpedo
1901 - Museo del Novecento - Milão*

Domínio público, Wikimedia.org





As ideias de libertação, no entanto, não podiam circular livremente. Assim, os patriotas se reuniam em sociedades secretas, para realizarem suas atividades escondidos, com o objetivo de evitar a prisão. A principal delas foi a “Carbonari”, chefiada por Chiavano Carbonari.

Entre os patriotas, faz-se menção a Pellico e Giuseppe Mazzini. O primeiro é o escritor de “As minhas prisões”, história da época em que foi aprisionado pelos austríacos. Já Mazzini fundou em Marselha, em julho de 1831, durante o período em que esteve exilado, a organização “Itália Jovem”, cujo objetivo era lutar em prol de uma Itália Republicana.

A reunificação não foi, portanto, um movimento pacífico. Muitas revoluções e batalhas, além de três guerras – em 1848, 1859 e 1861 –, foram necessárias para a criação do Reino da Itália, tendo Torino como capital.

O processo de reunificação, porém, ainda não estava totalmente completo, pois faltava incorporar a região de Vêneto e o Lazio. Com a última guerra da independência, em 1871, foi concluída a união da Itália, com sua divisão em Regiões e a transferência da capital para Roma.

A península itálica viveu longos períodos seccionada em inúmeros reinos, ducados e repúblicas. Após a reunificação nacional, em 1871, a Itália tornou-se um dramático palco de grandes transformações sociais.

O domínio austro-húngaro estendia-se pela Lombardia, Veneza e Trentino, enquanto o Piemonte, a Ligúria e o oeste da Lombardia estavam ligados à Casa de Saboia e à França. Alguns ducados tornaram-se regiões autônomas. Ao sul do Rio Pó, o Vaticano dominava a região da Emilia-Romagna e da Marca.

Domínio público, Wikimedia.org



A crise nacional, a chamada revolução industrial e a renitência latifundiária, regressiva e conservadora, produziram sérias privações para grande parte dos cerca de 30 milhões de habitantes, especialmente ao norte.

As leis protegiam os grandes proprietários e atingiam os camponeses com altos impostos e a consequente perda de suas terras por não conseguirem pagar por elas.

A economia, dependente de poucos industriais e de muitos latifundiários, era subordinada ao feudalismo e à exploração ilimitada da força de trabalho operária e agrícola.

*Emigrantes italianos
do final do século XIX*



Mapa: David Rumsey Map Collection

Mapa do Reino da Itália,
publicado na Alemanha,
em 1872, no Atlas
de mão Meyer



PROPAGANDA DISTRIBUÍDA NA ITÁLIA

Em 1850, o Brasil enfrentava dificuldades para a contratação de mão de obra especializada. Sua força de trabalho estava concentrada nos negros escravizados e o País havia acabado de aprovar a lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico negreiro e a chegada de novos africanos para atuarem nas lavouras.

O governo brasileiro, ao tomar conhecimento de que emigrantes europeus estavam partindo para os Estados Unidos, Austrália e alguns países da América do Sul, em busca de uma vida melhor, decidiu que o Brasil também poderia ser o destino de muitos deles.





capítulo 1

MOTIVOS DA EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

A emigração italiana para o Brasil se deu, primeiramente, entre 1870 e 1900, período em que cerca de 30% dos emigrantes italianos da época deixaram seu país. Somente da região trivêneta (as três Venezas) em torno de 4.500.000 de pessoas partiram em busca de uma vida nova em outras nações do exterior, que ofereciam condições, a princípio, mais atrativas. Os Estados Unidos, por exemplo, receberam grande número de emigrantes, até iniciarem as chamadas leis de restrição. O Brasil foi o país que recebeu mais italianos. E, entre os imigrantes europeus, os italianos foram os que vieram em maior quantidade para o Brasil.

O processo migratório italiano teve na exploração e na miséria em que se encontrava a maior parte da população as razões decisivas para que o povo desejasse abandonar seu país de origem, fugindo assim das crises econômica e social que assolavam toda a Itália. O perfil daqueles que escolhiam cruzar os mares era formado basicamente por trabalhadores braçais, sem nenhuma especialização profissional, como operários ou agricultores pobres, pedreiros, artesãos e colonos. O maior sonho deles, que na Itália parecia impossível de ser conquistado, era se tornarem proprietários da terra em que vivessem.

Enquanto a Itália enfrentava a miséria e o crescimento demográfico, o Brasil encarava a falta de mão de obra barata para traba-

lhar nas lavouras. O processo abolicionista estava a passo de ser concluído e já não havia mais a quantidade de escravos necessária para manter ativa e pulsante a economia do País. Isso porque: em

Foto: Museu da Imigração do Estado de São Paulo



Desembarque de imigrantes italianos no Porto de Santos (SP), em 1907

1850, o tráfico negreiro tinha sido proibido; em 1871, foi criada a Lei do Ventre Livre, que libertava os filhos de mães escravas nascidos a partir da data da lei; e em 1875, com a Lei do Sexagenário, passaram a ser considerados livres os escravos que tivessem 60 anos ou mais, e, por fim, logo no início da primeira grande fase migratória, já entraria em vigor a Lei Áurea, de 1888, que abolia definitivamente a escravidão no Brasil.

Na Itália, a emigração era vista como uma forma de sobrevivência e uma oportunidade de recomeço, enquanto que, no Brasil, o governo a considerava importante fonte de mão de obra trabalhadora, que chegava para substituir a mão de obra escrava. Além disso, existia uma necessidade, por parte do Império, de povoar as terras do Sul do País, para que não houvesse mais conflitos e invasões territoriais, como os que resultaram na Guerra do Paraguai (1864-1870). Sabendo da situação europeia e do enorme número de emigrantes que optava pelo território norte americano, o governo brasileiro passou a fazer propagandas, oferecendo terras e oportunidades aos italianos no “paraíso tropical”.

Precisamente, a oferta era de 25 mil réis por indivíduo entre um e dez anos e de 60 mil réis por indivíduo maior de dez anos, além de hospedagem no Porto, alimentação, transporte, viagem até as colônias de destino e financiamento de

terras de 16 a 25 hectares por família ou solteiro maior de idade, bem como o título de propriedade da terra. O que mais chamou a atenção dos italianos interessados em emigrar para o Brasil foi o fato de poderem realizar o antigo sonho de se tornarem donos das terras em que morassem e as quais cultivassem. Sonho então impossível de ser conquistado na Itália destroçada pela crise.

Não foi somente o governo brasileiro que propagou a imigração como algo muito positivo. A igreja italiana, cuja força junto ao povo era enorme, tendo em vista que a religiosidade é algo intrínseco à cultura daquele país, também incentivou bastante a população a partir em busca de uma vida melhor no Brasil. Durante os cultos, por exemplo, os párocos orientavam os fiéis a emigrar para cá. A eles eram transmitidas as ofertas do imperador brasileiro, além de explicações de como se daria a viagem e o processo de aquisição das terras. Todo aquele encorajamento contribuía para gerar grande expectativa no sofrido povo italiano. Mas, muitas vezes, a expectativa não correspondia à realidade.

Foi no dia 3 de janeiro de 1874, às 13h, que zarpou o primeiro navio de italianos com destino ao Brasil. A embarcação se chamava La Sofia e partiu do Porto de Gênova com 386 famílias, que chegaram em Santa Cruz, no Estado do Espírito Santo, no dia 21 de fevereiro.

Arquivo Nacional. Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras.



Lista de passageiros do vapor Roma, procedente de Gênova, 2 de fevereiro de 1888

A longa viagem em busca de uma vida melhor



Embarque de
italianos para o
Brasil, 1910

*Foto: Museu da Imigração do
Estado de São Paulo*



capítulo 2



Passaporte de 1923
 válido para embarque
 nos portos da Itália

Acervo do Museu da Imigração
 do Estado de São Paulo

A LONGA VIAGEM EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR

A emigração italiana rumo às terras americanas se deu, em maior quantidade, entre os anos 1870 e 1920. Os italianos representaram 42% dos imigrantes que desembarcaram em território brasileiro. Destes, 30% eram oriundos da Região do Vêneto - local em que a emigração foi maior -, seguidos dos habitantes da Campânia, Calábria e Lombardia. O perfil dos cidadãos do Vêneto era composto por pequenos proprietários, em sua maioria loiros, que vislumbravam a oportunidade de adquirir terras brasileiras de forma mais realista, já que possuíam uma pequena renda. Já os emigrantes do Sul eram camponeses, morenos, mais pobres e humildes.

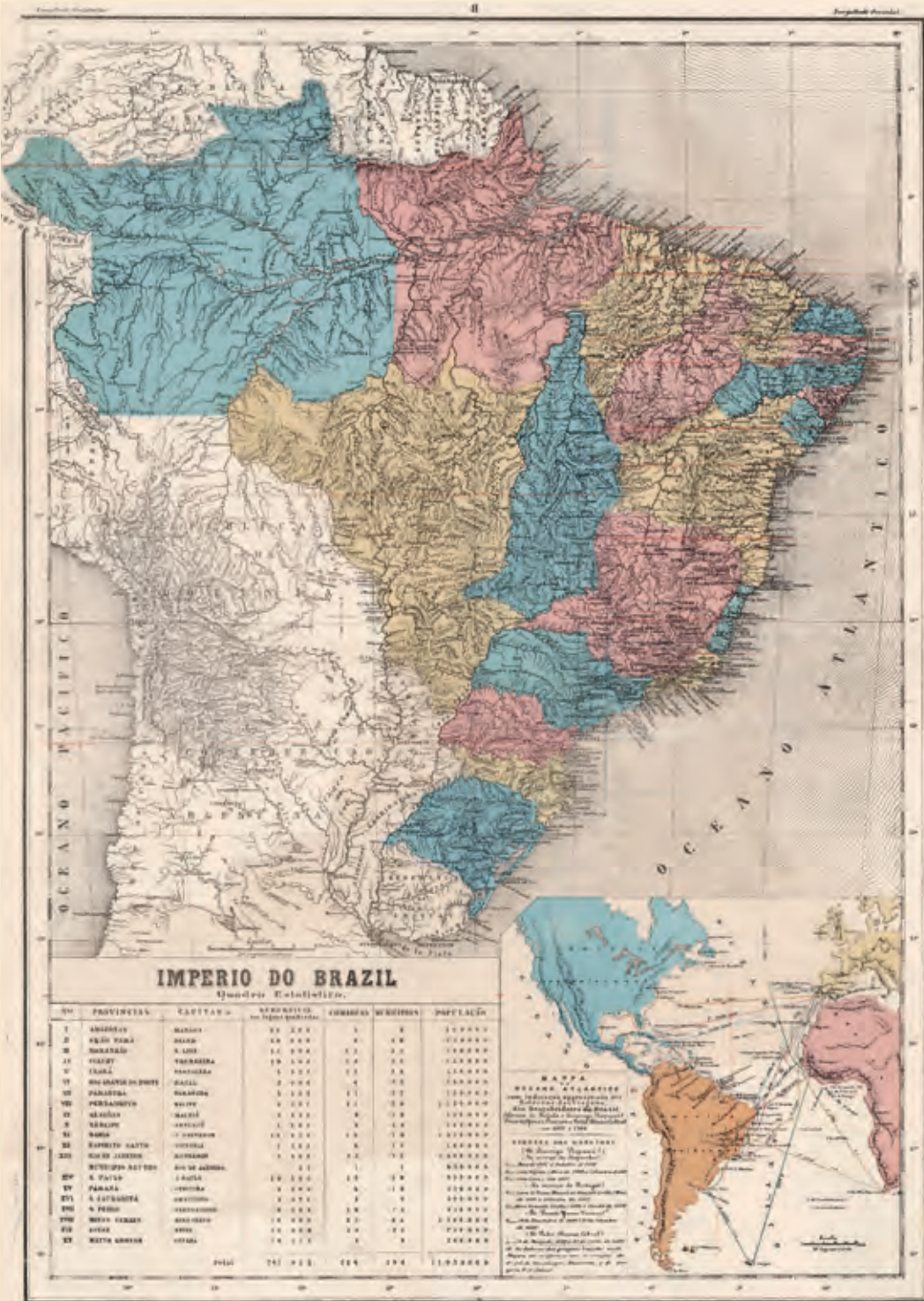
Para grande parte dos emigrantes italianos, a decisão de deixar a pátria não era fácil, mas estava sendo encarada com uma grande esperança de que dias melhores viriam. Corajosos e destemidos, muitos deles depositavam naquelas viagens a única esperança para uma vida mais digna. Enquanto o governo italiano, num primeiro momento, sentia certo desgosto com o êxodo, o clero apoiava. Eram muitos os párocos que conduziam a situação de forma pacífica, oferecendo missas de adeus e liderando vilas inteiras no trajeto até o porto. As famílias, muitas vezes, saíam à noite, com medo de serem interpeladas por policiais. A verdade, no entanto, é que o governo não chegou a tomar medidas que

impedissem os emigrantes de seguirem o caminho escolhido e logo passou também a incentivar a vinda para o Brasil.

Nos dias que antecediam as partidas, os emigrantes se reuniam com familiares e amigos que decidiam não acompanhá-los na nova empreitada e faziam banquetes de despedida. Juntos choravam, cantavam em honra à pátria e desejavam bons ventos para o futuro, tanto de quem saísse quanto de quem ficasse. Na manhã anterior à viagem, era celebrada uma missa, na qual todos rogavam a Deus para que a travessia fosse tranquila e segura.

A viagem dos italianos com destino às colônias brasileiras era longa. A começar, ainda na Itália, pelo caminho até o porto, percorrido de trem, carroça ou a pé, carregando pequenas malas com os poucos pertences e, por vezes, mudas de uva. Naquela época os portos de Gênova, de onde saíram mais de 60% dos emigrantes, e de Nápoles eram os mais frequentados. Em ambos eram constantes as partidas para o Brasil. Ao embarcarem nos navios, na maioria das vezes, os imigrantes sequer sabiam para onde seriam transferidos quando chegassem em terras brasileiras.

Muitas surpresas aguardavam aqueles que foram até o fim na decisão de deixar a Itália. Que eles seriam alocados na terceira



classe da embarcação já era sabido, pois o governo brasileiro só disponibilizava passagens para esta seção. Porém, o quão desconfortável seria a viagem e a quantidade de riscos, até mesmo de perder a vida, a que seriam submetidos, isso nenhum deles poderia imaginar. Ao chegar ao Brasil, inclusive, muitos italianos enviavam cartas a familiares desaconselhando que para cá viessem devido ao perigoso traslado.

No começo do processo migratório, os navios que conduziam os milhares de italianos eram à vela e demoravam até 60 dias para aportarem no Brasil. Logo em seguida, os veleiros foram substituídos por navios a vapor, mais rápidos, que faziam a mesma viagem num tempo bem menor, entre 15 e 30 dias, de acordo com o clima e os desafios enfrentados ao longo do percurso. Eram embarcações, antes destinadas ao transporte de cereais ou gados, adaptadas para realizarem o transporte de milhares de pessoas por vez.

Isso justifica a superlotação dos navios, principalmente na terceira classe, uma vez que o espaço para o embarque de mais passageiros era transformado de maneira inadequada, inclusive sem as condições sanitárias necessárias. Os locais adaptados para acomodar a terceira classe foram os porões das embarcações. E, naturalmente, eram ambientes escuros, úmidos e pouco ventilados.

Com o número de passageiros a bordo bem maior do que se estimava ser um número seguro, era comum que faltasse todo tipo de mantimentos, até mesmo comida. E com uma alimentação deficiente e a água para consumo quente e malcheirosa, com-

Mapa publicado no Atlas do Imperio do Brasil, organizado por Candido Mendes de Almeida, em 1868, no Rio de Janeiro, contendo as respectivas divisões administrativas, eclesiásticas, eleitorais e judiciárias, e dedicado a sua Majestade, o Imperador D. Pedro II. O Atlas era destinado à instrução pública no Imperio, especialmente a dos alunos do Imperial Colegio Pedro II.

partilhada por todos em um mesmo bebedouro, muitos eram acometidos de doenças que se alastravam rapidamente entre os demais viajantes da terceira classe. Sarampo e cólera eram as mais comuns. Sem falar nas infestações de piolho. Como quase nunca havia um médico a bordo, o destino dos doentes era, em grande parte das vezes, a morte.

Os corpos não podiam permanecer a bordo e, sendo assim, os familiares enrolavam-nos em lençóis, realizavam, eles próprios, uma pequena cerimônia religiosa, pois também não havia padres entre eles, e os lançavam ao mar. Muitas crianças estavam entre as vítimas, deixando as famílias desconsoladas. Mortes



Finalmente, a chegada ao Porto do Rio

por fome e asfixia também eram frequentes. As variações climáticas representavam outro motivo de desconforto e consequente adoecimento e falecimento durante a travessia. Enquanto as tempestades atrasavam as viagens, aumentando o tempo de sofrimento, o calor insuportável enfrentado na altura da linha do Equador era sentido com náuseas e mal-estar por aqueles que estavam acostumados ao clima europeu.

Nos primeiros dias de viagem, era normal que as choradeiras ecoassem na parte pobre do navio, fossem por saudades da família, medo do futuro ou pela dor e desconforto. Para tornar os longos dias e noites do percurso mais suportáveis, os imigrantes promoviam cantorias de músicas populares da terra natal. Durante o trajeto, havia normalmente duas paradas, nas Ilhas Canárias e em Cabo Verde, para reabastecimento da embarcação. Dali em diante, só se veria terra novamente em aproximadamente doze dias, já no destino final.

A chegada ao Brasil era um alento. As embarcações atracavam nos portos de Santos, do Rio de Janeiro ou de Porto Alegre. Ao desembarcarem, os novos moradores estrangeiros eram encaminhados para hospedarias, e somente depois informados sobre seu local de destino.



A longa viagem nas classes inferiores era demorada e até perigosa



Vista do Porto de Gênova

Domínio público, Wikimedia.org



Imigrantes embarcam para o Brasil

“A Itália é indescritível. Não é apenas o país mais belo do mundo; é qualquer coisa fora e acima deste mundo, assim mais ou menos pendurada a meio caminho entre o céu e a terra

[...]

a gente italiana é, entre todas, a mais bonita e a mais simpática, a mais humana de todas, a mais alegre.”

(João Guimarães Rosa, Carta aos pais. Paris, 3.9.1950).



PRIMEIRA PARADA: HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES

Imigrantes europeus posando para fotografia no pátio central da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, por volta de 1890.

Foto da Fundação Patrimônio da Energia de São Paulo – Memorial do Imigrante
Fotógrafo Guilherme Gaensly (1843-1928)



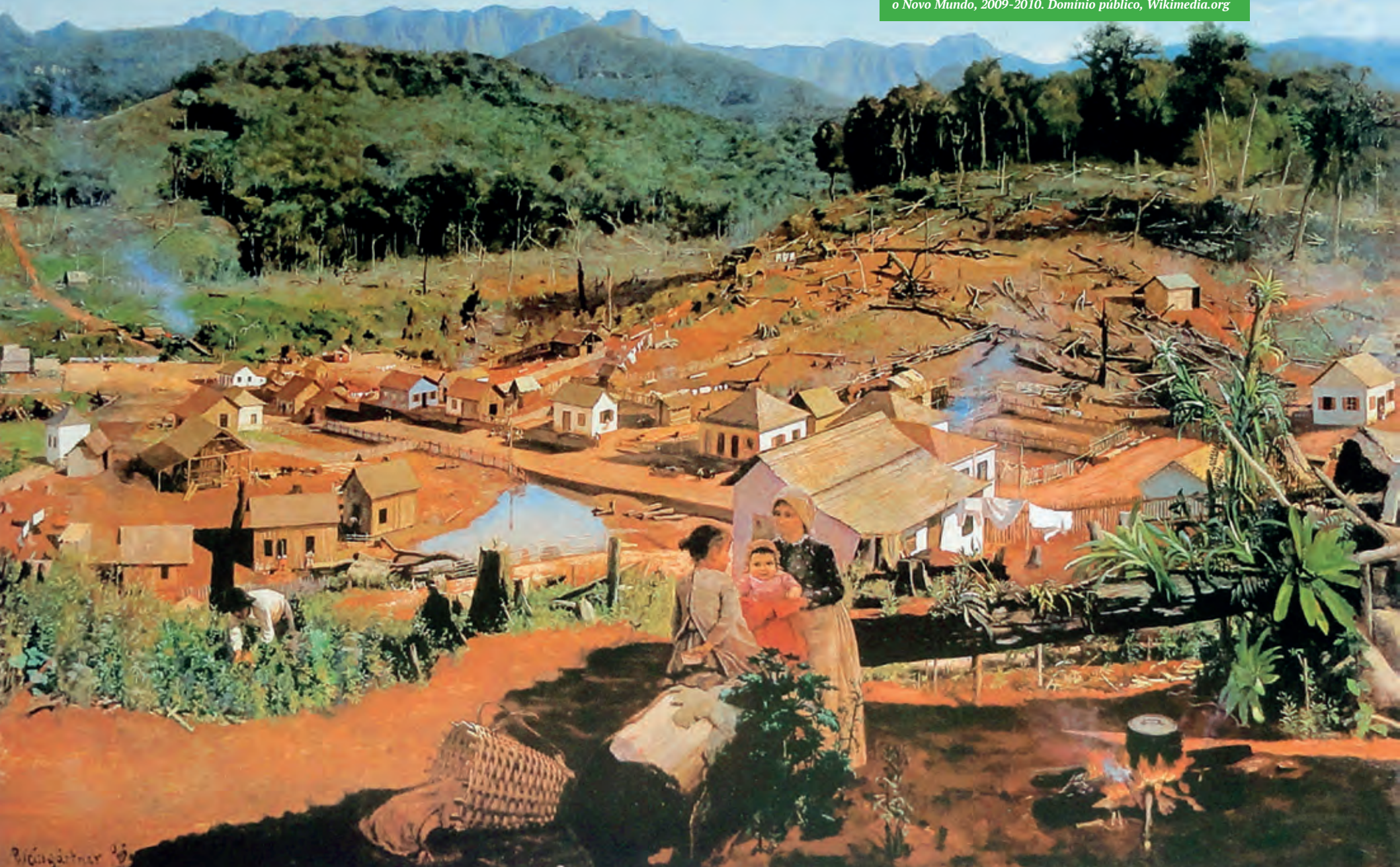


Foto: Museu da Imigração do Estado de São Paulo

capítulo 3

*Óleo s/ tela de Pedro Weingärtner
retratando Nova Veneza (SC), em 1893*

*Reprodução de Pedro Weingärtner: um artista entre o Velho e
o Novo Mundo, 2009-2010. Domínio público, Wikimedia.org*



A CHEGADA AO BRASIL E AS PRIMEIRAS COLÔNIAS FORMADAS

Quando os navios atracavam nos portos brasileiros, os imigrantes italianos não sabiam ainda para qual estado seriam enviados, qual seria seu destino final. A única informação da qual dispunham era que passariam a viver em colônias, construídas pelo governo imperial, em diversos estados do território brasileiro. Aqueles designados à Região Sul, que no começo do processo migratório representavam a maioria, continuavam a viagem pelo Rio Caí, em vapores menores, e depois a pé. Muitos, inclusive, foram responsáveis por abrir estradas, em meio às matas, com seus facões.

Não se sabe exatamente, com absoluta certeza, qual teria sido a primeira colônia italiana fundada no Brasil. Este é um capítulo polêmico da história do povo da Itália em terras brasileiras. O que se sabe é que as primeiras colônias estrangeiras foram instaladas aqui a partir de 1875, no período da grande emigração europeia, justamente quando o Brasil oficializou os laços com a Itália.

Oficialmente, no entanto, a primeira colônia italiana no Brasil foi instalada no município de Santa Teresa, no Espírito Santo, de acordo com Lei Nº 13.617, de janeiro de 2018, sancionada

pelo governo federal. Segundo o documento, em fevereiro de 1874, o navio La Sofia atracou em Santa Cruz, próximo à cidade de Vitória, no Espírito Santo, com uma leva de imigrantes italianos composta por, entre outros, 388 camponeses vênets e trentinos. Porém, uma segunda viagem, de maio de 1875, é também considerada o marco de fundação daquela colônia. Na ocasião, o navio Rivadávia aportou no Brasil com 150 famílias, das quais aproximadamente 60 seguiram para o Timbuí, fundando Santa Teresa. Graças à imigração, o Município é hoje o maior produtor de vinho e uva do Espírito Santo.

Há ainda uma terceira versão para a história da primeira colônia italiana no Brasil. Segundo o historiador Paulo Kons, a pioneira foi a Nova Itália, fundada em junho de 1836, por 132 imigrantes católicos, oriundos do Reino da Sardenha. Situada no Vale do Rio Tijucas Grande, a 74 quilômetros de Florianópolis, a colônia catarinense foi criada a partir da solicitação dos médicos Henrique Ambauer Schütel e Carlo Demaria.

No Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos substituíram os alemães, que passaram a enfrentar barreiras em seu país para conseguirem emigrar ao Brasil. As primeiras colônias do esta-



Comemoração do 1º Centenário da cidade de Santa Teresa (ES), em 1975, com a participação dos descendentes dos imigrantes

Fotos: IBGE



do foram criadas na Serra Gaúcha. Entre as mais importantes estão: Garibaldi (fundada com o nome de Conde D' Eu), Bento Gonçalves (antiga Dona Isabel) e Caxias do Sul.

A colônia Garibaldi havia sido fundada em 1870, para receber os imigrantes alemães, que a mantinham apenas com agricultura de subsistência. Em 1874, porém, iniciou-se a ocupação italiana, como forma de povoar o território e auxiliar na construção de estradas, para fazer o escoamento da produção agrícola. Bento Gonçalves e Caxias do Sul, por sua vez, erguidas e ocupadas por índios, começaram a receber os italianos a partir de 1875, por iniciativa do governo, que ansiava pelo desenvolvimento da região, cujo solo era apropriado para o cultivo de videira, pela semelhança com o solo europeu.

Em Santa Catarina, no começo, os italianos também foram alocados, em sua maioria, em colônias alemãs. Lá, no entanto, os conflitos entre os imigrantes resultaram em discriminação e exploração dos italianos por parte daqueles que haviam chegado primeiro. Pode-se afirmar, inclusive, que, em toda a Região Sul do Brasil, coube aos italianos ocuparem as terras mais distantes dos centros e dos meios de comunicação e também as menos férteis. Não havia assistência médica local e nem igrejas.

Em 1879, chegaram em Urussanga os primeiros imigrantes italianos do estado de Santa Catarina. Poucos meses depois, em 1880, 30 famílias de uma nova leva de imigrantes partiu rumo a Criciúma, fazendo dali outra colônia italiana. As cerca de 140 pessoas que ocuparam o local contavam com muitas crianças. A região se desenvolveu bastante com aquela nova mão de obra, que promoveu a construção de estradas e, conseqüentemente, as trocas comerciais. Muitas outras colônias foram, posteriormente, fundadas em Santa Catarina, como Nova Veneza e Nova Trento.

POVOAMENTO

(MAPA Nº 3)



Mapa de povoamento do Rio Grande do Sul mostra a ocupação pelos imigrantes de origem italiana, alemã e açoriana, a partir do fim do século XIX. Publicado no artigo "Conquista e povoamento do Rio Grande do Sul", de Carmen Thomas, Geógrafo da V.G.C. - CEMAPA, no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, nº 19, da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão - RS.



Foto: Domingos Mancuso – Acervo Renan C. Mancuso

Momento do carregamento de barris e bordalesas na antiga cantina de Antonio Pieruccini, em Caxias do Sul, no ano de 1915

Em janeiro de 1891, Miguel Nápoli, original da Sicília, chegou a Nova Veneza para comandar a abertura de estradas e a demarcação das terras para receber os imigrantes italianos oriundos de Veneza, que chegariam em junho do referido ano, num total de 400 famílias. Em outubro, chegaram mais 500 famílias provenientes de Veneza e Bergamo, na Itália, culminando com a fundação de Nova Veneza. Cabe registrar que ela foi a primeira colônia do Brasil República.

Antes da chegada dos italianos em Santa Catarina, ainda em 1875, o Rio de Janeiro recebeu uma leva de 50 famílias provenientes da Província de Modena. O destino desse grupo eram as terras do Sul do Brasil. No entanto, devido a um surto de febre amarela, as famílias tiveram que permanecer um tempo no Rio de Janeiro. Foi oferecida a elas, pelo imperador Dom Pedro II,



Vista do Vale do Canaã, na região de Santa Teresa (ES), reconhecida como a primeira colônia italiana no Brasil

Foto: IBGE

a Colônia Porto Real. Após a quarentena exigida para evitar o aumento do surto de febre amarela, foi solicitada a permanência do grupo no local, que tinha no cultivo da cana de açúcar sua principal atividade na agricultura.

No estado do Paraná, a maior parte dos colonos italianos se estabeleceu em Curitiba e no seu entorno, e prosperou com a construção de ferrovias para o transporte de alimentos. Eles chegaram a partir de 1872 para trabalhar como agricultores nas lavouras de café. Mais tarde, muitos viraram comerciantes e industriais.

28

A chegada ao Brasil e as primeiras colônias formadas



Vinhedos de uva branca, da Companhia Peterlongo, em Garibaldi (RS) em 1959

Fotos: IBGE

Vista da cidade de Garibaldi (RS) em 1959



capítulo 4

A EXPANSÃO PARA O SUDESTE

A pesar de muitos imigrantes italianos terem sido encaminhados para as colônias sulistas, a maior parte foi recebida na região Sudeste do Brasil. Isso porque o principal interesse do governo imperial era substituir a mão de obra escrava pela força de trabalho dos imigrantes, nas lavouras de café, que estavam se desenvolvendo com rapidez e prosperidade na região. Entre 1840 e 1850, o solo fértil para plantio e a presença de estradas de ferro tornavam São Paulo importante polo agricultor de café, com participação considerável na economia mundial, devido à navegação transatlântica.

O estado foi o que mais recebeu imigrantes italianos no Brasil, sobretudo os provenientes do norte da Itália (vênetos e lombar-



*Estação Mariano Procópio
em Juiz de Fora (MG), 1903*

Acervo do Arquivo Nacional do Brasil.



*Colheita de Café em Araraquara (SP), cerca de 1900,
em colotipia de Guilherme Gaensly (1843-1928)*

Acervo do Arquivo Nacional do Brasil

dos). Dos 4.100.000 imigrantes que desembarcaram em terras brasileiras, entre 1886 e 1934, 56% foram encaminhados para São Paulo. Após a abolição da escravidão, o governo imperial, juntamente com o governo paulista e os fazendeiros de café, preocupado em manter a produtividade cafeeira, criou o slogan “braços para a lavoura” e investiu grande quantia para subsidiar as passagens dos imigrantes.

Apesar de venderem a ideia de imigração como uma oportunidade próspera aos italianos e demais europeus, a realidade do trabalho de um colono nas lavouras era bastante penosa. Casos de maus tratos, ausência de médicos e escolas, e jornadas de trabalho muito cansativas eram frequentemente reportados. Nas fazendas de café, mulheres e crianças também trabalhavam na lavoura. Os pés de café eram divididos por família e a cada mil pés era estipulado um salário.

A partir da década de 1880, o governo passou a construir núcleos coloniais para os imigrantes. Terras de fazendeiros endividados eram desapropriadas e divididas em lotes a serem comprados, com alguma facilidade, pelos colonos, que tinham até 10 anos para efetuar o pagamento. Essa foi uma maneira de livrar os fazendeiros do custo com a moradia dos imigrantes e, ao mesmo tempo, manter a mão de obra por perto. Na maioria das terras usadas para a construção das colônias o solo era infértil, o que dificultava ainda mais a vida dos imigrantes, que muitas vezes não conseguiam suprimir as dívidas contraídas.

Em São Paulo, foram fundados diversos núcleos coloniais. Um dos primeiros, em 1858, foi o núcleo de Pariquera-Açu, no sul do estado, que, na realidade, só recebeu imigrantes em quantidade significativa a partir de 1890. Em 1900, ele abrigava 390 italianos e imigrantes de outras nacionalidades, e tinha defi-

Marcelo H. da Silva – Prefeitura de Pariquera-Açu



Centro de Eventos em homenagem aos imigrantes, em Pariquera-Açu (SP)

ciência no escoamento da produção agrícola, baseada no cultivo de aguardente, milho, batata doce, batata inglesa e arroz, destaque na região.

Em 28 de Julho de 1877, o núcleo de São Caetano foi fundado por 28 famílias do norte da Itália, numa antiga fazenda de beneditinos. Em 1877, em Ribeirão Preto, 183 imigrantes, entre eles 96 italianos, fundaram o núcleo Antônio Prado, que se dedicava ao plantio de feijão, arroz e milho, além de atender aos interesses do complexo cafeeiro. Já em Mogi das Cruzes, nasceu o núcleo de Sabaúna, em 1889, criado por uma família de tirolezes. Esse núcleo também produzia uma grande variedade de cultivos agrícolas e reunia imigrantes de vários países. No ano seguinte, 118 famílias, entre elas vênnetos, formaram o núcleo de Quiririm, no município de Taubaté, onde a cultura cafeeira estava em decadência, enquanto o arroz se firmava como principal cultivo. Em 1892, em Guaratinguetá, foi fundado o núcleo do Piaguí, que também produzia feijão, batata doce, milho e cana de açúcar, assim como muitos núcleos da época. No final do século XIX, o governo de São Paulo criou o

núcleo colonial de Cascalho e o núcleo Barão de Jundiá, que se tornou conhecido pelo cultivo de vinho, além do café. Em 1905, o estado abriu mais dois núcleos: Jorge Tiribicá, nome do então governador, e Nova Odessa, criado para receber judeus e depois aberto à imigração italiana, em 1909.

Em Minas Gerais, as fazendas de café também atraíram imigrantes, que se instalaram nos oito núcleos subsidiados pelo governo: Carlos Prates, Américo Verneck, Bias Fontes, Afonso Pena, Adalberto Ferrás, Francisco Sales, Rodrigo Silva e Nova Baden. Apesar das primeiras colônias terem sido fundadas em 1850, somente a partir do final do século XIX elas foram povoa-

Foto: Prefeitura Municipal de Santa Teresa



Casa Lambert, construída em 1875 pelos irmãos italianos Antônio e Virgílio Lambert, uma das primeiras construções de Santa Teresa (ES)

das por imigrantes, durante a vigência da imigração gratuita. Além das fazendas de café, os imigrantes de Minas também se ocupavam das obras públicas. No final de 1904, o estado contava com 1.270 imigrantes italianos.

No Espírito Santo, a facilidade de comunicação e acesso à capital, por navegação a vapor e estradas férreas, era um atrativo que gerou interesse pelo governo em fundar núcleos coloniais. O primeiro deles, de 1857, foi o de Santa Leopoldina, que em 1882 se emancipou, com aproximadamente 8.000 habitantes. Em 1875, foi criada a já citada (no capítulo 3) colônia Santa Teresa. Uma importante colônia, que realizava o escoamento de

café, farinha de mandioca, milho e feijão e outros cereais, era a do Rio Novo. Compreendida entre os municípios de Itapimirim e Benevento, ela se transformou, mais tarde, na Freguesia Santo Antônio do Rio Novo. Em 1884, metade dos seus 5.000 habitantes era composta por italianos. Em 1880, foi formada a colônia Castello, que logo se emancipou e passou a se chamar Alfredo Chaves. Ligados à indústria pastoril, os imigrantes de lá se dedicavam à produção de queijos, salame e manteiga, além de cereais e, depois, ao cultivo de café para exportação. Além desses, diversos outros núcleos foram construídos, como Acioli Vasconcelos (1887), Santa Leocádia (1888), Costa Pereira

Foto: IBGE



Como em Veneza, o Leão Alado na fachada da Matriz de São Marcos, em Nova Venécia, Espírito Santo

(1889), Afonso Cláudio (1890), Demétrio Ribeiro (1890), Nova Venécia (1892) e Muniz Freire (1893) - núcleo responsável pela proibição da emigração italiana no Espírito Santo, em 1895, quando o governo recebeu denúncias de péssimas condições sanitárias, climáticas e econômicas, reportadas pelo inspetor italiano Zettery, ligado ao consulado.

Ao contrário do que aconteceu nos outros três estados do Sudeste, o Rio de Janeiro só apresenta dois casos de núcleos coloniais, pois a maior parte dos imigrantes recebidos pelo estado se dirigia aos centros urbanos. O primeiro é o já mencionado (no capítulo 3) caso da Colônia do Porto Real, fundada em 1875. O outro, menos conhecido, se refere à colônia formada no município de Varre-Sai, em 1897, por italianos oriundos da Região de Lazio, da Província de Viterbo. Lá, os colonos viveram de forma semelhante a que era implantada nas lavouras de café de São Paulo.

Fotos: Prefeitura Municipal de Varre-Sai



Capela de Santa Filomena, padroeira do Rosário e dos Filhos de Maria, santa de devoção da comunidade italiana de Varre-Sai (RJ)

Casarão da Cultura de Varre-Sai (RJ), com museu que conta a história da cidade – a imigração italiana, a economia do café, a origem do nome peculiar – a partir de fotos e objetos das famílias pioneiras

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA E A FIXAÇÃO DA MAIORIA EM SÃO PAULO

A abolição da escravidão no Brasil, no final do século XIX, foi um dos principais motivos para que houvesse tamanha demanda por mão de obra imigrante no País. Pressionado pelos ingleses desde o início do século, devido ao interesse por novos mercados consumidores, o governo imperial foi aos poucos libertando os negros escravizados, mesmo a contragosto dos fazendeiros de café.

A partir de 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz, o tráfico negreiro passou a ser proibido. Isso acabou permitindo que navios ingleses tomassem posse das embarcações que, porventura, estivessem realizando traslado ilegal, para a costa brasileira, de africanos para trabalharem como escravos no Brasil. Em 1871, outra lei, a do Ventre Livre, que libertou os filhos de escravos nascidos a partir da data de sua promulgação, também resultou na redução de mão de obra escrava no País. Em 1885, foi a vez de libertar os negros maiores de sessenta anos, com a Lei do Sexagenário. E, finalmente, em 1888, ao assinar a Lei Áurea, a Princesa Isabel decretava o fim da escravidão de negros no Brasil.

O desejo de deixarem para trás esse episódio triste de suas histórias e recomeçarem a vida longe dos ambientes de seus cati-

Foto: The New York Public Library



As plantações de café no Brasil eram tocadas por escravos até 1888

veiros fez com que a maior parte dos escravos libertos – a exceção daqueles que concordaram em permanecer com os afazeres domésticos – abandonasse as fazendas, no período de início da safra de cana de açúcar e café, com destino aos centros urbanos, onde passaram a viver de forma miserável. Essa debandada gerou um enorme prejuízo para os fazendeiros, que começaram a

capítulo 5

Domínio público, Wikimedia.org



LEI ÁUREA

Em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel, regente, assina a Lei Áurea no Paço Imperial, com uma grande multidão presente. É o fim de centenas de anos de escravidão no Brasil.

O documento original está sob guarda do Arquivo Nacional.



se organizar com o objetivo de substituir a mão de obra escrava pela de trabalhadores baratos o quanto antes.

Os colonos europeus, e principalmente italianos, eram recrutados por agentes do governo imperial brasileiro para virem trabalhar nas lavouras de café. A eles era oferecido o transporte da Itália até as fazendas, localizadas em sua maior parte em São Paulo. Além disso, suas despesas e manutenção, até que tivessem condições de arcar com os custos de seu próprio sustento, eram de responsabilidade do proprietário da fazenda para a qual eram designados. O fazendeiro em questão fazia um adiantamento e determinava um prazo para que os imigrantes quitassem as dívidas contraídas. As lavouras eram divididas entre diversas famílias e ao colono cabia metade do lucro líquido gerado em seu lote de terra. Eram cobrados 6% de juros pelas dívidas, descontados do lucro anual, dividido entre patrão e empregado.

Com o objetivo de promover a imigração europeia e combater a publicidade negativa, que crescia em função das notícias sobre maus tratos e fraudes nas lavouras, o governo brasileiro, junto com a província de São Paulo (então governada por Antônio de Queirós Teles, visconde de

O império brasileiro distribuiu grandes quantidades de folhetos bem impressos para atrair os imigrantes italianos

Parnaíba), criou, em 2 de julho de 1886, a Sociedade Promotora da Imigração. Ela era responsável pelo recrutamento na Europa, pelo transporte das famílias para o Brasil, pela hospedagem na chegada e pela alocação dos estrangeiros nas fazendas de café.

A primeira iniciativa da Sociedade Promotora da Imigração foi realizar grandes tiragens de material promocional, vendendo o Brasil como país ideal para a imigração. Naturalmente, todos os problemas foram omitidos e foi salientado, inclusive, que os costumes aqui eram muito próximos aos da cultura europeia. Na comparação com outros países, em especial Argentina e Estados Unidos, eram apresentadas diversas vantagens para que os futuros imigrantes escolhessem o Brasil. Foram criadas hospedarias em pontos estratégicos - uma delas, por exemplo, ficava próxima à estrada de ferro que ligava Rio de Janeiro, Santos e São Paulo. Eram oferecidos até oito dias de estadia, com direito à alimentação e tratamento médico gratuito, além de transporte dos imigrantes até as fazendas nas quais iniciariam suas novas vidas.

Dentre os mais importantes centros de recepção dos imigrantes, destaca-se a Hospedaria do Brás, edificada a partir de 1886 e finalizada em 1888. Ao longo de 91 anos (até 1978), a Hospedaria abrigou mais de dois milhões de pessoas. Os imigrantes com destino às fazendas tinham sua estadia paga pelos fazendeiros. Aque-

Domínio público, Wikimedia.org





Imigrantes no pátio interno da Hospedaria do Brás, por volta de 1890, em foto de Guilherme Gaensly (1843-1928)

les que iam para os núcleos eram subsidiados pelo governo . E os que não fossem trabalhar nas lavouras de café paulistas pagavam uma diária de 1.000 réis (adultos maiores de 19 anos) ou 640 réis (crianças de dois a dez anos). Crianças com menos de dois anos era isentas de pagamento. As refeições – diziam ser três por dia, mas há imigrantes que alegavam não ter sido cumprida tal promessa – tinham horário certo, assim como o fechamento das portas, e cabia aos hóspedes a limpeza diária de seus quartos.

A Sociedade Promotora contava, entre seus membros, com renomados senhores do Oeste Paulista, como: Nicolau de Souza Queiroz, Rafael Aguiar Paes de Barros e Martinho da Silva Prado Júnior. Cabia à esta entidade fechar negócio com companhias de navegação estrangeiras. O critério para o recrutamento das famílias seguia algumas exigências. As famílias consideradas ideais, por exemplo, eram aquelas em que, geralmente, o casal

Fotos: Domínio público, Wikimedia.org



A Hospedaria de Imigrantes do Brás hoje é o Museu da Imigração do Estado de São Paulo

tivesse menos de 45 anos e pelo menos um filho homem ativo. Os imigrantes solteiros ou aqueles que não tivessem intenção de permanecer no polo cafeeiro paulista não eram financiados pelo estado.

Essa organização permitiu a São Paulo um total controle do número de imigrantes, que nos dois primeiros anos foram de 101.396 pessoas. Apesar de privada, a Sociedade contava com financiamentos públicos do Governo Provincial e empréstimos do banco inglês Louis Cohen & Sons. As hospedarias e todas as despesas somavam quantias volumosas, que eram pagas anualmente aos financiadores, com 5% de juros por ano. A Sociedade permaneceu atuante por dez anos, trazendo um total de 120.000 imigrantes de diversas nacionalidades europeias, a maioria proveniente da Itália. Entre 1887 e 1900, eles representaram 73% dos imigrantes.



Casa de moradia de um colono, com terreiro para secagem do café, no núcleo colonial Gavião Peixoto (SP), em 1936

Devido às péssimas condições de trabalho e saúde em que se vivia nas lavouras e nos núcleos coloniais, criados a partir da década de 1880, diversos imigrantes abandonaram os lotes. Além de insatisfeitos e desiludidos com as promessas feitas pelos agentes durante o recrutamento, muito distintas da realidade, a maioria trabalhava no cafezal por dez anos e não conseguia dinheiro para quitar as dívidas e muito menos para comprar as terras.

O sistema de núcleos coloniais se mostrou ineficiente por diversas vezes. Os colonos se queixavam das terras marginais do Oeste Paulista, consideradas bastante inadequadas para o plantio de café, e também desconfiavam que os fazendeiros não eram honestos na divisão dos lucros. Os senhores do café, por sua vez, acusavam os imigrantes de serem preguiçosos e se recusaram a receber terras improdutivas.

capítulo 6

DECRETO PRINETTI

No início do século XX, chegaram ao governo italiano informações sobre maus tratos aos imigrantes nas lavouras de café do Brasil, resultando em medidas para frear o processo migratório. A falta de higiene básica, de moradia digna, de escolas, e a deficiência no atendimento de saúde, situações as quais estavam submetidos os italianos que trabalhavam nas fazendas de café, foram reportadas pelo jornalista Adolfo Rossi, em relatório enviado pelo Cônsul Geral da Itália em São Paulo ao Commissariato Dell'Emigrazione. Rossi foi designado pelo Commisariato para inspecionar a situação dos imigrantes nas lavouras de café de São Paulo. Embora ele tenha denunciado a precariedade em que viviam, também reconheceu que já havia 5.230 propriedades de terra rurais pertencentes aos italianos no estado paulista.

Os senhores do café, até então acostumados com os negros africanos escravizados, tratavam os trabalhadores europeus,



Giulio Prinetti foi político e ministro das Relações Exteriores do Reino da Itália

Foto da dati.camera.it, [Wikimedia.org](https://commons.wikimedia.org)



SEM SUBSÍDIO

As más condições de trabalho nas lavouras de café, apenas um pouco melhores do que antes da Lei Áurea, levaram à proibição do transporte gratuito da Itália para o Brasil e impediram a atuação dos agentes em prol da imigração italiana, como já acontecia por parte da França e da Alemanha.

Foto: Museu da Imigração do Estado de São Paulo

que aqui chegaram para serem livres e assalariados, de forma semelhante. O desrespeito aos direitos trabalhistas e os maus tratos eram comuns nas fazendas cafeeiras. Os italianos eram submetidos a longas jornadas de labuta e diversos atos de vio-

lência, gerando até rebeliões e revoltas contra seus patrões. Muitos, inclusive, voltaram para a Itália ou foram tentar a sorte nos centros urbanos, já que nas fazendas e nos núcleos coloniais a tendência era permanecerem sempre isolados.



O jornalista Adolfo Rossi, inspetor itinerante da Commisariato Dell'Emigrazione, fez a grave denúncia.

Além de Rossi, o inspetor Zettery havia sido enviado para fazer o mesmo trabalho de fiscalização nas colônias italianas de Minas Gerais e do Espírito Santo. O italiano fez observações sobre as condições sanitárias e climáticas do núcleo Muniz de Linhares, fundado em 1893, no Espírito Santo. Seu relatório fez com que a Itália proibisse, em 1895, a emigração para o mencionado estado.

O resultado nada satisfatório dos relatórios, aliado a um artigo pouco favorável ao Brasil, intitulado “A condição da emigração agrícola em Ribeirão Preto”, levou o governo italiano a assinar, em 26 de março de 1902, o Decreto Prinetti (em alusão ao nome do então ministro do Exterior), que tornava ilegal a emigra-

ção subvencionada para o Brasil. Na realidade, tratava-se de uma portaria e não de um decreto, que não proibiu a vinda dos imigrantes que o fizessem por livre e espontânea vontade. Ele apenas suspendia a licença especial, concedida a quatro companhias de navegação, para realizar o transporte gratuito dos emigrantes italianos, e proibiu que agentes recrutassem pessoas na Itália para vir trabalhar no Brasil.

O Decreto Prinetti vigorou até meados da Primeira Guerra Mundial e contribuiu significativamente para a diminuição do fluxo migratório. Dados apontados por Franco Cenni afirmam que o número de imigrantes, que havia ultrapassado os 100.000 em 1895, desceu bruscamente para 28.895, em 1902, após a assinatura do Decreto. Mas, este não foi o único motivo responsável pela queda no processo migratório, pois a crise no café já havia afetado a oferta de trabalho nas lavouras.

Uma vez que estavam proibidos o transporte gratuito e o trabalho dos agentes em prol da imigração italiana, o Brasil ficou em pé de igualdade com países como os Estados Unidos e a Argentina.

Antes da medida tomada pela Itália, a Alemanha e a França já haviam proibido em absoluto a emigração para o Brasil, também por conta dos maus tratos sofridos por seus cidadãos em terras brasileiras. No caso alemão, a Lei Heydt aboliu a emigração, em 1859, e só em 1896 voltou atrás na decisão, em favor de estados do Sul do Brasil, mantendo, no entanto, a proibição do recrutamento e do transporte gratuito. Já a França publicou uma circular, com as mesmas características, em 31 de agosto de 1875, e só a suspendeu em julho de 1908, quando o governo brasileiro introduziu melhoramentos em relação à imigração na legislação.

capítulo 7



Colono italiano e família, no núcleo colonial Gavião Peixoto (SP), em 1911.

Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

O CRESCIMENTO E A ADAPTAÇÃO NA NOVA PÁTRIA

Mesmo com todos os casos de maus tratos a italianos nas fazendas de café do Sudeste do Brasil e, principalmente, do Oeste Paulista, muitos conseguiram viver momentos de glória e se adaptaram muito bem aos costumes brasileiros. Com grande empenho de trabalho e algumas ligações culturais ao novo país, como a religião, os imigrantes iam aos poucos realizando o sonho da terra própria e prosperando nas suas fazendas particulares.

Em São Paulo, 1.057 italianos se tornaram fazendeiros até 1901, com um cultivo estimado em 32.000.000 de pés de café. Esse número só fez crescer com o passar do tempo. De acordo com a Secretaria de Agricultura da época, em 1906 eles já eram 5.197 pequenos agricultores. Bem acima daqueles de outras nacionalidades: 1.607 portugueses, 470 espanhóis, 25 ingleses, 117 austríacos, 675 alemães e 76 franceses na mesma situação. Os europeus fazendeiros chegaram a 15.000, em 1920.

Entre os pequenos agricultores italianos que alcançaram o sonho antigo, o cultivo não era apenas de café, que gerava um lucro líquido, mas também de feijão, verduras, arroz, batata e parreiras – de onde fabricavam o vinho. Eles criavam animais e produziam tudo do que precisavam para o sustento da família. Juntos, os proprietários italianos povoaram e aumentaram o comércio e a vida cultural de diversas cidades. A policultura trazida por eles deu base e solidificou as cidades, onde construía escolas, igrejas, mercados, praças e bancos próprios.

Há um episódio que marcou tal fase de glória e a ilustra com veracidade e franqueza. Trata-se do dia em que o jornalista Alessandro D’Atri, diretor da publicação socialista de Mântua, La Favilla, em 1887, indaga o então Inspetor Geral F. de B Accioli Vasconcelos sobre os casos de imigrantes miseráveis que estavam sendo depreciados nas fazendas de café. O inspetor escuta a



Fotos: acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.



Carroça de vendedor de frutas italiano, no bairro da Moóca, São Paulo (SP), 1920. Acervo da Divisão de Iconografia e Museus/DPH/PMSP

crítica e responde que, apesar dos boatos e ainda que verdadeiros em alguns casos, a imigração tirou do estado de miséria milhares de italianos que naquela época já eram donos de cerca de 400.000 metros quadrados de terra fértil de plantações de café. Ele alegou também que, de forma geral, muitos italianos estavam conseguindo quitar parte das dívidas no período de três anos. A informação se mostrava como boa notícia, visto que o governo dava até sete anos para o pagamento da primeira parcela e só então a terra era desapropriada. O inspetor exemplificou a situação usando as colônias de Santana, próximas a São Paulo, e a fazenda Martinho Prado Júnior.

44

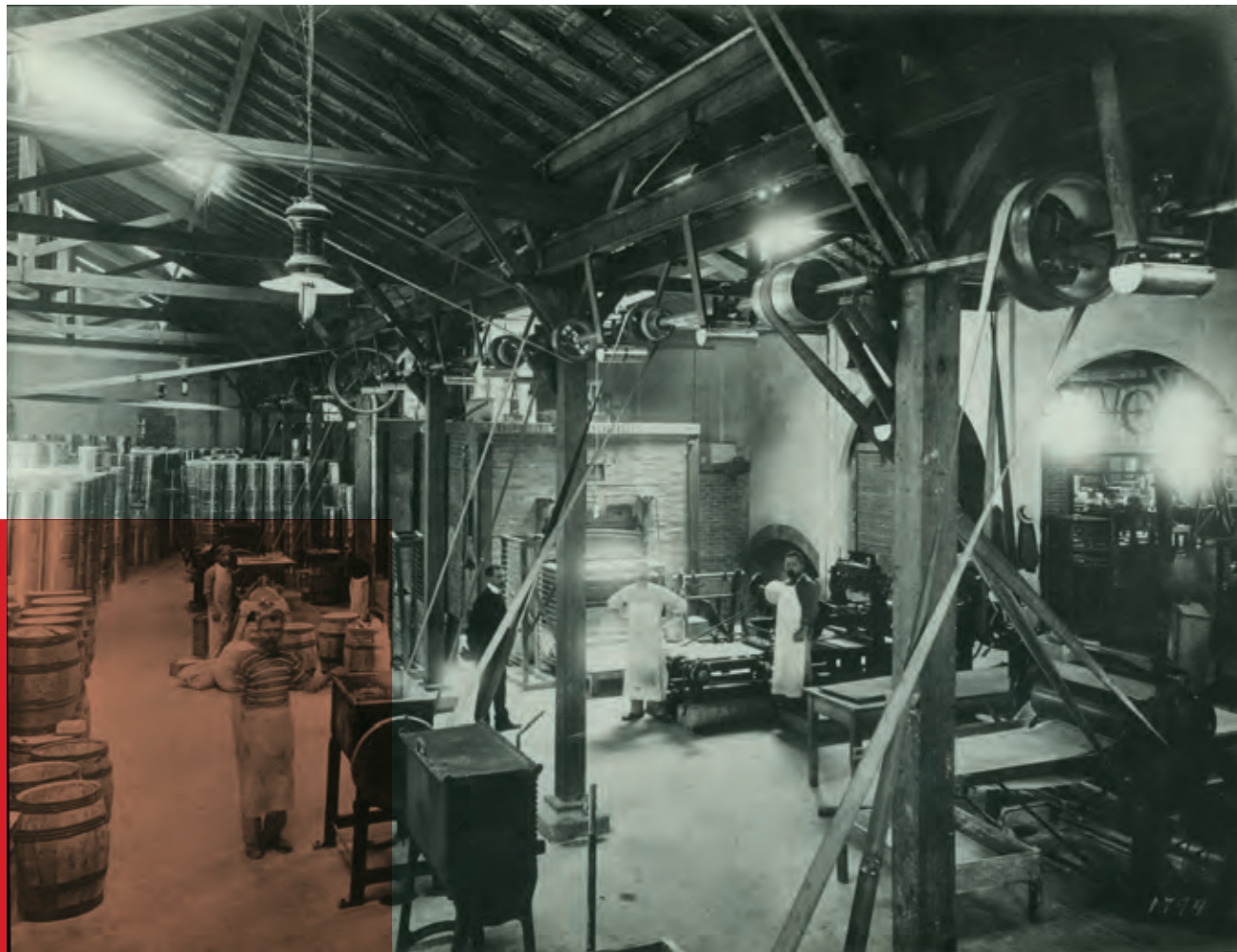
O crescimento e a adaptação na nova pátria



Típica foto de família italiana com o casal de imigrantes ao centro e seus muitos descendentes, tirada em 1920 em São Paulo (SP)

Além dos casos de imigrantes italianos que chegaram sem recurso algum, apenas com sua vontade e disposição para trabalhar, também há histórias de alguns, menos desfavorecidos, que venderam tudo o que tinham na Itália a fim de investir no Brasil e prosperar como agricultores, prestadores de serviços, comerciantes e industriais. Eles trouxeram sua força de trabalho, inteligência e, naturalmente, diversos outros traços de sua cultura, como a culinária, bastante apreciada em várias partes do mundo. O resultado foi uma carreira sólida e rica nos estados do Sudeste. Em Minas Gerais, no Espírito Santo e, principalmente, no Rio de Janeiro, a história italiana se construiu muito mais no meio urbano.

capítulo 8



No início do Século XX os trabalhadores italianos correspondiam a cerca de 90% da mão de obra industrial. São Paulo (SP)

Acervo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo

INDÚSTRIA EM FRANCA EXPANSÃO

Anúncio da Francesco Matarazzo & Companhia Industrial e Importadora, publicado no jornal de língua italiana "La Vedetta", de São Carlos (SP), em 7 de junho de 1908, mostrando a diversidade dos seus empreendimentos, como: moinho de farinha, tecelagem, fábricas de fósforos, sabão, banha de porco e beneficiamento de arroz e açúcar.

No anúncio é destacada a qualidade dos produtos e cita as sedes em São Paulo, Santos e Rosário de Santa Fé, Argentina.

F. MATARAZZO & C.
Industriali e importatori
SEDE IN **Rua 15 de Novembro 24-A S. PAULO**
Filias:
Santos, Rua 15 de Novembro, 62 — Rosario de Santa Fé, Calle Libertad

Proprietari degli Stabilimenti Industriali:

«MOINHO MATARAZZO» - Produzione giornaliera 3.500 sacchi di farina
Fiação, Tecelagem, Malharia e Tinturaria «MARIANGELA» com 35.000 fusi e 1.700 telai
Fabrica de Oleos «SOL LEVANTE» - Produzione mensile 1.000 *quartolas* di olio di cotone raffinato
Fabrica de sabão «SOL LEVANTE» - Produzione mensile 10.000 casse di sapone
Fabrica de Phosphoros «SOL LEVANTE» - Produzione mensile 2.000 latte di fiammiferi
ENGENHO DE ARROZ — Produzione mensile 30.000 sacchi di riso beneficiato
Fabrica de Banha «A PAULISTA» in Itapetininga

UNICI AGENTI DEL
“ ENGENHO DE ASSUGAR USINA ESTHER ”
di Cosmopolis

I prodotti delle nostre fabbriche si raccomandano da loro stessi, per essere tutti superiori agli altri congeneri.
Le materie prime impiegate nelle suddette nostre fabbriche, sono delle migliori e lavorate con meccanismi i più perfetti dei migliori e più rinomati fabbricanti esteri.
Le nostre marche di farina: LILI, CLAUDIA, TOSCA, PRIMEIRA, COLONIAL, IDA e OLGA, oltre che alla loro superiorità su qualunque altra marca, sia nel sapore che nel colore, superano tutte le altre nella fabbricazione de pane, perchè danno dai 2 ai 3 chilogrammi di pane in più delle altre — che.
Ai consumatori delle nostre farine diamo mensilmente *un premio di reis 500.000 e venti premi di reis 50.000*, rappresentati detti premi, da tanti «cheques che saranno trovati entro i sacchi delle nostre farine. (dal 24-4)



O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Muitos imigrantes italianos optaram por tentar a sorte nos centros urbanos da Região Sudeste do Brasil. Havia uma tendência entre os oriundos do Norte da Itália a buscarem as zonas rurais, enquanto os do Sul se dirigiam às grandes cidades. As capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro receberam, portanto, diversos imigrantes que se tornaram operários, em sua maioria, mas também pequenos comerciantes, garçons, engraxates, alfaiates, barbeiros, marceneiros, vendedores de frutas, peixes, aves, vassouras, legumes, vasilhas ou de bilhetes de loteria, além de jornaleiros, motoristas de táxi, motorneiros de bonde, artesãos e mascates. Eles trabalhavam como ambulantes ou em estabelecimentos. O comércio ambulante era, aliás, uma das principais ocupações dos imigrantes urbanos em 1874. A maioria vivia em

*Vendedor de vassouras,
em fotografia do estúdio de Marc Ferrez,
na Rua São José, Rio de Janeiro (RJ)*
Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo



cortiços ou favelas, em habitações coletivas que abrigavam mais de uma família, com o intuito de baratear os custos, e cujo saneamento básico era precário. Com isso, surgiram, em São Paulo, bairros étnicos, como: Brás, Mooca, Lapa, Bixiga, Santa Cecília, Mandaqui e Barra Funda.

A imigração italiana no estado do Rio de Janeiro se deu de uma forma diferente e em menor quantidade. Em 1900, havia 35 mil oriundos no estado. Como o número de lavouras cafeeiras no Rio era bem menor em comparação ao do estado de São Paulo, a maioria buscava os centros urbanos e principalmente os empregos no comércio e nas indústrias. O perfil dos imigrantes italianos que optavam por fincar moradia nos meios urbanos cariocas era formado, em sua maioria, por homens, normalmente jovens, e provenientes de Cosenza e Potenza, ou seja, meridionais.

Tanto na cidade de São Paulo como na do Rio de Janeiro, o imigrante italiano, principalmente na posição de operário, foi fundamental para o

desenvolvimento econômico das indústrias e do comércio. Apesar das condições de trabalho muito desgastantes, eles representavam, em 1901, na capital paulista, 90% dos 50.000 operários em atividade. Como os salários eram baixíssimos, o trabalho nas fábricas também era executado por mulheres e crianças, numa tentativa de aumentar a renda familiar. Elas realizavam as tarefas de menor esforço, em fábricas têxteis. Em sua maioria, recebiam salários inferiores e enfrentavam problemas de assédio sexual por parte dos patrões.



A jornada de trabalho, que durava até 16 horas diárias, a falta de políticas sociais, em casos de enfermidade, gravidez ou invalidez, e a ausência de proteção contra acidentes nas fábricas eram condições bastante duras e com as quais os operários estavam totalmente insatisfeitos. Isto foi determinante para que os imigrantes italianos tivessem participação

A jornada de uma costureira era de 10 a 12 horas de trabalho e as aprendizes podiam nem ter salário

Fotos: Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo



Padaria de imigrante italiano, no bairro do Brás. São Paulo (SP)

crucial na definição dos novos rumos dos direitos trabalhistas, adotados no início do século XX. Ao chegarem da Europa, cheios de inspirações anarquistas, sindicalistas e socialistas, seduzidos pelos ideais de Bakunin, Malatesta e Marx, e se depararem com a situação proletária dos centros urbanos brasileiros, muitos italianos passaram a difundir tais teorias, propondo práticas que transformariam a vida deles e dos demais trabalhadores.



Trabalhadores na frente da Lorenzetti, indústria fundada em 1923, no bairro da Mooca, pelo imigrante italiano Alessandro Lorenzetti, engenheiro civil

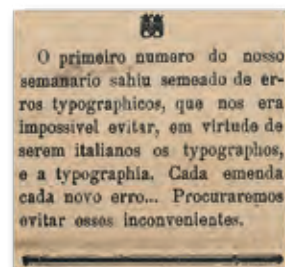


Rua de São Paulo tomada de trabalhadores com bandeiras vermelhas e negras, na greve geral de 1917 (foto publicada em A Cigarra, 26 de julho de 1917)

Organizados em sindicatos, independentemente da linha política que seguissem, os operários começaram a se reunir para debater as pautas de suas reivindicações e organizar greves. Entre as principais bandeiras estavam a redução da carga horária de trabalho, o aumento salarial e a assistência trabalhista. Julho de 1917 ficou marcado na história das greves operárias no Brasil, apesar das mesmas terem se iniciado na década de 1890. A massa havia se mobilizado e declarado greve geral. Iniciada no meio urbano, no bairro da Mooca, a manifestação se expandiu até o interior, nas lavouras de café. Em Itu, Sorocaba, Salto e na usina Porto Feliz, trabalhadores organizados também cruzaram os braços.

A primeira grande greve no campo paulista havia ocorrido em 1913. O estado, buscando controlar os motins, não economizou no uso da violência, na forma de espancamento, assassinato, prisão arbitrária e sem julgamento, invasão domiciliar e de sedes, além da censura de periódicos. Apesar disso, se iniciou uma tradição trabalhista pela busca de direitos que permanece até hoje.

Mesmo que naquele momento da história o ideal anarquista tenha se difundido com mais força, é certo que os anarquistas já se encontravam no Brasil desde os anos 1890, quando influenciavam o movimento operário, através da imprensa italiana anarquista local.



Nota na capa número 2 do jornal “O Amigo do Povo”, de 1º de maio 1902, mostra o papel dos oriundis na imprensa:

“O primeiro número do nosso semanario sahi semeado de erros typographies, que nos era impossível evitar, em virtude de serem italianos os typographos, e a typographia. Cada emenda cada novo erro... Procuraremos evitar esses inconvenientes.”

Em 1892, na capital paulista, foi fundado o primeiro jornal libertário do País, o “Gli Schiavi Bianchi”. A publicação era dirigida por Galileo Botti e fazia referências claras ao anarquismo. Até o início do século XX, diversas publicações do mesmo gênero surgiram na cidade. Entre elas: La Bestia Umana, La Nuova Gente, L’Avvenire, La Battaglia e Il Risveglio. O primeiro jornal italiano

de cunho anarquista publicado em português, fundado em São Paulo, foi “O Amigo do Povo”, cuja primeira edição saiu em 1902.

Os jornais eram grandes difusores de ideias, pelo fato de circularem propaganda política por todo o País. Assim como havia os periódicos anarquistas, também existiam os antissindicalistas, como o *La Battaglia*, de 1904.

No quesito imprensa no Brasil, o Rio de Janeiro tem papel de destaque, já que em 1765 circulou na cidade a primeira edição de jornal publicada no País e foi em italiano. Em seu livro “Imprensa Italiana no Brasil - Séculos XIX e XX”, Angelo Trento menciona a existência de um jornal em pleno século XVIII: o periódico católico mensal “*La Croce del Sud*”, que circulou por breve tempo graças à iniciativa de dois frades capuchinhos (Giovan Francesco da Gubbio e Anselmo de Castelvetrano).

A comunidade italiana no Rio, lançou, em 1875, o jornal *La Gazzetta Italiana Del Brasile*, e, em 1885, o *L'Italia - Organo degl'interesse Italo-Brasilliani*, que vai até 1889. Os italianos também foram os pioneiros na distribuição e vendas de periódicos, tendo criado uma cooperativa para tal atividade.

Além disso, dados apontam que até 1940 o Rio era a segunda



A primeira edição de La Gazzetta Italiana del Brasile, em 1º de setembro de 1875, trazia notícias da Europa e o movimento dos navios

cidade com mais títulos publicados de imigrante de origem italiana no País. O que mais diferenciava as publicações cariocas era o fato de não terem tanto conteúdo voltado às classes proletárias, como as paulistas.

Além dos casos de italianos que se tornaram operários e comerciantes e outros que, na falta de emprego, acabavam passando momentos miseráveis e, quando podiam, voltavam para a Itália, os centros urbanos do Brasil também guardam na sua história diversos casos de imigrantes que por aqui prosperaram, fizeram verdadeiras fortunas e entraram para a elite, principalmente a elite paulista da época. Muitos deles, ao voltarem à Itália, foram nomeados condes e se tornaram pessoas influentes por suas enormes doações ao estado italiano, no período da Primeira Guerra Mundial, ou simplesmente pelo alto poder aquisitivo que possuíam. Esses condes foram muito importantes para a modernização e para o desenvolvimento econômico do Brasil.

O nome mais conhecido é o de Francesco Matarazzo, que se consolidou no Brasil como fundador do maior complexo industrial da América Latina. Matarazzo chegou aqui aos 27 anos, em 1881, e logo se dirigiu à Sorocaba, em São Paulo. Depois de algum tempo como mascate, resolveu produzir banha de porco nacional,



Operários trabalhando no setor de caixinhas de fósforos, na Indústria de Fósforos Sol Levante, do Grupo Matarazzo

Operários italianos da tecelagem Mariangela, do Grupo Matarazzo, em São Paulo (SP), primeira década do século XX. Cabe observar o grande número de mulheres, adolescentes e crianças





*Vista do Edifício Martinelli
em São Paulo (SP)*

Foto: Wilfredor, Wikimedia.org

visto que a banha utilizada no Brasil era majoritariamente inglesa. Abriu uma venda, onde também comercializava gêneros alimentícios diversos e assim foi crescendo. Em pouco tempo, seu complexo possuía ampla atuação no mercado, com fábricas de fósforo, prego, azulejo, louça, papel e destilaria de álcool. Além das fábricas, usinas de cal, de sulfureto de carbono e de ácidos também pertenciam à Matarazzo.

Outro imigrante que começou de baixo e alcançou fortuna foi Giuseppe Martinelli. De açougueiro, tornou-se um rico comerciante e investidor no ramo de navegação. Sua residência em São Paulo, o Edifício Martinelli, era um famoso arranha céu, decorado com muito luxo. Com a crise de 1929, na bolsa de valores de Nova York, Martinelli faliu e viu sua obra de arte transformar-se em mais um prédio abandonado.

Rodolfo Crespi é também um caso de muito sucesso na imigração italiana. Membro de uma família tradicional, que possuía uma indústria têxtil na Itália, e muito destemido, Crespi veio tentar a sorte no Brasil, em 1893. Aqui, expandiu os negócios da família, abrindo, primeiramente, uma pequena tecelagem, em São Paulo, no bairro da Mooca. Quinze anos depois, ele já era proprietário da primeira grande indústria de fiação de algodão em larga escala do País. Entre seus muitos feitos em prol do desenvolvimento econômico, Crespi fundou a Banca Italiana di San Paolo, atuou na criação do Colégio Dante Alighieri e fundou o Clube Atlético Juventudis, composto por operários de suas fábricas. Ele também lançou o periódico *Il Piccolo*, de vertente fascista, muito lido entre os imigrantes italianos. Crespi, assim como o industrial italiano de São Paulo, Egídio Pinotti Gamba, dono dos moinhos Minetti Gamba, localizados no bairro da Mooca, recebeu honrarias do governo italiano. Entre elas, a principal foi o título de Conde.

ANARQUISTAS, SINDICALISTAS E SOCIALISTAS

Os imigrantes europeus, notadamente os de origem italiana, formaram a primeira leva do operariado no Brasil. Com a nova classe trabalhadora também chegaram as novas ideologias. Num primeiro momento os anarquistas e sindicalistas conquistaram mais força. O ponto alto do movimento foram as grandes greves de 1917 (São Paulo), 1918 (Rio de Janeiro) e 1919 (São Paulo e Rio de Janeiro), vitoriosas em parte de suas reivindicações. Com a fundação, em 1922, do Partido Comunista do Brasil, os anarquistas perderam a primazia e importância política no movimento operário.

A doutrina anarquista surgiu na Europa, nos séculos XVII e XVIII, e prega a organização da sociedade sem nenhuma forma de autoridade imposta, considerando o Estado uma força coercitiva. Organizadores das atividades do Primeiro de Maio no Brasil desde 1892, os anarquistas passaram a ser visados pela repressão. Ao longo do tempo, muitos militantes foram presos e deportados. Tanto o movimento anarquista como o comunista foram reprimidos com vigor a partir de 1930 com a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

Colônia Cecília

A Colônia Cecília foi a primeira experiência brasileira de uma comunidade anarquista, dirigida, entre 1890 e 1894, por Giovanni Rossi e outros imigrantes italianos, em terras doadas pelo imperador Dom Pedro II, no município de Palmeira (PR). Era uma comunidade rural experimental, que buscou colocar em prática princípios libertários, como a realização do trabalho de forma coletiva, a organização de uma caixa de rendimento comunal e o incentivo ao amor livre. Ela durou pouco e não transformou a sociedade, mas vários de seus ex-colonos passaram a militar em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Ernesto Gattai e Angelina Da Col

O casal Ernesto Gattai e Angelina Da Col, ele da toscana e ela da região do Vêneto, veio da Itália no mesmo navio, mas só se conheceu em São Paulo. Destacaram-se no ambiente cultural e na luta política. São os pais da escritora Zélia Gattai Amado (1916-2008), que retratou algumas das vivências familiares no livro “Anarquistas, graças a Deus”.

Eram atuantes no movimento operário e por diversas vezes cederam sua casa, em São Paulo, para abrigar reuniões e debates políticos. Ernesto foi preso pela polícia do Estado Novo. Em 1937, seu pedido de deportação foi julgado na Corte Suprema e felizmente a defesa de Gattai conseguiu convencer a Corte de sua cidadania, salvando o imigrante. Angelina trabalhava numa fábrica do bairro do Brás, e era amante da literatura e contadora de histórias.

Domínio público, Wikimedia.org



Elvira Boni

Nascida em Espírito Santo do Pinhal (SP) e filha de imigrantes italianos de Cremona, Elvira Boni Lacerda teve o primeiro contato com as ideias socialistas por intermédio de seu pai, operário metalúrgico. Na infância mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Já aos 12 anos começou a trabalhar como aprendiz numa oficina de costura, inicialmente sem salário, mas com jornada pesada, de 10 a 12 horas por dia.

Como costureira, Elvira teve contato com os jornais anarquistas do movimento operário. Em maio de 1919, fundou a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, cuja primeira iniciativa foi deflagrar uma greve reivindicando jornada de 8 horas de trabalho.

Em grupos amadores de teatro, ela e sua irmã, Carolina Boni, representaram peças anarquistas e anticlericais, nos salões das associações operárias do Rio de Janeiro. Elvira colaborou e foi responsável pela revista *Renovação*, tendo emprestando seu nome, pois o diretor Marques da Costa era estrangeiro e não podia exercer o cargo.

Domínio público, Wikimedia.org





O primeiro número do jornal *Anima & Vita* circulou em 1º de janeiro de 1905 e seu editorial dizia: “Nosso programa não é tão vasto quanto poderia ser, dado o grande número de coisas e bons propósitos a quem dirigimos um pensamento de conquista. Nosso programa é muito curto, em parte porque sempre estivemos convencidos de que, quando muitas promessas são feitas, elas dificilmente podem ser cumpridas.”

Ernestina Lesina

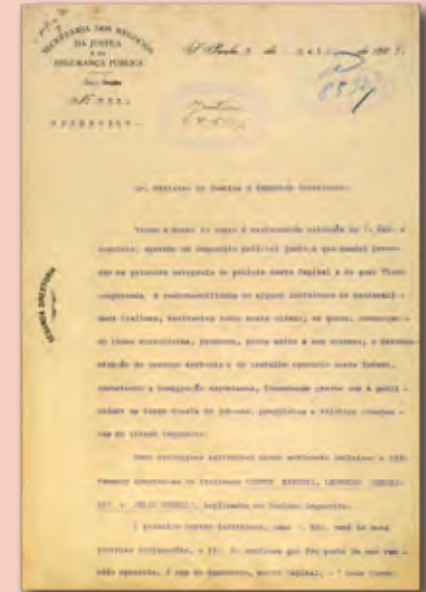
A condição da mulher no ambiente de trabalho do início do século 20 no Brasil era bem pior que a dos homens. Aos baixos salários e jornadas exaustivas somavam-se os maus-tratos e assédios. A italiana e socialista Ernestina Lesina foi uma das vozes que se levantaram para lutar por melhores condições na indústria têxtil paulistana.

Em 1905, Ernestina fundou o jornal *Anima & Vita*, para orientar às mulheres em sua organização e a se conscientizarem de seu papel na história. A publicação abordava temas como o amor livre, o casamento, a educação, o trabalho e a maternidade/família, com uma postura anticlerical. No ano seguinte, fundou a Associação das Costureiras de Sacos. Foi uma das primeiras feministas.



Contra a Imigração: Ristori usa uma linguagem forte

Ofício de 7 de maio de 1907 do secretário dos Negócios da Justiça e da Segurança Pública, Washington Luís, ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Tavares de Lira, informando sobre o inquérito policial instalado contra os anarquistas italianos Oreste Ristori, Leopoldo Cerchiari e Julio Sorelli, e aconselhando a expulsão dos italianos



Oreste Ristori

O jornalista Oreste Ristori emigrou para o Brasil em 1904 e foi o editor do *La Battaglia*. Lutou contra a exploração dos imigrantes italianos nas fazendas de café paulistas e criou escolas para os filhos dos camponeses e operários. Por conta dessas lutas foi perseguido e acabou expulso do País em 1936, no governo de Getúlio Vargas.

Entre outras publicações, Oreste Ristore escreveu, em 1906, o panfleto *Contra a Imigração*, usado como prova em seu pedido de expulsão. Era uma denúncia das precárias condições enfrentadas pelos imigrantes nas fazendas de café, comparável ao trato dado aos escravos.



Foto: Polícia de São Paulo. Domínio público, Wikimedia.org





capítulo 9

O Edifício Itália, inaugurado em 1965 e segundo mais alto de São Paulo, é o local da sede do Circolo Italiano de São Paulo (SP)

Foto: Divulgação Comolatti .

Bela litografia do início do Século XX com diploma da Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso in Rio de Janeiro

Acervo digital da Biblioteca Nacional.



A INTEGRAÇÃO E A AFIRMAÇÃO SOCIOCULTURAL E POLÍTICA

Enquanto os imigrantes italianos se integravam à conjuntura sociocultural brasileira, o governo italiano mantinha um relacionamento de amizade estável com o Brasil, mesmo sabendo dos casos de exploração de colonos nas lavouras. Num primeiro momento, até os anos 1920, havia o interesse por parte da Itália em emigrar o excesso de nativos do país para terras brasileiras, visando conter a superlotação demográfica. Além disso, a Itália empenhava-se em se aproximar do Brasil econômica e politicamente e criar laços com os descendentes que moravam por aqui, para que eles preservassem e difundissem a cultura italiana neste lado do Atlântico. Dessa forma, a Itália também pretendia garantir sua parte nos recursos econômicos brasileiros, sobretudo aqueles cujos imigrantes italianos ajudaram a obter, fosse como operário ou como industrial.

A partir dos anos 30, o regime fascista aprofundou a ideia totalitária de construir um “Império Italiano” no mundo. No Brasil, apesar de ter atuado na propagação de ideias políticas na imprensa, nas escolas italianas locais e nas associações de imigrantes e descendentes, e também de apreciar a existência de um movimento fascista, o Integralismo, Mussolini sabia que seria difícil aplicar o plano expansionista de trazer o governo brasileiro para



Fotos: Domínio público, Wikimedia.org.

Benito Mussolini em foto de 1940. Político italiano influenciou e financiou os integralistas no Brasil

Camisas negras desfilam em frente ao Quirinale, a residência real italiana da época



o lado do eixo. Isso porque havia grande influência hegemônica dos Estados Unidos em toda a América Latina, que começava a ser governada por diversos regimes militares. Por aqui, mesmo que o Estado Novo tivesse um caráter totalitário e que muitos brasileiros e imigrantes simpatizassem com a política fascista, principalmente dentro das colônias do Sul e de São Paulo, Getúlio Vargas optou por se manter neutro na Segunda Guerra Mundial, enquanto pode, e, ainda assim, próximo à Itália. Mussolini, desta forma, não teve, no Brasil, a influência que gostaria. A situação, porém, não prejudicou o relacionamento entre os dois países. Mesmo com a proibição aos imigrantes e descendentes italianos, durante a Guerra, de pronunciar a língua italiana em público e o confisco de bens, em alguns casos. Fora isso, eles não sofreram nenhum outro tipo de perseguição ou violência.

Até a virada do século XIX para o XX, não havia muita união entre italianos e descendentes no Brasil. Eram comuns reuniões isoladas, sem tanta articulação, entre famílias oriundas da mesma zona provincial. A mais antiga instituição que se tem registro foi a Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso in Rio de Janeiro, instituída em 24 de dezembro de 1854 e aprovada por decreto imperial em 20 de setembro de 1862. Tinha o lema “Uni per tuti – Tuti per uno” (Um por todos – Todos por um). Sua sede na Praça da República foi projetada pelo empreiteiro e comendador Antonio Jannuzzi, também imigrante italiano. Em 1908, contava com 340 associados e era mais conhecida como “La Beneficenza”.

A partir do início do século XX, entretanto, muitas associações foram criadas. A maioria tinha o intuito de ajudar seus conterrâneos e de preservar a cultura italiana na nova terra. Uma das primeiras, a Società di Beneficenza e Mutuo Soccorso degli Ausiliari della Stampa, fundada em 1906, por 78 italianos, funcionou durante 30 anos e teve grande impacto no mercado de jornais do



Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso, na Praça da República, Rio de Janeiro (RJ). Prédio tombado pelo Patrimônio Cultural. Foto de 2020

Rio de Janeiro, pois era formada por distribuidores e vendedores de periódicos. A Società Mutuo Soccorso Italiani Unit São Bernardo é ainda mais antiga. Sua fundação se deu em Junho de 1898, em São Bernardo do Campo, São Paulo. Entre suas finalidades, a assistência médica e o cuidado moral e material para com seus

sócios eram as grandes prioridades. Em 1943, por imposição política brasileira, a Sociedade passou a se chamar Associação Beneficente São Bernardo e, em 1955, por iniciativa de seu então presidente, ganhou o nome definitivo de Associação Ítalo Brasileira de Beneficência. Hoje, a Associação conta com 278 sócios e ainda segue os princípios originais.

Podemos citar também a Società Operaria Fuscaldense di Mutuo Soccorso Umberto I (30/04/1907), a Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso (21/06/1907), a Liga Capitulare Fratellanza Italiana, de auxílio mútuo (11/02/1908) e a Associação Ítalo Brasileira San Francesco di Paola, criada em 5 de Novembro de 1939, em Juiz de Fora (MG). Esta recebeu, inclusive, apoio de Mussonili, que doou 550 contos de réis e as letras metálicas de sua fachada. Ela foi considerada centro de vivência ítalo-brasileira e denominada Casa D'Itália. Sua estrutura oferecia escola, hospital e biblioteca e sua área de atuação abrangia atividades recreativas, esportistas e beneficentes. Hoje, a Casa D'Itália conta com a capela destinada ao Santo que deu nome à Associação, o coral, o grupo de dança folclórica italiano Tarantolato e diversos setores educativos, que ensinam e propagam a língua, a culinária e a história italianas, entre outros.

Também localizado em São Paulo, o Circolo Italiano de Jundiaí, criado em 1993, é mais uma das sociedades que promove eventos



Site Pesquisa Italiana tem equipe especializada em pesquisa de registros civis

culturais e tradicionais italianos, mantendo, dessa forma, a cultura daquele país viva entre seus descendentes. Além de atuar na ligação entre os países, de forma local, com cursos de italiano e outras atividades, a organização também oferece auxílio aos descendentes na obtenção da cidadania italiana. Em 2018, o Circolo tornou-se sede da Confederazione Circolo Italiano Brasil.

Além das diversas associações e sociedades de mútua ajuda que ainda são criadas pelo Bra-

sil, como por exemplo a Associação dos Descendentes e Amigos do Núcleo Pioneiro da Imigração Italiana, fundada em 2016, em São João Batista (SC), há, no meio virtual, muitos sites de famílias italianas e de centros de pesquisa, que procuram resgatar e preservar a história dos antepassados e os brasões das famílias, além de facilitar o processo de busca pela cidadania italiana. O site Pesquisa Italiana (<https://pesquisaitaliana.com.br/>), por exemplo, além de conter dados interessantes sobre a história da Itália e do período migratório, conta com uma equipe especializada em pesquisa de registros civis. Seu objetivo é aproximar Brasil e Itália, além de reconstruir as histórias das famílias. Outro órgão que colabora nesse sentido é o Centro Internacional de Pesquisas sobre Emigração Italiana, que dispõe de um rico arquivo on-line com os nomes dos emigrantes que saíram do Porto de Gênova. O site Polentona (<http://polentona.com/patronatos-italianos/>) fornece informações sobre como conseguir a cida-

dania italiana e informa os endereços de todos os consulados italianos no Brasil.

Entre todas as sociedades e associações, o Circolo Italiano, criado em Abril de 1911, no Centro de São Paulo, se destaca. Ugo Conti foi o primeiro presidente do seu Conselho de Administração. A maior parte dos sócios era composta pela elite paulista, que se sentia atraída pela oferta de diversas atividades culturais e sociais (manifestações sociais e patrióticas, celebrações, apresentações artísticas e eventos beneficentes) do Circolo.

Após passar por seis diferentes locais de sede, a maioria próprias, em 1966, o Circolo se instalou definitivamente na esquina da Avenida São Luís com a Avenida Ipiranga, no Edifício Itália, o qual durante muito tempo foi o mais alto de São Paulo. O luxo sempre esteve presente na decoração dos ambientes de suas

sedes, que sempre contaram com: restaurante, biblioteca, salas de leitura, salas de bilhar, bar e salões de festas e reuniões e, atualmente, dispõe de um amplo teatro. A entidade sempre foi muito atenta às necessidades da comunidade italiana no Brasil. Um exemplo foi a doação de um andar inteiro de uma das sedes para o Consulado italiano, quando este havia sido destruído por um incêndio. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Circolo foi interdito por oito anos. Desde que voltou a funcionar, oferece aulas de italiano, uma vasta biblioteca e é proprietário de uma coleção de obras de arte. Em 1972, o governo da Itália, em ato de reconhecimento, homenageou a associação paulista, presenteando-a com um cavalo de bronze, que hoje se encontra no parapeito do terraço.

Vista frontal do Circolo Italiano de São Paulo, ao centro a escultura do cavalo de bronze doado pelo governo italiano em 1972

Foto: Divulgação.



OS ORIUNDIS E O INTEGRALISMO

O integralismo foi um movimento político criado nos anos 30 pelo intelectual paulista Plínio Salgado. A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi a maior organização de extrema-direita que o Brasil já conheceu, e seu lema “Deus, pátria, família” tem repercussões até os dias atuais. Durou de 1932 até 1937, quando foi proibida pelo governo Vargas.

O fascismo de Mussolini foi importante na formação e construção da ideologia integralista, assim como na formação de sua base social. Anticomunistas, anti-liberais e profundamente religiosos, os integralistas defendiam um Estado centralizador e autoritário e a organização da sociedade em corporações, à moda fascista. Suas manifestações reuniam milhares de pessoas, com suas camisas verdes e as saudações de “Anauê”, que quer dizer “você é meu irmão”. Essas manifestações muitas vezes terminavam em confusões e até mortes.

O integralismo congregou uma grande diversidade de cidadãos brasileiros das mais diferentes etnias. No Sul do País, por exemplo, houve uma participação maciça de imigrantes europeus, em especial dos descendentes de italianos. Um dos líderes integralistas foi o jurista Miguel Reale, filho de italianos. Afrodescendentes também aderiram ao movimento, bem como mulheres, já que a AIB foi o primeiro movimento brasileiro a dar voz política à mulher, embora de forma limitada. Mas, apesar do slogan “união de todas as raças e todos os povos”, alguns de seus líderes tinham opiniões antisemitas.

Intensa participação dos ítalo-brasileiros

O governo fascista italiano teve intensas relações com a Ação Integralista Brasileira, principalmente a partir de 1936, quando o encarregado de negócios da Embaixada do Rio de Janeiro, Menzinger, propôs ajudar o Integralismo através de subsídios e apoio de ítalo-brasileiros sob a influência de Roma. Após a instauração do Estado Novo, porém, a Itália desestimulou os integralistas a lutarem contra Vargas, instando-os a colaborar com o novo regime.

Apesar do forte nacionalismo da Ação Integralista Brasileira, a instituição teve sucesso também junto aos ítalo-brasileiros. Segundo o autor Héglio Trindade, 16% dos militantes integralistas de todo o País tinham origem italiana. Só no núcleo integralista de Rio Claro (SP), o livro de atas revela que, de um total de 197 inscritos em todos os níveis, 72 (36%) tinham sobrenome italiano e 21 (10%) tinham sobrenome alemão. Outra indicação é que boa parte dos integralistas mortos em brigas de rua com os antifascistas era de origem italiana.

O jornalista Rogério Medeiros escreveu em seu livro *Espírito Santo - Encontro das Raças*:

Numa sociedade em transição inserida no contexto internacional das lutas ideológicas entre comunismo e fascismo, a Ação Integralista significou, para os colonos italianos e seus descendentes, uma opção pelo anticomunismo. (...) Usando camisas verdes com o símbolo do integralismo costurado nas mangas os militantes desfilavam pelas ruas, impressionando pela organização quase militar com que se apresentavam ao público. (...) Muitos colonos, no entanto, que se tornaram integralistas, não foram atraídos pelo conteúdo ideológico ou político, mas pela oportunidade de se diferenciarem, pelo uniforme e pelo ritual do movimento, aos olhos de suas comunidades.

Domínio público, Wikimedia.org



Capa do N° 19 da Revista Anauê!, representando "A revolução Integralista através do voto"





Miguel Reale, jurista, professor e filho de italianos, em uniforme do grupo Ação Integralista Brasileira, no qual ocupou o posto de Secretário Nacional de Doutrina e Estudos

Mesmo com dificuldades de fontes de documentação, o número de militantes ítalo-brasileiros certamente estava na casa de dezenas de milhares e com uma quantidade bem maior de simpatizantes e eleitores. O integralismo foi um movimento de classe média e os descendentes de italianos que desejavam ser aceitos aderiram em massa. Já a elite industrial italiana de São Paulo, mesmo em grande parte simpatizante do fascismo, não apoiou os integralistas, recusando pedidos de ajuda financeira da AIB, para defender seus interesses, mantendo-se em sintonia com as classes dominantes locais.



Em cada núcleo de colonização italiana formaram-se tropas fardadas contra o socialismo e o comunismo, envolvendo até crianças no movimento

Reprodução de fotos do Livro ESPÍRITO SANTO - Encontro das Raças, de Rogério Medeiros





Retrato da família Boff em sua residência em Caxias do Sul (RS), 1904. Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



destaques

A CULTURA E OS PERSONAGENS ÍTALO-BRASILEIROS

Levando em consideração que o Brasil é a nação com o maior número de descendentes e nativos italianos fora da Itália, é fácil notar como a cultura vinda de lá influenciou tantos costumes em nosso País. O primeiro aspecto que vem à mente é com certeza o culinário. A massa italiana é sucesso no mundo e, devido à imigração, hoje temos o prazer de apreciá-la sem cruzar o oceano. Podemos citar, entre as receitas italianas trazidas: a macarronada, o talharim, a pizza, o ravióli, o canelone, o nhoque, o espaguete e a lasanha, além da gama de molhos e queijos que acompanham essas massas. Mas outros hábitos alimentares também fizeram sucesso e foram incluídos nas refeições do povo brasileiro, como comer polenta e panetone e tomar um bom vinho ou suco de uva.

A língua portuguesa também foi bastante influenciada pela imigração italiana. Expressões como “tchau” e palavras como sere-nata, cantina, caricatura, mortadela, camarim, fiasco, poltrona, piano, confete e maestro são exemplos de tal ligação cultural.

Praticamente todos os estilos de massas e molhos italianos tiveram suas palavras aportuguesadas, já que não existiam por aqui anteriormente.

A religiosidade italiana foi outro fator que marcou a cultura brasileira, pois reforçou a presença católica por aqui. Suas festas e procissões até hoje são eventos do calendário social de muitas cidades do Brasil, principalmente nos estados do Sul e de São Paulo, que receberam um maior número de imigrantes. Entre as festas mais importantes e esperadas, destacam-se: a Festa Incanto Trentino, a de Nossa Senhora Achiropita, a de San Gennaro, a da Paróquia de Nossa Senhora de Casaluce, a de São Vito e a Festa Nacional da Uva, de Caxias do Sul. Na maioria desses eventos, as danças italianas e as comidas típicas daquele país são celebradas e apreciadas.

A importância da união familiar constitui também um legado fundamental da cultura italiana, além da expressão e preservação dessa cultura entre as novas gerações.



A COZINHA ÍTALO-BRASILEIRA

A culinária italiana é uma das mais influentes na formação da gastronomia ocidental. No Brasil, com a chegada do primeiro fluxo de imigrantes italianos, concentrando-se nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina e Paraná, não foi diferente. A mistura dos sabores e aromas do país de origem com os novos ingredientes descobertos em terras brasileiras fez surgir a cozinha ítalo-brasileira e ajudou a popularizar os almoços de domingo, que tornaram-se tradicionais e reúnem até hoje famílias imensas e variadas, em torno da mesa de refeição, muitas vezes acompanhada de pão e vinho.

Em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, por conta da forte influência dos imigrantes do norte da Itália – especialmente das regiões do Vêneto e Lombardia –, a lasanha, o capelete e a minestra, além da polenta e do risoto, são pratos muito populares. Já em São Paulo, a presença dos calabreses, apulienses e campânios pode ser percebida pelo vasto número de cantinas e pizzarias e também nas festas dedicadas aos santos, como Nossa Senhora Achiropita e San Vito, onde as mammas preparam delícias gastronômicas. Em Minas Gerais, deve-se aos italianos o hábito de comer feijão tropeiro e angu.

Azeite, ervas e temperos

Foram a facilidade e a simplicidade no preparo dos pratos que ajudaram na democratização da cozinha italiana. Sofisticação, portanto, não é referência da gastronomia italiana, que valoriza o sabor e o perfume naturais dos ingredientes, incrementados com molho e tempero. Os pratos são normalmente preparados com azeite de oliva e ervas frescas, como alecrim, salsa, sálvia, tomilho, orégano, manjeriço, estragão e louro. Também são utilizados alho, cebola, mozzarella de búfala, tomate, alcaparra, atum, anchova e presunto.





Hortaliças do quintal

Os italianos que viviam nos centros urbanos, em casas com quintal, normalmente criavam suas próprias hortas, onde cultivavam frutas, verduras e legumes para consumo próprio e também para venda. Isso contribuiu para o aumento do consumo pelos brasileiros destes tipos de alimentos. A berinjela, por exemplo, passou a frequentar mais a mesa brasileira, e a rúcula e alcachofra foram introduzidas no País.

Pães e padarias

O pão, que não fazia parte da alimentação rotineira dos brasileiros, mas que os italianos costumavam produzir em casa, onde tinham seus próprios fornos, tornou-se alimento diário também aqui, principalmente com o surgimento das padarias. No Bexiga, tradicional bairro de São Paulo, há quatro padarias italianas com mais de cem anos: Italianinha (fundada em 1896), 14 de Julho (1897), São Domingos (1913) e Basilicata (1914).

Panetone, polenta e broa

O hábito de comer Panetone no Natal passou a fazer parte também das tradições das famílias brasileiras que, hoje em dia, em sua maioria, não abrem mão do típico pão doce de origem milanesa na ceia natalina. Já a polenta e a broa, feitas de fubá, antes usado no Brasil apenas para o angu, foram incorporadas às refeições dos brasileiros.

Queijos e embutidos

O queijo mais consumido no Brasil, mozzarella, produzido com leite de búfala, foi criado no sul da Itália e chegou aqui junto com os imigrantes. Por ser muito utilizado na culinária, conquistou rapidamente o paladar dos brasileiros. O queijo colonial ou queijo de colônia ou queijo colônia, produzido com leite cru, no Rio Grande do Sul, tem sua receita original trazida pelos primeiros imigrantes italianos, vindos principalmente das regiões de Piemonte, Lombardia e Vêneto. Outros queijos famosos provenientes da Península Itálica e que caíram no gosto dos brasileiros são: gorgonzola, provolone e parmesão. Os embutidos, como mortadela, salame e presunto cru são outros exemplos da influência da Itália na cozinha do Brasil.



Massas e pizzas

Mas, foram as massas, principalmente o espaguete e a lasanha, e as pizzas, que ganharam mais fama e conquistaram definitivamente o coração e o estômago dos brasileiros. Atualmente, são muitos os restaurantes que servem rodízios de massas e pizzas, opção de cardápio para muitas comemorações de aniversários. O uso de molho de tomate nas massas, antes consumidas secas e utilizando as mãos, pelos brasileiros, foi outra contribuição importante da cozinha italiana.



VINHO GANHA IMPULSO COM ORIUNDIS

A história da uva e do vinho no Brasil começa em 1532, quando Martim Afonso de Souza trouxe as primeiras mudas de *Vitis Vinifera*, plantadas na Capitania de São Vicente. Porém, clima e solo inadequados impedem o cultivo. Em 1551, Brás Cubas produziu o primeiro vinho na colônia.

No século XVII, o Padre Roque Gonzales de Santa Cruz iniciou a produção de vinho, na região das Missões (RS). No século XVIII, imigrantes açorianos que chegaram ao Rio Grande do Sul trouxeram videiras, que serviram apenas para o consumo local, pois o cultivo não obteve grande sucesso. Em 1789, a corte portuguesa proibiu o cultivo de uva no Brasil, que só foi liberado após 1808, com a chegada da corte ao Rio de Janeiro.

No ano de 1824, o italiano João Batista Orsi conseguiu uma concessão de Dom Pedro I para o cultivo de uvas europeias, realizado na Serra Gaúcha, onde ele se fixou. Outro fato importante na época foi a introdução das variedades de uvas americanas, em especial da uva Isabel, no Rio Grande do Sul.

Os italianos chegam ao Sul

A influência dos italianos na vitivinicultura brasileira começou em 1875, com a chegada dos vênnetos, trentinos e lombardos à Região Sul. Eles trouxeram a cultura e a tradição do cultivo, elaboração e consumo do vinho, bem como mudas das regiões norte da Itália, que não se adaptaram à Serra Gaúcha. As uvas americanas é que vão dar origem aos vinhos de mesa e importância econômica a vinicultura nas mãos dos imigrantes. Em um relatório de 1883, o cônsul da Itália, Enrico Perrod, registrou 500 mil litros produzidos na cidade de Garibaldi em 1881, depois de visita à região do Vale dos Vinhedos (RS). Com 25 mil habitantes em 1898, Caxias do Sul era colônia que apresentava mais residentes italianos.

As empresas de vinho no Brasil surgiram em 1910, incentivadas pelo governo federal, que contratou o advogado italiano, José Stefano Paterno, com experiência em montagem de cooperativas na Itália e no Paraguai. Mais de 30 cooperativas estavam organizadas em 1912, quando foi fundada a Federação das Cooperativas do Rio Grande do Sul. Porém crises no governo do Marechal Hermes da Fonseca desmontaram o sistema de cooperativas.

Em 1928, Oswaldo Aranha, secretário estadual do então governador Getúlio Vargas, incentivou a criação do Sindicato do Vinho, para organizar o setor no Rio Grande do Sul. Foi a época de uma segunda leva cooperativista, com o surgimento de diversas cooperativas para dar competitividade aos pequenos produtores. Algumas atuam até hoje, como a Cooperativa Vinícola Aurora e a Cooperativa Vinícola Garibaldi, fundadas em 1931.

Pesquisa e investimento em qualidade

Em 20 de outubro de 1937, foi criado o Laboratório Central de Enologia. A entidade é precursora na pesquisa e assistência técnica, atividades hoje exercidas pela Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, de 1972. Em 1975, surge em Bento Gonçalves, a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual – UEPAE, que em 1985 passou a ser denominada Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho.

Nos anos 50, o destaque são vinhos varietais da Granja União, de Caxias do Sul: Cabernet, Merlot, Riesling, Bonarda e outras variedades foram ganhando apreciadores no Brasil. Já o Sangue de Boi, da Cooperativa Vinícola Aurora, cresceu entre os vinhos populares, com alguns milhões de garrações de 5 litros na mesa dos brasileiros.

Com a chegada, em 1951, da vinícola francesa Georges Aubert iniciou-se um novo ciclo. Na década de 70, diversas empresas estrangeiras entram com novas técnicas e promovendo a ampliação das áreas de cultivo da uva. Entre as que se instalaram no Sul do Bra-

Foto: Embrapa Uva e Vinho



sil estão a Heublein e a Seagran. Da Itália vieram a Martini e Rossi e a Cinzano, associada à Chandon, da França. Dos Estados Unidos, a Almadén. Investindo em novos vinhedos ou comprando vinícolas familiares, as multinacionais dão um novo patamar técnico e administrativo ao negócio do vinho.

A abertura econômica dos anos 80 e 90 foi acompanhada por um intercâmbio técnico e comercial e muitas vinícolas familiares investiram em uma menor produção de vinhos de maior qualidade e valor de venda, o que melhorou a imagem de nosso vinho. Atualmente temos vinhos premiados em feiras internacionais, com destaque para os espumantes da Serra Gaúcha, muitos ainda produzidos por *oriundis*.

Segundo a Embrapa, o Rio Grande do Sul concentra cerca de 60% da área cultivada de videiras no País. Temos diversas regiões vinícolas: a Serra Gaúcha, a Campanha Gaúcha, a Serra Catarinense, a Região Serrana de Minas Gerais, a região da Grande Curitiba e o Vale do Rio São Francisco. E cada uma investe no desenvolvimento de uma identidade própria.

O Vale dos Vinhedos, área de 82 quilômetros quadrados na Serra Gaúcha, que recebeu muitos imigrantes, é pioneiro, conquistando a Indicação de Procedência, em 2002, e a Denominação de Origem, em 2011, selos de qualidade dos vinhos ali produzidos. Situado entre Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi, o vale recebeu 443 mil visitantes em 2019, segundo a Aprovale (Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos).

Produção e consumo

O Brasil produziu 200 milhões de litros de vinho em 2019, uma queda de 34% frente aos 310 milhões de litros de 2018, segundo a Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV), ficando na 18ª posição na lista dos maiores produtores do mundo (15ª em 2018).

No consumo, o Brasil aparece em 17º lugar, com 330 milhões de litros. É algo como duas garrafas por brasileiro ao ano. Portugal, campeão no consumo per capita de vinho, bebe em média 58 garrafas por ano, por habitante. A França está em segundo lugar, com 54 garrafas, e a Itália em terceiro, com 50 unidades.



Divulgação Vinícola Barcarola

Construída em 1913, a sede da Vinícola Barcarola Boutique, no Vale dos Vinhedos, recebe anualmente cerca de 15 mil visitantes

Divulgação Vinícola Aurora



Corredor das bandeiras da Vinícola Aurora, em Bento Gonçalves (RS)





FESTAS ITALIANAS PELO BRASIL A FORA

Quando os imigrantes italianos desembarcaram no Brasil trouxeram seus sonhos de uma vida melhor, de uma terra para plantar e de um novo mundo. Mas, em suas bagagens eles traziam muito mais que isso; traziam também o passado, a saudade que logo sentiriam, lembranças e memórias do seu povo e do seu país. Assim, chegaram ao Brasil com seus bens mais preciosos, entre eles a cultura e as tradições italianas, preservadas ao longo de muitas gerações de descendentes.

Entre as tradições da Península Itálica que ganharam espaço no Brasil estão as festas populares. A Itália possui um dos mais ricos acervos de festas e ritos do mundo. São celebrações de caráter religioso, que homenageiam os santos, ou inspiradas nas chamadas sagas regionais, que comemoravam a produção agrícola de alguma localidade, ou ainda as folclóricas e as históricas. E tudo regado à música, luz, cores e sabores, com muita comida, direito a trajes típicos, bandas, orquestras e até fogos de artifício, tocheiros, velas e matracas.



Festa Nacional da Uva – Caxias do Sul

Entre 1881 e 1931, eram realizadas, em Caxias de Sul (RS), várias feiras agroindustriais com o propósito de promover a cidade e os produtos típicos da região. A criação da **Festa Nacional da Uva** (foto a esquerda), cuja primeira edição aconteceu em 1931, é uma evolução daquela série de feiras. Com o tempo, o evento passou também a enaltecer a cultura italiana, o progresso da comunidade local e a ligação dos descendentes com a terra, costumes e tradições. Atualmente, é a mais famosa tradição da cidade e um dos maiores eventos temáticos do Brasil. Ela acontece a cada dois anos, normalmente em fevereiro.

Ao celebrar o desenvolvimento da viticultura iniciada pelos italianos, a Festa, além de preservar a história dos imigrantes, representa uma oportunidade para centenas de expositores apresentarem seus produtos e serviços. Ali são vendidos desde artigos típicos das comunidades do interior até itens de indústrias e serviços variados, ajudando a projetar a cidade e sua economia no cenário brasileiro e mundial.

Festitália – Blumenau

Blumenau (SC), no Vale do Itajaí, é famosa por ser palco da maior festa alemã no Brasil, a Oktoberfest. Mas, a cidade sedia também a **Festitália** (foto abaixo), que surgiu em 1994, por iniciativa dos integrantes do Círculo Italiano de Blumenau. A ideia era resgatar, manter e incentivar a cultura italiana e o amor pela Itália na cidade, onde cerca de 30% da população têm origem naquele país. Desde sua primeira edição, o evento é realizado anualmente no Parque Vila Germânica, geralmente no mês de julho.

A festa é promovida pelo Lira-Círculo Italiano di Blumenau, com apoio da prefeitura, e tem como inspiração a Festa de San Gennaro, de São Paulo. A gastronomia é a principal atração do evento, acompanhada pelo bom e velho vinho. Muita música, com shows de artistas da “terrinha” e de bandas italianas locais, apresentações culturais e a alegria característica do povo oriundi também não podem faltar.



Festa Tradicional Italiana de Belo Horizonte

Todo ano, por um dia, um grande trecho da Avenida Getúlio Vargas, no bairro Savassi, na capital mineira, fica um pouco italiano. É quando acontece a **Festa Tradicional Italiana de Belo Horizonte**, organizada pela Associação de Cultura Ítalo-Brasileira do Estado de Minas Gerais (Acibra-MG), com apoio da prefeitura.

O evento surgiu em 2007, para celebrar o Dia da República Italiana, comemorado em 2 de junho, bem como a integração entre as culturas brasileira e italiana. Sua primeira edição foi em frente ao Consulado da Itália. Apesar de inicialmente ter sido realizada em junho, a Festa já aconteceu nos meses de maio, julho e setembro. E já está entre as maiores festas de rua italianas realizadas fora da Itália. Durante cerca de dez horas, barracas de restaurantes, expositores e associações ocupam a via para uma grande confraternização, que reúne cerca de 40 mil pessoas, entre italianos, descendentes e brasileiros admiradores da cultura daquele país.

Incanto Trentino – Nova Trento

Idealizada pelo Circolo Trentino de Nova Trento (SC), cidade cuja população é em sua maioria de procedência da região trentina do Tirol, a **Incanto Trentino** é uma festa que exalta as tradições e costumes do povo local e de seus antepassados, bem como o cultivo da uva e a produção do vinho na região. A celebração começou em outubro de 1988 e ficou conhecida também como festa do vinho neotrentino. O nome Incanto Trentino foi inspirado na canção homônima, do italiano Gino Creazzi (música) e do ítalo-brasileiro Ugo Gorgazzini (letra), que homenageia as belezas do Trentino Alto Ádige. “Fiori, montagne e vino: l’incanto son del Trentin” (Flores, montanhas e vinho: são os encantos do Trentino) diz uma estrofe.

Promovida pela Associação Neotrentina de Turismo, com apoio da Prefeitura, a festa tem apresentações de dança, teatro e canções típicas, desfile cultural, produtos de artesanatos e agrícolas, exposição de peças do museu de cultura italiana, competições variadas, além de muita comida e dos famosos vinhos da região. Atualmente, é realizada no ginásio Inácio Gulini, no Centro de Nova Trento, em agosto, mês em que se comemora a emancipação da cidade.

Divulgação Prefeitura Municipal de Nova Veneza



Festa da Gastronomia - Nova Veneza

Nova Veneza (SC) realiza, na segunda quinzena de junho, por ocasião dos festejos de colonização e emancipação da cidade, a **Festa da Gastronomia** (foto acima). O evento é um saboroso tributo à culinária dos imigrantes italianos. Durante os dias da festa, ocorrem diversas atrações culturais, como concursos musicais, shows com atrações regionais e locais, desfiles e serviço de comida típica, com milhares de participantes.

Festa Italiana de São Caetano do Sul

A **Festa Italiana** é o evento mais tradicional de São Caetano do Sul (SP) e é realizada desde 1992, nos meses de julho e agosto, nos finais de semana, sempre a partir das 18h, na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, no Bairro da Fundação. No evento, que recebe cerca de cem mil pessoas, cada região da Itália está representada nas barracas, que pertencem a entidades assistenciais e vendem pratos típicos italianos.

Além de celebrar o aniversário da cidade, a festa beneficia as entidades assistenciais que mantêm as barracas. Atualmente, já é considerada uma das três maiores festas italianas do Estado de São Paulo, junto com a de São Vito e a de Nossa Senhora Achiropita, e o principal evento gastronômico do ABC.





Festa de São Vito – São Paulo

Todos os anos, entre os meses de junho e julho, aos sábados e domingos, no bairro do Brás, em São Paulo, acontece a tradicional **Festa de São Vito** (foto acima). O evento é organizado pela Associação Beneficente São Vito Mártir e pela Paróquia São Vito (1940) e celebra a importância do santo para os católicos, um dos mais populares da Idade Média. Toda a renda arrecadada com a festa é revertida para a manutenção da Paróquia e para os projetos sociais que ela apoia.

O evento acontece oficialmente desde 1918. Mas, já em 1903 surgiram as primeiras comemorações, inspiradas na festa realizada em Polignano a Mare, na Itália, cidade de origem de muitos imigrantes que desembarcaram em São Paulo. No final da primeira década do século XX, com a fundação da Associação e da Capela de São Vito, a Festa ganhou ainda mais popularidade. Nos anos 1940, veio a construção da igreja, e na década de 80, do Centro Social São Vito, onde está a imagem do Santo, trazida da Itália por Modesto de Lucca, em 1835.

Voluntários, descendentes de italianos e até imigrantes ajudam na festa. As mammas e nonnas assumem os fogões na preparação dos pratos tradicionais da culinária italiana. Dividido entre a quermesse e uma cantina, ambas na rua da igreja, o evento reúne cerca de quatro mil pessoas por final de semana.

Festa Italiana do Juventus

Diferente das demais festas italianas, a **Festa Italiana do Juventus** não acontece na rua. Ela é realizada por um dos clubes mais famosos de São Paulo, o Atlético Juventus, sempre em um sábado do mês de agosto. Trata-se de uma tradicional noite italiana, com show de música e de grupos folclóricos e jantar de massas, bruschettas e queijos, no salão nobre do clube. O evento reúne cerca de mil pessoas e integra o calendário oficial das comemorações de aniversário do bairro da Mooca. A entrada é paga.

Festa de San Gennaro – São Paulo

A **Festa de San Gennaro** (foto abaixo) encerra o calendário anual de festas italianas no Brasil, nos finais de semana de setembro e outubro, no bairro da Mooca, reduto da colônia italiana e que tem o santo como padroeiro. Promovido pela Igreja de San Gennaro (de 1914) o evento acontece na rua e conta com cerca de 30 barracas de comidas e bebidas típicas.

Iniciada em 1973, a festa celebra San Gennaro ou São Januário, um jovem diácono de Miseno, em Sosio, na região de Campânia, na Itália, sacrificado por romanos por volta do ano 300. Atualmente, se estende para as ruas vizinhas da igreja e recebe cerca de 200 mil pessoas. Outras festas em homenagem a San Gennaro acontecem em várias cidades do interior paulista, como Batatais, Franca e Itatiba.



Festa de Nossa Senhora de Casaluce – São Paulo

Mais antiga festa italiana da cidade de São Paulo, a **Festa da Paróquia de Nossa Senhora de Casaluce** acontece desde 1900, no bairro do Brás. O evento é realizado na rua, em finais de semana entre abril e maio. Entre as atrações está a brincadeira da Casaluce, com vários prêmios. A arrecadação da Festa é destinada a organizações de assistência da região abrangida pela Paróquia e às obras da igreja. O evento atrai um público de cerca de 200 mil pessoas.

A festa teve início quando imigrantes italianos de Nápoles, devotos de Nossa Senhora de Casaluce, padroeira de Casaluce, comuna da Campania, chegaram a São Paulo e fundaram a Associação Maria Santíssima de Casaluce. O evento começa com a celebração de uma missa e procissão. Em seguida, são iniciados os festejos, com shows de músicas italianas e napolitanas, como a Tarantela, e danças folclóricas.

Conta a história que uma moça com uma criança nos braços pediu abrigo em um convento em Aversa, numa noite de temporal. Mas, os padres indicaram outro convento, só de mulheres, em Casaluce, onde a moça foi recebida. No dia seguinte, as freiras encontraram apenas um quadro com a imagem da moça e a criança no colo. Vários milagres foram atribuídos a ela. Uma réplica desse quadro foi trazida da Itália pelos imigrantes, em 1900, ano da fundação da igreja. A obra é exposta na procissão e durante a festa.



Festa de Nossa Senhora Achiropita – São Paulo

Uma das mais procuradas festas italianas do Brasil é a **Festa de Nossa Senhora Achiropita** (foto acima), realizada no bairro do Bixiga, formado por imigrantes italianos. O evento acontece nos finais de semana entre julho e agosto e é promovido pela Paróquia de Nossa Senhora Achiropita, com toda a renda revertida para suas obras sociais.

A primeira festa aconteceu em 1908, de forma tímida, após a chegada da imagem da santa, venerada em Rossano, na Calábria, trazida por imigrantes calabreses. Com o dinheiro arrecadado nos eventos, foi construí-

da, em 1918, a primeira capela, ampliada e transformada em paróquia em 1926. A paróquia, no entanto, foi dedicada inicialmente a São José. Somente em junho de 1949 passou a chamar-se Paróquia de Nossa Senhora de Achiropita.

Durante a Segunda Guerra, a quermesse foi suspensa, sendo retomada na década de 50. Em 1979, foi definitivamente para a rua. Recebe, atualmente um público de cerca de 200 mil pessoas e conta com mais de mil voluntários. Shows de música e outras atrações típicas animam o evento.



SÉCULOS DE TRADIÇÃO NAS ARTES PLÁSTICAS

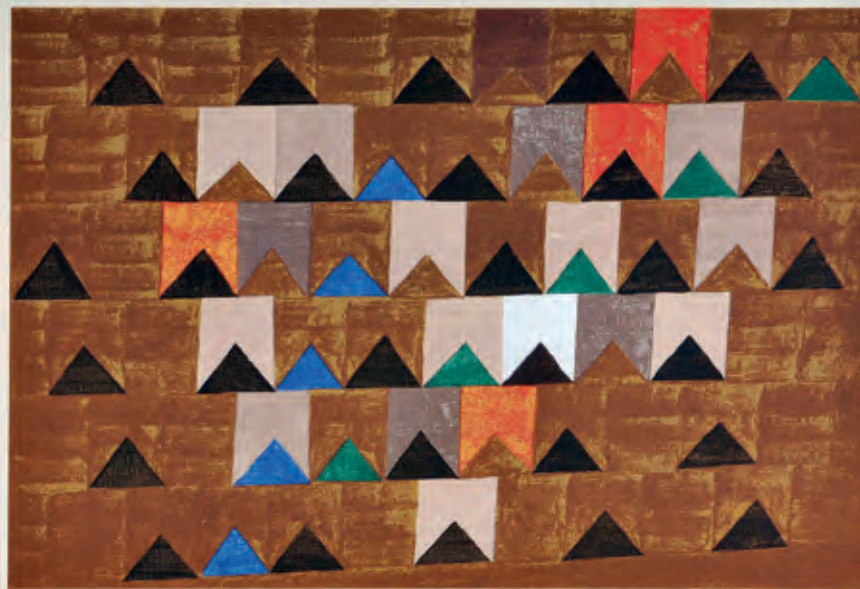
Nas artes plásticas, a base de formação italiana está no clássico da Roma Antiga e no Renascimento. A Itália é considerada a maior representante do movimento Renascentista, que se originou na Toscana, com a Renascença Italiana, entre os séculos XIII e XIV, se expandindo por toda a Europa, até o século XVI. Leonardo Da Vinci, Giotto di Bondone, Rafael, Donatello, Botticelli e Michelangelo são alguns dos representantes do Renascimento Italiano.

No Brasil, a influência da arte italiana começou em 1808, com a abertura dos portos, permitindo a entrada de vários tipos de produtos em solo brasileiro e dando início ao mercado da arte, o que contribuiu para a atuação mais frequente de artistas italianos no Brasil. Mais tarde, com a fundação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1826, e a instituição do ensino de Belas Artes no Brasil, a Itália se tornou uma das referências na formação de artistas brasileiros. Com a imigração, tudo isso se multiplicou.

Alfredo Volpi (1896 – 1988)

O pintor **Alfredo Volpi** nasceu em Lucca, em 1896. Com pouco mais de um ano, chegou ao Brasil com os pais, indo morar na cidade de São Paulo. Em 1911, começou a pintar paredes e murais de residências. Na mesma época, iniciou as pinturas em madeiras e telas. Em 1925, expôs pela primeira vez, numa mostra coletiva, no Palácio das Indústrias de São Paulo. Nos anos de 1930, participou da formação do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo e dos Salões da Família Artística Paulista (FAP), eventos para expor e falar sobre arte. Em 1939, iniciou a série de marinhas e paisagens urbanas de Itanhaém, litoral de São Paulo.

Sua primeira exposição individual foi aos 47 anos, em São Paulo, na Galeria Itá. Em 1940, ganhou o concurso do Instituto do Patrimônio His-



“Sem título”, de Alfredo Volpi, serigrafia sobre papel, 32×48cm

tórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 1953, recebeu o prêmio de Melhor Pintor Nacional da Bienal Internacional de São Paulo, dividido com Di Cavalcanti (1897-1976). Em 1956 e 1957, participou das Exposições Nacionais de Arte Concreta, e em 1958 recebeu o Prêmio Guggenheim. Naquele mesmo ano, pintou afrescos para a Capela da Nossa Senhora de Fátima, durante a construção de Brasília. No Rio de Janeiro, em 1962, recebeu o prêmio da crítica carioca, como melhor pintor do ano.

Em 1986, em comemoração aos 80 anos de Volpi, o Museu de Arte Moderna de São Paulo organizou uma retrospectiva, com a apresentação de 193 obras do artista, que morreu dois anos depois, em São Paulo. Sua tela “Casa na Praia” pertence ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP).

Anita Malfatti (1889 – 1964)

Anita Catarina Malfatti nasceu em São Paulo, no dia 2 de dezembro de 1889. Filha de um italiano com uma norte-americana descendente de alemães, aprendeu a usar a mão esquerda, devido a uma atrofia no braço direito. Aos 13 anos, após querer se matar, deitando debaixo dos



dormentes da linha do trem, teve uma revelação e decidiu se dedicar à pintura. Estudou artes e pintura em Berlim (Alemanha), entre 1910 e 1914, e em Nova Iorque (EUA), de 1915 a 1916. Em 1917, reuniu 53 de suas obras na “Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti”, em São Paulo. O evento foi um marco do movimento modernista no Brasil.

Ao lado de Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, formou o “Grupo dos Cinco”, que defendia as ideias da Semana de Arte Moderna de 1922 e da qual a artista participou com 22 trabalhos. Depois, entre 1923 e 1928, morou na França e realizou exposições em Berlim, Paris e Nova York. Em 1928, em São Paulo, começou a lecionar desenho na Universidade Mackenzie. Em 1942, foi nomeada presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo. Há quadros seus nos principais museus brasileiros: “A Estudante Russa” está no Museu de Arte Moderna, de São Paulo, “A Boba” está no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e “Uma Rua” no Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro.

Foto: Guilhermeguerraoc, Domínio público, Wikimedia.org



Altar da Capela do Cristo Operário de Portinari, em São Paulo (SP)

Cândido Portinari (1903 – 1962)

Filho de imigrantes italianos, **Cândido Portinari** nasceu numa fazenda de café, perto do povoado de Brodósqui, em São Paulo, em 1903. Já aos nove anos iniciou na pintura, auxiliando na decoração da Igreja Matriz de Brodósqui. Aos 15, mudou para o Rio de Janeiro para estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1928, conquistou o prêmio “Viagem ao Exterior” e, no ano seguinte, embarcou para Paris, percorrendo vários países da Europa, onde tomou a decisão de pintar o povo brasileiro, o que fez a partir de 1931, quando voltou ao Brasil. Sua produção é variada e em algumas telas apresenta lembranças de Brodósqui, jogos infantis e cenas de circo. Com forte preocupação social, suas obras mostravam tipos populares e enfatizavam o papel dos trabalhadores. Pela pintura Café (1934), em 1935, foi o primeiro modernista brasileiro premiado no exterior, com o prêmio do Carnegie Institute de Pittsburgh.

Entre 1936 e 1938, pintou um conjunto de afrescos para o prédio do en-

tao Ministério da Educação e Cultura, com tema ligado aos ciclos econômicos do País. Em 1941, fez os painéis para a Biblioteca do congresso americano, em Washington (EUA), com temas da história do Brasil e trabalhadores como protagonistas. Em 1956, inaugurou o painel “Guerra e Paz”, na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York, recebendo por ele o prêmio Guggenheim. Neles estão presentes a mãe com o filho morto, os retirantes e os meninos de Brodósqui.

Além de pintor, Portinari foi professor e ilustrou livros de Machado de Assis. Filiou-se ao Partido Comunista, foi candidato a deputado e senador, não se elegendando, e chegou a se exilar no Uruguai. Morreu no Rio de Janeiro, em 1962, vítima de intoxicação pelas tintas. Sua viúva, Maria Martinelli (1912-2006), e seu único filho, João Cândido, foram responsáveis por parte do acervo do Projeto Portinari (<http://www.portinari.org.br>), que funciona na PUC-RJ, fundado e dirigido pelo filho.



CONSTRUINDO CIDADES

Outra importante colaboração italiana se deu na construção do espaço urbano de várias cidades brasileiras. Muitos imigrantes arquitetos, engenheiros e escultores trabalharam, por exemplo, na reurbanização do Rio de Janeiro, no começo do século XX, quando Pereira Passos (1836 - 1913), então prefeito, iniciou uma reforma urbana inspirada no plano de remodelação de Paris.

Antonio Jannuzzi (1855 – 1949)

Jannuzzi nasceu em Fuscaldo, no dia 18 de junho de 1855. Aprendeu o ofício com o pai, mestre de obras, e com o arquiteto Battista Santoro. Aos 17 anos, emigrou para o Uruguai, com o irmão Giuseppe, de 15 anos, e dois tios. Após dois anos, veio para o Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro, em 1874. Tornou-se empreiteiro e fundou, com o irmão, a empresa Antonio Jannuzzi, Fratello & Cia, iniciando uma carreira de 50 anos, com cerca de 2.800 obras no Rio de Janeiro, Petrópolis e Valença.

A primeira grande obra dos irmãos foi o plano inclinado para a Ferrovia de Santa Teresa, que ligava o Largo dos Guimarães à Rua Riachuelo. A partir daí, passou a assinar vários projetos, entre eles grande parte da reformulação da Avenida Central. Jannuzzi também foi responsável pela construção do palacete Modesto Leal, na Rua das Laranjeiras (RJ), dos Palácios Fadel, Rio Negro e Itaboraí, em Petrópolis, e de vários templos religiosos. No Parque Noronha Santos, no Centro do Rio, há um busto do Comendador Antonio Jannuzzi.

Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844 – 1915)

Tommaso Gaudenzio Bezzi nasceu em Turim, no dia 18 de janeiro de 1844. Engenheiro e arquiteto, emigrou para o Brasil em 1875, fixando residência no Rio de Janeiro, onde realizou os projetos do antigo Banco do Comércio, no centro da cidade, do edifício do Clube Naval, na então

Domínio público, Wikimedia.org



Museu do Ipiranga, de Tommaso Bezzi, no início do século XX

Avenida Central, entre outros. Trabalhou para a Corte brasileira em várias cidades, no final do século XIX. Sua obra mais famosa é o edifício-monumento do Museu do Ipiranga, em São Paulo, patrocinada pelo governo imperial, entre 1885 e 1890. Na juventude, lutou ao lado de Giuseppe Garibaldi pela unificação da Itália.

Luigi Pucci (1853 - ?)

O construtor italiano **Luigi Pucci**, nascido em Grassina, em 1853, realizou vários projetos no Brasil, entre eles a obra do Monumento do Ipiranga, projetada por Tommaso Bezzi. Em São Paulo, onde vivia, construiu diversos edifícios para a elite cafeeira. Em Campinas, foi responsável pela obra do Palácio Itapura, de Joaquim Policarpo Aranha, o barão de Itapura. Também construiu a Chácara do Carvalho, uma referência na cidade de Limeira (SP). Em 1894, associou-se a Giulio Micheli, jovem arquiteto italiano para quem deixou seu estúdio.

Giulio Micheli (1862 – 1919)

O arquiteto **Giulio Micheli** chegou ao Brasil em 1888, aos 26 anos. Como urbanista, foi responsável pelo primeiro plano embrionário de urbanização da cidade de São Paulo. Também realizou obras na Avenida Paulista. Outras obras famosas são: Santa Casa de Misericórdia, Hospital Matarazzo, Colégio Dante Alighieri, Viaduto Santa Ifigênia e o antigo Banco Francês e Brasileiro, inspirado no Palácio Strozzi, da Itália.



LIVROS E LITERATURA

Dante Alighieri, autor de “A Divina Comédia”, Giovanni Boccaccio, de “Decameron”, Nicolau Maquiavel, que escreveu “O Príncipe”, e Umberto Eco, “O Nome da Rosa”. A literatura italiana é repleta de grandes nomes, que produziram grandes obras. No cenário brasileiro, os italianos também deixaram a marca de seu talento e de sua história. Um exemplo é “O Quatrilho”, romance de José Clemente Pozenato, de 1985, que conta a história de dois casais de imigrantes italianos, no Rio Grande do Sul, em 1910. O livro foi adaptado para o cinema e concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro, em 1996. Érico Veríssimo, autor da saga “O Tempo e o Vento”, foi outro escritor que utilizou os imigrantes como personagens de seus romances.

Zélia Gattai (1916 – 2008)

Zélia Gattai nasceu em São Paulo, no dia 2 de julho de 1916. Filha dos italianos Ernesto e Angelina Gattai, participou com os pais do movimento operário, organizado por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis. Aos 19 anos, casou-se com Aldo Veiga, intelectual e militante comunista. Em 1945, já separada, conheceu o escritor Jorge Amado, também militante e com quem passou a viver e trabalhar.

Em 1948, partiram para o exílio na Europa e Ásia, após o Partido Comunista ser considerado ilegal. Retornaram ao Brasil em 1952, passando a morar no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, compraram uma casa em Salvador (BA), no bairro do Rio Vermelho, para onde se mudaram.

Em 1963, a escritora publicou uma fotobiografia de Jorge Amado e, aos 63 anos, lançou seu primeiro livro, “Anarquistas, Graças a Deus”, de memórias da infância como filha de imigrantes italianos, anarquistas e católicos. A obra recebeu o Prêmio Paulista de Revelação Literária, e foi adaptada para uma minissérie na televisão. Publicou vários outros livros, de memórias, infantis e um romances.

Em 2001, após a morte de seu companheiro de 56 anos, foi eleita para a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, ocupada anteriormente pelo marido.

Os irmãos Constantino Ianni e Otávio Ianni

Escritor, jornalista e economista, **Constantino Ianni** (1913 – 1977) formou-se em Direito, em São Paulo, com especialização em Economia, nos EUA. Foi redator de Economia e Finanças e de assuntos internacionais da Folha da Manhã e da Folha de São Paulo. Escreveu os livros: “Homens sem Paz”, de 1963, que analisou a imigração italiana para o Brasil, e “Il sangue degli emigrante”, entre outros sobre industrialização e economia, e foi co-autor da obra “Capítulos da História da Indústria Brasileira”.

Octavio Ianni (1926 – 2004) é considerado um dos mais importantes sociólogos do País. Suas principais obras são: “Cor e Mobilidade Social em Florianópolis” (1960, em colaboração com Fernando Henrique Cardoso), “Homem e Sociedade” (1961, também com Cardoso), “Política e Revolução Social no Brasil” (1965), “Estado e Capitalismo no Brasil” (1965), “O Colapso do Populismo no Brasil” (1968). Recebeu dois prêmios Jabuti e o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, como Intelectual do ano, em 2000.

Mario Contini Junior: caminho inverso

O escritor **Mario Contini Junior**, nascido em 1962, é filho de imigrantes italianos que trabalharam na construção de Brasília. No caminho contrário ao percorrido pelos pais, o autor de “Italiano por acaso”, “Canudos, a Guerra no Sertão do Brasil” e “Os Demônios com Botas - a Guerrilha do Araguaia”, resolveu, aos 27 anos, já formado em Letras, viver na Itália, onde já está há 30 anos. Lá, escolheu ajudar pessoas que tomaram a mesma decisão e fundou, em 2004, a Associação Intercultural Pontum, cujo objetivo é facilitar a inserção de estrangeiros no país e a convivência pacífica com imigrantes. Localizada na cidade de Nettuno, a instituição colabora com escolas, fazendo mediação cultural em comunidades estrangeiras.



CINEMA E TEATRO

O desenvolvimento do cinema e do teatro brasileiros tem participação direta de italianos que aqui desembarcaram. Apesar da primeira exibição de cinema no Brasil, em julho de 1896, na cidade do Rio de Janeiro, ter sido realizada pelo francês Henri Paillie, foi um italiano, Vito Di Maio, que, já em 1891, instalou uma sala exibidora com espetáculo de lanterna mágica, na Rua do Ouvidor. E coube a outro italiano, Paschoal Segreto, em 1897, a inauguração oficial da primeira sala de cinema do País, justamente comprada de Di Maio, três anos antes.

E foi Paschoal Segreto quem fez dessa arte um negócio, aumentando o número de salas no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades e produzindo dezenas de filmes. Seu irmão, Alfonso Segreto, teria realizado as primeiras filmagens no Brasil - na Baía de Guanabara, no Rio, e na celebração da unificação da Itália, em São Paulo.

Mais tarde, outro italiano, Franco Zampari, que chegou ao Brasil em 1922, aos 24 anos, para trabalhar como engenheiro na Metalúrgica Matarazzo, deu novo rumo ao teatro e cinema brasileiros. Ele fundou o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1948, e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em 1950. Ambos os empreendimentos foram responsáveis por grandes espetáculos e pelos primeiros clássicos do cinema nacional.

Zampari reuniu no TBC e na Vera Cruz artistas como: Alberto Cavalcanti, Cacilda Becker, Paulo Autran, Sérgio Cardoso, Tônia Carrero, Walmor Chagas, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Cleyde Yáconis e Mazzaropi. E trouxe da Itália os cinco diretores - Adolfo Celi, Ruggero Jacobbi, Luciano Salce, Flaminio Bollini Cerri e Gianni Ratto - que, segundo a autora do livro “A missão italiana”, Alessandra Vannucci, mudaram a história do teatro no Brasil, estabelecendo o teatro de direção e não mais de grandes estrelas. Zampari morreu em 1966, praticamente esquecido pela imprensa e pela classe artística, tendo perdido uma fortuna no TBC e na Vera Cruz.

Amácio Mazzaropi (1912-1981)

Nome inesquecível na história do cinema brasileiro, **Amácio Mazzaropi** nasceu no dia 9 de abril de 1912, em São Paulo (SP). Filho de um imigrante italiano com uma descendente de portugueses. Encantou-se pelo circo e, aos 14 anos, ingressou na caravana do Circo La Paz. Em 1932, em Taubaté, fez sua primeira peça de teatro amador. Em 1940, criou sua própria companhia, a Troupe Mazzaropi, que se apresentava pelo interior.

No teatro profissional, estreou em “Filho de Sapateiro, Sapateiro Deve Ser”, em 1945. O sucesso o levou à rádio Tupi, para o programa Rancho Alegre. Quando surgiu a televisão, em 1950, o programa passou a ser apresentado na TV Tupi.

Foi chamado para atuar no filme “Sai da Frente”, pela Vera Cruz, em 1952, onde fez também outros dois filmes. Fez mais cinco filmes por outras produtoras e, em 1958, vendeu sua casa e fundou a Produções Amácio Mazzaropi (Pam Filmes), passando a produzir e distribuir seus próprios filmes. A empresa estreou com “Chofer de Praça”. Depois veio “Jeca Tatu”, um de seus maiores sucessos.

Em sua fazenda, comprada em 1961, Mazzaropi construiu um estúdio cinematográfico, onde foi produzido “Tristeza do Jeca”, seu primeiro filme colorido, e o campeão de bilheteria “O Corintiano”. Morreu no dia 13 de junho de 1981, vítima de câncer na medula óssea. Deixou um filho adotivo.

Gianfrancesco Guarnieri (1934 – 2006)

Nascido em Milão, na Itália, no dia 6 de agosto de 1934, o autor e ator **Gianfrancesco Sigfrido Benedetto Marinenghi de Guarnieri**, chegou ao Brasil aos dois anos, indo morar no Rio de Janeiro. Em 1954, mudou-se para São Paulo, onde passou a integrar o Teatro Paulista do Estudante. Em 1957, escreveu sua primeira peça, “Eles não usam black-tie”. O espetáculo foi um marco do teatro brasileiro e ganhou as telas de cinema. A obra retratava a vida de operários em greve e os conflitos entre um sindicalista e seu filho.



Com o musical “Castro Alves Pede Passagem”, de 1971, ganhou os prêmios Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCA) e Molière de melhor autor. Outra obra, “Ponto de Partida”, de 1976, lhe rendeu os prêmios Molière, Mambembe e APCA de melhor texto.

Começou a trabalhar na televisão em 1967, na TV Tupi, atuando em novelas e minisséries, como: “Mulheres de Areia”, “O Tempo e o Vento”, “Éramos Seis” e “Terra Nostra”, entre outras. Na Rede Globo, também escreveu e dirigiu episódios da série “Carga Pesada”.

Adolfo Celi (1922 – 1986)

Adolfo Celi nasceu em 1922, em Messina, Itália. Desembarcou em São Paulo, em janeiro de 1949, convidado por Franco Zampari, para a direção artística do Teatro Brasileiro de Comédia. Seu primeiro espetáculo no Brasil foi “Nick Bar... Álcool, Brinquedos, Ambições”, que estreou em junho de 1949, com Cacilda Becker, sua futura esposa. O primeiro filme, pela companhia de cinema Vera Cruz, foi “Caiçara”, com roteiro seu, de Alberto Cavalcanti e Ruggero Jacobbi.

Em 1956, no Rio de Janeiro, ao lado de Tônia Carreiro, sua segunda esposa, e de Paulo Autran, fundou a Companhia de Teatro Tônia-Celi-Autran (CTCA). Em 1961, se despediu do Brasil e voltou à Itália, onde desenvolveu sua carreira de ator de cinema. Retornou ao Brasil em 1978, a convite de Paulo Autran, para dirigir a comédia “Pato com Laranja”, e outra comédia para Tônia Carrero, “Teu Nome é Mulher”, seu último trabalho em solo brasileiro. Morreu em Lazio, na Itália, em 1986.

Fernanda Montenegro (1929)

Nome artístico de **Arlette Pinheiro Monteiro Torres**, nasceu no dia 16 de outubro, no Rio de Janeiro. Neta, pelo lado materno, de imigrantes italianos, é considerada uma das melhores atrizes do teatro, cinema e televisão brasileiros. Foi a primeira latino-americana a ser indicada ao Oscar de Melhor Atriz, por “Central do Brasil”, em 1999. Por sua interpretação no filme, conquistou o Urso de Prata do Festival de Berlim de 1998. Também recebeu a Ordem Nacional do Mérito Grã-Cruz “pelo

reconhecimento ao destacado trabalho nas artes cênicas brasileiras” e foi a primeira brasileira a receber o Emmy Internacional na categoria de melhor atriz por sua atuação em “Doce de Mãe”, de 2013.

Fernanda encenou sua primeira peça aos oito anos, numa igreja. No grupo do Teatro Ginástico, ao lado de Nicete Bruno, Beatriz Segall e Fernando Torres, com quem se casou, fez sua estreia profissional em “3.200 Metros de Altitude”. Na televisão, foi a primeira atriz contratada pela TV Tupi. Já atuou em cerca de 500 peças e dezenas de novelas e filmes.

Tônia Carrero (1922 – 2018)

Maria Antonieta de Farias Portocarrero, ou **Tônia Carrero**, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de agosto de 1922. Coursou teatro em Paris, após fazer um papel no filme “Querida Susana”. Atuou em vários filmes da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Estrou nos palcos no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), com a peça “Um Deus Dormiu Lá em Casa”. Formou a Companhia Tônia-Celi-Autran (CTCA), com seu segundo marido, Adolfo Celi, e o ator Paulo Autran.

Na TV Rio, apresentou o programa “No Mundo de Tônia”, de música, poesia e dança. Atuou em novelas como “Água Viva” e “Louco Amor”, na Rede Globo. Gerou uma família de atores: o filho Cecil Thiré, do primeiro casamento com o artista plástico Carlos Arthur Thiré, e os netos Miguel, Luísa e Carlos Thiré.

Alberto Cavalcanti (1897 – 1982)

Cineasta, nascido no dia 6 de fevereiro de 1897, no Rio de Janeiro, **Alberto de Almeida Cavalcanti**, descendente do clássico poeta de Florença, Guido Cavalcanti, nasceu numa das mais antigas famílias de origem italiana, chegada ao Brasil já no século 16. Arquiteto de formação, dirigiu seus primeiros filmes em 1925, na França, alcançando grande sucesso com “En rade”. Nos anos de 1930, na Inglaterra, dirigiu vários documentários, notabilizando-se pela revolucionária direção de som nos Estúdios Ealing. Dirigiu vários longas de ficção e documentários na Europa, onde se destaca o clássico “Herr Puntilla und sein Knecht Matti”.



Voltou ao Brasil em 1949 e ajudou a criar a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, onde foi produtor-geral. Roteirizou e produziu os dois primeiros filmes da empresa: “Caiçara” e “Terra é Sempre Terra”. Deixou a Vera Cruz em 1951 e, no ano seguinte, dirigiu “Simão, o Caolho”, na Cinematográfica Maristela, da qual se tornou sócio, mudando seu nome para Kino Filmes. Em 1954 foi trabalhar na TV Record. No final do ano, mudou-se para a Áustria, contratado por um estúdio. Faleceu na França, em 23 de agosto de 1982.

Iberê Cavalcanti (1935)

Nascido no dia 26 de março de 1935, o cineasta foi membro do famoso grupo O Tablado e cursou interpretação na Fundação Brasileira de Teatro, onde foi aluno de Henriete Morineau, Adolfo Celi, Dulcina de Moraes e Maria Clara Machado, entre 1955 e 1958. No exterior, foi rádioator e apresentador em RTF de Paris, na BBC de Londres, Rádio Berlim Internacional, Rádio Havana Cuba. Participou do coletivo de direção no Teatro Berliner Ensemble, de Bertoldt Brecht, à época dirigido por Manfred Weckwert. Foi o primeiro diretor brasileiro contratado pelo ICAIC- Instituto Cubano del Arte e Indústria Cinematográficos e pela TV de Berlim onde roteirizou e dirigiu documentários e curtas-metragens.

De retorno ao Brasil em 1968, seu primeiro longa foi “A Virgem Prometida”, seguido de outros, como “Um Sonho de Vampiro”, “A Força de Xangô” e o mais recente “Terra de Deus”, todos ganhadores de diversos prêmios em festivais de cinema no Brasil e no exterior.

Durante os anos de chumbo da ditadura militar, em 1973, foi o idealizador e um dos fundadores da ABD – Associação Brasileira de Documentaristas. Foi diretor da Abraci (Associação Brasileira de Cineasta) e da Cooperativa Brasileira de Cinema. Continua ativo com a produção de projetos culturais inclusivos nas áreas do cinema, da música e edição de livros.

Outros personagens na cena

Gianni Ratto (1916 - 2005) – Nascido em Milão, veio para o Brasil em 1954, para dirigir peças no Teatro Maria Della Costa. Posteriormente foi contratado pelo TBC. Em mais de 50 anos de carreira foi diretor, cenógrafo, figurinista e iluminador, dirigiu óperas, e lecionou em universidade. Na televisão, dirigiu a novela “Os Imigrantes”, em 1981. Em 2003, recebeu o Prêmio Shell por sua contribuição ao Teatro Brasileiro.

Ruggero Jacobbi (1920 - 1981) – natural de Veneza, chegou ao Brasil em 1946, onde viveu 14 anos. Foi autor e diretor teatral, professor, ensaísta, cenógrafo, crítico, tendo atuado ainda no cinema e na televisão.

Luciano Salce (1922 - 1989) – nasceu em Roma. O diretor, roteirista e ator veio para o Brasil a convite de Adolfo Celi. Aqui, deu aula de direção teatral, foi vice-diretor artístico do TBC e atuou e dirigiu filmes na Vera Cruz.

Flaminio Bollini Cerri (1924 - 1978) – italiano de Milão, chegou ao Brasil aos 23 anos, chamado para ser um dos diretores do Teatro Brasileiro de Comédia. Trabalhou também para a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Em 1958, dirigiu “A Alma Boa de Setsuan”, de Bertold Brecht, primeira encenação profissional do autor e seu último trabalho no Brasil.

Jorge Miguel Ileli (1925 - 2003) – diretor, roteirista, produtor, livreiro e crítico de cinema, nasceu no Rio de Janeiro. Começou como crítico, escrevendo para revistas e jornais. Em 1952, escreveu e dirigiu, na produtora Atlântida, o policial “Amei um Bicheiro”, ao lado de Paulo Vanderley (1903-1973). Em 1966, abriu a rede de livrarias Entrelivros, sucedida em 1977 pela também editora e distribuidora Unilivros. Em 1968, fundou a Entrefilmes. Para o Instituto Nacional de Cinema (INC), fez curtas documentais. Em 1976, lançou “O Mundo em que Getúlio Viveu”.

Maria Della Costa (1926 - 2015) – filha de imigrantes italianos, nasceu em Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Foi descoberta pelo jornalista Justino Martins, na rua, quando virou capa da Revista Globo. Trabalhou como show-girl e como modelo da Casa Canadá. Em 1944, estreou no teatro em “A Moreninha”. Estudou arte dramática em Portugal e atuou em vários espetáculos em 1946 e 1947. Fundou o Teatro Popular de Arte, em 1948, com seu segundo marido, Sandro Polloni. Em 1954, ambos inauguram o Teatro Maria Della Costa. Atuou também no cinema e na TV. Em 2002, foi homenageada pelo Ministério da Cultura com a Ordem do Mérito Cultural.



MÚSICA E DANÇA

Um dos berços da ópera, a Itália revelou compositores e maestros, como Giuseppe Verdi, Giacomo Puccini e Gioachino Rossini, e tenores como Luciano Pavarotti e Andrea Bocelli. Na música erudita, tem nomes como Antonio Vivaldi, Domenico Scarlatti e Arcangelo Corelli.

Dos ritmos tradicionais, os dois mais famosos são a Tarantela, originária da região da Campania, e a Siciliana, nascida na região da Sicília. A Tarantela é uma dança popular animada, praticada por casais que trocam de parceiros ao longo da execução. Já a Siciliana tem um ritmo mais lento, marcado pela música barroca, sendo, além de dança, uma espécie de manifestação religiosa. Compositores como o alemão Johann Sebastian Bach e o francês Gabriel Fauré escreveram obras deste estilo.

Vicente Celestino (1894 – 1968)

O cantor e compositor, Antônio **Vicente Filipe Celestino**, nasceu no dia 12 de setembro de 1894. Um dos mais famosos intérpretes da chamada época de ouro da música brasileira, era filho de imigrantes italianos da Calábria, o mais velho de onze irmãos. Começou se apresentando em festas, serenatas e chopos-cantantes, em 1913. Às vezes cantava em italiano. O início profissional foi no Teatro São José, em São Paulo, com a valsa “Flor do Mal”, que entrou em seu primeiro disco, pela Odeon, em 1915. Emplacou sucessos como “Urubu Subiu”, “À Luz do Luar”, “Ai, Ioiô (Linda Flor)”, “O Ébrio”, “Conceição” e “Serenata”, entre outros, sendo muitos de sua autoria. Foi o primeiro cantor a gravar o hino nacional brasileiro.

O artista, que tocava violão e piano, gravou 137 discos em 78 RPM, com 265 músicas, e mais dez compactos e 31 LPs. Duas de suas canções resultaram em filmes de grande sucesso: “O Ébrio”, de 1946, e “Coração Materno”, de 1951, estrelados pelo próprio autor e dirigidos por sua esposa, a atriz, cantora, escritora e cineasta, Gilda Abreu (1904 – 1979). Sua voz de tenor lhe rendeu o título de “A Voz Orgulho do Brasil”.



Domínio público, Wikimedia.org

Vicente Celestino atua no filme O Ébrio de 1946.

Morreu no dia 23 de agosto de 1968, no Hotel Normandie, em São Paulo, antes de sair para um show com Caetano Veloso e Gilberto Gil. Seu corpo foi transferido para o Rio de Janeiro, onde foi velado por uma multidão na Câmara dos Vereadores e sepultado no Cemitério de São João Batista. Em Nilópolis, na Baixada Fluminense, e Sorocaba, no interior paulista, duas ruas levam seu nome.

Francisco Mignone (1897 – 1986)

Pianista, regente e compositor erudito, nasceu em São Paulo, no dia 3 de setembro de 1897. Filho do flautista Alfério Mignone, imigrante italiano, Francisco formou-se em flauta, piano e composição, em 1917. Com o pseudônimo de Chico Bororó, assinou várias músicas populares. Em 1918, apresentou, no Theatro Municipal de São Paulo, algumas de suas obras, como “Caramuru” e “Suíte Campestre”. Estudou também em Milão, onde escreveu sua primeira ópera, “O Contratador de Diamantes”, e “L’Innocente”. Em 1929, tornou-se professor do Conservatório Dramático e Musical, onde se formou 12 anos antes. Em 1933, no Rio de Janeiro, assumiu como professor de regência do Instituto Nacional de Música. Em 1936, participou da fundação do Conservatório Brasileiro de Música. Realizou diversos concertos na Europa.



Foi diretor do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, presidente da Academia Brasileira de Música e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Ao longo de sua carreira recebeu diversos prêmios, como a Ordem do Rio Branco (1972) e Prêmio Shell de Música Brasileira (1982). Em 1997, foi homenageado no I Concurso Nacional Funarte de Canto Coral, pelo centenário de seu nascimento.

Adoniran Barbosa (1910-1982)

Cantor, compositor, radialista, comediante e ator, **João Rubinato**, nascido em Valinhos (SP), no dia 6 de agosto, adotou o pseudônimo em homenagem a um amigo (Adoniran) e a um ídolo, o cantor Luís Barbosa. Sétimo filho de um casal de imigrantes italianos de Treviso, trabalhou como varredor de fábrica de tecidos, encanador, pintor, garçom, metalúrgico e vendedor, entre outras coisas.

Chegou à capital paulista aos 22 anos, onde participou de programas de calouros no rádio. Em 1934, conquistou o primeiro lugar no concurso carnavalesco da prefeitura da cidade, com a marcha “Dona Boa”, em parceria com J. Aimberê. Em 1941, começou a trabalhar na Rádio Record, onde atuou como comediante, discotecário e locutor por mais de 30 anos, notabilizando-se como radialista cômico e interpretando vários personagens, como: o aluno Barbosinha Mal-Educado da Silva, o motorista de táxi Giuseppe Pernaфина, o malandro malsucedido Charutinho, entre outros.

Na década de 1950, suas músicas começaram a fazer sucesso, após a gravação, pelos “Demônios da Garoa”, de “Saudosa Moloca”, “Samba do Arnesto” e outras. “Tiro ao Álvaro”, gravada por Elis Regina, em 1980, é outra de suas composições tocadas até hoje. Pode ser considerado o pai do samba paulistano.

Toquinho (1946)

Antônio Pecci Filho, cantor, compositor e violinista, nasceu em São Paulo, no dia 6 de julho, em uma família de descendentes de imigrantes. Seus avós paternos chegaram ao Brasil em 1895. Em entrevistas, o artista já falou do orgulho de ser oriundi. Começou a ter aulas de violão e harmonia aos 14 anos e iniciou a carreira se apresentando em

colégios e faculdades e, depois, em 1963, nos shows do Teatro Paramount, como instrumentista.

Em 1966, gravou seu primeiro disco solo instrumental, “O Violão de Toquinho” e, nos anos seguintes, participou dos famosos festivais nacionais da canção. Em 1969, passou sete meses na Itália, com o amigo Chico Buarque. Em 1971, gravou em italiano, com Vinicius de Moraes, algumas das primeiras músicas da dupla. Passou várias vezes pela Itália.

Ao longo da carreira, musicou peças de teatro e compôs com Chico Buarque, Vitor Martins, Paulo Vanzolini, Jorge Bem e Vinicius de Moraes, entre outros. A parceria com Vinicius rendeu cerca de 120 canções e 25 LPs, no Brasil e no exterior. Com Vinicius também produziu dois discos “A Arca de Noé” para o público infantil (1980 e 1981), transformados em programas para a televisão. Pelo LP “Aquarela”, de 1983, grande sucesso na Itália, foi o primeiro brasileiro a receber o disco de ouro naquele país. Toquinho comemorou 50 anos de carreira em 2016.

Fred Rovella (1947)

Cantor, compositor e showman, o tenor ítalo-brasileiro **Alfredo Rovella**, nasceu no dia 2 de outubro e iniciou sua carreira nos anos 70, num concurso da Rede Globo. Formado em canto lírico, ficou famoso por interpretar canções italianas. É uma das atrações obrigatórias nas mais importantes festas italianas do Brasil. Entre os álbuns gravados, destacam-se: “Cantina Nostra”, “Itália Sertaneja” e “Fundamental – Viva Itália”.

Fred Rovella na Praça Comendador Matarazzo, São Caetano do Sul (SP)



Divulgação Fred Rovella



MINO CARTA: CRIADOR DE REVISTAS

Ricardo Stucker/Agência Brasil



O jornalista, editor, escritor, pintor e empresário **Mino Carta**, ou **Demetrio Carta**, nasceu no dia 6 de setembro de 1933, em Gênova, na Itália, filho de Giovanni Carta e Clara Becherucci Carta. Entrou numa redação pela primeira vez aos 4 anos, com o pai, então redator-chefe do jornal *Século XIX*. Chegou ao Brasil aos 12 anos, com a família, pois seu pai havia aceitado o convite de Francisco Matarazzo para dirigir a redação do jornal *Folha de S. Paulo*.

Sua primeira experiência profissional no jornalismo foi em 1950, no Rio de Janeiro, como repórter esportivo, cobrindo a Copa do Mundo de Futebol para o jornal *Il Messaggero*, de Roma. Em 1960, a convite de Victor Civita, da Editora Abril, participou da criação e direção da revista *Quatro Rodas*. Depois, criou o *Jornal da Tarde*, do jornal *O Estado de S. Paulo*. De volta à Editora Abril, deu início à revista semanal *Veja e Leia* (mais tarde apenas *Veja*), cuja primeira edição circulou no dia 8 de setembro de 1968. Deixou a publicação em 1976 e no mesmo ano criou a revista *IstoÉ*. Criou também o *Jornal da República*, em 1979, que durou poucos meses. Em abril de 1982, assumiu a direção da revista *Senhor*, que depois se fundiu com a *IstoÉ*, formando a *IstoÉ/Senhor*, onde Mino ocupou o cargo de diretor de redação até 1993. No ano seguinte, fundou a revista *Carta Capital*, na qual ainda atua como diretor de redação.

Como pintor, expôs pela primeira vez em uma coletiva de paisagens brasileiras, ao lado de artistas como Portinari, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, em 1956. No ano seguinte, fez sua primeira exposição individual, em Milão (Itália). A partir daí, fez mais de 20 exposições individuais. Como escritor, publicou, entre outros, os livros: *Histórias da Mooca*, com a bênção de San Gennaro (1983); *Castelo de Âmbar* (2000); e *A Vida de Mat* (2016). Recebeu diversos prêmios no setor de comunicação.

GERSON CAMATA: UM FIM TRÁGICO

Fabio R. Pozzebom/Agência Brasil



Jornalista e economista, **Gerso Camata** nasceu em Castelo, cidade capixaba, no dia 29 de junho de 1941. Descendente de italianos – seus pais, Higino Camata e Julia Bragato, eram filhos de imigrantes camponeses –, trabalhou em rádio e televisão e foi diretor de jornalismo dos *Diários Associados*, no *Espírito Santo*. Começou sua carreira política em 1966, quando foi eleito vereador em Vitória, pela Arena. Foi deputado estadual entre 1971 e 1975 e deputado federal por dois mandatos, entre 1975 e 1983. Em 1980, filiou-se ao PMDB e, em 1983, foi o primeiro governador do *Espírito Santo* eleito após a redemocratização do Brasil. Exerceu ainda três mandatos como senador, entre 1987 e 2011. Como parlamentar, participou da Constituinte e foi autor do projeto de lei que deu origem ao Estatuto do Desarmamento.

Casado com Rita Camata, deputada federal por cinco mandatos e relatora do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei de Responsabilidade Fiscal, com quem teve dois filhos, o político foi assassinado no dia 26 de dezembro de 2018, com um tiro, na Praia do Canto, em Vitória. Marcos Vinícius Moreira Andrade, seu ex-assessor, foi preso e confessou o crime, motivado por uma ação judicial movida contra ele por Camata, que resultou no bloqueio de 60 mil reais de sua conta bancária.

A Casa d'Italia do *Espírito Santo*, associação que representa os ítalo-capixabas, manifestou nota de pesar, assinada pelo então presidente, Cilmar Franceschetto, que ao final do texto, escreveu: “Grazie tante Camata, stia con dio. Rimarrai per sempre nel cuore della colonia italiana dello Spirito Santo”.



ITAMAR FRANCO: O 33º PRESIDENTE DO BRASIL

Radiobrás - Arquivo Nacional do Brasil



Presidente do Brasil entre 1992 e 1994, **Itamar Augusto Cautiero Franco** foi engenheiro, prefeito de Juiz de Fora, senador, governador do Estado de Minas Gerais e vice-presidente do Brasil, antes de chegar ao Palácio do Planalto. Seu pai, Augusto César Stiebler Franco, morreu de malária e não chegou a conhecer o filho, que, segundo a versão mais conhecida, nasceu a bordo de um navio, dia 28 de junho de

1930, enquanto sua mãe, Itália América di Lucca Cautiero, filha de imigrantes italianos, viajava do Rio de Janeiro (RJ) para Salvador (BA). Foi criado, porém, em Juiz de Fora (MG), onde chegou aos quatro meses. Na infância, ajudava a mãe a entregar marmitas.

Em 1958, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, se candidatou a vereador e vice-prefeito de sua cidade, sem sucesso. Filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1966, sendo eleito prefeito de Juiz de Fora, no mesmo ano, e novamente em 1972. Em 1974,

deixou a prefeitura para concorrer ao Senado Federal pelo estado de Minas Gerais, ganhando e permanecendo como senador por dois mandatos. Filiou-se ao Partido Liberal (PL) em 1982 e depois ao Partido da Reconstrução Nacional (PRN), quando foi eleito vice-presidente da República em 1989, no governo de Fernando Collor de Mello. Com o processo de impeachment de Collor, assumiu a presidência cumprindo o mandato entre 1992 e 1994. Na ocasião, já havia retornado ao PMDB.

À frente do governo, lançou o Plano Real, em 1º de março de 1994, que levou à queda da inflação e ao crescimento e estabilidade econômica. Durante sua gestão também foi realizado, em abril de 1993, o plebiscito para a escolha do sistema de governo brasileiro, vencendo o presidencialismo. Após deixar a Presidência da República, tornou-se embaixador do Brasil em Portugal. Após dois anos, foi eleito governador de Minas Gerais, cargo que ocupou entre 1999 e 2002. Depois, foi embaixador na Itália. Já na gestão do governador Aécio Neves, Itamar presidiu, entre 2007 e 2010, o Conselho de Administração do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). Em 2009, mudou para o Partido Popular Socialista (PPS), pelo qual se elegeu novamente senador, em 2010.



Agência Senado

RICUPERO: DUAS VEZES MINISTRO

Jurista, historiador e diplomata, **Rubens Ricupero** nasceu no dia 1º de março de 1937, numa família de imigrantes italianos, no bairro do Brás, em São Paulo. Foi Ministro do Meio Ambiente e Amazônia Legal e Ministro da Fazenda, ambos no governo de Itamar Franco, sendo considerado pelo então presidente como o “sacerdote do Plano Real”. Também atuou como: assessor internacional de Tancredo Neves; assessor especial de José Sarney; representante do Brasil e secretário-geral na ONU, e embaixador nos Estados Unidos e Itália.

Ricupero é também escritor, tendo produzido mais de dez obras, entre elas: “A Nova inserção internacional do Brasil”, de 1994.



BANCAS: TUDO COMEÇA COM MOEDA DE VENEZA

Entre os imigrantes italianos que desembarcaram no Brasil, estavam os gazeteiros, substantivo que tem origem na palavra Gazetta, moeda de Veneza no século XVI, que depois deu nome ao jornal *Gazetta Veneta*, que circulou na cidade a partir de 1760. Com o tempo, gazeta virou sinônimo de jornal e gazeteiro¹ foi o nome dado a quem os vendia pelas ruas.

No Brasil, a atividade já era exercida pelos negros escravizados, que saíam pelas cidades exibindo os jornais e anunciando as principais manchetes do dia. Com a chegada dos gazeteiros, o trabalho mudou de mãos. Sem ponto fixo para as vendas, eles carregavam nos ombros pilhas de jornais amarrados. Até que um desses imigrantes, Carmine Labanca, determinou um único local para a venda das publicações. Em 1880, montou uma bancada, no Largo do Machado, no Rio, feita sobre caixotes de madeira com uma tábua em cima, para apoiar e expor os jornais. O nome “banca” de jornal, portanto, se deu em homenagem ao italiano, pois os moradores da região costumavam avisar: –vou no “Labanca” comprar jornal.

O sucesso do negócio originou outras “bancas” em todo o País. Em 1910, elas evoluíram para estruturas de madeira que protegiam produto e vendedores do sol e da chuva. Em 1911, decreto da prefeitura do então Distrito Federal, estabeleceu a necessidade de licença para a comercialização de jornais e revistas nas bancas. Em 1935, foi fundada a Associação dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de São Paulo. Na década de 50, iniciou-se o processo de reconhecimento das bancas como um estabelecimento comercial e não mais como local de venda de ambulante. Por exigência da prefeitura, as bancas deixaram de ser de madeira em São Paulo. Com o tempo, em todo o País, elas foram substituídas por bancas de metal.



Banca de jornais e revistas em Avaré, São Paulo, Brasil

Foto de José Reynaldo da Fonseca – Wikimedia.org

A distribuição

Na década de 1940, outro italiano, Fernando Chinaglia, iniciou no negócio de distribuição de jornais e revistas, criando a Fernando Chinaglia Distribuidora, que começou com um depósito no Rio de Janeiro, e se expandiu para centros de expedição no Rio, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Porto Alegre, tornando-se uma das maiores do Brasil. Paralelamente, um descendente de italiano, Victor Civita, nascido nos Estados Unidos, chegou ao Brasil, para fundar aqui a Editora Abril, que seu irmão Cesar já havia criado na Argentina.

O destino das empresas viria a se unir em 2009, quando o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovou a aquisição, feita em 2007, da Fernando Chinaglia pela Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap), do Grupo Abril. Com a unificação, foi criada a Treelog Logística e Distribuição. Em 2016, a Total Express, outra empresa de logística do Grupo Abril absorveu as demais empresas.

1. A palavra “gazeteiro” também designa o aluno que costuma faltar aula (gazetear). Isso porque os estudantes passavam o tempo da aula nas bancas, folheando jornais e revistas.



FAMÍLIAS QUE FIZERAM HISTÓRIA

De acordo com o Istituto Nazionale di Statistica, órgão do governo italiano, existem cerca de 350 mil nomes de famílias diferentes na Itália - o país seria o que tem o maior número de sobrenomes no mundo. No Brasil, devido à imigração italiana, são milhares os descendentes que carregam seus sobrenomes italianos. Alguns exemplos famosos e atuais são: Gagliasso (Bruno), Mazzafera (Grazi), Meneghel (Xuxa), Barrichelo (Rubinho), Palocci (Antônio), Mercadante (Aloizio), Lombardi (Bruna), Taffarel (Cláudio), Cuoco (Francisco), Castelli (Henri), Casagrande (Walter), e até Bolsonaro (Jair). Há outros sobrenomes que ganharam notoriedade, como Matarazzo e Corteletti. São famílias tradicionais, cujos patriarcas vieram para o Brasil em busca de oportunidades e fizeram história.

FAMÍLIA CORTELETTI

Entre as famílias de italianos que desembarcaram no Brasil e foram viver no Espírito Santo, a **Corteletti** foi a que mais cresceu. Levantamento realizado por Roberto Loureiro, casado com Ivanilda Maria, uma Corteletti, e publicado no livro Encontro das Raças, de Rogério Medeiros, pela Editora Don Quixote, em 1997, apontava quase oito mil pessoas espalhadas por 29 cidades capixabas e sete estados brasileiros. Já naquela época, Loureiro, que contou com a ajuda de parentes para dimensionar o número de herdeiros, afirmava que deveriam existir pelo menos outros mil descendentes dos Corteletti, que também possuía uma ramificação no Rio Grande do Sul, onde morou o tio de Giuseppe, Leopoldo Iansello Corteletti. Se os números existentes já eram surpreendentes na década de 90, imagine hoje em dia.

A família Corteletti chega a ser maior do que a população da cidade de Santa Teresa, onde a história começou, mais especificamente na região de Caldeirão. Foi ali que o patriarca **Giuseppe Corteletti** (1818 - 1896), nascido em Mattarelo, no Trento, se instalou logo que chegou em terras brasileiras, em 1875, aos 57 anos. Junto com ele vieram

a esposa, **Carolina Carlini** (1830/1900), e os cinco filhos: Giuseppe Filho (1852 - 1945), Eugênio Gregório (1859 - 1924), Matteo Giovanni (1863 - 1946), Emanuelle Domêncio (1865 - 1918) e Carolina (1873 - 1952). A família tornou-se dona de terras e os filhos casaram-se com membros de outras famílias da colônia italiana, como os: Colombo, Bitti, Ziviani, Couvre, Zanotti, Rocon, Venturini, Chiabai, Trento, Herzog, Zuno, Coser, Faufner, Tonini, Thiarelli, Loss, Sbardelotti, Fadini, Montagnaro, Possatti, Formentini, Scalzer, Famanini, Passamani, Guissolfi, Malavase, Dedasperi, Bridi, Bach, Demoner e Piveta. E assim vieram as várias gerações de descendentes dos Corteletti.

Reprodução de foto do álbum da família Corteletti
Livro Espírito Santo - Encontro das Raças, de Rogério Medeiros



FAMÍLIA MATARAZZO

Francesco Antonio Matarazzo (1854 – 1937), primogênito de nove irmãos, chegou ao Brasil aos 27 anos, com a mulher Filomena e dois filhos, trazendo a experiência no comércio e algumas economias em banha de porco, que perdeu para o mar. Inicialmente, fincou residência em Sorocaba (SP), onde abriu um armazém de secos e molhados. Em 1883, passou a produzir a própria banha de porco, em casa, e a percorrer o interior paulista, em uma mula, negociando a compra do animal e a venda do produto. Em pouco tempo, já contava com várias mulas. Em 1890, mudou-se para São Paulo (SP), que crescia com a economia cafeeira. O negócio prosperou ainda mais. O imigrante chegou a ter cerca de 200 fábricas, 30 mil funcionários e uma imensa frota de caminhões. Eram as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM), fundadas em 1911. Dizem que ele visitava pessoalmente uma fábrica por dia.



Foi quando decidiu produzir banha de porco enlatada, aumentando sua durabilidade e ganhando o mercado do produto americano, vendido em barricas de madeira, que o italiano deu um salto importante nos negócios. Fabricar itens antes importados, facilitando seu acesso pela população, passou a ser uma das marcas das Indústrias Matarazzo. Em 1899, por exemplo, começaram a produzir farinha nacional no maior e mais moderno moinho da América Latina e maior fábrica de São Paulo. Outro fator determinante para o sucesso foi a construção de um conglomerado de empresas, que respondiam por toda a cadeia produtiva, da matéria-prima à venda. As IRFM reuniam empresas de vários segmentos da economia - alimentos, tecido, sabão, pregos, embalagem, açúcar e muito mais - com filiais nos Estados Unidos, Europa e Argentina. O industrial construiu um império e acumulou patrimônio de cerca de 20 bilhões de dólares, chegando a figurar entre os dez homens mais ricos do mundo, na revista Forbes.

Em 1917, devido à ajuda prestada à Itália durante a guerra, Francesco recebeu o título de Conde do Reino. No final dos anos 20, juntamente com outros empresários, fundou e presidiu o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), e, em 1931, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Morreu em 1937, aos 83 anos, deixando 11 filhos, mais de 30 netos e bisnetos. Seu filho Chiquinho Matarazzo, que já comandava as IRFM, continuou à frente do grupo durante 40 anos e foi eleito, várias vezes, o maior empresário da América Latina. Foi sucedido pela filha Maria Pia, em 1977. Com muitas dívidas já acumuladas, várias empresas do grupo entraram em concordata, a partir de 1983. A queda do império envolvia venda de empresas e bens, ações trabalhistas, arrendamento de fábricas e disputas entre os herdeiros. Até o palacete da família, na Avenida Paulista, foi destruído após uma tempestade, em 1996.

Alguns herdeiros famosos

- **Francisco Matarazzo Júnior**, ou **Conde Chiquinho**, filho e sucessor do fundador, teve cinco filhos, entre eles Maria Pia Matarazzo, sua sucessora.
- **Francisco Matarazzo Sobrinho**, mais conhecido como “Ciccillo Matarazzo”, foi industrial e político.
- **Angelo Andrea Matarazzo**, empresário, radialista e político brasileiro.
- **Eduardo Matarazzo Suplicy**, economista, professor universitário, administrador de empresas e político brasileiro de grande expressão.
- **Jayme Monjardim Matarazzo**, diretor brasileiro de televisão e cinema.
- **Claudia Matarazzo**, jornalista especialista em etiqueta e comportamento.
- **Francisco Matarazzo Pignatari**, conhecido como Baby Pignatari, empresário e playboy famoso.



UM ITALIANO QUE VIROU NOME DE AVENIDA

Filho de um genovês com uma inglesa, **Martinho Storace** nasceu no dia 30 de outubro de 1895, em Cardiff, País de Gales, mas passou a infância e a juventude em Gênova (Itália). Em 1915, alistou-se no exército italiano, onde recebeu várias medalhas e chegou ao posto de tenente. Em 1921, formou-se em engenharia mecânica e civil, pela Escola Politécnica de Torino. Lá conheceu sua esposa, Ana Piastra, uma camponesa da Sicília. Emigraram para o Brasil logo após o casamento, fugindo das consequências devastadoras da 1ª Guerra Mundial.

No dia 10 de fevereiro de 1922, o casal desembarcou no Porto de Santos. Martinho contava com uma boa quantia em dinheiro, dada pelo pai. Fundou, então, a Sociedade Brasileira de Ferragens, fábrica especialista na ferramentaria de precisão, que dez anos depois já reunia um quadro de cerca de cem profissionais, conforme mostra acima a foto comemorativa de 1931. A indústria foi a primeira a produzir pentes para metralhadoras e cartuchos para fuzil, oferecidos ao Governo do Estado do São Paulo, na Revolução Constitucionalista de 1932. Em meio à 2ª Guerra Mundial, com a economia brasileira se deteriorando, Martinho vendeu a fábrica e adquiriu a Fazenda Serraria, na cidade de Ilhabela, litoral paulista, local onde passou a viver com a família.

Como engenheiro, o italiano destacou-se por ter elaborado o Anteprojeto da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, que lhe valeu o título de “Ci-

Fotos cedidas pela Família Storace



SOCIEDADE BRASILEIRA DE FERRAGENS LTDA.

PHOTO CLORETTI
Avenida R. João, 85-A
SÃO PAULO

8 - 12 - 31

dadania Brasileira”, outorgado pelo Presidente Getúlio Vargas. Também projetou e construiu a Ponte do Rio Marimbondo sobre o Rio Grande, perto da cidade de Icém, divisa entre São Paulo e Minas Gerais.

Católicos fervorosos, Martinho e Ana contribuíram com instituições e obras da igreja. E foram responsáveis pela construção do Colégio de Freiras Irmã Maria Scanholari, na Vila Aricanduva, e de moradias para as freiras. A generosidade do casal se deu também em Ilhabela, ajudando famílias no preparo da lavoura. A família ganhou prestígio na região e o filho mais velho do casal, Giorgio Storace, foi eleito prefeito da cidade, em 1950. O carinho do povo com o herdeiro de Martinho era tanto que ele chegou a batizar mais de cem crianças no município.

O reconhecimento do povo de Ilhabela à família Storace veio em forma de homenagem, em 1982, com a Lei Municipal nº 155, que atribuiu à Perimetral Norte o nome “Avenida Engenheiro Martinho Storace”.



IMIGRANTES CONSTRUÍRAM GRANDES EMPRESAS

O desenvolvimento econômico de uma empresa e seu sucesso estão, na maioria das vezes, diretamente ligados a fatores como cultura organizacional, gestão, origem, tradição, relações de trabalho, entre outros. Há, porém, outros aspectos determinantes para a trajetória de uma companhia e que estão relacionados às características de seus fundadores e dirigentes e aos locais onde são instaladas suas fábricas ou negócios.

No caso das organizações de origem italiana no Brasil, criadas ou trazidas por imigrantes, o que se tem é uma mistura de culturas e de histórias, preservadas ao longo do tempo, que imprimem aos negócios um toque diferenciado, familiar e tradicional, mas ao mesmo tempo, moderno e atual. São empresas que têm a “cara” da Itália e a “cara” do Brasil. Algumas têm no nome a presença forte de seus fundadores, outras de regiões italianas, por exemplo.

Matarazzo

Tudo começou quando o imigrante italiano Francesco Matarazzo, nascido em Castellabate, uma pequena vila do sul da Itália, desembarcou no Brasil em dezembro de 1881. O imigrante optou por montar um armazém de secos e molhados em Sorocaba, no interior de São Paulo. Dois anos mais tarde, ele começou a traçar sua trajetória de sucesso que marcou o sobrenome Matarazzo na história do Brasil. Foi o fundador das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM), em São Paulo, o maior grupo empresarial da América Latina, chegando a englobar cerca de 350 empresas de diversos ramos, como têxtil, químico, comercial, bancário e alimentício. **Leia mais sobre a família Matarazzo na página 87.**



Divulgação Bauducco

Bauducco



A história da empresa de alimentos Bauducco começou em 1948, quando o imigrante e representante comercial, Carlo Bauducco (1906-1972), de Turim, desembarcou no Brasil pela primeira vez. Ele decidiu se estabelecer no Brasil e investir na produção e venda de panettones, em São Paulo (SP), pois percebeu que, apesar do grande número de italianos na cidade, o quitute ainda não era muito consumido.

Em 1950, Bauducco já trabalhava na produção de panettones artesanais. Como não cozinhava, convidou o amigo confeitiro Armando Poppa. Em 1952, a família (Carlo, a esposa Margherita Constantino e o filho Luigi Bauducco) inaugurou uma confeitaria no Brás, a Doceria Bauducco, onde vendia, além de panettones, biscoitos tipo Champagne, doces, salgados e petit fours.

Em 1962, a família inaugurou a primeira fábrica, em Guarulhos. Em 1965, veio a mudança da embalagem de papel de seda para caixa, dando um charme maior aos panettones. Em 1972, foram veiculadas as primeiras campanhas publicitárias, mostrando o Sr. Bauducco e o filho fazendo as receitas de família. Em 1978, Massimo Bauducco, neto do fundador, criou o Chocottone. Em 1990, foi inaugurada a segunda fábrica, também em Guarulhos.

Em 2001, a Bauducco comprou sua principal concorrente, a Visconti, e consolidou-se na liderança do mercado de panettones. Em 2012, inaugurou sua primeira loja própria, batizada de Casa Bauducco. No ano seguinte, abriu a fábrica de Alagoas e, em 2014, lançou a marca Cereale, de produtos integrais.



Comolatti

O Grupo Comolatti teve sua origem em 1957, quando o imigrante italiano Evaristo Comolatti (1922-2005), montou uma pequena loja de autopeças, na cidade de São Paulo, a Evaristo Comolatti & Cia Ltda, especialmente para atender os proprietários de caminhões FNM, conhecidos como “Fenemê”, primeiro modelo de caminhão nacional. O espírito empreendedor do italiano percebeu o potencial do negócio que não demorou a ser transformado em Sociedade Anônima (S.A.), por conta da entrada dos irmãos de Evaristo como sócios.



A partir dali a expansão foi crescente. Antigas empresas da área de distribuição começaram a ser adquiridas e incorporadas ao Grupo, como a Laguna, fundada em 1918 pelo italiano Cirilo Laguna, e a Sama, criada em 1922 pelos irmãos Henrique e João Robba, o que contribuiu para alçá-lo à liderança atual. Paralelamente, os irmãos Comolatti investiam não apenas no segmento de peças, mas diversificavam os negócios, entrando nos setores imobiliário e de gastronomia. Chegaram a criar sua própria marca, a Autho Mix. Assim, o Grupo, que começou com uma loja, na esquina da Avenida Alcântara Machado com a Rua Piratininga, tornou-se um conglomerado de marcas e empresas, todas sediadas na capital paulista.

No ramo de veículos e autopeças estão: Sama Auto Peças, Laguna Autopeças, Cofipe Veículos, Tietê Veículos, Roles Distribuidora, RPR Distribuidora, Matrix Distribuidora e Pellegrino Distribuidora. O segmento imobiliário veio com a criação da Bernina Imobiliária, para atender à necessidade do conglomerado por uma empresa que administrasse seus imóveis. Já a alta gastronomia surgiu com o famoso e tradicional restaurante Terraço Itália.

A aposta na área da gastronomia veio após visita de Evaristo às obras do edifício Itália, na época o mais alto de São Paulo, erguido na esquina das avenidas Ipiranga e São Luís. Impressionado com a vista e com o prédio, ele resolveu construir um restaurante bem no topo, para que mais pessoas pudessem desfrutar do belo visual da capital paulista. O

Divulgação Terraço Itália



Terraço Itália tem como adicional da boa cozinha o belo visual de São Paulo

Terraço Itália foi inaugurado em 1967, com projeto de Paulo Mendes da Rocha e paisagismo de Burle Marx, no topo do prédio. O local já recebeu figuras ilustres como a rainha Elizabeth, da Inglaterra, e o então primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, e mantém o título de cartão postal da cidade de São Paulo.

O grande diferencial do Grupo, além do investimento na expansão dos negócios, vem da sua estratégia de posicionamento, que está no fato de as distribuidoras de autopeças só trabalharem com itens nacionais, por acreditarem na importância de difundir e estimular a indústria brasileira. O mesmo raciocínio, de fortalecer os demais elos da cadeia, foi levado em consideração quando o grupo trouxe ao País o conceito associativista da EuroGarage e criou a Rede Pitstop de lojas independentes de autopeças, oficinas e retíficas. A distribuidora trabalha atualmente com mais de 150 marcas.

A marca do Grupo Comolatti traz a figura de um cão São Bernardo, raça originária dos Alpes suíços e símbolo da ajuda ao próximo.



GRUPOS ITALIANOS QUE ATUAM NO BRASIL

Pirelli



A empresa foi fundada em 1872, em Milão, na Itália, pelo engenheiro **Giovanni Battista Pirelli (1848-1932)**, então com 24 anos, e seu primo Leopoldo. A companhia começou suas atividades fabricando placas, mangueiras e correias de borracha. O pneu, referência da marca hoje em dia, só começou a ser produzido em 1890. Inicialmente, eles eram voltados apenas para rodas de bicicletas. A empresa começou a comercializar o produto também para automóveis na virada do século. No final da década de 1920, os pneus Pirelli já dominavam o mercado italiano e eram vendidos internacionalmente.

No Brasil, a marca chegou em 1929, em Santo André (SP). Atualmente, a Pirelli está presente em 160 países, nos cinco continentes e é uma das maiores na venda de pneus em todo o mundo.

Fiat



A Fabbrica Italiana Automobili Torino foi fundada em 1899, pelo italiano Giovanni Agnelli. Chegou ao Brasil na década de 1970, em uma estratégia de expansão comercial. As obras da fábrica, em Betim (MG), começaram em 1974 e a inauguração aconteceu dois anos depois.

Com menos de uma década de operações no País, a Fiat começou a ganhar prestígio com o lançamento de modelos populares. O primeiro veículo fabricado no Brasil foi o Fiat 147, que tinha um motor dianteiro refrigerado a água, tração na frente e linhas retas. Ele era o contra-

ponto do Fusca, modelo mais vendido na época. Sua campanha publicitária mostrava o quanto o carro era forte e econômico. Mais tarde, tornou-se o primeiro no mundo a ser lançado na versão a álcool.

A empresa também inovou ao produzir o primeiro carro popular do País, o Uno Mille, que ganhou várias versões ao longo do tempo. Em 1999, surgiu o modelo aventureiro Palio Adventure. Todas essas iniciativas criativas da Fiat ajudaram a levar a marca à liderança de vendas no Brasil, posição ocupada durante 13 anos.

Parmalat



A Parmalat foi fundada na Itália, na cidade de Collecchio, província de Parma, em 1961, por Calisto Tanzi. A marca chegou ao Brasil em 1972 e ficou bastante conhecida por patrocinar clubes de futebol e uma equipe de Fórmula 1. Depois, com a campanha publicitária “Mamíferos”, que mostrava crianças vestidas de animais, a Parmalat ganhou o coração dos brasileiros.

Em 2003, a empresa faliu na Itália e entrou em recuperação judicial no Brasil. Em 2012, após a crise financeira que abalou sua imagem, a Parmalat iniciou seu reposicionamento no Brasil. Depois, em 2015, já sob a administração da Lactalis, e determinada a reconquistar o carinho e a confiança do público brasileiro, a marca voltou com tudo. Uma nova versão da campanha “Mamíferos” foi lançada, usando o mote “Todo mundo é fã de Parmalat” e utilizando animais da fauna brasileira, como tamanduá, bicho preguiça, tatu, jaguatirica e lobo-guará. Em 2017, os mamíferos passaram a ser embaixadores da empresa.

TIM



A TIM Brasil, fundada em 1995, é subsidiária da Telecom Italia e opera redes de telefonia celular no País desde 1988. Lançou a tecnologia EDGE, serviços multimídia (MMS) e foi a primeira a ter internet 3G para telefones pré-pagos. Pelos dados da Anatel, em 2020 a TIM tinha mais de 53 milhões de clientes, sendo a 3ª maior operadora do Brasil.



BRASIL E ITÁLIA, TRADIÇÃO ESPORTIVA

A Itália, assim como o Brasil, tem uma longa tradição esportiva. Vôlei, basquete, ciclismo, tênis, boliche e automobilismo são algumas modalidades com muita popularidade no país e com um lugarzinho reservado no coração dos italianos, além de esgrima, atletismo, polo aquático, rugby e esportes de inverno, entre tantos outros.

Mas, da mesma maneira como no Brasil, é o futebol a grande paixão dos italianos, entre todas as modalidades esportivas. Lá, ele surgiu por volta do século XVI, com o nome de *giuoco di calcio* (atualmente chamado apenas de calcio) e era um esporte disputado pelos nobres. Hoje, lota os estádios, levando o público ao delírio. No Brasil, surgiu no final do século XIX, também mais apreciado pela elite e hoje aclamado pelo povo.

Foto: Fabio Menotti - Divulgação Palmeiras



Estádio do Palmeiras com grama sintética sendo instalada, em São Paulo

CLUBES E TIMES DE ORIGEM ITALIANA

Sociedade Esportiva Palmeiras

A história do Palmeiras começou a ser escrita em 1914. A criação de uma grande agremiação esportiva já era um sonho dos imigrantes italianos da cidade de São Paulo (SP) e foi anunciada no jornal *Fanfulla*, voltado para os *oriundi*. O convite foi publicado pelos jovens Luigi Cervo, Luigi Marzo, Vincenzo Ragnonetti e Ezequiel Simone e o evento de fundação aconteceu no dia 26 de agosto, no extinto Salão Alhambra, na Praça da Sé.

O clube verde e branco foi batizado, inicialmente, de Palestra Itália, o que significava algo como Ginásio Itália, pois a palavra Palestra,

de origem grega, quer dizer ginásio, academia ou escola de atividades físicas. Na época, já havia algumas agremiações de ascendência italiana, porém nenhuma grande o suficiente para importantes conquistas. Assim, o Palestra nasceu com o objetivo de formar um time que representasse a colônia italiana na disputa com as maiores potências futebolísticas da cidade de São Paulo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942, o governo Getúlio Vargas instituiu decreto que proibia a qualquer entidade ou empresa o uso de nomes relacionados à Alemanha, Itália e Japão. O clube então passou a se chamar Palestra de São Paulo, mas a mudança não agradou. Em 20 de setembro de 1942, surgiu a Sociedade Esportiva Palmeiras.



Cruzeiro Esporte Clube

O Cruzeiro foi formado por desportistas da comunidade italiana em Belo Horizonte (MG), no dia 2 de janeiro de 1921, na fábrica de materiais esportivos e calçados de Agostinho Ranieri, sob o nome de *Società Sportiva Palestra Itália*. Já em 1920, a ideia foi apresentada ao cônsul italiano. O projeto era fundar um clube nos moldes do *Palestra Itália* de São Paulo, mas que representasse a colônia italiana de Belo Horizonte e pudesse fazer frente aos grandes: *Clube Atlético Mineiro*, *o América Mineiro* e *Yale Atlético Clube* (também de origem italiana).

A fundação da nova agremiação se deu depois que algumas das principais famílias italianas, especialmente as abastadas, se prontificaram a participar. Apesar disso, os atletas que integravam o time, tanto italianos como descendentes, eram provenientes da classe trabalhadora da cidade, ao contrário dos jogadores do *Atlético* e do *América*, em sua maioria estudantes universitários de famílias influentes.

A mudança de nome se deu após entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e por conta do decreto do governo federal. Com isso, a agremiação escolheu o nome de *Cruzeiro Esporte Clube*, em homenagem à constelação *cruzeiro do sul*. O uniforme também sofreu mudanças. Antes verde e vermelho, em homenagem à bandeira italiana, o clube adotou o azul e branco por ser a cor oficial da *Casa de Savóia*.

Palestra de São Bernardo

Também inspirado no *Palestra Itália* de São Paulo, o *Palestra de São Bernardo*, clube da segunda divisão do estadual paulista, licenciado do futebol desde 2012, foi fundado dia 1º de setembro de 1935 em São Bernardo do Campo (SP).

A ideia partiu de Alfredo Sabatini, filho de comerciantes italianos. Jogador de futebol, Sabatini havia sido preterido no *Esporte Clube São Bernardo*, fundado alguns anos antes. Frustrado, se juntou aos amigos José de Jorge e Antônio Garcia para criar o *Palestra Itália* de São Bernardo, nome sugerido pelo próprio Alfredo, devido à grande presença de imigrantes italianos no ato da fundação. O clube foi o único do País a conseguir ostentar em seu nome o termo de origem grega. Suas cores: verde e branco.

Foto: Azulife17 - Domínio público, Wikimedia.org



Torcida do Cruzeiro em um jogo no antigo estádio Mineirão

Paraná Clube

Pode-se dizer que o *Paraná Clube*, time de Curitiba (PR), tem um pouco de italiano em sua história, já que a agremiação foi criada a partir da fusão entre o *Esporte Clube Pinheiros* e o *Colorado Esporte Clube*, em 1989, ambos com origem italiana.

O *Colorado* surgiu em 1971, da fusão de três times: o *Britânia Sport Club*, de 1914; o *Clube Atlético Ferroviário*, de 1930, e o *Palestra Itália Futebol Clube*, fundado em 1921. Já o *Esporte Clube Pinheiros* vem do *Savóia Futebol Clube*, fundado em 1914, também em Curitiba (PR). Três anos após sua fundação, o clube se fundiu com o *Operário*, passando a se chamar *Savóia-Operário*. Em 1920, este se uniu ao *Água Verde Futebol Clube*, dando início ao *Savóia-Água Verde*, que mais tarde voltou a se chamar *Savóia Futebol Clube*.

Em 1942, devido ao decreto do governo, mudou para *Avai Sport Club*, depois *Esporte Clube Brasil* e finalmente *Água Verde*. Em 1971, alterou para *Esporte Clube Pinheiros*, adotando o azul e branco para se diferenciar do *Coritiba*, e por fim, a denominação atual de *Paraná Clube*.



Outros clubes

Palestra Itália Futebol Clube – fundado em 1921, em Curitiba (PR), foi um dos clubes que deram origem ao Paraná Clube.

Savóia Futebol Clube – fundado em 1914, no bairro Água Verde, Curitiba (PR), também está entre os que originaram o Paraná. Seu nome homenageava a real casa italiana.

Palestra Itália de São Carlos – fundado em 1919, surgiu para competir com o Paulista Futebol Clube e o Idea Club. Atualmente já não existe. A data de extinção não foi encontrada.

Palestra Esporte Clube – fundado em 1931 pelo industrial e fazendeiro Bonfá Natale, um dos fundadores da Sociedade Italiana Cesare Battisti, surgiu com o nome de Palestra Itália Futebol Clube, em São José do Rio Preto (SP) e participava do futebol amador. Ainda existe como clube social na cidade.

Clube Atlético Votorantim – um dos primeiros clubes de futebol, fundado em 1900, em Sorocaba (SP), por operários italianos, com o nome de Sport Club Savóia. Foi extinto em 1952, com o fim do apoio da Votorantim.

Yale Atlético Clube – fundado em 1910, em Belo Horizonte (MG), por um inglês, com membros da comunidade italiana. O historiador mineiro, Mateus Zebu, descobriu, que dissidentes do Yale ajudaram a criar o Societá Sportiva Palestra Itália, atual Cruzeiro. Extinto em 1930.

Palestra Itália Esporte Clube – time fundado em 1917, em Ribeirão Preto (SP), funcionando hoje como clube social.

Bellini (1930 – 2014)

Capitão brasileiro na Copa do Mundo de Futebol de 1958, na Suécia, **Hilderaldo Luís Bellini** nasceu no dia 7 de junho de 1930, em Itapira, interior de São Paulo, onde deu seus primeiros chutes, em bolas de meia, nas ruas de terra. Filho de um imigrante italiano e de uma oriundi, o jogador ficou marcado pelo gesto de levantar a taça Jules Rimet sobre a cabeça, na primeira conquista mundial da seleção brasileira. O gesto passou a ser repetido por outros capitães ao longo da história, não apenas no futebol, e está imortalizado na estátua em homenagem aos campeões de 1958, em frente ao Estádio Mário Filho, o Maracanã, no Rio de Janeiro. Inaugurado no dia 13 de novembro de 1960, o “Monumento aos Campeões” passou a ser conhecido como estátua do Bellini, apesar de não ter sido esta a intenção - a ideia era prestigiar toda a equipe vencedora.

Bellini jogava como zagueiro e atuou nos clubes: Itapirense, Sanjoanense, Vasco da Gama, São Paulo e Atlético Paranaense, onde encerrou sua carreira como futebolista, em 1969. Além da copa de 58, participou das de 1962 e 1966, como reserva. O bicampeão mundial disputou 57 jogos com a camisa verde-amarela, com 42 vitórias, 11 empates e quatro derrotas. O atleta foi o primeiro jogador brasileiro a fazer campanhas publicitárias e fundou a primeira escolinha de futebol particular. Sofrendo de Alzheimer, morreu no dia 20 de março de 2014, na cidade de São Paulo. Teve dois filhos do casamento de 51 anos com Giselda Bellini, que escreveu uma biografia do marido: “Bellini – o primeiro capitão”, lançada em 2015.

Domínio público, Wikimedia.org



Bellini, Vicente Feola e Gilmar com a taça Jules Rimet, na Copa do Mundo de 1958

Vicente Feola (1909 – 1975)

Filho de imigrantes vindos de Castellabate, **Vicente Ítalo Feola** nasceu em São Paulo, no dia 1º de novembro de 1909. Como jogador, atuou no São Paulo, no Auto Sport Clube e no Americano, mas sem muito destaque. Foi como técnico que entrou para a história do futebol brasileiro ao conquistar a primeira Copa do Mundo para o Brasil, em 1958, e também por ter insistido na convocação de Pelé, na época com apenas 17 anos e que estava contundido. A dupla Garrincha e Pelé, escalada pelo técnico, nunca perdeu uma partida com a camisa da seleção.

Seu nome ficou ligado ao São Paulo, time que comandou por diversas ocasiões. Também dirigiu o Boca Juniors, da Argentina, em 1961. Chamado novamente em 1966, aceitou comandar a seleção na Copa da Inglaterra, quando o Brasil foi eliminado ainda na primeira fase.



GRANDES MOMENTOS DE BRASIL X ITÁLIA

Arivalidade entre Brasil e Itália no futebol masculino pode ser medida em títulos mundiais: Brasil 5 x 4 Itália. A seleção italiana participou de 18 copas do mundo de futebol e foi campeã em quatro: 1934, 1938, 1982 e 2006. Em 1982, desclassificou o Brasil, num jogo dramático para a seleção Canarinho. Já o Brasil participou de todas as 20 edições e conquistou cinco títulos (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), sendo dois deles sobre a Itália (1970 e 1994).

Copa do Mundo 1970: final Brasil 4 x 1 Itália

A Copa de 1970, sediada no México, teve sua final disputada no dia 21 de junho, no Estádio Azteca, na Cidade do México, na presença de 107.412 pessoas. Foi a primeira Copa a ser exibida em televisão a cores e também a primeira em que dois bicampeões se enfrentavam. Em jogo, o tricampeonato e a conquista definitiva da Taça Jules Rimet.

Brasil entrou em campo com: Félix, Carlos Alberto Torres, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson (substituído por Paulo César), Rivelino, Jairzinho, Pelé e Tostão. O time foi montado pelo jornalista João Saldanha, afastado do comando dois meses e meio antes da competição, por pressão da ditadura que dominava o Brasil, e substituído por Zagallo.

A Itália tinha: Albertosi, Burgnich, Rosato, Cera, o capitão Facchetti, Bertini (substituído por Juliano), De Sisti, Domenghini, Boninsegna (substituído por Rivera), Mazzola e Riva. O técnico era Ferruccio Vacarreggi. O jogo foi apitado pelo alemão Rudolf Glöckner.

Brasil abriu o placar com uma cabeçada de Pelé. A Itália empatou, com gol do atacante Roberto Boninsegna, após erro da defesa brasileira. Aos 45 minutos, o juiz anulou um gol de Pelé. Na segunda etapa, Gér-

Foto: FIFA / Acervo CBF



Jairzinho comemora o terceiro gol contra a Itália em 1970

son, o canhotinha de ouro, em jogada individual, fez 2 a 1; Jairzinho, o Furacão, marcou o terceiro, e o capitão Carlos Alberto, em bola rolada pelo Rei Pelé, completou o placar com o que é considerado até hoje um dos gols mais bonitos da história das copas.

A seleção brasileira de 1970 foi considerada uma das melhores de todos os tempos, campeã invicta. A Jules Rimet permaneceu na sede da CBF até 1983, quando foi roubada e nunca mais vista.

O embate na Copa de 1982: Itália 3 x 2 Brasil

No dia 5 de julho de 1982, no Estadi Di Sarriá, em Barcelona, Espanha, com um público de 44.000 pessoas, Brasil e Itália disputavam uma vaga na semifinal da Copa do Mundo da Fifa. O time Brasileiro foi formado por: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico, Éder, Serginho (substituído por Paulo Isidoro) e o técnico Telê Santana. A Itália, comandada por Enzo Bearzot, vinha com: o goleiro e capitão Zoff, Oriali, Scirea, Colovatti (substituído por Bergomi), Cabrini, Gentile, Bruno Conti, Tardelli (substituído por Ma-



rini), Antognoni, Graziani e o inspirado e certeiro Paolo Rossi, autor dos três gols italianos da partida de 3 x 2.

Com um pênalti não marcado sobre Zico e um gol anulado da Itália, não faltou emoção na partida. O primeiro gol veio de uma jogada aérea do lateral Cabrini, finalizada com uma cabeçada de Rossi. O empate saiu de um passe de Zico para o doutor Sócrates, capitão do time. O segundo gol italiano surgiu de um erro de Toninho Cerezo. No segundo tempo, o Brasil empatou, com Falcão. O gol da vitória saiu de um escanteio faltando 15 minutos para encerrar. Quando o juiz israelense, Abraham Kein, apitou o final, a Itália comemorou. E no dia 11 de julho, no Estádio Santiago Bernabéu, em Madrid, a Squadra Azzurra conquistava o tricampeonato mundial de futebol sobre a Alemanha Ocidental, por 3 x 1.

Final da Copa de 1994: disputa nos pênaltis

Aquele era o segundo confronto entre a Canarinho e a Azzurra. Nos Estados Unidos, os dois países se encontravam novamente em uma final, desta vez para revelar ao mundo a seleção que seria tetracampeã. O Brasil estava há 24 anos sem vencer a competição e a Itália há 12.

A final da Copa de 1994 foi disputada em 17 de julho, no estádio Rose Bowl, em Pasadena, Los Angeles, Estados Unidos, na presença de 94.194 espectadores. Brasil se apresentava com: Taffarel, Márcio Santos, Aldair, Branco, Jorginho (substituído por Cafu), o capitão Dunga, Mauro Silva, Zinho (substituído por Viola), Mazinho, Bebeto e Romário. O técnico era Carlos Alberto Parreira. A Itália tinha como técnico Arrigo Sacchi e vinha com: Pagliuca, Maldini, Benarrivo, Mussi (substituído por Apolloni), Baresi, Berti, Albertini, Dino Baggio (substituído por Evani), Roberto Donadoni, Roberto Baggio e Massaro. Juiz da partida o húngaro Sándor Puhl.

Durante os 90 minutos do tempo regulamentar e os 30 da prorrogação, nenhum dos dois times marcou. A partida terminou em 0 x 0, fazendo com que aquela fosse a primeira final de Copa do Mundo a ser decidida nos pênaltis, quando o Brasil marcou três e a Itália dois, após nove cobranças. Pelo Brasil, foram batidos quatro pênaltis: Márcio Santos perdeu e Romário, Branco e Dunga marcaram. Pela Itália, Albertini e Evani marcaram, Taffarel defendeu as cobranças de Baresi e Massaro e Roberto Baggio chutou pra fora.

Os italianos no automobilismo brasileiro

Os Fittipaldi – A história da família Fittipaldi se mistura com a do automobilismo. Tudo começou com o filho de imigrantes italianos, Wilson, que desde cedo se interessou por carros e motocicletas e, no final da década de 1930, já era locutor esportivo. Conhecido como Barão, trabalhou também como organizador de provas automobilísticas e de motos, acompanhando de perto o nascimento do autódromo de Interlagos. Como piloto, participou de várias competições.

Seu filho Emerson foi bicampeão da Fórmula 1, em 1972 e 1974, campeão da Fórmula Indy, em 1989, e bicampeão das 500 milhas de Indianápolis, em 1989 e 1993. Junto com o irmão Wilsinho, também piloto, Emerson criou a Copersucar, escuderia brasileira de F-1, fundada em 1975, que competiu num total de 104 grandes prêmios. O legado continuou através de Christian, filho de Wilsinho, que foi piloto na F-1, Max Papis, genro de Emerson e ex-piloto de F-1 e de Champ Car, na Itália, e da nova geração, composta pelos netos de Emerson, Pietro, 24 anos, e Enzo, 19.

Rubinho Barrichelo – Outro importante piloto brasileiro, Rubinho é tataraneto do imigrante italiano Giovanni Barrichello, de Riese Pio X, na região de Treviso, que, junto com os irmãos Giuseppe, Santo e Felício, veio para o Brasil, em 1885. O avô de Rubinho também é Rubens, como seu pai. Por isso, na família são conhecidos como: Rubens (avô), Rubão (pai) e Rubinho (filho).

Ayrton Senna – O mais celebrado piloto de Fórmula 1 brasileiro, tricampeão mundial (1988, 1990 e 1991), tem ascendência italiana. Sua mãe, Neyde Joanna Senna, é neta de italianos por parte de seus quatro avós – pelo lado materno, provenientes da província de Lucca, região da Toscana, enquanto pelo lado paterno o avô, Luigi Senna, era de Nápoles (Campânia), e a avó, Giovanna Maria Magro, de Agrigento (Sicília). Até os quatro anos, Senna morou com os pais na casa dos avós maternos e aprendeu a falar italiano. A Itália marcou a vida de Ayrton Senna e também a morte. Foi no autódromo Enzo e Dino Ferrari, em Ímola, no dia 1º de maio de 1994, que o piloto brasileiro morreu de forma trágica, enquanto participava do Grande Prêmio de San Marino.



Amici

gli italiani in Brasile

IN ITALIANO

sommario

PRESENTAZIONE	99	PUNTI SALIENTI	133
INTRODUZIONE	100	Cultura e personaggi Italo-brasiliani	
CAPITOLO 1	103	LA CUCINA ITALO-BRASILIANA	134
Motivi dell'emigrazione verso il Brasile		IL VINO GUADAGNA SPAZIO GRAZIE AGLI <i>ORIUNDIS</i>	135
CAPITOLO 2	105	FESTE ITALIANE IN BRASILE	136
Il lungo viaggio alla ricerca d'una vita migliore		SECOLI DI TRADIZIONE NELLE ARTI PLASTICHE	139
CAPITOLO 3	108	COSTRUIRE CITTÀ	141
L'arrivo in Brasile e la formazione delle prime colonie		LIBRI E LETTERATURA	142
CAPITOLO 4	112	CINEMA E TEATRO	143
L'espansione verso il Sud Est		MUSICA E DANZA	145
CAPITOLO 5	115	MINO CARTA: CREATORE DI RIVISTE	147
L'abolizione della schiavitù e la concentrazione della maggior parte a São Paulo		GIORNALAI: UNA STORIA CHE È COMINCIATA CON UNA MONETA	147
CAPITOLO 6	118	UN ITALIANO CHE È DIVENTATO IL NOME DI UN VIALE	148
Decreto Prinetti		FAMIGLIE CHE HANNO FATTO LA STORIA	149
CAPITOLO 7	120	GLI IMMIGRATI HANNO FATTO GRANDI AZIENDE	150
La crescita e la stabilizzazione nella nuova patria		GRUPPI ITALIANI IN BRASILE	152
CAPITOLO 8	122	BRASILE E ITALIA, TRADIZIONE SPORTIVA	153
Lo sviluppo nella prima metà' del Secolo XX		GRANDI MOMENTI DI BRASILE X ITALIA NEL CALCIO MASCHILE	155
CAPITOLO 9	129	GERSON CAMATA: UNA TRAGICA FINE	157
L'integrazione e l'affermazione socioculturale e politica		ITAMAR FRANCO: IL 33° PRESIDENTE DEL BRASILE	158
		RUBENS RICUPERO: DUE VOLTE MINISTRO	158
		RIFERIMENTI	159



Oriundi

gli italiani in Brasile



Foto: Comolatti

Nel 1957 Evaristo Comolatti & Cia. Ltda. apre il suo primo negozio all'angolo tra Avenida Alcântara Machado e Rua Piratininga

Questa pubblicazione riassume aspetti rilevanti del lungo processo di immigrazione di cittadini italiani verso il Brasile e delle loro lotte e realizzazioni come fattori decisivi nella costruzione della società brasiliana moderna.

A partire alla seconda metà del secolo XIX, in Brasile sono arrivati migliaia di italiani inseguendo la realizzazione della promessa di un futuro brillante.

Hanno affrontato molte lotte nel duro esercizio del lavoro, senza paure di partecipare a grandi sfide vinte con molta creatività, fede e speranza.

Quelle migliaia di italiani poi si sono moltiplicati e hanno formato nuove generazioni che oggi ammontano a milioni di italo brasiliani attivi e produttivamente legati a tutte le aree della vita brasiliana.

Il Gruppo Comolatti, fedele alle sue radici e alla sua significativa partecipazione alla vita nazionale, e anche per una sua tradizionale storia di collaborazione alla realizzazione di progetti artistici e culturali inclusivi e coinvolgenti, è orgoglioso di patrocinare la realizzazione di questo libro, con l'obiettivo di contribuire alla conoscenza, all'educazione per mezzo dell'Arte e all'amicizia tra i popoli brasiliano e italiano.

Buona lettura!

Sergio Comolatti
Presidente



introduzione



Nella seconda metà del secolo XIX, l'Italia iniziò una delle più numerose emigrazioni della sua storia. Famiglie intere, di tutte le regioni del paese, partivano verso il porto di Genova per imbarcare sulle navi che salpavano verso le Americhe. In questo scenario, in un momento non datato, un ministro italiano, curioso per l'intensa movimentazione di emigranti, chiese a uno dei viaggiatori informazioni circa la volontà di abbandonare la nazione italiana. La risposta di quel cittadino italiano venne immortalata in modo contundente:

100

Introduzione

*“Che cosa ha in mente quando parla di una nazione, Signor Ministro?
È una massa d'infelici?”*

Piantiamo e mietiamo il grano, ma non proviamo mai il pane bianco.

Coltiviamo le viti, ma non beviamo il vino.

Alleviamo animali, ma non mangiamo la carne.

Nonostante tutto voi ci sconsigliate di lasciare la nostra patria?

Ma è una patria quella terra in cui non si riesce a vivere del proprio lavoro?”

RIUNIFICAZIONE

A metà del 1800, l'Italia non era un paese unito come lo conosciamo oggi, ma diviso in piccoli stati: Regno del Lombardo-Veneto, Regno di Sardegna, Stato Pontificio, Regno delle Due Sicilie, Ducati di Modena, Massa Carrara, Lucca e Parma e Gran Ducato di Toscana.

La maggior parte dei territori del nord e del centro, con l'eccezione del Regno di Sardegna, governato dal Re Vittorio Emanuele, era sottomessa all'Austria. Questa situazione trasformò l'Italia in una penisola in ritardo, dal punto di vista economico, rispetto agli altri paesi europei dell'epoca.

Fu in questo clima che ebbe inizio il Risorgimento, periodo in cui gli abitanti della Penisola diedero origine a iniziative con l'obiettivo della riunificazione. Per questa ragione vennero chiamati "patrioti".

Per il momento, le idee di liberazione non potevano circolare liberamente. E così i patrioti si riunivano in società segrete e realizzavano le loro attività in clandestinità, cercando così di evitare la prigione. La principale società segreta fu quella dei "Carbonari", capeggiata da Chiavano Carbonari.

Tra i patrioti, è importante ricordare Silvio Pellico e Giuseppe Mazzini. Il primo è l'autore de "Le mie prigioni", resoconto del periodo in cui fu imprigionato dagli austriaci. Mazzini invece fondò, durante il periodo in cui rimase



Il quarto stato - Giuseppe Pellizza da Volpedo – 1901 – Museo del Novecento, Milano Dominio pubblico, Wikimedia.org

esiliato a Marsiglia, l'organizzazione "Giovine Italia", il cui obiettivo era quello della lotta per la creazione di un'Italia Repubblicana.

La riunificazione pertanto non avvenne per mezzo di un movimento pacifico. Molte insurrezioni e battaglie, oltre a tre guerre – 1848, 1859 e 1861 –, si resero necessarie per la creazione del Regno d'Italia, la cui prima capitale fu Torino.

Tuttavia il processo di realizzazione dell'unità d'Italia non era ancora completo, infatti mancava l'annessione delle regioni del Veneto e del Lazio. L'Unità fu conclusa solo con l'ultima guerra d'indipendenza, nel 1871, e con la successiva divisione in Regioni e il tras-

ferimento della sede della capitale a Roma.

La penisola italiana aveva vissuto lunghi periodi di divisione in innumerevoli regni, ducati e repubbliche. Dopo il raggiungimento dell'unità nazionale, nel 1871, l'Italia divenne il drammatico palcoscenico di grandi trasformazioni sociali.

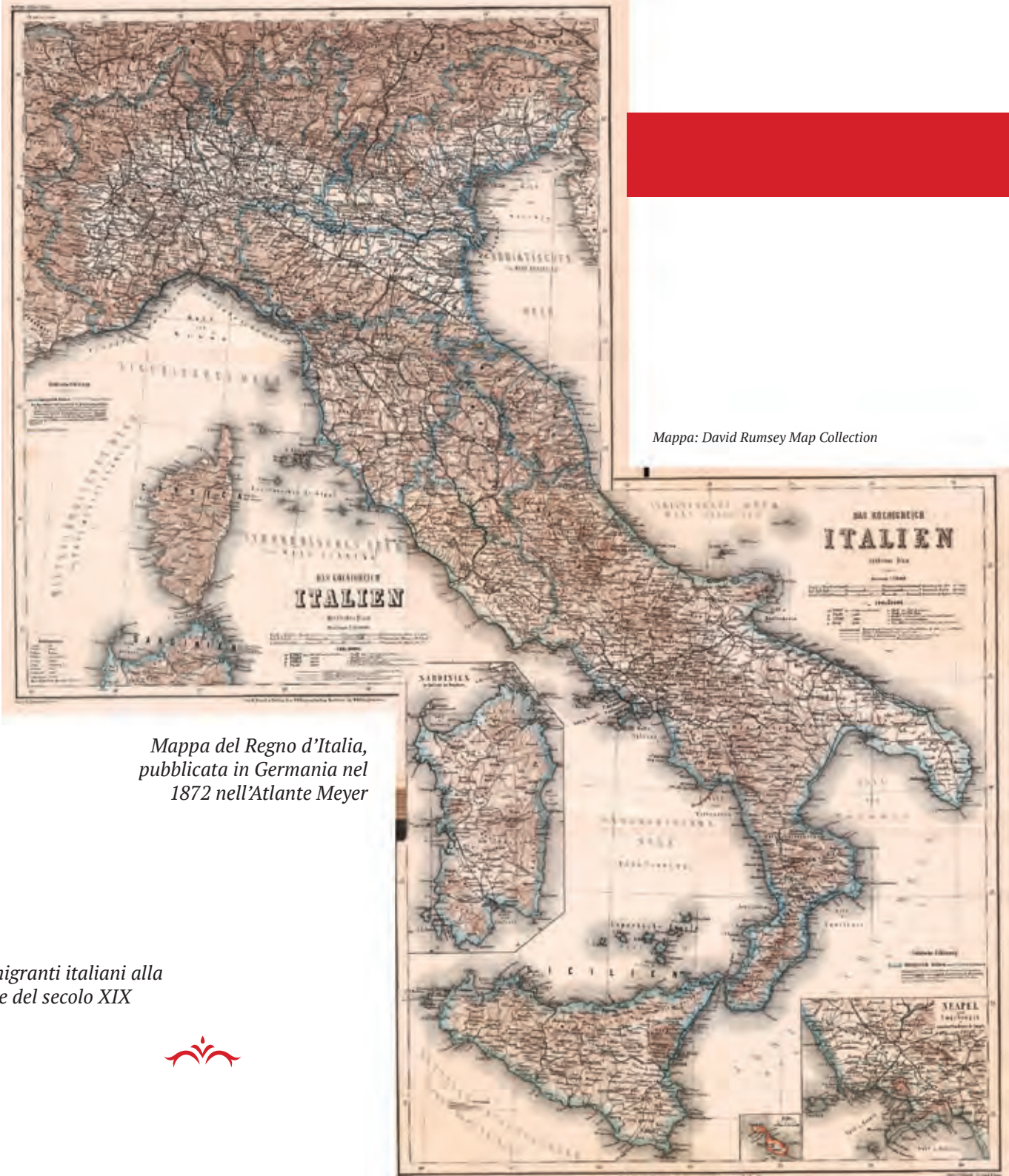
Il dominio austro ungarico si estendeva in Lombardia, Venezia e Trentino, mentre il Piemonte, la Liguria e la parte ovest della Lombardia erano legati alla Casa dei Savoia e alla Francia. Alcuni ducati divennero regioni autonome. A sud del fiume Po, il Vaticano dominava le regioni dell'Emilia Romagna e delle Marche.

La crisi nazionale, la rivoluzione industriale e la renitenza latifondiarìa, regressiva e conservatrice, causarono serie privazioni a gran parte dei circa 30 milioni di abitanti, specialmente al nord.

Le leggi proteggevano i grandi proprietari e colpivano i contadini con alte tasse e la conseguente perdita delle terre a causa dell'indempienza nei pagamenti.

L'economia, dipendente da pochi industriali e da molti proprietari di latifondi, era subordinata al feudalesimo e allo sfruttamento illimitato della forza lavoro operaia e agricola.

Dominio pubblico, Wikimedia.org



Mappa: David Rumsey Map Collection

Mappa del Regno d'Italia, pubblicata in Germania nel 1872 nell'Atlante Meyer

Emigranti italiani alla fine del secolo XIX





MOTIVI DELL'EMIGRAZIONE VERSO IL BRASILE

L'emigrazione italiana verso il Brasile avvenne, inizialmente, tra il 1870 e il 1900, periodo in cui circa il 30% degli emigranti italiani dell'epoca lasciarono il loro paese. Soltanto dalla regione del Triveneto (le tre Venezie) circa 4.500.000 persone abbandonarono l'Italia in cerca di una vita nuova presso nazioni che offrirono condizioni di vita più attraenti. Gli Stati Uniti, ad esempio, accolsero un gran nume-

VOLANTINI DI PROPAGANDA DISTRIBUITI IN ITALIA

Nel 1850, il Brasile aveva difficoltà a trovare manodopera specializzata, la forza lavoro era composta essenzialmente di schiavi e in quello stesso anno sarebbe stata promulgata la legge Eusébio de Queirós che proibiva la tratta dei neri.

Il governo brasiliano seppe che molti emigranti europei stavano partendo per gli Stati Uniti, trasportando nella valigia il sogno di una vita migliore, ed allora cominciò a interessarsene e decise di portare parte di queste schiere di immigrati in Brasile.



ro di immigrati, fino a quando vennero applicate leggi più restrittive che resero più difficili gli sbarchi. Il Brasile fu il paese che ricevette il maggior numero di italiani. E, tra gli immigrati europei, furono gli italiani quelli che entrarono in Brasile in maggior numero.

Il processo migratorio italiano ebbe nello sfruttamento e nella miseria in cui si trovava la maggior parte della popolazione le ragioni decisive per cui parte degli abitanti desiderò abbandonare il paese di origine, fuggendo così dalla crisi economica e sociale che colpiva tutta l'Italia. Quelli che decidevano di attraversare l'oceano erano essenzialmente lavoratori non qualificati, senza nessuna specializzazione professionale, e quindi operai o poveri agricoltori, muratori, artigiani e coloni. Il loro maggior sogno, impossibile da realizzare in Italia, era quello di diventare proprietari di un pezzo di terra in cui vivere.

Mentre l'Italia affrontava la miseria e la crescita demografica, il Brasile non aveva manodopera a buon mercato per il lavoro nei campi. Il processo abolizionista era quasi concluso e non c'era più la quantità di schiavi necessaria per mantenere attiva e pulsante l'economia del Paese. Questo perché: nel 1850 era stata proibita la tratta dei neri; nel 1871 era stata promulgata la Legge del Ventre Libero, che dichiarava liberi, a partire dalla data di promulgazione della legge, i figli di donne schiave; nel 1875, con la legge del Sessantesimo anno, cominciarono ad essere considerati liberi gli schiavi che avessero 60 o più anni e, infine, proprio all'inizio della prima grande fase migratoria, sarebbe entrata in vigore la Legge Aurea, del 1888, che aboliva definitivamente la schiavitù in Brasile.

In Italia l'emigrazione era vista come una forma di sopravvivenza e un'opportunità di nuovo inizio mentre, in Brasile, il governo la considerava un'importante fonte di manodopera utile per sostituire gli schiavi. Oltre a ciò, l'Impero aveva la necessità di popolare le terre del Sud del Paese affinché non ci fossero più conflitti e invasioni territoriali, come quelli che sfociarono nella Guerra del Paraguay (1864-1870). Avendo nozione della situazione europea e dell'enorme numero di emigranti che optava per il territorio nord americano, il governo brasiliano cominciò a fare della propaganda, offrendo terre e opportunità agli italiani nel "paradiso tropicale".

Precisamente, l'offerta era di 25mila réis per individuo tra uno e dieci anni e di 60mila réis per individuo maggiore di dieci anni, oltre all'os-



Sbarco di immigrati italiani nel Porto di Santos (SP) nel 1907

pitalità all'arrivo al porto, cibo, trasporto, viaggio fino alle colonie di destinazione e finanziamento di un terreno da 16 a 25 ettari per famiglia o uomo celibe maggiorenne, oltre al certificato che attestava la proprietà del terreno. Ciò che in maggior grado attrasse gli italiani interessati ad emigrare in Brasile fu la possibilità di realizzare il vecchio sogno di diventare proprietari di una terra da coltivare, in cui abitare. Sogno allora impossibile da realizzare in un'Italia soffocata dalla crisi.

E non fu soltanto il governo brasiliano a promuovere l'immigrazione in forma positiva. Anche la Chiesa italiana, la cui forza tra il popolo era enorme, essendo la religiosità qualcosa d'intrinseco alla cultura di quel paese, incentivò la popolazione a partire alla ricerca di una vita migliore in Brasile. Durante le celebrazioni delle messe, ad esempio, i parroci orientavano i fedeli ad emigrare qui da noi. Ai fedeli venivano comunicate le offerte dell'imperatore brasiliano, oltre alle spiegazioni intorno al viaggio e al processo di acquisizione di terre. Tutto quest'incoraggiamento contribuiva a creare grandi aspettative nel sofferente popolo italiano. Molte volte però le aspettative non corrispondevano alla realtà.

Il 3 gennaio del 1874, alle 13, la prima nave con passeggeri italiani in viaggio per il Brasile salpò dal porto di Genova. L'imbarcazione si chiamava La Sofia e trasportò 386 famiglie che arrivarono a Santa Cruz, nello Stato di Espírito Santo, il 21 febbraio.

capitolo 2

IL LUNGO VIAGGIO ALLA RICERCA D'UNA VITA MIGLIORE

L'emigrazione italiana verso le terre americane avvenne, per la maggior parte, tra gli anni 1870 e 1920. Gli italiani rappresentano il 42% degli immigrati che sbarcarono in territorio brasiliano. Tra questi, il 30% erano originari della Regione del Veneto – locale di maggiore emigrazione –, seguiti dagli abitanti della Campania, Calabria e Lombardia. Il profilo dei cittadini del Veneto era quello di piccoli proprietari, in maggioranza biondi, che percepivano l'opportunità di acquistare terre brasiliane in forma più realista, poiché già possedevano una piccola rendita. Gli emigranti del Sud invece erano contadini, di pelle e capelli più scuri, più poveri e più umili.

Per la maggior parte degli emigranti italiani, la decisione di lasciare la patria non era stata facile, ma veniva affrontata con grande speranza di giorni migliori. Coraggiosi e spericolati, molti di loro affidavano a quei viaggi le uniche speranze di una vita più degna. Mentre il governo italiano all'inizio provava un certo disgusto per l'esodo, il clero lo appoggiava. Erano molti i parroci che gestivano la situazione in modo pacifico, celebrando messe di addio e conducendo e sostenendo interi villaggi fino al momento della partenza, al porto. Le famiglie molte volte uscivano di notte perché avevano paura d'essere fermate dalla polizia. Ma il governo in realtà non giunse a prendere provvedimenti



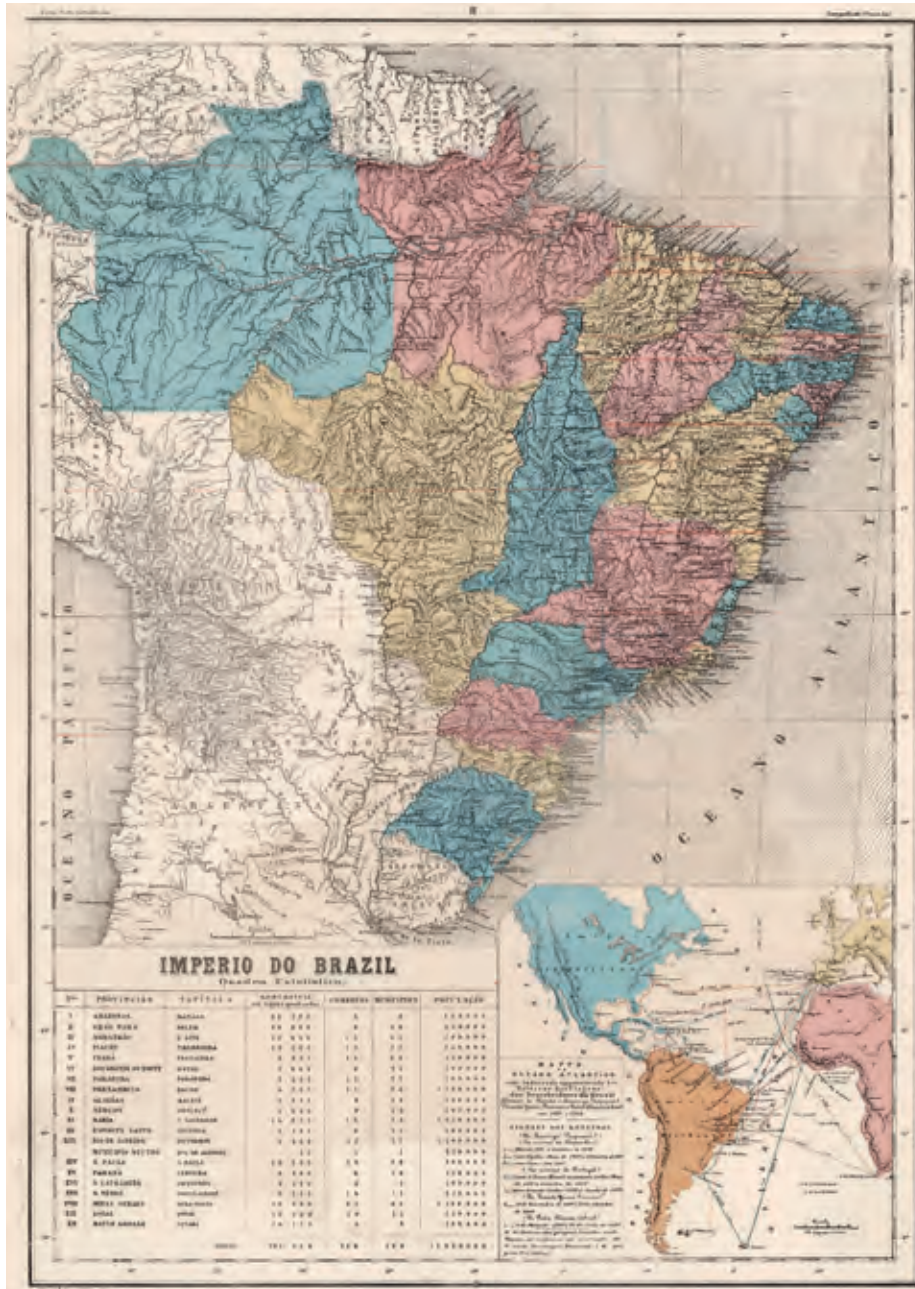
Passaporto del 1923 valido per l'imbarco nei porti italiani

Collezione del Museo statale dell'immigrazione di San Paolo

che impedissero agli emigranti di seguire la strada che avevano scelto, e presto cominciò ad incentivare le partenze per il Brasile.

Noi giorni che precedevano la partenza, gli emigranti si riunivano con i familiari e gli amici che avevano deciso di non accompagnarli in questa nuova impresa, e celebravano feste di addio. Piangevano insieme, cantavano in onore alla patria e si desideravano a vicenda buone cose per il futuro, quello di chi sarebbe partito e quello di chi restava. La mattina che precedeva il viaggio veniva celebrata una messa nei quali tutti chiedevano a Dio che la traversata fosse tranquilla e sicura.

Il viaggio degli italiani, con arrivo nelle colonie brasiliane, era lungo. Cominciava in Italia col tragitto fino al porto, percorso in treno, carrozza o a piedi, caricando piccole valigie con poche cose e, a volte, tralci



di uva. A quei tempi i porti di Genova, da cui partì il 60% degli immigrati, e di Napoli, erano i più frequentati, e da lì iniziavano i costanti viaggi verso il Brasile. Quando imbarcavano sulle navi, gli immigrati non sapevano nemmeno dove sarebbero stati trasferiti quando sarebbero arrivati in Brasile.

Molte sorprese aspettavano quelli che avevano seguito la loro scelta fino in fondo e lasciavano l'Italia. Già sapevano che avrebbero viaggiato in terza classe, infatti il governo brasiliano aveva reso disponibili soltanto carte d'imbarco per questo tipo di sistemazioni. Tuttavia i passeggeri ancora non sapevano quanto il viaggio sarebbe stato scomodo e l'alto numero di rischi, tra i quali quello di perdere la vita, a cui sarebbero stati sottoposti. Appena arrivati in Brasile, molti italiani spedivano lettere in Italia per scoraggiare i famigliari che avevano pensato di seguirne l'esempio e di intraprendere lo stesso viaggio.

All'inizio del processo di immigrazione, le navi che trasportavano migliaia di italiani erano velieri che ci mettevano anche 60 giorni per attraccare in Brasile. Ma presto vennero sostituiti da navi a vapore, più rapide, che percorrevano la stessa distanza in un tempo molto minore, tra 15 a 30 giorni, a seconda delle condizioni climatiche e delle difficoltà affrontate durante il viaggio. Si trattava di imbarcazioni utilizzate in precedenza per il trasporto di cereali o di bestiame, adattate poi per il trasporto di migliaia di persone, ammassate insieme.

E questo giustifica il sovraccarico delle navi, soprattutto in terza classe, infatti lo spazio per l'imbarco dei passeggeri era stato trasformato in modo inadeguato, e non possedeva i requisiti sanitari necessari. I locali adattati per ospitare la terza classe erano le stive delle navi. E, naturalmente, erano ambiente scuri, umidi e poco ventilati.

Con un numero di passeggeri a bordo molto maggiore di quanto fosse il numero adeguato alle norme di sicurezza, era normale che mancasse

Mappa pubblicata nell'Atlante dell'Impero brasiliano, organizzato da Candido Mendes de Almeida nel 1868 a Rio de Janeiro, contenente le rispettive divisioni amministrative, ecclesiastiche, elettorali e giudiziarie, e dedicata a Sua Maestà l'imperatore D. Pedro II. Destinato alla pubblica istruzione, con particolare riguardo agli allievi del Collegio Imperiale Pedro II.

ogni tipo di bene necessario, anche il cibo. E con un'alimentazione deficitaria e acqua calda e puzzolente da bere, da tutti condivisa negli stessi rubinetti, molti s'ammalavano di malattie che poi si diffondevano tra gli altri viaggiatori di terza classe. Le malattie più comuni erano il morbillo e il colera. Oltre agli attacchi di pidocchi. Non essendoci spesso medici a bordo, la morte era il destino di gran parte degli ammalati.



Vista del porto di Genova

I corpi non potevano rimanere a bordo e allora i familiari li avvolgevano nelle lenzuola; non essendoci tra loro nemmeno i preti, realizzavano da soli una piccola cerimonia religiosa e gettavano i cadaveri in mare. Tra le vittime c'erano molti bambini, che lasciavano le famiglie in uno stato di sconforto. Erano frequenti anche le morti per fame e asfissia. Altro motivo di sconforto erano le variazioni climatiche e le malattie che ne seguivano, che a volte portavano alla morte. Mentre le burrasche ritardavano i viaggi, dilatando il tempo della sofferenza, il caldo insopportabile affrontato all'altezza della linea dell'Equatore si manifestava, in chi era abituato al clima europeo, attraverso nausea.

Nei primi giorni di viaggio erano normale che i gemiti, per la nostalgia della famiglia, paura del futuro o per il dolore e lo sconforto, echeggiassero nella parte povera della nave. Per far diventare più sopportabili i lunghi giorni e le lunghe notti, gli immigrati cantavano canzoni popolari.

Durante il viaggio normalmente venivano effettuate due fermate, nelle Isole Canarie e a Capo Verde, per rifornire la nave. Poi, la terra era vista solo circa dodici giorni dopo, all'arrivo.

L'arrivo in Brasile era un sollievo. Le imbarcazioni attraccavano nei porti di Santos, di Rio de Janeiro o Porto Alegre. Quando sbarcavano, i nuovi cittadini stranieri venivano diretti verso le case-centri di ospitalità temporanea. Solo più tardi sarebbero stati informati circa il luogo in cui sarebbero andati ad abitare.

I corpi non potevano rimanere a bordo e allora i familiari li avvolgevano nelle lenzuola; non essendoci tra loro nemmeno i preti, realizzavano da soli una piccola cerimonia religiosa e gettavano i cadaveri in mare. Tra le vittime c'erano molti bambini, che lasciavano le famiglie in uno stato di sconforto. Erano frequenti anche le morti per fame e asfissia. Altro motivo di sconforto erano le variazioni climatiche e le malattie che ne seguivano, che a volte portavano alla morte. Mentre le burrasche ritardavano i viaggi, dilatando il tempo della sofferenza, il caldo insopportabile affrontato all'altezza della linea dell'Equatore si manifestava, in chi era abituato al clima europeo, attraverso nausea.

" L'Italia è indescrivibile.

*Non è soltanto il paese
più bello del mondo;
è qualcosa che sta fuori e
sopra questo mondo,
sta così, più o meno
sospesa a metà strada tra
il cielo e la terra*

[...]

*tra tutte le genti, la gente
italiana è la più bella
e la più simpatica,
la più umana di tutte,
la più allegra."*

*(João Guimarães Rosa,
Lettera ai genitori. Parigi, 3.9.1950).*



capitolo 3

L'ARRIVO IN BRASILE E LA FORMAZIONE DELLE PRIME COLONIE

108

L'arrivo in Brasile e la formazione delle prime colonie

Quando le navi attraccavano nei porti brasiliani, gli immigranti italiani non sapevano ancora verso quale stato sarebbero stati inviati, cioè non conoscevano ancora quale sarebbe stato il loro destino. Soltanto sapevano che sarebbero andati a vivere nelle colonie costruite dal governo imperiale, in vari stati del territorio brasiliano. I passeggeri destinati a viaggiare verso la Regione Sud, che all'inizio del processo migratorio erano la maggioranza, proseguivano il viaggio attraverso il Rio Caí, su vaporetti minori, e dopo a piedi. Molti immigrati, tra l'altro, furono i responsabili, coi loro coltelli, dell'apertura di sentieri attraverso la foresta.

Non si sa esattamente quale fu la prima colonia fondata in Brasile. Questo è un capitolo polemico della storia del popolo italiano in terra brasiliana. Ciò che si sa è che le prime colonie straniere furono qui installate a partire dal 1875, nel periodo della grande emigrazione europea, proprio quando il Brasile rese ufficiali i legami con l'Italia.

Ufficialmente comunque la prima colonia italiana in Brasile sorse nel municipio di Santa Teresa, a Espírito Santo, d'accordo con la legge N° 13.617, del gennaio 1874, promulgata dal governo federale. Secondo il documento, nel febbraio del 1874, la nave Sofia sbarcò a Santa Cruz, vicino alla città di Vitória, a Espírito Santo, con un gruppo di immigrati formato, tra gli altri, da 388 contadini veneti e trentini. Tuttavia un secondo viaggio del maggio 1875 è considerato il marchio fondamentale per le origini di quella colonia. In quell'occasione la nave Rivadavia approdò in Brasile con 150 famiglie, delle quali circa 60

proseguirono per Timbuí, e fondarono Santa Teresa. Grazie a quell'immigrazione il Municipio è oggi il maggior produttore di vino e di uva dello stato di Espírito Santo.

Ma esiste anche una terza versione della storia della prima colonia italiana in Brasile. Secondo lo storico Paulo Kons, pioniera fu Nova Itália, fondata nel giugno del 1836 da 132 immigrati cattolici, oriundi del Regno di Sardegna. Localizzata nella Valle del Rio Tijucas Grande, a 74 chilometri da Florianópolis, la colonia catarinense è stata creata a partire dall'iniziativa dei medici Henrique Ambauer Schütel e Carlo Demaria.

A Rio Grande do Sul, gli immigrati italiani sostituirono i tedeschi, che nel loro paese ora affrontavano delle restrizioni all'emigrazione verso il Brasile. Le prime colonie dello stato furono create nella Serra Gaúcha. Tra le più importanti troviamo: Garibaldi (fondata col nome di Conde D' Eu), Bento Gonçalves (l'antica Dona Isabel) e Caxias do Sul.

La colonia Garibaldi era stata fondata nel 1870, per ricevere gli immigrati tedeschi che la mantennero soltanto per mezzo di un'agricoltura di sussistenza. Nel 1874 tuttavia iniziò l'occupazione italiana, come nuovo modo di popolare il territorio e aiutare i tedeschi nella costruzione delle strade necessarie per lo smercio della produzione agricola. A sua volta Bento Gonçalves e Caxias do Sul, fondate e occupate dagli Indios, cominciarono a ricevere gli italiani a partire dal 1875 per iniziativa del governo, che sperava nello sviluppo della regione, il cui suolo, essendo simile a quello europeo, era appropriato per la coltura della vite.



PRIMA FERMATA: CASA-CENTRO DI ACCOGLIENZA DEGLI IMMIGRATI

Immigrati europei in posa per la fotografia nel patio centrale del Centro di Accoglienza degli Immigrati, a São Paulo, all'incirca nel 1890.

Foto della Fundação Patrimônio da Energia di São Paulo – Memoriale dell'Emigrante. Fotografo Guilherme Gaensly (1843-1928).

A Santa Catarina, agli inizi, gli italiani furono sistemati, nella loro maggioranza, nelle colonie tedesche. E i conflitti fra immigrati sfociarono nella discriminazione e sfruttamento degli italiani da parte di chi era arrivato per primo. Si può anche affermare che, in tutta la Regione Sud del Brasile, furono gli italiani ad occupare le terre meno fertili, più distanti dai

centri abitati e dai mezzi di comunicazione. Per loro non era prevista assistenza medica e non c'erano chiese.

Nel 1879, a Urussanga arrivarono i primi immigrati italiani dello stato di Santa Catarina. Pochi mesi dopo, nel 1880, 30 famiglie di un nuovo gruppo di immigrati partirono verso Criciúma, e lì fondarono una nuova colonia



*Vista della Vale do Canaã
nella regione di Santa Teresa,
Espírito Santo*

Foto: IBGE

italiana. Tra le circa 140 persone che occuparono il luogo, erano presenti molti bambini. Grazie a quella manodopera la regione si sviluppò molto, venne promossa la costruzione di strade e, di conseguenza, crebbero gli scambi commerciali. A Santa Catarina furono fondate anche molte altre colonie, come Nova Veneza e Nova Trento.

Nel gennaio del 1891 Miguel Nápoli, originario della Sicilia, arrivò a Nova Veneza per di-

rigere i lavori di apertura delle strade e la demarcazione delle terre che sarebbero spettate agli immigrati italiani oriundi di Venezia, che arrivarono nel mese di giugno di quello stesso anno, per un totale di 400 famiglie. A ottobre arrivarono più di 500 famiglie provenienti da Venezia e Bergamo, e il risultato fu la fondazione di Nova Veneza. È necessario registrare che questa fu la prima colonia del Brasile divenuto già Repubblica.

Prima dell'arrivo degli italiani a Santa Catarina, quindi ancora nel 1875, Rio de Janeiro ricevette un gruppo di 50 famiglie provenienti dalla provincia di Modena. Queste famiglie erano destinate alle terre del Sud del Brasile. Ma, a causa di un focolaio di febbre gialla, le famiglie dovettero rimanere più a lungo a Rio de Janeiro. L'imperatore Dom Pedro II offrì loro la Colonia Porto Real. Dopo la quarantena necessaria per evitare una nuova epidemia di febbre gialla, al gruppo fu richiesto di rimanere in quel luogo, in cui la canna da zucchero era la principale coltura.

Nello stato del Paraná, la maggior parte dei coloni italiani si stabilì a Curitiba e dintorni, e prosperò grazie alla costruzione di ferrovie per il trasporto degli alimenti. Erano arrivati a partire dal 1872 per lavorare come agricoltori nelle piantagioni di caffè. Più tardi, molti divennero commercianti e capitani d'industria.

*Momento in cui si caricano i barili e le bottiglie
bordolesi nell'antica cantina di Antonio
Pieruccini, a Caxias do Sul nel 1915*



Foto: Domingos Mancuso - Collezione Renan C. Mancuso

POVOAMENTO

(MAPA Nº 3)



Mappa del popolamento di Rio Grande do Sul che mostra l'occupazione da parte degli immigrati di origini italiana, tedesca e delle isole Azzorre a partire dalla fine del secolo XIX. Pubblicata nell'articolo "Conquista e popolamento di Rio Grande do Sul", di Carmen Thomas, Geografo della V.G.C. - CEMAPA, nel Boletim Geográfico di Rio Grande do Sul nº 19, della Segreteria di Pianificazione, Bilancio e Gestione - RS.



Festa del 1° Centenario della città di Santa Teresa-ES nel 1975 con la partecipazione dei discendenti degli immigrati

Fotos: IBGE



capitolo 4

L'ESPANSIONE VERSO IL SUD EST

Nonostante molti immigrati italiani fossero stati incamminati verso le colonie del Sud, la maggior parte venne ricevuta nella regione Sud Est del Brasile. E ciò avvenne perché il principale interesse del governo imperiale era quello di sostituire, nelle piantagioni di caffè che stavano incrementando rapidamente la prosperità della regione, la manodopera degli schiavi con la forza lavoro degli immigrati. Tra il 1840 e il 1850, il suolo fertile per le coltivazioni e la presenza della ferrovia avevano trasformato São Paulo in un importante centro agricolo di caffè, con partecipazione considerevole nell'economia mondiale, grazie alla navigazione transatlantica.

Questo fu lo stato che accolse il maggior numero di immigrati italiani in Brasile, soprattutto quelli provenienti dal nord Italia (veneti e lombardi). Dei 4.100.000 immigrati che sbarcarono nelle terre brasiliane, tra il 1886 e il 1934, il 56% venne incamminato verso São Paulo. Dopo l'abolizione della schiavitù, il governo imperiale, assieme al governo paulista e ai proprietari agricoli, preoccupati di mantenere la produttività delle piantagioni di caffè, creò lo slogan "braccia per l'agricoltura" e investì grandi somme per pagare i viaggi degli immigrati.

Ma anche se l'idea di immigrazione era venduta come una prospera opportunità per gli italiani e gli altri europei, la realtà del lavoro di un colono nelle piantagioni era penosa. Casi di maltrattamenti, l'assenza di scuole e di medici, e giornate lavorative molto stancanti erano la



*Stazione Mariano Procópio
a Juiz de Fora (MG), 1903*

Collezione dell'Archivio Nazionale del Brasile

norma. Nelle aziende di caffè anche le donne e i bambini lavoravano nei campi. Le piante di caffè erano divise per famiglia e ad ogni mille piante piantate era elargito un salario.

A partire dal 1880, il governo cominciò a costruire nuclei coloniali per gli immigrati. Le terre dei proprietari indebitati erano espropriate e divise in lotti messi poi in vendita e acquistati dai coloni con la fa-

cilitazione di avere dieci anni di tempo per effettuare il pagamento. Questo fu un modo di liberare i proprietari dai costi abitativi degli immigrati e, allo stesso tempo, di mantenere la manodopera il più vicino possibile al luogo di lavoro. Nella maggior parte delle terre usate per la costruzione delle colonie, il suolo non era fertile, e ciò rendeva ancor più difficile la vita degli immigrati, che spesso non riuscivano a ripagare i debiti contratti.

A São Paulo, furono fondati diversi nuclei coloniali. Uno dei primi, nel 1858, fu il nucleo di Pariquera-Açu, nella parte sud dello stato che, in realtà, solo ricevette quantità significative di immigrati a partire dal 1890. Nel 1900, il nucleo ospitava 390 italiani e immigrati di altre nazionalità, e aveva problemi nella commercializzazione della produzione agricola, basata sulla coltivazione dell'acqua ardente, mais, patata dolce, patata inglese e riso, colture in voga in quella regione.

Il 28 giugno 1877, il nucleo di São Caetano fu fondato, in un'antica tenuta agricola di benedettini, da 28 famiglie del nord Italia. Nel 1877, a Ribeirão Preto, 183 immigrati, tra i quali 96 italiani, fondarono il nucleo Antônio Prado, che si dedicava alla coltivazione di fagioli, riso e mais, oltre a soddisfare le necessità del polo basato sulla produzione del caffè. A Mogi das Cruzes, nacque il nucleo di Sabaúna, nel 1889, creato da una famiglia di tirolesi. Anche questo nucleo produceva una grande varietà di beni e riuniva immigrati di vari paesi. L'anno dopo,

118 famiglie, tra le quali molti veneti, formarono il nucleo di Quiririm, nel municipio di Taubaté, dove la coltura del caffè era in decadenza mentre il riso s'era affermato come prodotto principale. Nel 1892, a Guaratinguetá, fu fondato il nucleo di Piaguí, che produ-



Come a Venezia. Il Leone Alato sulla facciata della Chiesa di San Marco, a Nova Venécia (ES)

Collezione dell'Archivio Nazionale del Brasile



Raccolta del Caffè a Araraquara (SP), all'incirca nel 1900, in coltopia di Guilherme Gaensly (1843-1928)

va fagioli, patate dolci, mais e canna da zucchero come molti nuclei coloniali di quel periodo. Verso la fine del secolo XIX, il governo di São Paulo creò il nucleo originale di Cascalho e il nucleo Barão de Jundiá, che divenne famoso per la produzione del vino, oltre a quella del caffè. Nel 1905, lo stato aprì altri due nuclei: Jorge Tiribicá, nome del governatore dell'epoca, e Nova Odessa, creato per ricevere gli ebrei e poi aperto, nel 1909, all'immigrazione italiana.

Anche a Minas Gerais le tenute agricole specializzate nella produzione del caffè attrassero immigrati, che si installarono in otto nuclei mantenuti dal governo: Carlos Prates, Américo Verneck, Bias Fontes, Afonso Pena, Adalberto Ferrás, Francisco Sales, Rodrigo Silva e Nova Baden. Anche se le prime colonie furono fondate nel 1850, soltanto a partire dalla fine del secolo XIX vennero popolate da immigrati, durante il periodo dell'immigrazione gratuita (cioè a carico dello stato brasiliano). Gli immigrati di Minas, oltre alla produzione del caffè, si



Varre-Sai Culture House (RJ), con un museo che racconta la storia della città - immigrazione italiana, economia del caffè, origine del peculiare nome - da foto e oggetti di famiglie pioniere

occupavano della realizzazione di opere pubbliche. Verso la fine del 1904, lo stato aveva già ricevuto 1270 immigrati italiani.

A Espírito Santo, la facilità delle vie di comunicazione e di accesso alla capitale, attraverso la navigazione a vapore e la ferrovia, era motivo di interesse e divenne attraente in vista della fondazione di nuclei coloniali da parte del governo. Il primo fu, nel 1857, quello di Santa Leopoldina, che nel 1882, quando contava all'incirca 8000 abitanti, si emancipò. Nel 1875, venne creata la già citata (nel capitolo 3) colonia Santa Teresa. Un'importante colonia che realizzava la distribuzione del caffè, farina di manioca, mais e fagioli e altri cereali, era quella di Rio Novo. Situata tra i municipi di Itapimirim e Benevento, divenne più tardi la Freguesia Santo Antônio do Rio Novo. Nel 1884, metà dei suoi 5000 abitanti era formata da italiani. Nel 1880 venne creata la colonia Castello, che subito si emancipò e venne così chiamata Alfredo Chaves. Legati all'industria della pastorizia, gli immigrati di questa colonia si dedicavano alla produzione di formaggi, salame e burro, oltre a quella di cereali e, più tardi, alla coltura del caffè per l'esportazione. Oltre a questi, vennero creati diversi altri nuclei, come Acioli Vasconcelos (1887), Santa Leocádia (1888), Costa Pereira (1889), Afonso Cláudio (1890), Demétrio Ribeiro (1890),

Nova Venécia (1892) e Muniz Freire (1893) – nucleo responsabile per la proibizione dell'immigrazione italiana a Espírito Santo, nel 1895, quando il governo ricevette denunce a riguardo delle pessime condizioni sanitarie, climatiche e economiche riportate dall'ispettore italiano Zettery, legato al consolato.

Al contrario di quanto successe negli altri tre stati del Sud Est, Rio de Janeiro solo presenta due casi di nuclei coloniali, infatti la maggior parte degli immigrati insediatisi in questo stato si diresse verso altri centri urbani. Il primo è il già menzionato (nel capitolo 3) caso della Colonia di Porto Real, fondata nel 1875. L'altro, meno conosciuto, riguarda la colonia formata nel municipio di Varre-Sai, nel 1897, da italiani originari della regione del Lazio, provincia di Viterbo. In questa colonia, gli italiani vivevano in modo simile a quello dei connazionali che lavoravano nelle piantagioni di caffè di São Paulo.



Casa Lambert, costruita nel 1875 dai fratelli italiani Antônio e Virgílio Lambert, uno dei primi edifici a Santa Teresa (ES)

capitolo 5

L'ABOLIZIONE DELLA SCHIAVITU' E LA CONCENTRAZIONE DELLA MAGGIOR PARTE A SÃO PAULO

L'abolizione della schiavitù in Brasile, verso la fine del secolo XIX, fu uno dei principali motivi della grande richiesta di manodopera straniera di immigrati, nel Paese. Sotto pressione a causa delle insistenti denunce degli inglesi fin dall'inizio del secolo, dovute alla competizione nella ricerca espansiva verso nuovi mercati di consumatori, il governo imperiale liberò poco a poco i neri schiavizzati, anche se così andava contro alla volontà dei potenti proprietari agricoli delle fazendas di caffè.

A partire dal 1850, con la legge Eusébio de Queiroz, la tratta dei neri divenne illegale. E ciò permise alle navi inglesi di sequestrare le imbarcazioni che stessero realizzando il traffico e il trasporto di africani verso la costa brasiliana, per lavorare come schiavi in Brasile. Nel 1871, un'altra legge, quella del Ventre Libero, che diede la libertà ai figli degli schiavi nati a partire dalla data della sua promulgazione, ridusse in



LEGGE AUREA

Il 13 maggio 1888, Princesa Isabel, reggente, firma la Legge Aurea al Paço Imperial con una grande folla presente. È la fine di centinaia di anni di schiavitù in Brasile. Il documento originale è sotto la custodia dell'Archivio Nazionale.



Le piantagioni di caffè in Brasile, fino al 1888, erano mantenute dal lavoro degli schiavi

modo brutale il numero della manodopera di schiavi. Nel 1885, vennero liberati i neri con più di sessanta anni, con la Legge del Sessantesimo. E, finalmente, nel 1888, firmando la Legge Aurea, la Principessa Isabel decretava la fine della schiavitù in Brasile.

Il desiderio di dimenticare questo periodo triste della loro storia e di ricominciare una vita lontani dai luoghi che avevano segnato la cattività causò la fuga da parte degli schiavi dalle fazendas – con eccezione di quelli che accettarono di rimanere e svolgere i lavori domestici –, durante la stagione in cui venivano raccolti la canna da zucchero e il caffè. I neri si diressero verso i centri urbani, dove si ridussero a una vita da miserabili. Questa fuga causò enormi problemi economici ai proprietari agricoli che cercarono di organizzarsi e di sostituire la manodopera degli schiavi con quella di lavoratori a buon mercato.

I coloni europei, soprattutto gli italiani, venivano reclutati dagli agenti del governo imperiale brasiliano per lavorare nelle piantagioni di caffè. Veniva loro offerto il trasporto dall'Italia fino alle tenute agricole, localizzate per la maggior parte a São Paulo. Veniva, inoltre, garantito loro vitto e alloggio fino a quando non sarebbero riusciti a provvedervi da soli, e il responsabile per tutto ciò era il proprietario della tenuta agricola nella quale erano ospitati. Il tenentario dava loro un anticipo e determinava il periodo di tempo in cui i coloni avrebbero dovuto pagare quanto dovevano. I campi erano divisi tra diverse famiglie e al colono

Domínio pubblico, Wikimedia.org



L'impero brasiliano distribuì grandi quantità di volantini ben stampati per attirare gli immigrati italiani

spettava la metà del netto del profitto prodotto dal suo lotto di terra. I debiti generavano un tasso di interessi del 6%, che veniva scontato dal netto dei profitti annuali, divisi a metà tra datore di lavoro e lavorante.

Con l'obiettivo di promuovere l'immigrazione europea e di combattere la pubblicità negativa che si propagava con la diffusione delle notizie di maltrattamenti e di frodi nelle piantagioni, il governo brasiliano assieme alla provincia di São Paulo (governata allora da Antônio de Queirós Teles, visconte di Parnaíba), fondò, il 2 luglio 1886, la Società Promotrice dell'Immigrazione. Questa società era la responsabile per il reclutamento in Europa, per il trasporto delle famiglie in Brasile, per l'ospitalità all'arrivo e per la sistemazione degli stranieri nelle fazendas di caffè.

La prima iniziativa della Sociedade Promotora da Imigração fu la stampa di grandi quantità di materiale promozionale, che vendeva l'immagine del Brasile come quella di un paese ideale per l'immigrazione. Naturalmente tutti i problemi vennero omessi e fu invece ribadito che i costumi qui erano molto simili a quelli europei. Facendo un paragone con altri paesi, specialmente con Argentina e Stati Uniti, venivano presentati diversi vantaggi per i futuri emigranti verso il Brasile. Vennero create delle case di accoglienza in punti strategici – una, per esempio, era vicina alla ferrovia che legava Rio de Janeiro, Santos e São Paulo. Venivano offerti anche otto giorni di ospitalità, con diritto a vitto, alloggio e trattamento sanitario gratuito, oltre al trasporto degli immigrati verso le tenute agricole nelle quali le loro nuove vite avrebbero avuto inizio.

Tra i più importanti centri di accoglienza per gli immigrati, va ricordata la Hospedaria do Brás, la cui costruzione ebbe inizio nel 1886 e terminò



Immigrati nel cortile interno della pensione di Brás intorno al 1890, in una foto di Guilherme Gaensly (1843-1928)

nel 1888. Per 91 anni (fino al 1978) il Centro di Accoglienza ospitò più di due milioni di persone. Agli immigrati destinati alle tenute agricole erano garantiti vitto e alloggio, offerti dai proprietari terrieri. Coloro che si dirigevano verso i nuclei di coloni venivano aiutati dal governo, invece quelli che non sarebbero andati a lavorare nelle piantagioni di caffè dovevano pagare 1000 réis al giorno (adulti con più di 19 anni) o 640 réis (bambini dai due ai dieci anni). I bambini con meno di due anni non pagavano. I pasti – dicevano che ne sarebbero stati serviti tre al giorno ma ci sono immigrati che dichiarano che tale promessa non era mantenuta – avvenivano a orari stabiliti, così come la chiusura delle porte, mentre la pulizia giornaliera delle stanze era compito degli ospiti.

La Società Promotrice annoverava, tra i suoi membri, rinomati signori dell'Ovest paulista, come: Nicolau de Souza Queiroz, Rafael Aguiar Paes de Barros e Martinho da Silva Prado Júnior. Era questa l'entità che trattava con le compagnie di navigazione straniera. Il criterio per il reclutamento delle famiglie seguiva alcune esigenze. Le famiglie considerate ideali, per esempio, erano quelle in cui, in genere, la coppia avesse meno di 45 anni e per lo meno un figlio già attivo. Gli immigrati celibi o quelli che non avevano intenzione di rimanere nel centro di produzione del caffè paulista non erano finanziati dallo stato.

Questa organizzazione permise a São Paulo di mantenere il controllo

Foto: dominio pubblico, Wikimedia.org



L'ostello per immigrati di Brás oggi è il Museo dell'immigrazione dello Stato di San Paolo

del numero degli immigrati, che nei due primi anni furono 101.396. L'organizzazione era privata ma riceveva finanziamenti pubblici dal Governo Provinciale e prestiti dalla banca inglese Louis Cohen & Sons. Gli alloggiamenti e tutte le spese ammontavano a cifre voluminose che venivano annualmente pagate ai finanziatori, con un tasso di interessi pari a 5% all'anno. La Società rimase funzionante per dieci anni, portando in Brasile un totale di 120mila immigrati di diverse nazionalità europee, la maggioranza dei quali veniva dall'Italia. Tra il 1887 e il 1900, gli italiani rappresentarono il 73% degli immigrati.

A causa delle pessime condizioni di lavoro e di salute in cui si viveva nelle piantagioni e nei nuclei originali, creati a partire dal 1880, diversi immigrati abbandonarono i lotti. Erano insoddisfatti e delusi dalle promesse fatte dagli agenti durante il reclutamento, troppo distanti dalla realtà; la maggioranza poi lavorava per dieci anni nelle piantagioni di caffè e non riusciva a estinguere il debito e a comprare le terre in cui lavorava.

Molte volte il sistema dei nuclei coloniali si dimostrò inefficiente. I coloni si lamentavano di lavorare in terre marginali nell'Ovest paulista, considerate inadeguate alla coltura del caffè, e non si fidavano dell'onestà dei proprietari agricoli quando questi dividevano i guadagni. I proprietari a loro volta accusavano gli immigrati di essere pigri e insistenti nel rifiutarsi d'accettare terre che consideravano improduttive.

capitolo 6

DECRETO PRINETTI

All'inizio del XX secolo al governo italiano giunsero informazioni sui maltrattamenti subiti dagli immigrati nelle piantagioni di caffè del Brasile, e ciò provocò iniziative volte a frenare il processo migratorio. La mancanza di igiene básica, di una degna sistemazione, di scuole, e le deficienze nei trattamenti sanitari, esperienza a cui erano sottoposti gli italiani che lavoravano nelle fazendas di caffè, vennero raccontate dal giornalista Adolfo Rossi, in una relazione inviata dal Console Generale d'Italia a São Paulo e indirizzata al Commissariato dell'Emigrazione. Rossi fu mandato dal Commissariato a ispezionare la situazione degli immigrati nelle piantagioni di caffè di São Paulo. Il giornalista denunciò la precarietà in cui gli immigrati vivevano, però riconobbe che 5.230 appezzamenti di terra già appartenevano agli italiani dello stato paulista.

I signori del caffè, fino ad allora abituati con gli schiavi neri africani, trattavano i lavoratori europei, che qui erano arrivati per essere liberi e stipendiati, nello stesso modo in cui avevano trattato gli schiavi. Nelle piantagioni di caffè, i diritti dei lavoratori non erano rispettati ed erano comuni i maltrattamenti. Gli italiani erano sottoposti a durissime giornate di lavoro e a vari atti di violenza, e ciò provocò anche ribellioni e rivolte contro i datori di lavoro. Molti infatti decisero di tornare in Italia o cercarono fortuna nei centri urbani, dal momento che nei nuclei coloniali la tendenza era quella di sentirsi isolati.

Oltre a Rossi, anche Zettery era stato mandato per svolgere lo stesso compito di ispettore nelle colonie italiane di Minas Gerais e Espírito



Giulio Prinetti è stato un politico e ministro degli Affari Esteri del Regno d'Italia

Foto: dati.camera.it, Wikimedia.org

Santo. L'ispettore fece osservazioni sulle condizioni sanitarie e climatiche del nucleo Muniz de Linhares, fondato nel 1893, nello stato di Espírito Santo. Le sue note fecero sì che l'Italia proibisse, nel 1895, l'immigrazione verso questo stato del Brasile.

Il risultato per niente soddisfacente delle note degli ispettori, assieme a un articolo poco favorevole al Brasile, intitolato "La condizione



SENZA SOVVENZIONE

Il lavoro nella piantagione di caffè aveva condizioni leggermente migliori rispetto a prima della Legge d'Oro.

Le cattive condizioni delle colonie portarono al divieto del trasporto gratuito dall'Italia al Brasile e impedirono il lavoro degli agenti a favore dell'immigrazione italiana, sull'esempio di Francia e Germania.

dell'emigrazione agricola a Ribeirão Preto” indusse il governo italiano a firmare, il 26 marzo 1902, il Decreto Prinetti (in allusione al nome del Ministro degli Esteri dell'epoca) che dichiarava come illegale l'emigrazione sovvenzionata verso il Brasile. In realtà si trattava di un'ordinanza e non di un decreto, e non proibiva la partenza di emigranti che raggiungessero il Brasile per libera e spontanea volontà. Veniva però sospesa la licenza speciale concessa a quattro compagnie di navigazione che realizzavano il trasporto gratuito degli immigrati italiani, e veniva proibito agli agenti del governo brasiliano di reclutare in Italia persone che avrebbero poi lavorato in Brasile.

Il Decreto Prinetti rimase in vigore fino alla Prima Guerra Mondiale e contribuì significativamente alla diminuzione del flusso migratorio. Dati riportati da Franco Cenni attestano che il numero di immigrati, che aveva superato i 100mila nel 1895, scese bruscamente a 28.895, nel 1902, dopo la firma del Decreto. Ma il Decreto non fu l'unico responsa-

bile della diminuzione del flusso migratorio, infatti la crisi nella produzione del caffè aveva già colpito l'offerta di lavoro nelle piantagioni.

Una volta proibiti il trasporto gratuito e il lavoro degli agenti favorevoli all'emigrazione italiana, il Brasile si trovò nella stessa situazione di altri paesi, come gli Stati Uniti e l'Argentina.

Prima che una tale misura fosse presa dall'Italia, Germania e Francia già avevano proibito in assoluto l'emigrazione per il Brasile, sempre a causa dei maltrattamenti a cui erano stati sottoposti i cittadini di tali paesi, in terra brasiliana. Per quanto riguarda il caso tedesco, la Legge Heydt abolì l'immigrazione nel 1859, e solo nel 1896 la Germania ci ripensò e decise di favorire gli stati del Sud del Brasile, mantenendo però la proibizione del reclutamento e del trasporto gratuito. La Francia invece pubblicò una circolare con queste stesse caratteristiche il 31 agosto 1875, e la sospese solo nel 1908, quando il governo brasiliano promulgò dei miglioramenti relativi alla legislazione e regolamentazione dell'immigrazione.



Colono e famiglia italiani nel nucleo coloniale Gavião Peixoto (SP), nel 1911

Collezione digitale del Museo statale dell'immigrazione di San Paolo

capitolo 7

LA CRESCITA E LA STABILIZZAZIONE NELLA NUOVA PATRIA

120

La crescita e la stabilizzazione nella nuova patria

Nonostante i maltrattamenti nei confronti degli italiani nelle fazendas di caffè del Sud Est del Brasile e, principalmente, nell'Ovest paulista, molti riuscirono a vivere momenti di gloria e si adattarono molto bene ai costumi brasiliani. Con grande impegno nel lavoro e alcuni legami culturali con la nuova terra, gli immigrati poco a poco realizzarono il sogno della terra di proprietà e prosperarono nelle nuove fazendas di cui divennero proprietari.

A São Paulo, 1.057 italiani divennero proprietari terrieri entro il 1901, con coltivazioni stimate in 32.000.000 piante da caffè. E questo numero solo crebbe, col tempo. D'accordo con la Segreteria dell'Agricoltura dell'epoca, nel 1906 i piccoli proprietari agricoli italiani già erano 5.197. Molti di più di quelli di altre nazionalità: 1.607 portoghesi, 470 spagnoli, 25 inglesi, 117 austriaci, 675 tedeschi e 76 francesi si trovavano nella stessa situazione. Nel 1920 i fazendeiros europei raggiunsero le 15mila unità.

Tra i piccoli proprietari italiani che realizzarono l'antico sogno, le colture più diffuse, che davano un profitto, non erano solo quelle del caffè, ma anche fagioli, verdure, riso, patate e vite – da cui si ricavava il vino. Gli italiani allevavano animali e producevano tutto quanto era necessario alla vita e al mantenimento della famiglia. Insieme e con un forte senso di comunità, i proprietari italiani popolarono città e incrementarono il commercio e la vita culturale dei luoghi in cui abitarono. La cultura diversificata introdotta da loro creò fondamenta e si solidificò nelle città, dove venivano costruite scuole, chiese, mercati, chiese, piazze e banche proprie.



Foto: collezione digitale del Museo statale dell'immigrazione di San Paolo.



Carretto di un fruttivendolo italiano nel quartiere di Moóca. San Paolo (SP), 1920. Collezione della Divisione Iconografia e Musei / DPH / PMSP

C'è un episodio che marcò tale fase di gloria e illustra con franchezza e veracità quanto stava accadendo. Avvenne nel giorno in cui il giornalista Alessandro D'Atri, direttore della pubblicazione socialista di Mantova La Favilla, nel 1887 indaga l'allora Ispettore Generale F. de B Accioli Vasconcelos intorno ai casi di immigrati che venivano maltrattati nelle piantagioni di caffè. L'ispettore ascolta la critica e risponde dicendo che, nonostante le voci, vere in taluni casi, l'immigrazione aveva tolto da uno stato di miseria migliaia di italiani che in quell'epoca già erano proprietari di circa 400mila metri quadrati di terra fertile, nelle piantagioni di caffè. Egli aggiunse che, in generale, molti italiani stavano riuscendo a pagare parte dei debiti contratti all'arrivo in Brasile, in un periodo di tre anni. Quest'informazione era quindi una buona notizia, infatti il governo concedeva fino a sette anni di tempo per il pagamento della prima rata e solo allora la terra veniva espropriata. L'ispettore prese ad esempio le colonie di Santana, vicino a São Paulo, e la tenuta agricola Martinho Prado Júnior.



Foto tipica di una famiglia italiana con la coppia di immigrati al centro e i loro numerosi discendenti, scattata nel 1920 a San Paolo (SP)

Oltre all'immigrato italiano che arrivava senza possedere alcuna risorsa, a parte la sua volontà e la predisposizione al lavoro, esistono anche storie di altri, più fortunati, che avevano venduto tutto ciò che possedevano in Italia per investire poi in Brasile e prosperare come agricoltori, fornitori di servizi, commercianti e industriali. Gli immigrati esportarono la loro forza lavoro, l'intelligenza e, naturalmente, molti altri aspetti della loro cultura, come l'arte culinaria, molto apprezzata in varie parti del mondo. Il risultato fu una solida e ricca carriera negli stati del Sud Est.

A Minas Gerais, a Espírito Santo e, soprattutto, a Rio de Janeiro, la storia italiana invece si costruì molto di più tra le strade delle città e divenne una storia urbana.

capitolo 8

LO SVILUPPO NELLA PRIMA META' DEL SECOLO XX

Molti immigrati italiani tentarono la sorte nei centri urbani della Regione Sud Est del Brasile. Tra gli oriundi del Nord Italia c'era una tendenza a dirigersi verso le zone rurali mentre quelli del Sud preferivano le grandi città. Le capitali São Paulo e Rio de Janeiro ricevettero quindi vari immigrati che divennero in maggioranza operai, ma anche piccoli commercianti, camerieri, lustrascarpe, sarti, barbieri, falegnami, fruttivendoli, pescivendoli, venditori di animali, venditori di scope, legumi, stoviglie e vasi o biglietti della lotteria, ma anche giornalai, autisti di taxi, di tram, artigiani e venditori ambulanti. Lavoravano come ambulanti o in stabilimenti vari. Il commercio ambulante era anzi una delle principali occupazioni degli immigrati urbani, nel 1874. La maggioranza viveva in caseggiati plurifamiliari o in favelas, in abitazioni collettive che ospitavano più di una famiglia, con l'intenzione

All'inizio del XX secolo, i lavoratori italiani rappresentavano circa il 90 per cento dei lavoratori nel settore dell'industria a San Paolo (SP)

Collezione del Museo statale dell'immigrazione di San Paolo.

di risparmiare, essendo però così obbligati ad accettare le precarie condizioni sanitarie. Per questo a São Paulo, nacquero quartieri etnici come: Brás, Mooca, Lapa, Bixiga, Santa Cecília, Mandaqui e Barra Funda.

L'immigrazione italiana nello stato di Rio de Janeiro avvenne in modo diverso e in quantità minore. Nel 1900 c'erano 35mila oriundi nello stato. Siccome il numero di piantagioni di caffè era molto minore qui se paragonato a quello dello stato di São Paulo, la maggio-



Museo statale dell'immigrazione di San Paolo.

Venditore di scope, fotografato dallo studio di Marc Ferrez in Rua São José, Rio de Janeiro (RJ)

ranza si trasferiva nei centri urbani e cercava lavoro soprattutto nell'ambito del commercio e dell'industria. La maggioranza degli immigrati italiani era formata da uomini, spesso giovani, e provenienti da Cosenza e Potenza, quindi meridionali.

Tanto nella città di São Paulo quanto in quella di Rio de Janeiro, l'immigrante italiano, soprattutto quando occupava la posizione di operaio, ebbe un ruolo fondamentale per lo sviluppo economico delle industrie e del commercio. Infatti, nonostante le condizioni proibitive di lavoro, gli italiani rappresentavano, nel 1901, nella capitale paulista, il 90% dei 50mila operai in attività. Gli stipendi erano bassissimi, e il lavoro nelle fabbriche era svolto anche da donne e bambini, che cercavano così d'incrementare il reddito familiare. Donne e bambini svolgevano i compiti che richiedevano uno sforzo minore, nelle fabbriche tessili. Nella grande maggioranza, ricevano stipendi ancora più bassi e affrontavano minacce e molestie sessuali da parte dei padroni.

La giornata di lavoro, che durava anche 16 ore, la mancanza di politiche sociali nei casi di malattia, gravidanza o incidenti invalidanti, e l'assenza di indumenti e di strumenti di protezione contro gli incidenti nelle fabbriche, rappresentavano condizioni molto dure, di cui gli operai non erano soddisfatti. Infatti gli immigrati italiani ebbero un ruolo fondamentale nella definizione delle nuove direttive dei diritti dei lavoratori, che entrarono in vigore nei primi anni del secolo XX. Quando arrivavano dall'Europa, pieni di ispirazioni anarchiche, sindacaliste e socialiste, sedotti dagli ideali di Bakunin, Malatesta e Marx, e

INDUSTRIA IN ESPANSIONE

Un annuncio di Francesco Matarazzo & Companhia Industrial e Importadora pubblicato sul quotidiano in lingua italiana "La Vedetta", a São Carlos (SP), il 7 giugno 1908, che mostra la diversità delle sue imprese, con molino, tessitura, fabbriche di fiammiferi, sapone, strutto e lavorazione del riso e dello zucchero.

F. MATARAZZO & C.
 Industriali e importatori
 SEDE IN Rua 15 de Novembro 24-A S. PAULO
 Filiales:
 Santos, Rua 15 de Novembro, 62 -- Rosario de Santa Fé, Calle Libertad
 Proprietari degli Stabilimenti Industriali:

• Molino Matarazzo - Produzione giornaliera 3,500 sacchi di farina.
 Fucina, Tecelagem, Malharia e Tinturaria «MARIANGELA» con 35,000 fusi e 1,700 telai
 Fabrica de Oleos «SOL LEVANTE» - Produzione mensile 1,000 quartolas di olio di cotone raffinato
 Fabrica de sabão «SOL LEVANTE» - Produzione mensile 10,000 casse di sapone
 Fabrica de Phosphoros «SOL LEVANTE» - Produzione mensile 2,000 latte di fiammiferi
 Espresso de Arroz - Produzione mensile 30,000 sacchi di riso beneficiato
 Fabrica de Banha «A PALMEIRA» in Leopoldina
UNICI AGENTI DEL
"ENGENHO DE ASSUCAR USINA ESTHER"
 di Cosmopolis

I prodotti delle nostre fabbriche si raccomandano da loro stessi, per essere tutti superiori agli altri congeneri.
 Le nostre prove impiegate nelle suddette nostre fabbriche, sono delle migliori e lavorate con macchine i più periti del migliore e più rinomati fabbricanti esteri.
 Le nostre marche di farina LILI, CLAUDIA, TOSCA, PRIMEIRA, COLONIAL, IDA e OLGA, oltre che alla loro superiorità su qualunque altra marca, sia nel sapore che nel colore, superano tutte le altre nella fabbricazione di pane, perché danno dai 2 al 3 chilogrammi di pane in più delle altre.
 Ai consumatori delle nostre farine diamo mensilmente un premio di reis 300,000 e ventotto premi di reis 10,000, rappresentati desti premi, da tanti colleghi che saranno trovati entro i sacchi delle nostre farine.

si rendevano contro della situazione proletaria dei centri urbani brasiliani, molti italiani cominciavano a diffondere tali teorie, proponendo pratiche che avrebbero trasformato le loro vite e anche quelle degli altri lavoratori.

Organizzati in sindacati, indipendentemente dalla linea politica di preferenza, gli operai cominciarono a riunirsi per dibattere le proprie rivendicazioni e per organizzare gli scioperi. Tra le idee più rappresentative troviamo la riduzione della carica oraria giornaliera di lavoro, l'aumento degli stipendi e il diritto all'assistenza sanitaria. Luglio 1917 è rimasto nella storia come il mese degli scioperi degli operai, anche se i primi scioperi già erano avvenuti

verso il 1890. Nel 1917 la massa si era mobilitata e aveva dichiarato uno sciopero generale in pieno contesto urbano, nel quartiere di Mooca, i cui effetti si erano sentiti fino alle piantagioni di caffè. A Itu, Sorocaba, Saltos e nella fabbrica di Porto Feliz, lavoratori organizzati incrociarono le braccia.

Il primo grande sciopero nell'area territoriale paulista era avvenuto nel 1913. Lo stato non si era sottratto alla violenza, mentre cercava di controllare la rivolta. Ci furono fermenti, assassinii, arresti arbitrari senza i dovuti giudizi in tribunale, invasioni domiciliari e delle sedi sindacali, oltre alla censura dei periodici. Ma, nonostante tutto, fu così che ebbe inizio



Domínio público, Wikimedia.org

Strade di San Paolo prese da operai con bandiere rosse e nere nello sciopero generale del 1917, pubblicato su A Cigarra il 26 luglio 1917

una tradizione di lotta per i propri diritti da parte dei lavoratori, tradizione che persiste fino ad oggi.

Anche se fu in quel periodo storico che l'ideale anarchico si diffuse con più forza, è risaputo che gli anarchici esistevano in Brasile già dal 1890, quando cominciarono a influenzare il movimento operaio attraverso la stampa italiana anarchica locale.

Nel 1892, nella capitale paulista venne fondato il primo giornale libertario del Paese, denominato "Gli Schiavi Bianchi". La pubblicazione era diretta da Galileo Botti e si identificava chiaramente con l'anarchismo. Fino

Tessitura Mariangela, del Gruppo Matarazzo, a San Paolo (SP), primo decennio del XX secolo. Vale la pena notare il gran numero di donne, adolescenti e bambini che lavorano



all'inizio del secolo XX, nella città apparvero diverse pubblicazioni simili. Tra le quali: La Bestia Umana, La Nuova Gente, L'Avvenire, La Battaglia e Il Risveglio. Il primo giornale italiano di indirizzo anarchico, pubblicato in portoghese e fondato a São Paulo, fu "O Amigo do Povo", la cui prima edizione uscì nel 1902.

I giornali erano grandi diffusori di idee, e la propaganda politica circolava in tutto il Paese. Esistevano i periodici degli anarchici, e c'erano quelli anti-sindacalisti, come La Battaglia, nato nel 1904.

Per quanto riguarda la stampa, Rio de Janeiro ebbe un ruolo fondamentale, infatti già nel 1765 in città circolò la prima edizione di un giornale pubblicato in Brasile, e venne pubblicato in italiano. Nel suo libro "Stampa italiana in Brasile – Secoli XIX e XX", Angelo Trento parla dell'esistenza di un giornale in secolo XVIII: il periodico cattolico mensile "La Croce del Sud", che circolò per un breve periodo grazie all'iniziativa di due frati cappuccini (Giovanni Francesco da Gubbio e Anselmo de Castelvetro).

La comunità italiana a Rio lanciò, nel 1875, il giornale La Gazzetta Italiana del Brasile, e, nel 1885, il giornale L'Italia – Organo degli interessi Italo - Brasiliani, che venne stampato fino al 1889. Gli italiani sono anche stati pionieri nella distribuzione e vendita di periodici, e infatti, a tali scopi, crearono una cooperativa.

I dati indicano che, fino al 1940, Rio era la seconda città del Paese con più titoli pubblicati da parte degli immigrati di origine italiana. Ciò che però rendeva queste pubblicazioni diverse da quelle paulistas, era il fatto che i loro contenuti non fossero prevalentemente diretti alla classe operaia.

Oltre ai casi di italiani che diventarono operai e commercianti e altri che, a causa della mancanza di un lavoro, trascorsero momenti terribili e, appena ne ebbero l'opportunità, decisero di tornare in Italia, i centri urbani del Brasile custodiscono anche diverse storie di immigrati che qui prosperarono e fecero successo, entrando così tra le élite locali, specialmente in quella paulista. Molti di loro, quando tornarono in Italia, furono nominati conti e divennero persone influenti a causa dell'enormi donazioni fatte allo stato italiano durante la Prima Guerra Mondiale, o semplicemente per l'elevato poter d'acquisto che avevano acquisito vivendo in Brasile. Questi Conti furono molto importanti per la modernizzazione e lo sviluppo economico del Brasile.

Il nome più conosciuto è quello di Francesco Matarazzo, che si affermò in Brasile come fondatore del maggior complesso industriale dell'America Latina. Matarazzo arrivò qui a 27 anni, nel 1881, e subito si diresse a Sorocaba, in provincia di São Paulo. Dopo qualche anno in cui lavorò come venditore ambulante, decise di produrre lardo di porco nazionale, visto che il lardo utilizzato in Brasile proveniva, nella stragrande maggioranza, dall'Inghilterra. Aprì una fabbrica in cui smerciava anche altri generici beni alimentari e crebbe, progressivamente. In poco tempo, il suo complesso industriale già attuava ampiamente sul mercato, con fabbriche di cerini, chiodi, mattonelle, ceramiche, carta e distillerie di alcol. Oltre alle fabbriche, Matarazzo divenne proprietario di centrali produttrici di ossido di calcio, solfuro di carbonio e acidi.

Un altro immigrato che iniziò dal basso ed ebbe successo fu Giuseppe Martinelli. Cominciò come macellaio e poi diventò un ricco commerciante e investitore nel ramo della navigazione. La sua residenza a São Paulo, l' Edificio Martinelli, era un grattacielo famoso, arredato con



Nota nella prima pagina del giornale O Amigo do Povo, del primo maggio 1902, mostra il ruolo degli oriundis nella stampa:
“Il primo numero del nostro settimanale è uscito con degli errori tipografici, che ci è stato impossibile evitare, siccome i tipografi sono italiani ed è italiana la tipografia. Correggeremo tutti i nuovi errori... E in futuro cercheremo di evitare questi inconvenienti”.



molto lusso. Dopo la crisi del 1929, e la caduta della borsa di valori di New York, Martinelli fallì e vide la sua opera d'arte trasformarsi nell'ennesimo palazzo abbandonato.

Anche Rodolfo Crespi è un caso di molto successo nell'immigrazione italiana. Membro di una famiglia tradizionale, che possedeva un'industria tessile in Italia, e molto intraprendente, Crespi decise di cercare fortuna in Brasile, nel 1893. Qui promosse l'espansione degli affari di famiglia e aprì, all'inizio, una piccola tessitura a São Paulo, nel



quartiere Mooca. Quindici anni dopo, egli già era proprietario della prima grande industria per la filatura del cotone in larga scala del Paese. Tra le sue innumerevoli azioni a favore dello sviluppo economico, Crespi fondò la Banca Italiana di San Paolo, partecipò alla creazione del Collegio Dante Alighieri e fondò il Clube Atlético Juventudis, formato dagli operai delle sue fabbriche. Egli lanciò anche il periodico *Il Piccolo*, di indirizzo fascista, molto letto tra gli immigrati italiani. Crespi, così come l'industriale italiano Egidio Pinotti Gamba, di São Paulo, proprietario delle fabbriche Mulini Minetti Gamba, localizzate nel quartiere Mooca, ricevette varie onorificenze da parte del governo italiano, tra le quali il titolo di Conte.

Lavoratori di fronte alla Lorenzetti, industria fondata nel 1923 nel quartiere Mooca, dall'immigrato italiano Alessandro Lorenzetti, ingegnere civile

Il panificio di immigrati italiani nel quartiere di Brás. Sao Paulo (SP)



ANARCHICI, SINDACALISTI E SOCIALISTI

Gli emigranti europei, soprattutto quelli di origine italiana, hanno fatto parte del primo gruppo di operai organizzati del Brasile. Con la creazione della nuova classe operaia, si sono diffuse anche le nuove ideologie. Gli anarchici e i sindacalisti in un primo momento hanno mostrato forza e compattezza, e il punto più alto raggiunto dalla traiettoria del movimento sono stati i grandi scioperi del 1917 (São Paulo), 1918 (Rio de Janeiro) e 1919 (São Paulo e Rio de Janeiro), in cui molte delle rivendicazioni hanno avuto ascolto. Nel 1922, con la fondazione del *Partido Comunista do Brasil*, gli anarchici hanno perso spazio all'interno del movimento e delle articolazioni politiche della classe operaia.

La dottrina anarchica nasce in Europa nei secoli XVII e XVIII, e rivendica un'organizzazione della società senza nessuna forma di autorità imponibile; lo Stato viene perciò considerato una forza coercitiva. Gli anarchici, fin dal 1892, hanno organizzato le attività del Primo Maggio e hanno sofferto la repressione statale. Lungo il correre degli anni, molti militanti sono finiti in carcere e sono stati deportati. Le organizzazioni anarchiche, così come quelle comuniste, a partire dal 1930, con la conquista del potere da parte di Getúlio Vargas, hanno subito forti repressioni.

Dominio pubblico, Wikimedia.org



Colonia Cecília

La **Colonia Cecília** rappresenta la prima esperienza brasiliana di una comunità anarchica, capeggiata dal 1890 al 1894 da **Giovanni Rossi** e da altri immigrati italiani, su terre donate, nel municipio di Palmeira (PR), dall'imperatore Don Pedro II.

Si trattava di una comunità rurale sperimentale che cercò di mettere in pratica i principi libertari quali, ad esempio, la realizzazione del lavoro collettivo, l'organizzazione di una cassa collettiva con i proventi delle rendite, e l'incentivo all'amore libero. Durò poco e non riuscì a trasformare la società, ma vari coloni divennero poi militanti in altre città, negli stati di São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Giovanni Rossi (a destra) e altri anarchici italiani che sbarcarono in Brasile per costruire la Colonia Cecília.

Dominio pubblico, Wikimedia.org



Ernesto Gattai e Angelina Da Col

La coppia **Ernesto Gattai** e **Angelina Da Col**, lui toscano e lei veneta, partì dall'Italia sulla stessa nave; i due però si conobbero solo a São Paulo. Divennero abbastanza famosi, nell'ambiente culturale della lotta politica. Sono i genitori della scrittrice **Zélia Gattai Amado** (1916-2008) che ha raccontato alcune vicissitudini familiari nel libro "Anarchici, grazie a Dio".

Erano attivi all'interno del movimento operaio e varie volte cedettero la loro casa a São Paulo, per ospitare riunioni e dibattiti pubblici. Nel 1937, la richiesta di una loro deportazione venne giudicata dalla Corte Suprema, e la difesa di Gattai riuscì a convincere la Corte del loro status di cittadini acquisiti; il pater familias si salvò così da una possibile deportazione, in quanto comunista, verso un paese che era diventato fascista.

La moglie lavorava in fabbrica, nel quartiere di Brás, ed era amante della letteratura e grande raccontatrice di storie. Nella loro casa, si incontravano vicini e amici per discutere le direttive del movimento operaio e per ascoltare le storie di Angelina.

Elvira Boni

Nata a Espírito Santo do Pinhal (SP) e figlia di immigrati italiani, di Cremona, **Elvira Boni Lacerda** ha avuto contatto con le idee socialiste attraverso il padre, operaio metallurgico. Durante l'infanzia, si è trasferita a Rio de Janeiro con la famiglia e ha cominciato a lavorare a 12 anni, come apprendista in una sartoria, senza ricevere uno stipendio, agli inizi.

La giornata di lavoro era pesante, dalle 10 alle 12 ore; la sarta ha però avuto contatto con i giornali anarchici del movimento operaio. Nel maggio 1919, fonda la Unione delle Sarte, delle Cappellaie e Classi annesse, la cui prima iniziativa, ancora nel 1919, fu quella di far scoppiare uno sciopero rivendicando la riduzione della giornata di lavoro a 8 ore.

In gruppi di teatro amatoriale, lei e sua sorella, Carolina Boni, hanno messo in scena, nei saloni delle associazioni operaie di Rio de Janeiro, pièce di stampo anarchico e anticlericale. Elvira ha collaborato ed è stata la responsabile delle pubblicazioni della rivista *Renovação*; ma in realtà lei era solo un prestanome, infatti il direttore Marques da Costa era straniero e non poteva assumere ufficialmente tale incarico.



Dominio pubblico, Wikimedia.org





Il primo numero del quotidiano Anima & Vita circolò il 1 gennaio 1905 e il suo editoriale diceva: “Il nostro programma non è così vasto come potrebbe essere, dato il gran numero di cose e buoni propositi a cui indirizziamo un pensiero di conquista. Il nostro programma è molto breve, anche perché siamo sempre stati convinti che quando vengono fatte tante promesse difficilmente si possono mantenere”.

Ernestina Lesina

La vita della donna nell’ambiente lavorativo degli inizi del XX secolo era peggiore di quella degli uomini. Le basse remunerazioni e le estenuanti giornate di lavoro si sommarono ai maltrattamenti e agli abusi sessuali. La socialista italiana **Ernestina Lesina** è stata una delle voci che si sono fatte sentire, a favore della lotta per migliori condizioni di lavoro, nelle industrie tessili paulistane.

Nel 1906, la donna ha fondato l’Associazione delle Cucitrici di Sacchi e nel 1910 ha fondato il giornale *Anima e Vita* per indurre le seguaci a prendere coscienza del loro ruolo nella storia; venivano così affrontati temi quali l’amore libero, il matrimonio, l’educazione, il lavoro e la maternità/famiglia, il tutto con un atteggiamento anticlericale. Ernestina è stata una delle prime femministe.



Informativa del segretario degli Affari di Giustizia e Sicurezza Pubblica, Washington Luís, per il Ministro della Giustizia e degli Interni, Tavares de Lira, che cita le investigazioni della polizia a riguardo degli anarchici italiani Oreste Ristori, Leopoldo Cerchiarì e Julio Sorelli; nel 1907, viene suggerita l’espulsione degli stessi.

Oreste Ristori

Il giornalista **Oreste Ristori** è immigrato in Brasile nel 1904 ed è stato l’editore de *La Battaglia*. Ha lottato contro lo sfruttamento degli immigrati italiani nelle fazendas paulistane di caffè e ha fondato scuole per i figli dei contadini e degli operai. A causa delle sue lotte, è stato perseguitato e poi, nel 1936, espulso dal Paese, durante il governo di Getúlio Vargas.

Tra le altre pubblicazioni, Oreste Ristori, nel 1906, ha scritto il pamphlet *Contra l’immigrazione*, che è stato usato come prova corroborante della richiesta di una sua espulsione. Il testo era una denuncia delle precarie condizioni affrontate dagli immigrati nelle fazendas di caffè, simili a quelle che avevano subito gli schiavi.

Contro l’immigrazione. Ristori usa un linguaggio forte



Foto: Polizia di San Paolo
Dominio pubblico, Wikimedia.org

Oreste Ristori fu deportato in Italia nel 1936



capitolo 9

L'INTEGRAZIONE E L'AFFERMAZIONE SOCIOCULTURALE E POLITICA

Mentre gli immigrati italiani s'integravano all'agglomerato socio-culturale brasiliano, il governo italiano manteneva una stabile relazione di amicizia con il Brasile, anche se era a conoscenza dei casi di sfruttamento della forza lavoro dei coloni nelle piantagioni. All'inizio di questo flusso, fino all'incirca al 1920, l'Italia era interessata all'emigrazione dei nativi verso le terre brasiliane, come forma di contenimento dell'eccessiva espansione demografica. L'Italia inoltre aveva interesse ad avvicinarsi al Brasile in ambito economico e politico e a creare così legami con i discendenti che già abitavano qui, affinché preservassero e diffondessero la cultura italiana dall'altra parte dell'Oceano Atlantico. In questo modo l'Italia cercava di acquisire parte delle risorse economiche brasiliane, soprattutto quelle che gli immigrati avevano contribuito a produrre con il lavoro da operai o con quello di capitani d'industria o con qualsiasi altro tipo di lavoro.

A partire dagli anni '30, il regime fascista approfondisce l'idea totalitaria di costruire un "Impero Italiano" nel mondo. Nonostante sia



Edifício Itália, inaugurato nel 1965 e il secondo più alto di San Paolo, è la sede del Circolo Italiano

Foto: Comolatti



Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso nella Piazza della Repubblica, Rio de Janeiro (RJ), Patrimonio Culturale Preservato; la foto è del 2020

stato attivo nella propaganda di idee politiche per mezzo della stampa, nella diffusione del suo credo nelle scuole locali e nelle associazioni di immigrati e discendenti, nonostante abbia apprezzato l'esistenza di un movimento fascista locale, chiamato L'Integralismo, Mussolini però sapeva che in Brasile sarebbe stato difficile realizzare il piano

espansionista e convincere il governo brasiliano ad allearsi all'Asse. E ciò succedeva a causa della grande egemonica influenza degli Stati Uniti in tutta l'America Latina, che iniziava ad essere governata da vari regimi militari. Dalle nostre parti anche se lo Stato Nuovo aveva carattere totalitario e molti brasiliani e immigrati simpatizzavano per la politica fascista, soprattutto nelle colonie del Sud e in quelle di São Paulo, Getúlio Vargas, durante la Seconda Guerra Mondiale, optò, fino a quando poté, per mantenersi in una posizione di neutralità, pur provando simpatie nei confronti di Mussolini. Così il dittatore italiano non esercitò sul Brasile quell'influenza che avrebbe voluto esercitare. I rapporti tra i due paesi non vennero però pregiudicati, anche se durante la guerra era proibito parlare l'italiano in pubblico e, in alcuni casi, agli immigrati vennero confiscati i beni. A parte questo, gli italiani in Brasile non subirono alcun tipo di persecuzione o di violenza.

Fino al momento di transizione tra il XIX e il XX secolo, non c'era molta unione tra gli italiani e i discendenti, qui in Brasile. Erano comuni riunioni isolate, senza molta articolazione, tra famiglie originarie della stessa zona o provincia. Però, a partire dall'inizio del XX secolo, vennero create molte associazioni, la maggior parte delle quali aveva l'obiettivo di aiutare i conterranei e di preservare la cultura italiana nella nuova terra. Una delle prime, la Società di Beneficenza e Mutuo Soccorso degli Ausiliari della Stampa, fondata nel 1906 da 78 italiani, durò 30 anni ed ebbe un grande impatto nel mercato dei giornali di Rio de Janeiro, infatti i suoi membri erano principalmente distributori e venditori di periodici. La Società Mutuo Soccorso Italiani Unit São Bernardo è ancora più antica. Venne fondata nel giugno del 1898, a São Bernardo do Campo, São Paulo. Tra le sue finalità, l'assistenza medica e l'attenzione morale e materiale nei confronti dei soci erano delle priorità. Nel 1943, per imposizione politica brasiliana, la società cambiò nome e divenne Associação Beneficente São Bernardo. Poi, nel 1955, per iniziativa del presidente di quel periodo, acquisì il nome definitivo di Associação Ítalo Brasileira de Beneficência. Oggi l'associazione ha 278 soci e segue ancora i principi originali e fondativi.

Possiamo anche citare la Società Operaia Fuscaldense di Mutuo Soccorso Umberto I (30/04/1907), la Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso (21/06/1907), la Liga Capitular Fratellanza Italiana, di ausilio mutuo, (11/02/1908) e la Associação Ítalo Brasileira San Fran-



Foto: divulgazione

Vista frontale del Circolo Italiano di San Paolo, al centro la scultura in bronzo del cavallo donata dal governo italiano nel 1972

cesco di Paola, fondata il 5 novembre 1939. Quest'ultima ricevette anche l'appoggio di Mussolini che donò 550 contos de réis e le lettere metalliche della sua facciata. Venne considerata un centro di convivenza italo brasiliana e fu denominata Casa D'Italia a Juiz de Fora, Minas Gerais. La sua struttura comprendeva una scuola, un ospedale e una biblioteca e la sua area di intervento era quella delle attività ricreative, sportive e di beneficenza. Oggi la Casa D'Italia possiede una cappella dedicata al Santo che ha dato il nome all'Associazione, un coro, il gruppo Tarantolato di danze folcloristiche italiane, e vari settori dedicati ad attività educative, che insegnano e divulgano la lingua italiana, l'arte culinaria e la storia d'Italia, tra le altre cose.

Localizzato a São Paulo, il Circolo Italiano di Jundiaí, creato nel 1993, è un'altra società che promuove eventi culturali e tradizionali italiani, mantenendo, viva, in questo modo, la cultura di quel paese tra i suoi discendenti. Oltre ad operare come legame tra i due paesi, in forma locale, per mezzo di corsi di italiano ed altre attività, l'organizzazione fornisce ausilio giuridico ai discendenti che vogliono ottenere la cittadinanza italiana. Nel 2018, il Circolo è diventato sede della Confederazione Circolo Italiano Brasil.

Oltre alle varie associazioni e società di mutuo aiuto che vengono tutt'oggi create in Brasile, come ad esempio la Associazione dei Discendenti e Amici del Nucleo Pionieri dell'Immigrazione Italiana,

fondata nel 2016, a São João Batista, Santa Catarina, esistono, nel mondo virtuale, molti siti di famiglie italiane e di centri di ricerca che vogliono recuperare la storia, preservare il blasone della famiglia o quantomeno la storia degli avi e facilitare il processo di acquisizione della cittadinanza italiana. Il sito Pesquisa Italiana (<https://pesquisaitaliana.com.br/>), ad esempio, oltre a raccogliere dati interessanti sulla storia d'Italia e sul periodo migratorio, vanta, tra i suoi collaboratori, un'equipe specializzata nella ricerca di certificati civili. Il suo obiettivo è quello di avvicinare Brasile e Italia, ricostruendo la storia di molte famiglie. Un altro organo che manifesta le stesse intenzioni è il Centro Internazionale di Ricerche sull'Emigrazione Italiana, che dispone di un ricco archivio on-line con i nomi degli emigranti che partirono dal Porto di Genova. Il sito Polentona (<http://polentona.com/patronatos-italianos/>) fornisce informazioni su come ottenere la cittadinanza italiana ed elenca tutti gli indirizzi dei consolati italiani del Brasile.

Tra tutte le società e associazioni, il Circolo Italiano, creato nell'aprile del 1911 nel Centro di São Paulo, si è sempre fatto notare. Ugo Conti è stato il primo presidente del suo Consiglio di Amministrazione. La maggior parte dei soci era composta dall'élite paulista che si sentiva attratta dall'offerta di varie attività culturali e sociali del Circolo (manifestazioni sociali e patriottiche, celebrazioni, presentazioni artistiche e eventi di beneficenza).

Dopo aver cambiato per sei volte la sua sede, nel 1966 il Circolo si è definitivamente stabilito all'angolo tra l'Avenida São Luís e l'Avenida Ipiranga nell'Edifício Italia, il quale per molto tempo è stato il più alto palazzo di São Paulo. Il lusso è sempre stato presente nell'arredamento degli ambienti delle sue sedi, che sempre hanno ospitato: ristorante, biblioteca, sala di lettura, sala da biliardo, bar e saloni per feste e riunioni e, ora, un ampio teatro. L'entità è sempre stata molto attenta alle necessità della comunità italiana del Brasile. Esempio ne fu la donazione di un intero piano di una delle sedi al Consolato Italiano, quando questo venne distrutto da un incendio. Durante la Seconda Guerra Mondiale, il Circolo rimase chiuso per 8 anni. Da quando ha ripreso il suo normale funzionamento, offre corsi di italiano, una vasta biblioteca e possiede una collezione di opere d'arte. Nel 1972 il governo italiano, in atto di riconoscenza, ha omaggiato l'associazione paulista con il dono di un cavallo di bronzo, che oggi si trova nel parapetto del terrazzo.



In ogni nucleo di colonizzazione italiana si sono formate le truppe in uniforme, contro il socialismo e il comunismo, che comprendevano anche dei bambini

Riproduzione di foto dal libro Espírito Santo - Encontro das Raças, di Rogério Medeiros

GLI ORIUNDI E L'INTEGRALISMO

L'integralismo è stato un movimento politico creato negli anni '30 dall'intellettuale paulista Plínio Salgado. L'Azione Integralista Brasileira (AIB) è stata la più grande organizzazione di estrema destra che il Brasile abbia mai conosciuto, e il suo lemma "Dio, patria, famiglia" si ripercuote fino ai nostri giorni. È durata dal 1932 al 1937, quando è stata proibito dal governo Vargas.

Il fascismo di Mussolini è stato importante per la formazione e la costruzione dell'ideologia integralista. Anticomunisti, antiliberali e profondamente religiosi, gli integralisti difendevano uno Stato centralizzatore e autoritario e la divisione della società in corporazioni, seguendo la moda fascista. Le loro manifestazioni riunivano migliaia di persone, che vestivano camicie

verdi e si salutavano dicendo *Anauê* che, secondo loro, significava *Tu sei mio fratello* nella lingua indigena tupi. Queste manifestazioni spesso sfociavano in confusioni e contavano anche delle morti.

L'integralismo ha raccolto un gran numero di cittadini brasiliani di etnie diverse. Nel Sud del Paese, per esempio, ha visto la partecipazione massiccia degli immigrati europei, soprattutto dei discendenti degli italiani. Uno dei leader integralisti è stato il giurista Miguel Reale, figlio di italiani. Anche i discendenti degli africani hanno aderito al movimento, ed anche molte donne; questo infatti è stato il primo movimento brasiliano che ha dato voce politica alle donne, anche se in modo limitato. Comunque, nonostante lo slogan *Unione di tutte le razze e di tutti i popoli*, alcuni dei leader avevano opinioni antisemite.

Intensa partecipazione degli italo-brasiliani

Il governo fascista italiano ha mantenuto relazioni intense con l'Azione Integralista Brasileira, soprattutto dopo il 1936, quando il responsabile per gli affari della Ambasciata di Rio de Janeiro, Menzinger, ha avanzato la proposta di aiutare l'Integralismo con sussidi e con l'appoggio degli italo-brasiliani, sotto l'influenza di Roma. Tuttavia, dopo l'instaurazione dello Stato Nuovo, l'Italia ha chiesto agli Integralisti di non lottare contro Vargas, e di collaborare con il nuovo regime.

Nonostante il forte nazionalismo dell'Azione Integralista Brasileira, l'istituzione ha avuto successo anche tra gli italo-brasiliani. Secondo l'autore Hélio Trindade, il 16% dei militanti integralisti di tutto il Paese aveva origine italiana. Solo nel nucleo di Rio Claro (SP), secondo il registro degli atti delle riunioni, su un totale di 197 iscritti, 72 (il 36%) avevano un cognome italiano e 21 (il 10%) avevano un cognome tedesco. È anche importante rilevare che buona parte degli integralisti deceduti durante i litigi in strada era di origine italiana.

Il giornalista Rogério Medeiros, nel suo libro *ESPÍRITO SANTO - Encontro das Raças*, ha scritto:

In una società in transizione, inserita nel contesto internazionale di lotte ideologiche tra comunismo e fascismo, l'Azione Integralista ha significato, per i coloni italiani e i loro discendenti, un'opzione

per l'anticomunismo. (...) Vestendo camicie verdi con il simbolo dell'integralismo cucito sulle maniche, sfilando per le strade, ed era impressionante l'organizzazione quasi militare con cui si presentavano in pubblico. (...) Però molti coloni che sono diventati integralisti, non hanno sentito attrazione per il contenuto ideologico e politico, ma per l'opportunità di differenziarsi, grazie alla divisa e alla ritualistica del movimento, agli occhi delle comunità cui appartenevano.

Nonostante le difficoltà nella ricerca di fonti documentative, è acquisito e notorio che il numero di militanti italo-brasiliani si aggirava intorno ai diecimila; c'era poi un numero più grande di gente che simpatizzava per il movimento, tra gli elettori di destra. L'integralismo è stato un movimento di classe media e i discendenti degli italiani, che volevano essere accettati dalla società e dai movimenti sociali, vi hanno aderito in massa. Invece l'élite industriale italiana di São Paulo, anche se simpatizzava per il fascismo, non ha appoggiato gli integralisti, ed ha respinto le richieste di aiuti economici da parte dell'AIB, perché ha voluto così salvaguardare i propri interessi e restare in sintonia con le classi dominanti locali.

Miguel Reale con la divisa dell'Ação Integralista Brasileira, nella quale ha occupato l'incarico di Segretario Nazionale per la Dottrina e gli Studi



Domínio público, Wikimedia.org



punti salienti

CULTURA E PERSONAGGI ITALO-BRASILIANI

Tenendo presente che il Brasile è la nazione con il maggior numero di discendenti e nativi italiani residenti fuori dall'Italia, è facile notare come la cultura di quel paese abbia così profondamente influenzato i costumi del nostro Paese. Il primo aspetto rilevante riguarda sicuramente la cucina. La pasta italiana è un successo nel mondo intero e noi, grazie all'immigrazione, oggi abbiamo la fortuna di poterla apprezzare senza essere obbligati ad attraversare l'oceano. Tra le ricette importate possiamo citare: i maccheroni, i tagliolini, la pizza, i ravioli, i cannelloni, gli gnocchi, gli spaghetti e le lasagne, oltre a una serie di sughi e formaggi che sempre accompagnano la pasta. Ma anche altre abitudini alimentari hanno avuto successo e sono state incluse nei pasti del popolo brasiliano, come ad esempio la polenta, il panettone, un buon vino o il succo di uva.

Anche la lingua portoghese è stata profondamente influenzata dall'immigrazione italiana. Espressioni come *"tchau"* e parole come *serenata*, *cantina*, *caricatura*, *mortadela*, *camarim*, *fiasco*, *poltrona*, *piano*, *confete* e *maestro* sono esempi di questo legame culturale. Praticamente tutti i tipi

di pasta e sughi italiani hanno creato nuove parole in portoghese che, prima di questo contatto culturale, non esistevano.

La religiosità italiana è stata un altro fattore che ha influenzato la cultura brasiliana, rafforzando la presenza cattolica nel nostro Paese. Le loro feste e processioni fino ad oggi sono eventi del calendario sociale di molte città brasiliane, soprattutto negli stati del Sud e in quello di São Paulo, dove la presenza di immigrati italiani fu rilevante. Tra le feste più importanti e più attese, si segnalano la Festa Incanto Trentino, quella di Nostra Signora Achiropita, quella di San Gennaro, quella della Parrocchia di Nostra Signora di Casaluce, quella di San Vito e la Festa Nazionale dell'Uva, di Caxias do Sul. Quasi in tutti questi eventi, le danze italiane e i piatti tipici sono celebrati e apprezzati.

L'importanza dell'unione familiare costituisce un altro fondamentale lascito della cultura italiana, assieme a quello della necessità dell'espressione e della preservazione di questa cultura tra le nuove generazioni.

LA CUCINA ITALO-BRASILIANA



L'arte culinaria italiana è una delle più influenti nella formazione della gastronomia occidentale. In Brasile, con l'arrivo del primo flusso di immigrati italiani, che si concentrò negli Stati di São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina e Paraná, non fu differente. La mescolanza di sapori e aromi del paese di origine con i nuovi ingredienti scoperti nelle terre brasiliane battezzò la nascita della cucina italo-brasiliana e stimolò la proliferazione dei pranzi domenicali, che divennero tradizionali e fino ad oggi contribuiscono alla riunione di famiglie immense, variegata.

A Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, a causa della forte influenza degli immigrati del Nord Italia – soprattutto delle regioni del Veneto e Lombardia – la lasagna, i cappelletti e la minestra, oltre alla polenta e ai risotti, sono i piatti più popolari. A São Paulo, la presenza dei calabresi, pugliesi e campani può essere notata osservando il grande numero di taverne e pizzerie e anche durante le feste dedicate ai santi, come quella di Nostra Signora Achirópita e San Vito, dove le mamme preparano delizie gastronomiche. Nello Stato di Minas Gerais si deve agli italiani l'abitudine di mangiare *feijão tropeiro* e *angu*.

Olio di oliva, erbe e condimenti

La facilità e la semplicità nella preparazione dei piatti hanno facilitato la democratizzazione della cucina italiana in suolo brasiliano. La sofisticazione quindi non fa parte della gastronomia italiana, che valorizza il sapore e il profumo naturale degli ingredienti, arricchiti da sughi e condimenti. I piatti sono normalmente preparati con olio di oliva ed erbe fresche, come il rosmarino, il prezzemolo, la salvia, il timo, l'origano, il basilico, il dragoncello e l'alloro. Vengono anche usati la cipolla, la mozzarella di bufala, i pomodori, i capperi, il tonno, le acciughe e il prosciutto. E, per accompagnare i pasti: pane e vino.

Ortaggi dell'orto

Gli italiani che vivevano nei centri urbani, in case con giardino, normalmente creavano il loro proprio orto, dove coltivavano frutta, verdura, legumi per il consumo e per la vendita. Ciò ha contribuito all'aumento del consumo di questi alimenti da parte dei brasiliani. La melanzana, per esempio, fu così che cominciò a frequentare la tavola brasiliana; anche la rucola e i carciofi vennero introdotti dagli italiani.

Pane e panetterie

Il pane, che non faceva parte dell'alimentazione quotidiana dei brasiliani, ma che gli italiani erano abituati a produrre a casa, dove avevano i loro propri forni, divenne alimento di consumazione giornaliera anche qui, soprattutto quando nacquero le panetterie. A Bexiga, tradizionale quartiere di São Paulo, ci sono quattro panetterie italiane con più di cento anni: *Italianinha* (fondata nel 1896), *14 de Julho* (1897), *São Domingos* (1913) e *Basilicata* (1914).



Panettone, polenta e pane di mais

L'abitudine di mangiare il Panettone a Natale è entrata nelle tradizioni delle famiglie brasiliane che, oggi, per la maggior parte, non rinunciano al tipico pane dolce di origine milanese, che ormai fa parte delle loro cene natalizie. Anche la polenta e il pane dolce al mais (*broa*), fatta con la farina di riso (*fubá*), prima usata in Brasile solo per preparare l'*angu* (con farina di riso, acqua, sale, simile alla polenta) furono integrati ai tradizionali pasti brasiliani.

Formaggi e insaccati

Il formaggio più consumato in Brasile, la mozzarella, prodotta con latte di bufala, è stato creato nel Sud Italia ed è arrivato qui con gli immigrati. Venne da subito usato nella produzione di piatti locali e rapidamente conquistò il palato dei brasiliani. Il formaggio coloniale o formaggio di colonia o formaggio colonia, prodotto con latte crudo, a Rio Grande do Sul, ebbe la sua prima ricetta originale importata dagli immigrati italiani delle regioni del Piemonte, Lombardia e Veneto. Altri formaggi provenienti dalla Penisola Italiana che piacquero ai brasiliani sono: il gorgonzola, il provolone e il parmigiano. Tra gli insaccati, la mortadella, il salame, il prosciutto crudo sono esempi dell'influenza italiana in Brasile.

Pasta e pizza

Ma sono le paste, soprattutto gli spaghetti e le lasagne, e le pizze, che conquistarono maggior fama e il cuore e lo stomaco dei brasiliani. Oggi innumerevoli sono i ristoranti che servono un mix di pasta e pizza, opzioni di menù per molte feste di compleanno. L'uso di sughi al pomodoro nelle paste, prima mangiate secche, e con le mani, da parte dei brasiliani, fu un'importante contribuzione della cucina italiana.



IL VINO GUADAGNA SPAZIO GRAZIE AGLI ORIUNDIS

La storia dell'uva e del vino in Brasile comincia nel 1532, quando Martim Afonso de Souza importa i primi tralci di *Vitis Vinifera*, che sono piantati nella Capitaneria di São Vicente; tuttavia il clima e il suolo inadeguati decretano l'insuccesso della coltivazione. Nel 1551 Brás Cubas si allontana dal litorale della capitaneria e pianta le viti nel *Planalto Atlântico*, riuscendo così a produrre il primo vino della colonia.

Il vino è un importante elemento del culto cattolico e, nel secolo XVII, Padre Roque Gonzales de Santa Cruz, con l'aiuto degli indios, produce vino nella regione delle Missioni di Rio Grande do Sul. Nel 1640 il primo Atto della Camera di São Paulo riporta la realizzazione di una degustazione organizzata dai produttori vinicoli del Sud Est.

Il passo seguente, nel secolo XVIII, fu l'arrivo degli immigrati delle Isole Azzorre, che vennero a popolare la costa litoranea di Rio Grande do Sul. Loro trasportarono le viti dalle isole Azzorre e Madeira, ma la produzione non ebbe molto successo e servì solo per il consumo locale. Nel 1789, dopo aver avuto nozione delle diverse iniziative della colonia, orientate alla produzione, la corte portoghese proibì la coltura dell'uva in Brasile, per garantire e difendere il mercato proprio, interno.

Con l'arrivo della corte a Rio de Janeiro nel 1808, questo divieto venne sospeso e il consumo di vino trovò nuovi adepti grazie al flusso di gente dovuto alla movimentazione sociale e alle feste religiose. Nel anno 1824, l'italiano João Batista Orsi ottenne una concessione da parte di Don Pedro I, a favore della coltura di uva europee, e decise così di trasferirsi nella Serra Gaúcha, 50 anni prima del flusso immigratorio italiano verso quella regione. Un altro fatto importante all'epoca fu l'introduzione delle varietà di uva americane, specialmente la uva Isabel, coltivata nella regione di Pelotas, Viamão, Gravataí, Montenegro e nei municipi della Vale dos Sinos.

Gli italiani arrivano, a Sud

La grande influenza degli immigrati italiani nella storia della vitivinicoltura brasiliana comincia nel 1875, con l'arrivo dei veneti, trentini e lombardi nella Regione Sud, incentivati da D. Pedro II. Essi portano la cultura e la tradizione della coltura della vite, l'elaborazione e il consumo del vino, così come i tralci di uva delle regioni del nord Italia, che non si adattarono alla Serra Gaúcha, come invece era accaduto alle varietà americane. Quest'ultime daranno origine ai vini da tavola e all'importanza economica della viticoltura, nelle mani degli immigrati. In un report del 1883, dopo una visita alla regione della Valle dei Vigneti (RS), il console italiano Enrico Perrod registra una produzione di 500mila litri del 1881, nella

Vinícola Aurora



Corridoio delle bandiere di Vinícola Aurora a Bento Gonçalves (RS)

città di Garibaldi. Con 25mila abitanti, nel 1898, Caxias do Sul era la colonia che presentava in maggior grado caratteristiche italiane.

Le aziende vinicole in Brasile nascono nel 1910, incentivate dal governo federale, che voleva riscuotere le tasse sulla produzione e commercializzazione dell'uva e dei vini. Il governo chiamò l'avvocato italiano José Stefano Paterno, che aveva avuto esperienza, nella creazione di cooperative, in Italia e nel Paraguay. Nel 1912 già esistevano più di 30 cooperative, e così venne fondata la Federazione delle Cooperative di Rio Grande do Sul. Tuttavia le crisi del governo Marechal Hermes da Fonseca distrussero il sistema delle cooperative e i rivenditori individuali di vini tornarono ad assumere una posizione di spicco, nella giovane industria vinicola brasiliana.

Nel 1928 Oswaldo Aranha, allora segretario statale del governatore Getúlio Vargas, promuove la creazione del Sindacato del Vino, per organizzare il settore a Rio Grande do Sul. È anche il momento della seconda ondata del movimento delle cooperative, con la nascita di varie cooperative che aumentarono la competitività dei piccoli produttori. Alcune esistono fino ad oggi, come la *Cooperativa Vinícola Aurora* e la *Cooperativa Vinícola Garibaldi*, fondate nel 1931.

Ricerca e investimenti sulla qualità

Il 20 ottobre 1937 venne creato il Laboratorio Centrale di Enologia, con sede a Rio de Janeiro e tre Stazioni di Enologia con sedi a Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais. È un'entità innovatrice nei campi della ricerca e dell'assistenza tecnica, e diverrà ancora più solida e determinante nel 1972, con la fondazione di Embrapa - *Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária* e poi, il 26 agosto 1975, dell'Unità di Esecuzione di Ricerche in Ambito Statale - UEPAE di Bento Gonçalves, che, nel 1985, è denominata *Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho*.



Negli anni '50 i vini di spicco sono quelli monovitigni della Granja União di Caxias do Sul: Cabernet, Merlot, Riesling, Bonarda, Malvasia di Candia e altri guadagnano acquirenti e degustatori, in Brasile. Tra i vini popolari, crebbe il *Sangue de Boi* della Cooperativa Vinicola Aurora, con milioni di bottiglioni di 5 litri, sulle tavole dei brasiliani.

Nel 1951, l'arrivo dell'azienda vinicola francese Georges Aubert diede inizio a un nuovo ciclo. Varie aziende straniere entrarono nel mercato brasiliano durante gli anni '70, importarono nuove tecniche e ampliarono le aree di coltivazione dell'uva. Tra quelle che si stabilirono a Sud, troviamo la Heublein e la Seagran. Dall'Italia arrivarono la Martini e Rossi e la *Cinzano*, associata alla *Chandon*, francese. Dagli Stati Uniti, la *Almadén*. Vennero fatti investimenti per la creazione di nuovi vigneti, vennero comprate molte vinicole, che prima erano gestite a conduzione familiare; le multinazionali fecero assumere nuovi aspetti e nuovi livelli tecnici alle aziende vinicole.

L'apertura economica degli anni '80 e '90 venne accompagnata da scambi tecnici e commerciali e molte aziende vinicole gestite da famiglie investirono in una minor produzione di vini di qualità migliore, a un più alto prezzo di vendita, e ciò migliorò l'immagine trasmessa dal vino brasiliano all'estero. Oggi abbiamo vini premiati nelle fiere internazionali, tra i quali primeggiano gli *spumanti della Serra Gaúcha*, prodotti ancora in gran parte dai discendenti degli *oriundi*.

Abbiamo varie regioni vinicole: la Serra Gaúcha, la Campanha Gaúcha, la Serra Catarinense, la regione campestre di Minas Gerais, l'area della Grande Curitiba e la Valle del Rio São Francisco, e ogni regione investe nello sviluppo di un'identità propria, ben definita.

La Valle dei Vigneti, un'area di 82 chilometri quadrati nella Serra Gaúcha, ha conquistato l'Indicazione di Provenienza nel 2002 e la Denominazione di Origine nel 2011, marchi che attestano la qualità dei vini prodotti. Situata tra Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi, la *Vale dos Vinhedos* ha ricevuto 443mila visitatori nel 2019, secondo i dati dell'Aprovale – Associazione dei Produttori di Vini di Qualità della Valle dei Vigneti.

Produzione e consumo

Nel 2019 il Brasile ha sofferto una brusca caduta, di circa -34%, nella produzione di vino; la produzione è stata infatti di circa 200milioni di litri contro i 310milioni di litri del 2018, secondo i dati dell'Organizzazione Internazionale della Vigna e del Vino (OIV), classificandosi così al 18esimo posto nel ranking dei maggiori produttori di vino del mondo (15esimo, nel 2018).

Per quanto riguarda il consumo di vini, il Brasile risulta solo al 17esimo posto per volume assoluto consumato nel Paese, con 330milioni di litri, numero stabile dal 2015. È un consumo di due bottiglie per ogni brasiliano, all'anno. Il Portogallo, nazione campione nel consumo pro capite di vino, beve in media 58 bottiglie all'anno, per abitante. I francesi sono al secondo posto, con 54 bottiglie e gli italiani, con 50 unità consumate, al terzo.



FESTE ITALIANE IN BRASILE

Quando gli immigrati italiani sbarcarono in Brasile portarono con sé i sogni di una vita migliore, di una terra in cui piantare e di un nuovo mondo in cui mettere su casa e famiglia. Ma, nei loro bagagli, essi trasportavano molte più cose: trasportavano il loro passato, la nostalgia che presto avrebbero sentito e le memorie di un popolo e di un paese. Arrivarono in Brasile trasportando così i loro beni più preziosi, tra i quali la cultura e le tradizioni italiane, tramandate lungo molte generazioni.

Tra le tradizioni della Penisola Italica che conquistarono il loro spazio qui in Brasile ci sono le feste popolari. L'Italia possiede una ricchissima collezione di feste e riti, sparsi in giro per il mondo. Sono celebrazioni di carattere religioso, vengono dedicate ai santi o ispirate alle saghe regionali che celebravano i prodotti dei campi o sono feste folcloristiche e di carattere memorialistico, storico. E tutto condito con musica, luci, colori e sapori, molto cibo, vestiti tipici, bande, orchestre e anche fuochi d'artificio, torce, candele e sonagli. Perché gli italiani adorano le feste. Come i brasiliani. Per questo molti eventi come questi hanno cominciato a far parte del calendario festivo di molte città brasiliane e oggi attraggono moltitudini di visitatori e di curiosi, anno dopo anno.

Festa Nazionale dell'Uva – Caxias do Sul

Tra il 1881 e il 1931, a *Caxias do Sul* (RS) erano celebrate varie feste agro-industriali con l'intento di promuovere la città e i prodotti tipici della regione. La creazione della Festa Nazionale dell'Uva, la cui prima edizione avvenne nel 1931, è l'evoluzione di quella serie di fiere. L'idea iniziale era quella di valorizzare l'uva esposta per incoraggiare lo scambio di esperienza tra i produttori della *Serra Gaúcha*.

Col tempo, l'evento servì anche per affermare la cultura italiana, il progresso della



comunità locale e il legame dei discendenti con la loro terra, coi loro costumi e tradizioni. Oggi è la più famosa tradizione della città e uno dei più grandi eventi tematici del Brasile. La festa è celebrata ogni due anni, spesso a febbraio, nel Parco delle Esposizioni Mário Bernardino Ramos, conosciuto come *Pavilhões da Festa da Uva*.

Viene celebrato lo sviluppo della viticoltura, iniziata dagli italiani; la Festa poi, oltre a preservare la storia degli immigrati, rappresenta un'opportunità per centinaia di espositori che possono così presentare i loro prodotti e servizi. Nella festa, vengono venduti articoli tipici delle comunità della provincia e dell'entroterra, beni industrializzati e servizi vari, attività queste che proiettano la città e la sua economia nello scenario brasiliano e mondiale.

Festitália – Blumenau

Blumenau (SC), nella Valle dello Itajaí, è il famoso palcoscenico della festa tedesca più grande del Brasile, la *Oktoberfest*. La città è anche sede di *Festitália*, nata nel 1994 per iniziativa degli iscritti al Circolo Italiano di *Blumenau*. L'idea era quella di recuperare, mantenere e incentivare la cultura italiana e l'amore nei confronti dell'Italia in un città in cui il 30% della popolazione ha origine italiana. Fin dalla sua prima edizione, l'evento è stato realizzato nel *Parque Vila Germânica* (l'antica *Proeb*), spesso nel mese di luglio, e dura dieci giorni.

La festa è promossa dal *Lira-Circolo Italiano di Blumenau*, con appoggio del Comune, e si ispira alla festa di San Gennaro di São Paulo. La gastronomia è la principale attrazione di questo evento, che ospita i più variegati piatti tipici della cucina italiana, accompagnati dal buon e vecchio vino. Molta musica con show di artisti della *terrinha* e di bande italiane locali, presentazioni culturali e l'allegria caratteristica del popolo *oriundi* che non manca mai. Il tocco speciale risiede nel fatto che *Festitália* si sia consacrato come un festival delle famiglie e degli amici, un grande incontro dei discendenti degli italiani.

Festa Tradizionale Italiana di Belo Horizonte

Tutti gli anni, per un giorno, un grande tratto della Avenida Getúlio Vargas, nel *quartiere Savassi*, nella capitale *mineira*, diventa un po' italiano. Succede quando viene celebrata la Festa Tradizionale Italiana di Belo Horizonte, organizzata dalla Associazione di Cultura Italo Brasiliana dello Stato di Minas Gerais (Acibra-MG), con l'appoggio del Comune.

L'evento è nato nel 2007 per celebrare il Giorno della Festa della Repubblica Italiana, che è il 2 giugno, e l'integrazione tra le culture brasiliana e italiana. La sua prima edizione è stata realizzata di fronte al Consolato Italiano. Nonostante all'inizio sia sempre stata celebrata in giugno, la festa poi è stata realizzata anche nei mesi di maggio, luglio e settembre.

L'evento già è annoverato tra le maggiori feste di strada realizzate fuori dall'Italia. Durante circa dieci ore, bancarelle di ristoranti, espositori e associazioni occupano la via per una grande fraternizzazione, che riunisce circa 40mila per-

sone, tra italiani, discendenti e brasiliani che ammirano la cultura italiana. Il programma comprende un po' di tutto: arte, musica strumentale ed erudita, cantanti della tradizione italiana di Minas Gerais, gruppi di musica corale, teatro di strada, danze folcloristiche e gastronomia. Attrazioni come la "Pigiatura dell'Uva" e "L'atterraggio della Polenta" sono nate nel 2019, in occasione della 13ª edizione, quando la Festa ha celebrato l'artista e scienziato Leonardo da Vinci, raccontandone la storia.

Incanto Trentino – Nova Trento.

Ideata dal Circolo Trentino di Nova Trento, città la cui popolazione è per la maggior parte di discendenza italiana, soprattutto della regione trentina del Tirolo, l'Incanto Trentino è una festa che esalta le tradizioni e i costumi del popolo di Nova Trento (SC) e dei suoi avi, oltre alla coltivazione dell'uva e alla produzione del vino della regione. La celebrazione ebbe inizio nell'ottobre del 1988 e venne conosciuta anche come festa del vino neotrentino. Il nome Incanto Trentino venne ispirato dalla canzone omonima dell'italiano Gino Creazzi (musica) e dell'italo brasiliano Ugo Gorgazzini (testo), canzone che celebra le bellezze del Trentino Alto Adige. "Fiori, montagne e vino: l'incanto son del Trentin" dice una strofa della canzone.

Promossa dall'Associazione Neotrentina del Turismo, con appoggio del Municipio, la festa prevede presentazioni di danza, teatro e canzoni tipiche, sfilata culturale, prodotti d'artigianato locale, prodotti agricoli, esposizione di pezzi del museo della cultura italiana, competizioni varie, oltre a molto cibo e ai famosi vini della regione. Attualmente è realizzata nel palazzetto dello sport Inácio Gulini, nel centro di Nova Trento, in agosto, mese in cui si celebra l'emancipazione della città.

Festa di San Vito – São Paulo

Tutti gli anni, tra i mesi di giugno e luglio, durante i sabati e le domeniche, nel *quartiere di Brás*, a São Paulo, ha luogo la tradizionale Festa di San Vito. L'evento è organizzato dalla Associazione Beneficente San Vito Martire e dalla Parrocchia San Vito (1940) e celebra l'importanza di questo santo per i cattolici, uno dei santi più popolari del Medioevo. Tutti i proventi raccolti con la festa sono destinati alla manutenzione della Parrocchia e ai progetti sociali che la parrocchia appoggia, come l'Asilo San Vito, che riceve più di 100 bambini poveri, assiste le famiglie della regione, organizza lezioni di musica e arti marziali per i bambini e di alfabetizzazione per i giovani e gli adulti.

L'evento viene ripetuto ufficialmente fin dal 1918. Ma già nel 1903 erano nate le prime commemorazioni, ispirate dalla festa realizzata a Polignano a Mare, in Italia, città originaria di molti immigrati che sbarcarono a São Paulo, città in cui è famoso e consueto rendere omaggio a San Vito. Verso la fine della prima decade del secolo XX, la festa divenne ancor più popolare dopo la fondazione dell'Associazione e della Cappella di San Vito. Negli anni '40, venne costruita la Chiesa e, negli anni '80, il Centro Sociale San Vito, dove è stata riposta l'immagine del San-



to trasportata dall'Italia da Modesto di Lucca, nel 1835. Tutto ciò ha contribuito ad aumentare la fama della celebrazione e ad attrarre i turisti.

Volontari e discendenti di italiani ed anche gli immigrati di ultima generazione contribuiscono alla realizzazione della festa. Le mamme e le nonne vanno ai fornelli e preparano piatti tradizionali della cucina italiana, come le paste, gli antipasti, gli gnocchi fritti e una varietà di dolci, serviti da camerieri con vestiti tipici. Divisa tra la kermesse e una cantina, entrambe allestite nella via della chiesa, la Festa prevede un concerto dal vivo di musica italiana, danze, una processione e molte bancarelle. Oggi riunisce circa 4mila persone ogni fine settimana.

Festa Italiana di São Caetano do Sul

La Festa è l'evento più tradizionale di São Caetano do Sul (SP) e viene realizzata sin dal 1992, nei mesi di luglio e agosto, durante i fine settimana, a partire dalle 18, nella piazza *Comendador Ermelino Matarazzo*, nel quartiere della *Fundação*. Durante l'evento, che riceve circa 100mila persone, ogni regione italiana viene rappresentata nelle bancarelle che vengono organizzate dalle entità che organizzano anche le attività assistenziali, e vendono piatti tipici della cucina italiana.

Oltre a festeggiare il compleanno della città, la festa vuole beneficiare le entità assistenziali che hanno permesso l'esposizione delle bancarelle. Oggi viene considerata una delle tre maggiori feste italiane dello Stato di São Paulo, assieme a quella di San Vito e a quella di Nostra Signora Achiropita, e il principale evento gastronomico della cintura periferica paulista. L'evento prevede, tra i partecipanti e gli invitati, oltre agli eventi gastronomici, musica dal vivo, show tradizionali e di artisti famosi, e molta cultura italiana.

Festa Nossa Senhora Achiropita – São Paulo.

Una delle più visitate feste italiane del Brasile è quella di Nossa Senhora Achiropita, realizzata nel quartiere di Bixiga, popolato principalmente di immigrati italiani, nella regione centrale di São Paulo (SP). L'evento è realizzato tra luglio e agosto, durante i fine settimana ed è promosso dalla Parrocchia Nostra Signora Achiropita; tutti i proventi sono destinati alle opere sociali della Parrocchia.

La prima celebrazione ebbe timidamente luogo nel 1908 dopo l'arrivo dell'immagine della santa, venerata a Rossana, in Calabria, che venne trasportata in Brasile da emigranti calabresi. La statua rimase nella casa di João Falcone, in via *Treze de Maio*, casa in cui le persone si riunivano per le novene. In quel locale fu eretto un altare di legno dove l'immagine veniva riposta nei giorni 13, 14 e 15 agosto (quest'ultimo è il giorno di Nostra Signora Achiropita), per le celebrazioni delle messe, seguite dalle feste. Con i proventi raccolti in questi eventi, nel 1918 venne costruita la prima cappella, ingrandita poi negli anni successivi e trasformata in Parrocchia nel 1926, anno in cui la festa venne resa ufficiale. La parrocchia però inizialmente venne dedicata a San Giuseppe. Solo nel 1949 il suo nome divenne *Paróquia de Nossa Senhora de Achiropita*.



Durante la Seconda Guerra Mondiale, la kermesse venne sospesa, per poi riprendere negli anni '50. Nel 1979 la celebrazione venne fatta in strada, e cominciò a ricevere un pubblico ogni anno più numeroso. Oggi circa 200mila persone visitano la festa, che vede la partecipazione di oltre mille volontari e produce all'incirca mille tonnellate di alimenti al giorno (maccheroni, panzerotti, pizze, lasagne, ravioli, tra le altre prelibatezze) che vengono venduti nelle circa 30 bancarelle presenti. Concerti di musica e altre attrazioni rallegrano l'evento.

Festa di San Gennaro – São Paulo

La Festa di San Gennaro chiude il calendario delle feste italiane in Brasile. Viene realizzata nei fine settimana di settembre e ottobre, nel *quartiere di Mooca*, a São Paulo (SP) che, popolato da discendenti di italiani, ha scelto questo santo come patrono. Promosso dalla Chiesa di San Gennaro, costruita nel 1914, l'evento avviene in strada e prevede la presenza di circa 30 bancarelle, che vendono i piatti più tradizionali come la maccheronata, i panzerotti e gli antipasti a base di pane e melanzane. Vengono serviti anche vini, dolci tipici e carne alla griglia. La preparazione è a carico delle mamme e dei volontari.

Iniziata nel 1973, la Festa celebra San Gennaro o São Januário, come è anche conosciuto in Brasile il giovane diacono che nacque nella città di Miseno, a Sosio, nella regione della Campania, in Italia, e venne giustiziato dai romani intorno



all'anno 300. La prima edizione dell'evento avvenne nel salone parrocchiale della Chiesa di San Gennaro poi, un po' alla volta, si trasferì in strada e oggi si estende nelle vicinanze della Chiesa e riceve circa 200mila persone, in tutto. Oltre ad omaggiare il Santo, patrono anche della città di Napoli, in Italia, con messe e processioni, la Festa ha l'obiettivo di raccogliere fondi per la manutenzione delle opere assistenziali della Chiesa.

Altre feste in onore di San Gennaro avvengono in varie città della provincia paulista, come *Batatais*, *Franca* e *Itatiba*.

Festa della Parrocchia di Nostra Signora di Casaluca

La più antica e tradizionale festa italiana della città di São Paulo, la Festa della Parrocchia di Nostra Signora di Casaluca, ha luogo dall'anno 1900, nel *quartiere Brás*. L'evento è realizzato in strada, tra aprile a maggio, durante i fine settimana, e prevede la presenza di molte bancarelle con piatti tipici, come maccheroni, polpette, pizze, formaggi bagnati a vino e seguiti da deliziosi dolci tipici. Tra le attrazioni, è previsto un grande gioco di Casaluca, con vari premi. Ciò che viene raccolto alla festa è destinato ad organizzazioni assistenziali della regione in cui è attiva la Parrocchia e ai lavori per la manutenzione della Chiesa. Attualmente, l'evento attrae un pubblico di circa 200mila persone.

La Festa ha avuto inizio quando immigrati italiani, provenienti da Napoli e devoti di Nostra Signora di Casaluca, patrona di Casaluca, comune italiano della regione della Campania, in provincia di Caserta, sono arrivati a São Paulo e hanno fondato l'*Associação Maria Santíssima de Casaluca*, nel Brás. L'evento, organizzato da antichi abitanti del quartiere, comincia con la celebrazione di una messa e la processione, in omaggio alla santa. In seguito vengono iniziati i festeggiamenti, con concerti di canzoni tradizionali italiane e napoletane, come la Tarantella, e le danze folcloristiche.

La storia racconta che una ragazza con un bambino in braccio chiese ospitalità a un convento di Aversa, in una notte di temporale. Ma i frati indicarono un altro convento, composto solo di donne, a Casaluca, dove la ragazza venne accolta. Il giorno dopo, le suore trovarono solo un quadro con l'immagine della ragazza e il bambino in braccio. Vari miracoli sono attribuiti a quell'immagine. Una riproduzione di questo quadro fu trasportata dagli immigrati italiani, nel 1900, anno di fondazione della chiesa. L'opera viene esposta nella processione e durante la festa.

Festa Italiana del Juventus

Diversa dalle altre feste italiane, la *Festa Italiana do Juventus* non avviene in strada. Ed è realizzata da uno dei club più famosi di São Paulo, l'*Atlético Juventus*, in un sabato del mese di agosto. Si tratta di una tradizionale notte italiana, con concerti di musica e di gruppi folcloristici e cene a base di pasta, bruschette e formaggi, in un lussuoso salone del club. L'evento riunisce circa mille persone e fa parte del calendario ufficiale dei festeggiamenti per il compleanno del *quartiere Mooca*. L'entrata non è gratuita.

SECOLI DI TRADIZIONE NELLE ARTI PLASTICHE

Nelle arti plastiche, la base dell'educazione italiana risiede nel periodo classico dell'Antica Roma e nel Rinascimento. L'Italia è considerata il maggior rappresentante del movimento rinascimentale, che ha avuto origine in Toscana, con il Rinascimento Italiano, tra i secoli XIII e XIV, e poi si è diffuso in Europa, fino al secolo XVI. Leonardo Da Vinci, Giotto di Bondone, Raffaello, Donatello, Botticelli e Michelangelo sono alcuni dei rappresentanti del Rinascimento Italiano.

In Brasile, l'influenza dell'arte italiana si è fatta sentire a partire dal 1808, con l'apertura dei porti che ha permesso l'entrata di vari tipi di prodotti in suolo brasiliano e ha dato inizio al mercato dell'arte, e all'attuazione sempre più frequente di artisti italiani in Brasile. Più tardi, con la fondazione, nel 1826, dell'Accademia Imperiale di Belle Arti e l'istituzione dell'insegnamento delle Belle Arti in Brasile, l'Italia è diventata una dei punti di riferimento degli artisti brasiliani. Con il flusso migratorio, tutto si è amplificato.

Alfredo Volpi (1896 - 1988)

Alfredo Volpi (Lucca, 14 aprile 1896 — São Paulo, 28 maggio 1988) è stato un pittore italo brasiliano considerato dalla critica come uno degli artisti più importanti della seconda generazione del modernismo. Una delle caratteristiche della sua opere sono le bandierine e i caseggiati. Ha cominciato a dipingere nel 1911, eseguendo murali decorativi. Poi ha lavorato con olio su legno, consacrandosi come uno dei maestri nell'utilizzo della tempera su tela.

Grande amante del colore, ha creato, attraverso molteplici forme, composizioni magnifiche di grande impatto visuale. Con Arcangelo Ianelli e Aldir Mendes de Souza, ha formato una triade di esimi coloristi, argomento centrale del libro di Alberto Beuttenmüller intitolato *3 Coloristas*.

Ha lavorato anche come pittore arredatore delle residenze della società paulista dell'epoca, eseguendo opere di design artistico su pareti e murali, in collaborazione con Antonio Ponce Paz, pittore e scultore spagnolo ch'è immediatamente diventato un grande amico di Volpi. Ha realizzato la sua prima esposizione individuale a 47 anni, nel 1938, nel Salone di Maggio durante la 1ª Esposizione della Famiglia Artistica Paulista, nella città di São Paulo.

Negli anni '50 è evoluto verso l'astrattismo geometrico, il cui esempio sono le bandiere e le aste delle *festas juninas*. Nella seconda Biennale di São Paulo, nel 1953, ha ricevuto il premio di miglior pittore nazionale. Ha partecipato alla prima Esposizione



sizione dell'Arte Concreta. Con il Gruppo Santa Helena ha mantenuto un'intensa collaborazione artistica e sempre ha visitato gli amici che partecipavano ufficialmente alle iniziative, come Mario Zanini e Francisco Rebolo. Del Gruppo Santa Helena facevano parte i seguenti pittori: Aldo Bonadei, Clóvis Graciano, Fúlvio Penacchi e Ernesto de Fiori che ha avuto grande influenza sul lavoro di Volpi.

Nel 1927, Volpi ha conosciuto il suo grande amore, una cameriera chiamata Benedita da Conceição, soprannominata Judith, con la quale ha avuto un'unica figlia, Eugênia. È probabile che Judith sia stata la modella per il quadro *Mulata* (1927). Volpi ha avuto altri tre figli, e c'è stato un litigio tra gli eredi durante il quale Eugênia è stata destituita dalla funzione di amministratrice del patrimonio perché stava gestendo l'eredità come se fosse l'unica erede.

Il 15 aprile del 1976, in occasione del suo ottantesimo compleanno, Volpi è stato omaggiato con l'Ordine di Ipiranga, al grado di Grande Ufficiale, dal Governo dello Stato di São Paulo.

Anita Malfatti (1889 – 1964)

Anita Catarina Malfatti è nata a São Paulo, il 2 dicembre del 1889. Figlia di un italiano e di una nord-americana discendente di tedeschi, impara ad usare la mano sinistra, a causa di un'atrofia al braccio destro. A 13 anni, dopo aver tentato il suicidio ed essersi sdraiata sui binari del treno, ha avuto una rivelazione e ha deciso di dedicarsi alla pittura. Ha studiato arte e pittura a Berlino (Germania), tra il 1915 e il 1916. Nel 1917, ha riunito 53 opere per l'“Esposizione di Pittura Moderna Anita Malfatti”, a São Paulo. L'evento è stato fondamentale, per il movimento modernista brasiliano.

Fianco a fianco con Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, l'artista ha formato il “Gruppo dei Cinque”, ed ha difeso le idee della Settimana di Arte Moderna, realizzata nel 1922, con la partecipazione, tra gli altri, di 22 opere di Anita. Poi, tra il 1923 e il 1928, ha abitato in Francia e ha esposto individualmente, a Berlino, Parigi e New York. Nel 1928, a São Paulo, ha iniziato a insegnare Disegno, nell'Università Mackenzie. Nel 1942, è stata nominata presidentessa del Sindacato degli Artisti Plastici di São Paulo.

I suoi quadri sono nei principali musei brasiliani: “La studentessa russa” si trova nel Museo di Arte Moderna di São Paulo, “A Boba” – “La Ingenua” - è nel Museo di Arte Contemporanea dell'Università di São Paulo e «Una strada» nel Museo Nazionale di Belle Arti di Rio de Janeiro.

Cândido Portinari (1903 – 1962)

Figlio di immigrati italiani, **Cândido Portinari** è nato nel 1903 in una *fazenda* di caffè, vicino al villaggio di Brodósqui, nella provincia di São Paulo. Ha iniziato a dipingere presto, a nove anni, come aiutante nell'allestimento della Chiesa Matrice di Brodósqui. A 15 anni si è trasferito a Rio de Janeiro per studiare nella Scuola Nazionale di Belle Arti. Nel 1928 ha conquistato il premio “Viaggio all'estero” e

GuilhermeGuerraoc, Domínio público, Wikimedia.org



Altare della Cappella del Cristo Operaio di Portinari, a San Paolo (SP)

l'anno dopo è partito per Parigi e ha visitato vari paesi europei, avendo così finalmente l'opportunità di conoscere le opere dei maestri italiani Giotto (1266-1337) e Piero della Francesca (1415-1492), ed anche Amedeo Modigliani (1884-1920) e Giorgio de Chirico (1888-1978), oltre allo spagnolo Pablo Picasso (1881-1973).

È in Europa che egli prende la decisione di dipingere il popolo brasiliano. Quando, nel 1931, torna in Brasile, mette in pratica tale risoluzione. La sua produzione è variegata e in alcuni quadri presenta ricordi di Brodósqui, giochi d'infanzia e scene del circo. I ritratti, all'epoca, rappresentavano la sua maggior fonte di reddito. Egli rivela forte preoccupazione sociale e cerca di catturare sulla tela tipi popolari e a mettere in evidenza il ruolo dei lavoratori. Con il quadro *Café* (1934), Portinari nel 1935 riceve il premio del Carnegie Institute di Pittsburgh, diventando così il primo modernista brasiliano ad essere premiato all'estero.

Tra il 1936 e il 1938 dipinge un gruppo di affreschi per il palazzo dell'allora Ministero dell'Educazione e Cultura, con temi legati ai cicli economici del Paese. E usa tecniche del Rinascimento Italiano con chiari riferimenti ed influenze del pittore Piero della Francesca. Nel 1941 dipinge i pannelli per la Biblioteca del Congresso Americano, a Washington D.C., Stati Uniti, con temi relativi alla storia del Brasile e, per protagonisti, i lavoratori. Nel 1956 inaugura il pannello “Guerra e Pace”, nella sede delle Organizzazioni Unite di New York, e riceve il premio Guggenheim. In questi pannelli sono presenti la madre con il figlio morto, i *retirantes* (gli immigrati verso il Sud dal Nord Est brasiliano) e i bambini di Brodósqui.

Oltre ad essere un pittore, Portinari è stato professore e ha illustrato i libri di Machado de Assis. Si è iscritto al Partito Comunista, è stato candidato a deputato e senatore senza essere eletto, e ha trascorso un periodo in esilio in Uruguai. È morto nel 1962, a Rio de Janeiro, vittima di un'intossicazione provocata dai colori usati per dipingere. La sua vedova, Maria Martinelli (1912-2006), e il suo unico figlio, João Cândido, sono stati i responsabili per la creazione di parte della collezione del Progetto Portinari (<http://www.portinari.org.br>), che è tutt'ora attivo e funzionante nell'Università PUC-RJ, ed è stato fondato e diretto dal figlio.



COSTRUIRE CITTÀ

Un altro importante aiuto l'Italia l'ha dato nella costruzione dello spazio urbano di varie città brasiliane. Molti immigrati architetti, ingegneri e scultori hanno lavorato, ad esempio, alla re-urbanizzazione di Rio de Janeiro, all'inizio del secolo XX, quando Pereira Passos (1836 - 1913), allora sindaco, ha iniziato una ristrutturazione urbana ispirata al piano di re-urbanizzazione di Parigi. Nel 1884, Passos ha proposto agli azionisti della Compagnia di Trasporti di São Cristóvão di acquisire il progetto di costruzione di un grande viale, elaborato da un italiano, Giuseppe Fogliani. La proposta è stata approvata, ma l'idea è rimasta tale, e solo su carta. Tuttavia, quello è stato un anticipo dell'idea della futura Avenida Central (l'odierna Avenida Rio Branco), costruita venti anni dopo, a partire dal progetto del 1890 di Bernard Savaget.

Antonio Jannuzzi (1855 - 1949)

Jannuzzi è nato a Fuscaldò, il 18 giugno 1855. Ha imparato il lavoro dal padre, capomastro, e dall'architetto Battista Santoro. A 17 anni, è emigrato in Uruguay, con il fratello Giuseppe, di 15 anni, e con due zii. Due anni dopo, è arrivato in Brasile; nel 1874, è sbarcato a Rio de Janeiro. È diventato capomastro e, con il fratello, ha fondato la ditta Antonio Jannuzzi, Fratello & Cia, dando inizio così a una carriera che è durata 50 anni, e ha visto la realizzazione di 2.800 opere e costruzioni, tra Rio de Janeiro, Petrópolis e Valença.

Il primo grande successo dei fratelli è stato il piano inclinato per la Ferrovia di Santa Teresa, che univa il Largo dos Guimarães alla Via Riachuelo. Quello è stato il punto di partenza; i fratelli dopo hanno firmato grandi progetti, tra i quali gran parte della ristrutturazione dell'Avenida Central, compresi i 20 principali palazzi e l'obelisco, donazione dei fratelli alla città. Jannuzzi è stato anche il responsabile della costruzione del palazzo Modesto Leal, nella Rua das Laranjeiras (RJ), e dell'Hotel Balneário Sete de Setembro, a Flamengo (RJ), che, per 20 anni, ha ospitato la Casa dello Studente Universitario, oltre ai Palazzi Fadel, Rio Negro e Itaboraí, a Petrópolis, e di vari templi religiosi. Nel Parque Noronha Santos, nel Centro di Rio, c'è una statua col busto del Commendatore Antonio Jannuzzi.

Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844 - 1915)

Tommaso Gaudenzio Bezzi è nato a Torino, il 18 gennaio del 1844. Ingegnere e architetto, è emigrato in Brasile nel 1875, e ha fissato la sua residenza a Rio de Janeiro, dove ha realizzato i progetti dell'antica Banca del Commercio, nel centro della città, quelli dell'edificio del Club Navale, nell'allora Avenida Central; e poi quelli per la ristrutturazione della Piazza della Repubblica, questa volta nella capitale paulista. Ha lavorato a servizio della Corte Brasiliana in varie città del Paese, verso la fine del

Domínio público, Wikimedia.org



Museu do Ipiranga, di Tommaso Bezzi, all'inizio del XX secolo

secolo XIX. La sua opera più famosa è l'edificio-monumento del Museo di Ipiranga, a São Paulo, opera finanziata dal governo imperiale, tra il 1885 e il 1890. Da giovane, Tommaso aveva lottato per l'unità d'Italia, accanto a Giuseppe Garibaldi.

Luigi Pucci (1853 - ?)

Il costruttore italiano Luigi Pucci, nato a Grassano nel 1853, ha realizzato vari progetti in Brasile, tra i quali i lavori per la costruzione del Monumento di Ipiranga, progettato da un altro italiano, Tommaso Gaudenzio Bezzi. A São Paulo, città in cui risiedeva, ha costruito vari edifici per l'élite delle piantagioni di caffè. A Campinas, è stato il responsabile per la costruzione del Palazzo Itapura, di Joaquim Policarpo Aranha, il barone di Itapura. Ha anche costruito la Chácara do Carvalho, importante opera architettonica, per la città di Limeira (SP). Pucci si è anche occupato di urbanizzazione, e ha progettato la via di collegamento tra il Monumento di Ipiranga e il centro di São Paulo e il tragitto per l'installazione di tram tra il Monumento e la via do Brás. Nel 1894, è diventato socio di Giulio Micheli, giovane architetto italiano al quale ha lasciato il suo studio, quando si è ritirato a vita privata.

Giulio Micheli (1862 - 1919)

L'architetto Giulio Micheli è arrivato in Brasile nel 1888, quando aveva 26 anni. In qualità di esperto di urbanistica, è stato il responsabile per la realizzazione del primo piano embrionale per l'urbanizzazione della città di São Paulo. Ha reso più grandi e più facilmente accessibili le vie Libero Badaró, Amaral Gurgel, 25 de Março, Avenida Tiradentes e Avenida Anhangabaú, tra le altre, e ha realizzato i marciapiedi e l'asfalto di varie altre vie: Rua da Consolação, General Jardim, D. Veridiana, Galvão Bueno, São João, Conselheiro Carrão e Major Diogo. Ha anche realizzato dei lavori nella Avenida Paulista, tra le odierne Avenida Brigadeiro Luís Antônio e la Piazza Oswaldo Cruz. Per ringraziarlo, i residenti hanno pubblicato un annuncio che diceva che i lavori erano venuti così bene che, pur seguendo le regole dell'arte, li avevano liberati dal fango. Tra le sue altre costruzioni famose, ricordiamo: Santa Casa de Misericórdia, Hospital Matarazzo, Colégio Dante Alighieri, Viadotto Santa Ifigênia e la vecchia Banca Francese e Brasiliana, ispirata al Palazzo Strozzi, in Italia.



LIBRI E LETTERATURA

Dante Alighieri, autore della “Divina Commedia”, Giovanni Boccaccio, del “Decameron”, Niccolò Machiavelli, che scrisse “Il Principe”, e Umberto Eco, “Il nome della rosa”. La letteratura italiana è piena di grandi nomi che hanno realizzato grandi opere. Qui, abbiamo citato i classici, i più famosi che rappresentano più che bene la fertile produzione di questo popolo, nel campo delle lettere.

Anche nello scenario brasiliano, gli italiani hanno lasciato il segno del loro talento e della loro storia, sia per quanto riguarda il ruolo di scrittori, sia per ciò che è attinente ai personaggi letterari. Un esempio è “O Quatrilho”, romanzo di José Clemente Pozenato, del 1985, che racconta la storia di due coppie di immigrati italiani, a Rio Grande do Sul, nel 1910. Il libro è diventato un film che, nel 1996, è stato candidato all’Oscar, come miglior film straniero. Érico Veríssimo, autore della saga “Il tempo e il vento”, è un altro scrittore che ha usato gli immigrati come personaggi dei suoi libri. Un articolo di Márcio Miranda Alves (“Esses bárbaros comem passarinhos”: Érico Verissimo e gli immigrati italiani) ha analizzato e studiato nei dettagli la presenza della figura dell’immigrato italiano nelle multicolori opere di Veríssimo.

Zélia Gattai (1916 – 2008)

Zélia Gattai è nata a São Paulo, il 2 luglio 1916. Figlia degli italiani Ernesto e Angelina Gattai, ha fatto parte, assieme ai genitori, del movimento operaio, organizzato da immigrati italiani, portoghesi e spagnoli che rivendicavano migliori condizioni di lavoro. A 19 anni, si è sposata con Aldo Veiga, intellettuale e militante comunista. Nel 1945, già separata e attiva politicamente per ottenere l’ammnistia dei prigionieri politici, ha conosciuto lo scrittore Jorge Amado, anch’egli militante, ed è andata a vivere e a lavorare con lui, come revisore di bozze e dattilografa.

Nel 1948, quando il partito comunista è stato dichiarato illegale, i due sono partiti per l’esilio in Asia e in Europa. Sono ritornati in Brasile nel 1952, e si sono trasferiti a Rio de Janeiro. Anni dopo, hanno comprato una casa a Salvador (BA), nel quartiere Rio Vermelho, e lì si sono stabiliti.

Nel 1963, la scrittrice ha pubblicato una biografia fotografica di Jorge Amado e, 63enne, ha lanciato il suo primo libro, “Anarchici, grazie a Dio”, libro di memorie di un’infanzia di una figlia di immigrati italiani, anarchici e cattolici. Quest’opera ha ricevuto il Premio Paulista di Rivelazione Letteraria, ed è stata adattata per la televisione.

L’autrice ha pubblicato vari altri libri, quali: “Um Chapéu para Viagem” (1982), “Giardini di inverno” (1988), “A Casa do Rio Vermelho” (1999), “Vacina de Sapo e Outras Lembranças” (2005); i libri per bambini “Pipistrello dai mille colori”

(1989) e il “Il segreto della via 18” (1991), e il romanzo “Crônica de uma Namorada” (1995).

Nel 2001, dopo la morte del suo compagno di 56 anni di vita, è stata scelta per lo scranno n. 23 dell’Accademia Brasiliana di Lettere, che prima era stato occupato dal marito. Zélia è anche stata membro dell’Accademia di Lettere di Bahia.

Zélia Gattai Amado de Faria è morta il 17 maggio 2008.

I fratelli Constantino Ianni (1913 – 1977) e Otávio Ianni (1926 – 2004)

Scrittore, giornalista ed economista, Constantino è nato l’8 agosto 1913 e si è laureato in Diritto, a São Paulo, con specializzazione in Economia, negli USA. È stato redattore di Economia e Finanze, e del dipartimento Esteri, nei giornali Folha da Manhã e Folha de São Paulo. Ha scritto e pubblicato i libri: “Homens sem Paz”, del 1963, uno studio sull’immigrazione italiana in Brasile, e “Il sangue degli emigranti”, tra gli altri, sull’industrializzazione e sull’economia brasiliana, ed è stato co-autore dell’opera “Capítulos da História da Indústria Brasileira”. Tra le varie onorificenze ricevute, ricordiamo una via a Itu che porta il suo nome e il titolo di patrono dello scranno numero 7 dell’Accademia Ituana di Lettere.

Fratello minore di Constantino, Octavio Ianni è nato il 13 ottobre 1926. Assieme a Florestan Fernandes e all’ex presidente Fernando Henrique Cardoso, è considerato uno dei principali sociologi del Paese. Le sue opere principali sono: “Cor e Mobilidade Social em Florianópolis” (1960, in collaborazione con Fernando Henrique Cardoso), “Uomo e società” (1961, in collaborazione con Fernando Henrique Cardoso), “Metamorfosi dello schiavo” (1962); “Industrializzazione e sviluppo sociale in Brasile” (1963), “Politica e rivoluzione sociale in Brasile” (1965), “Estado e Capitalismo no Brasil” (1965), “Il collasso del populismo in Brasile” (1968).

Ha vinto due premi Jabuti e, nel 2000, il Premio Juca Pato, della Unione Brasiliana degli Scrittori, come Intellettuale dell’Anno.

Mario Contini Junior: il percorso opposto.

Lo scrittore Mario Contini Junior, nato nel 1962, è figlio di immigrati italiani che hanno partecipato ai lavori per la costruzione di Brasilia. Ripercorrendo il cammino dei genitori, ma al contrario, l’autore de “Italiano per caso”, “Canudos, a Guerra no Sertão do Brasil” e “I demoni con gli stivali – la guerriglia di Araguaia”, ha deciso, a 27 anni, già laureato in lettere, di vivere in Italia, dove risiede da più di trent’anni. Là, ha scelto di aiutare le persone che hanno preso la sua stessa decisione, e, nel 2004, ha fondato l’Associazione Interculturale Pontum, il cui obiettivo è quello di sostenere gli stranieri presenti nel territorio e di sensibilizzare gli italiani, stimolandoli a una convivenza pacifica con gli immigrati, ricordando sempre quanto sia arricchente la mutua convivenza. Con sede nella città di Nettuno, l’istituzione collabora con le scuole, ed ha la funzione di mediatrice culturale tra la scuola e le comunità di stranieri presenti sul territorio.



CINEMA E TEATRO

Lo sviluppo del cinema e del teatro brasiliani ha visto la diretta partecipazione degli italiani che qui sono sbarcati. Anche se la prima proiezione cinematografica in Brasile è avvenuta nel luglio 1896, a Rio de Janeiro, ed è stata realizzata dal francese Henri Paillie, fu un italiano, Vito Di Maio, che, già nel 1891, preparò una sala per esibizioni e uno spettacolo di lanterna magica, nella Rua do Ouvidor. E fu un altro italiano, Paschoal Segreto, nel 1897, che inaugurò ufficialmente la prima sala cinematografica del Paese, acquistata giustamente da Di Maio, tre anni prima.

E fu Paschoal Segreto che trasformò quest'arte in un business, moltiplicando il numero di sale a Rio de Janeiro, São Paulo e in altre città, producendo decine di film. Suo fratello, Alfonso Segreto, è considerato l'autore delle prime riprese in Brasile - nella Baia di Guanabara, a Rio, e durante la celebrazione dell'unità di Italia, a São Paulo. La famiglia Segreto divenne famosa, tra la fine del XIX secolo e l'inizio del XX, nel mercato dell'intrattenimento, a Rio de Janeiro. Paschoal acquisì vari teatri, case per spettacoli e giochi e, per la stampa, si trasformò nel Ministro dell'Intrattenimento.

Più tardi, un altro italiano, Franco Zampari, che arrivò in Brasile nel 1922, quando aveva 24 anni, per lavorare come ingegnere nella Metallurgica Matarazzo, diede una nuova direzione al teatro e al cinema brasiliani. Egli fondò il Teatro Brasiliano di Commedia (TBC), nel 1948, e la Compagnia Cinematografica Vera Cruz, nel 1950. Le due organizzazioni furono responsabili di grandi spettacoli e della realizzazione dei primi classici del cinema nazionale.

Zampari riunì nel TBC e nella Vera Cruz artisti come: Alberto Cavalcanti, Cacilda Becker, Paulo Autran, Sérgio Cardoso, Tônia Carrero, Walmor Chagas, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Cleyde Yáconis e Mazzaropi. E, dall'Italia, fece arrivare i cinque registi - Adolfo Celi, Ruggero Jacobbi, Luciano Salce, Flaminio Bollini Cerri e Gianni Ratto - che, secondo Alessandra Vannucci, autrice del libro "La missione italiana", cambiarono la storia del teatro in Brasile, affermando il parametro del teatro di regia in contrapposizione a quello del teatro di grandi stelle. Zampari morì nel 1966, praticamente dimenticato dalla stampa e dalla classe artistica, poiché egli aveva perso una fortuna nella TBC e nella Vera Cruz.

Amácio Mazzaropi (1912-1981)

Nome indimenticabile della storia del cinema brasiliano, Amácio Mazzaropi nacque a São Paulo (SP), il 9 aprile 1912. Figlio di un immigrato italiano e di una discendente di portoghesi, si trasferì a Taubaté (SP) quando aveva due anni. Nelle feste scolastiche era solito declamare poesie e interpretare dei personaggi. S'innamorò del circo e, a 14 anni, entrò nella carovana del Circo La Paz. Nel 1932, di

ritorno a Taubaté, realizzò la sua prima pièce per il teatro amatoriale, intitolata "L'eredità di Padre João". Nel 1940 creò la sua propria compagnia, la Troupe Mazzaropi, che per anni recitò nell'entroterra e nella provincia di São Paulo.

Esordì nel teatro professionale ne "Figlio di Calzolaio, Calzolaio Deve Essere", ed era il 1945. Il successo lo portò alla Radio Tupi, nel programma Rancho Alegre. Quando, nel 1950, nacque la televisione, il programma venne presentato nella TV Tupi. In questo primo programma di humor della TV, Mazzaropi divideva la scena con Geny Prado, João Restiffe e Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Venne chiamato per recitare nel film "Scansati", della Vera Cruz, nel 1952, con cui fece anche "Nuotando nei soldi" e "Candinho". Fece altri cinque film per altri studi di produzione e, nel 1958, vendette il suo studio e fondò la Produções Amácio Mazzaropi (Pam Filmes), cominciando così a produrre e distribuire i suoi propri film. L'azienda esordì con "Chofer di Piazza". Dopo venne "Jeca Tatu", uno dei suoi maggiori successi, assieme a "Le Avventure di Pedro Malazartes".

Nella sua tenuta agricola, comprata nel 1961, Mazzaropi costruì uno studio cinematografico, in cui fu prodotto "Tristezza del Jeca", il suo primo film a colori e il successo "Il Corintiano". Nel 1974, a Taubaté, ebbe inizio la costruzione del suo secondo studio, assieme a un'officina scenografica e a un hotel per le troupe addette alle riprese. Qui produsse altri cinque film che furono distribuiti, fino al 1979, dalla sua azienda di produzione. Quando venne ricoverato, stava filmando "Maria Tomba Homem". Morì il 13 giugno del 1981, vittima di un cancro al midollo osseo. Lasciò un figlio adottivo.

Gianfrancesco Guarnieri (1934 - 2006)

Nato a Milano, in Italia, il 6 agosto 1934, l'autore e attore Gianfrancesco Sigfrido Benedetto Marinenghi di Guarnieri, giunse in Brasile con la famiglia quando aveva due anni, e si stabilì a Rio de Janeiro. Nel 1954 si trasferì a São Paulo, dove entrò nel Teatro Paulista do Estudante, gruppo amatoriale che si integrò con il Teatro de Arena, nel 1956. Nel 1957, scrisse la sua prima pièce, "Loro non usano lo smoking", messa in scena l'anno successivo, nella quale egli interpretò il giovane Tião. Lo spettacolo segnò un momento importante del teatro brasiliano e, nel 1981, raggiunse gli schermi cinematografici, con l'autore nel ruolo di Otávio. L'opera narrava la vita di un gruppo di operai in sciopero e i conflitti tra un sindacalista e il figlio. La tematica sociale continuò ad essere analizzata dall'autore in altre pièce teatrali.

Con il musical "Castro Alves Pede Passagem", del 1971, vinse i premi Associazione Paulista di Critici (APCA) e Molière, come miglior attore. Un'altra opera, "Punto di Partenza", del 1976, gli valse i premi Molière, Mambembe e APCA, come miglior testo.

Cominciò a lavorare nella televisione nel 1967, nella telenovela "A Hora Marcada", della TV Tupi, e interpretò Tonho da Lua, nella prima versione di "Donne di sabbia". Collaborò con tutte le emittenti, recitando in telenovelle e miniserie come: "O Tempo e o Vento", "Éramos Seis", "Que Rei sou Eu?", "Anos Rebeldes", "Pátria Minha", "Cambalacho" e "Terra Nostra", tra le altre. Per la Rete Globo, scrisse e diresse alcuni episodi della serie "Carga Pesada".



Adolfo Celi (1922 – 1986)

Adolfo Celi nacque nel 1922, a Messina, in Italia. Sbarcò a São Paulo, nel gennaio del 1949, dietro invito di Franco Zampari per assumere la direzione artistica del *Teatro Brasileiro de Comédia* (TBC). Il suo primo spettacolo in Brasile fu “Nick Bar... Alcol, Giochi, Ambizioni”, che esordì nel giugno del 1949, con Cacilda Becker, sua futura moglie. Il primo film, per la compagnia cinematografica Vera Cruz, fu “Caiçara”, con sceneggiatura scritta da lui, Alberto Cavalcanti e Ruggero Jacobbi. Nel 1952, lo spettacolo “Antigone” gli valse tre premi Saci, uno dei quali era per la regia. Nello stesso anno, diresse il film “Tico-tico no Fubá”, sempre per la Vera Cruz. Lasciò il TBC nel 1955 e si trasferì a Rio de Janeiro, dove, con Tônia Carreiro, sua seconda moglie, e Paulo Autran, fondò, nel 1956, la Compagnia di Teatro Tônia-Celi-Autran (CTCA). La compagnia esordì nel Teatro Dulcina, con “Otello”, e continuò poi con vari spettacoli.

Nel 1961, Celi salutò il Brasile e tornò in Italia, dove proseguì la carriera di attore cinematografico. Dietro invito di Paulo Autran, tornò in Brasile nel 1978 per dirigere la commedia “Papero con Arancia”, che inaugurò il Teatro Villa-Lobos, e un'altra commedia, per Tônia Carrero, «Il Tuo Nome è Donna», ultima fatica in suolo brasiliano. Morì nella regione Lazio, in Italia, nel 1986.

Fernanda Montenegro (1929)

Nome artistico di Arlette Pinheiro Monteiro Torres, Fernanda Montenegro è **nata il 16 ottobre 1929**, a Rio de Janeiro. Nipote, nel ramo materno, di immigrati italiani, è considerata una delle migliori attrici di teatro, cinema e televisione brasiliani. È stata la prima attrice latino americana ad essere candidata all'Oscar di Miglior Attrice, per “Central do Brasil”, nel 1999. Grazie a quella magnifica performance, ha conquistato l'Orso d'Argento al Festival di Berlino, nel 1998. Ha ricevuto anche l'Ordine Nazionale al Merito *Grã-Cruz* “a titolo di riconoscenza per il sontuoso lavoro nelle arti sceniche brasiliane” ed è stata la prima brasiliana a ricevere l'Emmy International nella categoria di miglior attrice per la sua recitazione in “Il Dolce della Mamma”, del 2013.

Fernanda ha partecipato alla sua prima pièce quando aveva otto anni, in una chiesa. A quindici anni, ha vinto un concorso per conduttori radiofonici della Radio Ministero dell'Educazione e della Cultura, dove ha cominciato a lavorare come conduttrice e attrice. È entrata in un gruppo di teatro amatoriale, col quale ha interpretato il suo primo personaggio, Cassona, nella pièce “Nuestra Nata-scha”. Nel gruppo del Teatro Ginástico, assieme a Nicete Bruno, Beatriz Segall e Fernando Torres, con cui si è sposata, ha esordito nel professionismo con “3.200 Metri di Altitudine”. È stata la prima attrice ad essere assunta dalla TV Tupi. Nel 1959, è stata una delle fondatrici del Teatro dei Sette. L'attrice ha recitato in più di 500 pièce. Nel 1963 ha esordito in una telenovela, nella TV Rio. La prima telenovela nella Rede Globo è stata “Baila Comigo”, del 1981. Poi ha recitato in “Guerra dei Sessi”, “Cambalacho”, “Belíssima”, “L'altro lato del Paradiso”, tra le altre, oltre a varie serie. In ambito cinematografico, oltre a “Central do Brasil”,

ha brillato in “O Auto da Compadecida”, “O que é isso companheiro?”, “Olga”, “Casa de Areia”, e in molti altri film.

Tônia Carrero (1922 – 2018)

Maria Antonieta de Farias Portocarrero, o Tônia Carrero, è nata a Rio de Janeiro, il 23 agosto 1922. Ha studiato teatro a Parigi, dopo aver recitato una parte nel film “Queria Susana”. Ha recitato in vari film della Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Ha esordito a teatro nel palcoscenico del Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), con la pièce “Un Dio ha dormito là in casa”. Ha creato la Compagnia Tônia-Celi-Autran (CTCA), con il suo secondo marito, Adolfo Celi, e con l'attore Paulo Autran.

Per la TV Rio, ha presentato il programma “No Mundo de Tônia”, di musica, poesia e danza. Ha recitato in telenovelle quali “Água Viva” e “Folle amore”, per la Rete Globo. Ha partorito una famiglia di attori: il figlio, Cecil Thiré, nato dal primo matrimonio con l'artista plastico Carlos Arthur Thiré, e i nipoti Miguel, Luísa e Carlos Thiré. Tônia è stata sposata anche con l'ingegnere César Thedim. È morta a 95 anni, in seguito a un arresto cardiaco durante una chirurgia per un'ulcera.

Alberto Cavalcanti (1897 – 1982)

Cineasta, nato il 6 febbraio 1897, a Rio de Janeiro, Alberto de Almeida Cavalcanti ha diretto il suo proprio film nel 1925, in Francia. Poi, nel 1934, in Inghilterra, ha diretto vari documentari, negli Studi Ealing. È tornato in Brasile nel 1949 e ha contribuito alla creazione della Companhia Cinematográfica Vera Cruz, nella quale è stato produttore generale. Ha scritto le sceneggiature e ha prodotto i due primi film della compagnia: “Caiçara” e “Terra é Sempre Terra”. Ha lasciato la Vera Cruz nel 1951 e, l'anno dopo, ha diretto “Simão, lo Sguercio”, per la Cinematografica Maristela, della quale è diventato socio, provocando il cambiamento del nome dell'azienda, che è diventato Kino Filmes. Nel 1954, ha restituito la compagnia agli antichi proprietari per inadempienza del pagamento ed è andato a lavorare alla TV Record. A fine anno, si è trasferito in Austria, dietro invito di uno studio di produzione. È morto in Francia, il 23 agosto 1982.

Iberê Cavalcanti (1935)

Il cineasta Iberê Cahuby Vianna Cavalcanti è nato a Rio de Janeiro, il 26 marzo 1935. Ha studiato Interpretazione nella Fondazione Brasiliana di Teatro, tra il 1955 e il 1958, ed è stato alunno di Adolfo Celi, Dulcina de Moraes e Maria Clara Machado. Dal 1959 al 1962, ha lavorato nella RTF di Parigi, nella BBC di Londra, è stato membro del collettivo di regia del Teatro Berliner Ensemble, di Bertoldt Brecht, diretto all'epoca da Manfred Weckwert. È stato il primo regista assunto dallo ICAIC- *Instituto Cubano del Arte e Indústria Cinematográficos*, dove ha scritto sceneggiature e diretto documentari e cortometraggi. In Brasile ha creato la casa di produzioni Ser-Cine. Il suo primo lungometraggio è stato “A Virgem Prometida”, seguito da “Un sogno di vampiro”, “La forza di Xangô” e il più recente “Terra de Deus”. Tutti i suoi film hanno vinto vari premi nei festival del cinema brasiliano, e all'estero.



Molto attivo in politica cinematografica durante gli anni di piombo della dittatura militare, è stato l'ideatore e uno dei fondatori e dei primi dirigenti della ABD - Associação Brasileira de Documentaristas. È tutt'ora attivo nella produzione di progetti culturali e nell'edizione di libri.

Altri personaggi nella scena

Gianni Ratto (1916-2005) - Nato a Milano, Gianni Ratto è venuto in Brasile nel 1954, per dirigere le rappresentazioni teatrali al Teatro Maria Della Costa. Successivamente è stato assunto da TBC. In più di 50 anni di carriera è stato regista, scenografo, costumista e addetto alle luci, regista di opere liriche, professore all'università. In televisione ha diretto la soap opera "Os Imigrantes", nel 1981. Nel 2003, ha ricevuto il Premio Shell per il suo contributo al Teatro Brasiliano.

Ruggero Jacobbi (1920 - 1981) - nato a Venezia, è arrivato in Brasile nel 1946, dove ha vissuto per 14 anni. È stato autore e regista teatrale, professore, saggista, scenografo, critico, avendo lavorato anche nel cinema e in televisione.

Luciano Salce (1922 - 1989) - è nato a Roma. Il regista, sceneggiatore e attore è venuto in Brasile su invito di Adolfo Celi. Qui ha insegnato regia teatrale ed è stato vicedirettore artistico di TBC, ha recitato e diretto film a Vera Cruz.

Flaminio Bollini Cerri (1924 - 1978) - Italiano di Milano, arrivato in Brasile a 23 anni, chiamato a essere uno dei direttori del Teatro Comico brasiliano. Ha anche lavorato per la Vera Cruz Cinematographic Company. Nel 1958 dirige "A Alma Boa de Setsuan", di Bertold Brecht, la prima messa in scena professionale dell'autore e la sua ultima opera in Brasile.

Jorge Miguel Ileri (1925-2003) - regista, sceneggiatore, produttore, libraio e critico cinematografico, è nato a Rio de Janeiro. Ha iniziato come critico, scrivendo per riviste e giornali. Nel 1952 scrive e dirige, ad Atlântida, l'ufficiale di polizia "Amei um Bicheiro", insieme a Paulo Vanderley (1903-1973). Nel 1966 apre la catena di librerie Entrelivros, succeduta nel 1977 dalla casa editrice e distributore Unilivros. Nel 1968 ha fondato la Entrefilmes, dove ha prodotto "Juliana do Amor Perdido". Per il National Film Institute (INC), ha realizzato cortometraggi e documentari. Nel 1976 pubblica "O Mundo em que Getúlio Viveu".

Maria Della Costa (1926 - 2015) - figlia di immigrati italiani, è nata a Flores da Cunha, nel Rio Grande do Sul. È stata scoperta dal giornalista Justino Martins, per strada, quando è diventata la copertina di Revista Globo. Ha lavorato come show-girl e come modella per Casa Canada. Nel 1944 debutta a teatro in "A Moreninha". Ha studiato arte drammatica in Portogallo e si è esibita in diversi spettacoli nel 1946 e 1947. Ha fondato il Teatro Popular de Arte nel 1948 con il suo secondo marito, Sandro Polloni. Nel 1954 aprono insieme il Teatro Maria Della Costa. Ha lavorato anche al cinema e in TV. Nel 2002 è stata insignita dal Ministero della Cultura dell'Ordine al Merito Culturale.

MUSICA E DANZA

Una delle culle dell'opera, l'Italia ha rivelato compositori e maestri, come Giuseppe Verdi, Giacomo Puccini e Gioacchino Rossini, e tenori come Luciano Pavarotti e Andrea Bocelli. Nella musica erudita, altri grandi talenti dai nomi conosciuti mondialmente sono italiani, come Antonio Vivaldi, Domenico Scarlatti e Arcangelo Corelli.

La musica italiana è conosciuta anche per i ritmi tradizionali, come i due, famosissimi, della Tarantella, originaria della regione della Campania, e la Siciliana, originaria della regione della Sicilia. Entrambi i ritmi si diffusero ampiamente attraverso le danze folcloristiche, celebrate in tutte le feste popolari. La Tarantella nacque intorno al XI V secolo, ed è una danza popolare, ballata da coppie che si scambiano i partner durante l'esecuzione. Invece la Siciliana ha un ritmo più lento, caratterizzato dalla musica barocca e, oltre ad essere una danza, è una specie di manifestazione religiosa. Compositori come il tedesco Johann Sebastian Bach e il francese Gabriel Fauré scrissero opere seguendo questo stile musicale.

In Brasile, gli immigrati italiani hanno creato una generazione di grandi musicisti. Cantanti, compositori, maestri e strumentisti sono nati tra le famiglie che qui sono sbarcate, alla ricerca di una nuova vita.

Francisco Mignone (1897 - 1986)

Pianista, direttore di orchestra e compositore erudito, nacque a São Paulo, il 3 settembre del 1897. Figlio del flautista Alfério Mignone, immigrante italiano, Francisco si diplomò in flauto, piano e composizione, nel 1917. Con lo pseudonimo di Chico Bororó, firmò varie canzoni popolari. Nel 1918, al Teatro Municipale di São Paulo, presentò alcune sue opere, come "Caramuru" e "Suíte Campestre". Studiò anche a Milano, dove scrisse la sua prima opera lirica "O Contratador de diamantes", e poi "L'innocente". Nel 1929, divenne professore del Conservatorio Drammatico e Musicale, dove si era diplomato 12 anni prima. Nel 1933, a Rio de Janeiro, divenne professore di direzione orchestrale dell'Istituto Nazionale di Musica. Nel 1936, partecipò alla fondazione del Conservatorio Brasiliano di Musica. Fece vari concerti in Europa.

Fu direttore del Teatro Municipale di Rio de Janeiro, presidente dell'Accademia Brasiliana di Musica e della Società Brasiliana di Autori Teatrali. Diresse il concerto inaugurale dell'Orchestra Sinfonica Nazionale della Radio Ministero dell'Educazione. Nella sua carriera, ricevette molti premi, come: Ordem do Rio Branco (1972), Premio Golfinho de Ouro del Governo dello Stato di Rio de Janeiro (1979) e Prêmio Shell di Musica Brasiliana (1982). Nel 1997, nel *I Concurso Nacional Funarte de Canto Coral*, gli è stato reso omaggio, in occasione del centenario della nascita. Il regolamento del concorso prevedeva l'esecuzione di opere scritte da lui, da parte dei cori partecipanti.



Vicente Celestino (1894 – 1968)

Il cantante e compositore Antônio Vicente Filipe Celestino nacque il 12 settembre 1894. Uno dei più famosi interpreti della cosiddetta epoca d'oro della musica brasiliana, era figlio di immigrati italiani della Calabria, il più grande di undici figli. Cominciò, nel 1913, esibendosi nelle feste, nelle serenate e nei bar. A volte cantava in italiano. L'inizio in ambito professionale fu nel Teatro São José, di São Paulo, con il valzer "Flor do Mal", che fece parte del suo primo disco, prodotto dalla Odeon, nel 1915. Cantò canzoni di successo come "Urubu Subiu", "Alla luce del chiaro di luna", "Ai, Ioiô (Linda Flor)", "Bem-te-vi", "Cuore materno", "Notte piena di stelle", "O Ébrio", "Conceição", "Porta Aberta" e "Serenata", tra le altre; molte canzoni furono anche scritte da lui. È stato il primo cantante a registrare l'inno nazionale brasiliano.

L'artista, che suonava chitarra e pianoforte, registrò 137 dischi in 78 RPM, con 265 canzoni, e più di dieci dischi vinili e 31 LPs. Due sue canzoni diventarono film di grande successo: "O Ébrio", del 1946, e "Coração Materno", del 1951, recitati dallo stesso autore nella parte del protagonista e diretti da sua moglie, l'attrice, cantante, scrittrice e cineasta Gilda Abreu (1904 – 1979). La sua voce di tenore gli valse il soprannome di *A Voz Orgulho do Brasil*.

Morì il 23 agosto 1968, nell'Hotel Normandie, a São Paulo, poco prima di uscire per esibirsi accanto a Caetano Veloso e Gilberto Gil. La salma venne trasferita a Rio de Janeiro, dove venne visitata da molta gente, nella Camera dei Deputati di Rio; l'artista riposa nel cimitero São João Batista. A Nilópolis, nella Baixada Fluminense, e Sorocaba, nella provincia paulista, due strade portano il suo nome.

Adoniran Barbosa (1910-1982)

Cantante, compositore, speaker radiofonico, commediante e attore, João Rubinato, nato a Valinhos (SP), il 6 agosto 1910, adottò lo pseudonimo di Adoniran Barbosa in onore di un amico (Adoniran) e a causa di un idolo, il cantante Luís Barbosa. Settimo figlio di una coppia di immigrati italiani di Treviso, lavorò come addetto ai servizi generali in un'azienda di tessuti, idraulico, pittore, cameriere, metallurgico e venditore, tra le altre cose. Arrivò nella capitale paulista quando aveva 22 anni e qui partecipò a programmi per cantanti esordienti, alla radio. Nel 1934, conquistò il primo posto in un concorso carnevalesco della Prefettura, con la marcia "Dona Boa", scritta in collaborazione con J. Aimberê. Nel 1941, iniziò a lavorare nella Radio Record, dove fu commediante, disc jockey e speaker per più di 30 anni, facendosi notare nelle vesti di speaker comico e nell'interpretazione di vari personaggi, quali: l'alunno Barbosinha Maleducato da Silva, l'autista di taxi Giuseppe Pernafrina, il malandrino di scarso successo Charutinho, tra gli altri.

Negli anni '50, le sue canzoni cominciarono a fare successo, dopo la registrazione, da parte dei "Demônios da Garoa", di "Saudosa Moloca".

"Samba do Arnesto", "Abrigo de Vagabundo", "Trem das Onze" e "Tiro ao Álvaro", registrata da Elis Regina, nel 1980, sono altre sue composizioni che vengono suo-

nate e cantate tutt'oggi, quando si suona la samba. Le sue opere ritraggono il popolo più povero e la difficile vita della gente comune. Egli usava l'umorismo e un linguaggio popolare; spesso imitava il modo di parlare del popolo più semplice e di alcuni immigrati italiani... i modi di dire, gli accenti strani e gli errori di pronuncia. Può essere considerato il padre della samba paulista.

Toquinho (1946)

Antônio Pecci Filho, cantante, compositore e violinista, è nato a San Paolo, il 6 luglio, in una famiglia di discendenti di immigrati. I suoi nonni paterni arrivarono in Brasile nel 1895. Nelle interviste l'artista ha già parlato dell'orgoglio di essere nato oriundi. Ha iniziato a prendere lezioni di chitarra e armonia all'età di 14 anni e ha iniziato la sua carriera esibendosi al collegio e, successivamente, nel 1963, agli spettacoli del Paramount Theatre, come strumentista.

Nel 1966 incide il suo primo album solista strumentale, "O Violão de Toquinho" e, negli anni successivi, partecipa ai famosi festival nazionali della canzone. Nel 1969 trascorre sette mesi in Italia con il suo amico Chico Buarque. Nel 1971 ha registrato in italiano, con Vinicius de Moraes, alcune delle prime canzoni del duo. Da allora, è stato varie volte in Italia, in concerti immortalati nel disco "La voglia, La pazzia...", registrato con Ornella Vanoni, nel 1976, e per gli show con Vinicius, Jobim e Miúcha del 1978, per le apparizioni al Festival di Sanremo e per le registrazioni con Sergio Endrigo e Ornella Vanoni, e altri artisti italiani.

Nel corso della sua carriera, ha messo in scena opere teatrali e composto con Chico Buarque, Vitor Martins, Paulo Vanzolini, Jorge Bem e Vinicius de Moraes, tra gli altri. La partnership con Vinicius ha prodotto circa 120 canzoni e 25 LP, in Brasile e all'estero. Con Vinicius ha prodotto anche due album "A Arca de Noé" per bambini (1980 e 1981), trasformati in programmi televisivi. Per l'LP "Aquarela", del 1983, grande successo in Italia, è stato il primo brasiliano a ricevere il disco d'oro in quel paese. Toquinho ha celebrato 50 anni di carriera nel 2016.

Fred Rovella (1947)

Cantante, compositore e show-man, il tenore italo - brasiliano Alfredo Rovella, più conosciuto come Fred Rovella, è nato il 2 ottobre 1947 e ha iniziato la carriera negli anni '70, quando è arrivato primo a un concorso per giovani cantanti della Rete Globo. Diplomato in canto lirico, teoria e solfeggio, è diventato famoso grazie all'interpretazione di canzoni italiane. È una delle attrazioni obbligatorie nelle più importanti feste italiane del Brasile, e, per i contratti di partecipazione alle feste, lui ha creato un'azienda, l'impresa Fred Rovella Banda Show, specializzata in questo tipo di eventi. Nel 2007 è stato eletto campione, da una votazione popolare, nel programma "Rei Majestade", con l'interpretazione de "Do seu lado". Ha poi registrato il CD del programma, assieme agli altri due finalisti, Silvio Brito e José Luiz. Tra gli album registrati, ricordiamo: "Cantina Nostra", "Itália Sertaneja", "Ciao Amore" e "Fundamental - Viva Itália".



MINO CARTA: CREATORE DI RIVISTE

Ricardo Stucker / Agência Brasil



Il giornalista, editore, scrittore, pittore e imprenditore Mino Carta, o Demetrio Carta, è nato il 6 settembre 1933, a Genova, in Italia, da Giovanni Carta e Clara Becherucci Carta. È entrato per la prima volta in una redazione a 4 anni, con il padre, allora capo redattore del giornale Secolo XIX. È arrivato in Brasile con la famiglia, quando aveva 12 anni, infatti il padre aveva accettato l'invito, da parte di Francesco Matarazzo, di dirigere la redazione del giornale *Folha de S. Paulo*.

Di quell'esperienza, anni più tardi, lui ha scritto: *“Agosto 1946, sono arrivato a São Paulo, portato dai miei genitori, vestivo ancora i pantaloni corti. La città non superava il milione e mezzo di abitanti, aveva dimensioni umane. Pacata, ordinata, elegante con varie vie centrali. São Luís, Barão de Itapetininga, Marconi, Vieira de Carvalho. Angoli verdi e vibranti. Praça da República, Largo do Arouche. Signorile l'Avenida Paulista, costeggiata da ville, una delle quali era quella del Conte Matarazzo, proprietario di un Packard sontuosamente nero, la cui targa ostentava appena, e solamente, il numero 1”*.

A 18 anni è entrato nella Facoltà di Diritto dell'Università di São Paulo, ma non ha concluso il corso di studi. La sua prima esperienza professionale nel giornalismo è stata nel 1950, a Rio de Janeiro, come reporter sportivo, quando ha seguito la Coppa del Mondo di Calcio per il giornale *Il Messaggero*, di Roma. Nel 1960, dopo un periodo in Italia nei giornali *Gazzetta del Popolo* e *Il Messaggero*, è tornato in Brasile, dietro invito di Victor Civita, della casa editrice *Editora Abril*, e ha partecipato alla creazione e direzione della rivista *Quatro Rodas*. Dopo ha creato il *Jornal da Tarde*, appartenente al giornale *O Estado de S. Paulo*. Di ritorno alla *Editora Abril*, ha dato

inizio alla vita delle riviste settimanali *Veja* e *Leia* (più tardi solo *Veja*), la cui prima edizione ha avuto luce l'8 settembre 1968. Ha lasciato la pubblicazione nel 1976 e nello stesso anno ha creato la rivista *IstoÉ*. Ha anche creato, nel 1979, il *Jornal da República*, che è durato pochi mesi. Nel 1982 ha assunto la direzione della rivista *Senhor*, che poi si è fusa con *IstoÉ*, formando *IstoÉ/Senhor*, in cui Mino ha occupato l'incarico di direttore, dalla fondazione fino al 1993. L'anno dopo ha fondato la rivista *Carta Capital*, in cui ancora lavora come direttore di redazione.

Come pittore ha esposto per la prima volta in una collettiva di paesaggi brasiliani, di fianco ad artisti come Portinari, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, nel 1956. L'anno dopo è stato protagonista della sua prima esposizione individuale a Milano (Italia). A partire da quel momento, ha partecipato a più di 20 esposizioni individuali. Nel 1994, è stato protagonista di una retrospettiva dei suoi 40 anni di pittura, portando 90 opere al Masp (Museo di Arte di São Paulo). Come scrittore, ha pubblicato i libri: *“Storia della Mooca, con la benedizione di San Gennaro”* (1983); *“Il Ristorante Fasano e la Cucina di Luciano Boseggia”* (1996), in collaborazione con Rogério Fasano; *“Castello di Ambra”* (2000); *“L'ombra del Silenzio”* (2003), continuazione del precedente; *“Il Brasile”* (2013), e *“La Vita di Mat”* (2016).

Tra i premi ricevuti, si ricordano: Personalità della Comunicazione della Mega Brasil (2003); Giornalista Brasiliano di maggior spicco dell'anno, dell'Associazione dei Corrispondenti della Stampa Straniera in Brasile (ACIE), nel novembre 2006, e Miglior Esecutivo del Veicolo della Comunicazione, parte del Premio *Comunique-se*, di Giornalismo e Comunicazione Imprenditoriale, nell'ottobre del 2009.

Ha sposato in prime nozze Dayse Catoeira Mesquita, con cui ha avuto due figli, entrambi giornalisti. In seconde nozze ha sposato Maria Angélica Pressoto.

GIORNALAI: UNA STORIA CHE È COMINCIATA CON UNA MONETA

Tra gli immigrati italiani che sbarcarono in Brasile, c'erano i gazzettieri, sostantivo che ha origine dalla parola *Gazzetta*, moneta veneziana del secolo XVI, che diede poi il nome al giornale *Gazzetta Veneta*, che cominciò a circolare nella città a partire dal 1760. Col tempo, *gazzetta* divenne sinonimo di giornale, e *gazzettiere*¹ fu il nome che venne dato a chi vendeva i giornali per strada.

In Brasile, l'attività veniva svolta dai neri schiavizzati, che uscivano per le strade esibendo i giornali, declamando le principali notizie del giorno. Con l'arrivo dei gazzettieri, il lavoro passò dalle mani dei neri africani a quelle dei bianchi italiani. Senza un punto-vendita fisso, questi si caricavano sulle spalle pile di giornali, legati con lo spago. Fino a quando, uno di questi immigrati, Carmine Labanca, decise che il locale preposto alla vendita delle pubblicazioni sarebbe stato uno solo. Nel 1880, a Rio, nella piazza Largo do Machado, pose, su cassette di legno, un tavolo sul quale appoggiò ed espose i giornali. Il nome portoghese *banca de jornal* è quindi un omaggio all'italiano, infatti gli abitanti della regione erano soliti avvisare: - Vado da Labanca a comprare il giornale.

Il successo di quell'idea diede origine a molte altre *banças* in tutto il Paese. Nel 1910, ci fu un'evoluzione verso le strutture di legno che proteggevano i prodotti e i venditori. dal sole e dalla pioggia. Nel 1911, un decreto della Prefettura dell'allora Distretto Federale stabilì che, per vendere i giornali e le riviste nelle edicole, era necessaria una licenza. Nel 1935, venne fondata l'Associazione dei Venditori e Distri-





Banca de jornal ad Avaré, San Paolo, Brasile

Foto: José Reynaldo da Fonseca – Wikimedia.org

butori di Giornali e Riviste di São Paulo. Negli anni '50, iniziò il processo di riconoscimento giuridico delle edicole in quanto stabilimenti commerciali e non più solo come locali di vendita, per gli ambulanti. Per esigenze del Comune (in portoghese *Prefeitura*) le edicole, a São Paulo, non erano più di legno. Col tempo, in tutto il Paese, le edicole di legno vennero sostituite da edicole di metallo.

Negli anni '40, un altro italiano, Fernando Chinaglia, iniziò un business di distribuzione di giornali e riviste, e creò la *Fernando Chinaglia Distribuidora*, che cominciò con un deposito a Rio de Janeiro, e poi si espanse verso i centri di spedizione di Rio, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Porto Alegre, fino a diventare una delle maggiori aziende distributrici del Brasile. Parallelamente, un discendente di italiani, Victor Civita, nato negli Stati Uniti, arrivò in Brasile e qui fondò la *Editore Abril*, che il fratello Cesar aveva già creato in Argentina.

Il destino di queste due aziende si unì definitivamente nel 2009, quando il Consiglio Amministrativo di Difesa Economica (Cade) approvò l'acquisto dall'antico proprietario Fernando Chinaglia, fatto nel 2007, della Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap), da parte del Gruppo Abril. Con l'unificazione, venne creata la Treelog Logística e Distribuição. Nel 2016, la Total Express, un'altra azienda di logistica del *Grupo Abril*, ha inglobato le due altre aziende.

1. La parola "gazeteiro" indica anche l'alunno che, di solito, deliberatamente non va a scuola (gazetear). E questo succede perché gli studenti passavano nelle edicole, sfogliando giornali e riviste, il tempo che avrebbero dovuto dedicare alla scuola.

UN ITALIANO CHE È DIVENTATO IL NOME DI UN VIALE

Figlio di un genovese con una donna inglese, Martinho Storage nacque il 30 dicembre 1895, a Cardiff, Galles, ma passò l'infanzia e la gioventù a Genova (Italia). Nel 1915, entrò nell'esercito italiano, e ricevette varie medaglie, raggiungendo i gradi di tenente. Nel 1921, si laureò in ingegneria meccanica e civile, nella Scuola Politecnico di Torino. Lì conobbe la moglie, Ana Piastra, una contadina siciliana. Emigrarono in Brasile subito dopo il matrimonio, fuggendo dalle difficili condizioni di vita create dalla Prima Guerra Mondiale.

Il 10 febbraio 1922, la coppia sbarcò nel Porto di Santos. Martinho aveva un po' di soldi, che gli erano stati dati dal padre. Allora fondò la *Sociedade Brasileira de Ferragens*, fabbrica specializzata nella realizzazione di strumenti in ferro, che, dieci anni dopo, già contava con un quadro aziendale di circa cento lavoratori, così come mostra la foto commemorativa del 1931. La sua fu la prima industria a produrre le parti zigrinate delle mitragliatrici e le cartucce per i fucili, offerti al Governo dello Stato di São Paulo, nella Rivoluzione Costituzionalista del 1932. Durante la Seconda Guerra Mondiale, mentre l'economia brasiliana peggiorava, Martinho vendette la fabbrica e acquistò la Tenuta Agricola Serraria, nella città di Ilhabela, sul litorale paulista, luogo in cui si trasferì con la famiglia.

Come ingegnere, l'italiano si fece notare quando collaborò alle bozze del progetto della Centrale Siderurgica di Volta Redonda, e la sua contribuzione gli valse la "Cittadinanza Brasiliana", conferitagli dal Presidente Getúlio Vargas. Egli progettò anche e costruì il Ponte do Rio Marimbondo sul fiume Rio Grande, vicino alla città di Icém, tra gli stati di São Paulo e Minas Gerais.

Cattolici devoti, Martinho e Ana sostennero istituzioni come la Pia Sociedade São Paulo e il Collegio Madre Cabrini, entrambi nel quartiere Vila Mariana, a São Paulo. E furono i responsabili per la costruzione del Collegio di Suore Irmã Maria Scanholari, nella Vila Aricanduva, e per le abitazioni delle suore. La generosità della coppia era famosa anche a Ilhabela, dove i due aiutavano le famiglie che lavoravano nei campi. La famiglia così acquisì prestigio e il figlio della coppia, Giorgio Storage, venne eletto sindaco della città, nel 1950. L'affetto del popolo per l'erede di Martinho era così grande che egli battezzò più di cento bambini. Il secondo figlio della coppia, Alberto Storage, è stato rappresentante commerciale dell'antico birrificio Cervejaria Vienaense de Bauru, ed anche lui ha contribuito all'evoluzione di Ilhabela, facendo parte degli ideatori del progetto urbanistico della città.

Per questi motivi, il popolo di Ilhabela, nel 1982, ha dedicato alla famiglia Storage, con la Legge Municipale n° 155, un Viale, prima denominato Perimetral Norte e ora "Avenida Engenheiro Martinho Storage".



FAMIGLIE CHE HANNO FATTO LA STORIA

D'accordo con l'Istituto Nazionale di Statistica, organo del governo italiano, esistono circa 350mila nomi di famiglie differenti, in Italia – e l'Italia sarebbe il paese con la più grande varietà di cognomi del mondo. In Brasile, a causa dell'immigrazione italiana, sono migliaia i discendenti che hanno cognomi italiani. Alcuni esempi attuali e famosi sono: Gagliasso (Bruno), Mazzafera (Grazi), Meneghel (Xuxa), Barrichelo (Rubinho), Palocci (Antônio), Mercadante (Aloizio), Lombardi (Bruna), Taffarel (Cláudio), Cuoco (Francisco), Castelli (Henri), Casagrande (Walter), ed anche Bolsonaro (Jair). Ci sono poi altri cognomi che hanno conquistato la notorietà, come Matarazzo e Corteletti. Sono famiglie tradizionali, i cui patriarchi sono giunti in Brasile alla ricerca di opportunità, e poi hanno fatto la storia.

FAMIGLIA CORTELETTI

Tra le famiglie italiane che sono arrivate in Brasile e si sono trasferite nello stato di Espírito Santo, la Corteletti è stata quella che è cresciuta di più. Da una ricerca realizzata da Roberto Loureiro, sposato con Ivanilda Maria, una Corteletti, e pubblicata, nel 1997, nel libro *Encontro das Raças*, di Rogério Medeiros, dalla casa editrice Don Quixote, risultano quasi otto mila discendenti sparsi per 29 città *capixabas* e sette stati brasiliani. A quei tempi, Loureiro, che, per avere nozione del numero degli eredi, si è fatto aiutare dai parenti, affermava che dovevano esistere perlomeno altre migliaia di discendenti del Cortelletti, con ramificazioni fino a Rio Grande do Sul, dove aveva abitato lo zio di Giuseppe, Leopoldo Iansello Corteletti, che vi era arrivato in nave con il nipote. Se quei numeri già per gli anni '90 erano sorprendenti, oggi lo sono ancora di più.

La famiglia Corteletti è più numerosa dell'intera popolazione della città di Santa Teresa, comune in cui la storia familiare ha avuto inizio, nella regione di Caldeirão. Fu lì che il patriarca Giuseppe Corteletti (1818 – 1896), nato a Mattarelo, in provincia di Trento, si stabilì dopo essere sbarcato in terra brasiliana, nel 1875, quando aveva 57 anni. Con lui sbarcarono la moglie, Carolina Carlini (1830/1900), e i cinque figli: Giuseppe Figlio (1852 - 1945), Eugênio Gregório (1859 - 1924), Matteo Geovanni (1863 - 1946), Emanuelle Domêncio (1865 – 1918) e Carolina (1873 - 1952). La famiglia divenne proprietaria terriera e i figli si spo-



Riproduzione fotografica dell'album della famiglia Corteletti

Libro *Espírito Santo - Encontro das Raças*, di Rogério Medeiros

sarono con membri di altre famiglie appartenenti alla comunità della colonia italiana, quali: Colombo, Bitti, Ziviani, Couvre, Zanotti, Roncon, Venturini, Chiabai, Trento, Herzog, Zuno, Coser, Faufer, Tonini, Thiarelli, Loss, Sbardelotti, Fadini, Montagnaro, Possatti, Formentini, Scalzer, Famanini, Passamani, Guissolfi, Malavase, Dedasperi, Bridi, Bach, Demoner e Piveta. E così ebbe inizio la progenie e si formarono le varie generazioni di discendenti dei Cortelletti.

FAMIGLIA MATARAZZO

Francesco Antonio Matarazzo (1854 – 1937), primogenito di nove fratelli, è arrivato in Brasile quando aveva 27 anni, con la moglie Filomena e due figli, portando con sé l'esperienza in ambito commerciale e alcuni risparmi sotto forma di lardo di porco, che però ha perso in mare. Agli inizi, si è stabilito a Sorocaba (SP), dove ha aperto un magazzino/deposito di merci varie. Nel 1883, ha cominciato a produrre il proprio lardo di porco, in casa, ed ha percorso l'entroterra paulista su una mula, negoziando la vendita dell'animale e del prodotto. Poco tempo dopo, già possedeva varie mule. Nel 1890, si è trasferito a São Paulo (SP), città che cresceva grazie alla produzione e commercializzazione del caffè. L'immigrato è giunto a possedere circa 200 fabbriche, 30mila impiegati e un'immensa scorta di camion.



Erano le *Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo* (IRFM), fondate nel 1911. Dicono che lui le visitasse personalmente, una fabbrica al giorno.

Quando ha deciso di produrre lardo di porco in scatola, aumentandone la durabilità e conquistando ampie fette di mercato, strappate al prodotto americano che era venduto in barili di legno, l'italiano è riuscito a fare un grande salto in avanti. Fabbricare prodotti prima importati, facilitandone l'accesso da parte della popolazione, è diventato uno dei marchi storici delle Industrie Matarazzo. Nel 1899, ad esempio, lui ha cominciato a produrre farina nazionale nel più grande e più moderno mulino dell'America Latina, e nella fabbrica più grande di São Paulo. Un altro fattore determinante per il successo è stata la costruzione di un agglomerato di ditte che riuscivano a soddisfare le esigenze dell'intera catena produttiva, dalla materia prima alla vendita. Le IRFM riunivano aziende di vari segmenti dell'economia – prodotti alimentari, tessuti, sapone, chiodi, imballaggi, zucchero e molto altro – con filiali negli Stati Uniti, in Europa e Argentina. L'industriale ha costruito un impero e ha accumulato un patrimonio di circa 20 miliardi di dollari, riuscendo così ad essere inserito tra i dieci uomini più ricchi al mondo, secondo la rivista Forbes.

Nel 1917, in seguito all'aiuto dato all'Italia durante la guerra, Francesco è stato nominato Conte del Regno. Verso la fine degli anni '20, assieme ad altri imprenditori, ha fondato e ha presieduto poi il Centro delle Industrie dello Stato di São Paulo (Ciesp), e, nel 1931, la Federazione degli Industriali di São Paulo (Fiesp). È morto nel 1937, a 83 anni, ed ha lasciato 11 figli, più di 30 nipoti e pronipoti. Suo figlio Chiquinho Matarazzo, che già era al comando delle IRFM, ha continuato ad esercitare tale incarico per 40 anni ed è stato nominato, varie volte, maggior imprenditore dell'America Latina. Dopo di lui, è toccato alla figlia Maria Pia, nel 1977. Con l'accumulo di molti debiti, a partire dal 1983, varie aziende del gruppo hanno dichiarato il fallimento. La caduta dell'impero ha coinvolto beni e aziende, processi alla corte del tribunale del lavoro, la locazione di fabbriche e litigi tra gli eredi. Il nobile palazzo della famiglia, nell'Avenida Paulista, è stato distrutto da una tempesta, nel 1996.

Alcuni eredi famosi

- **Francisco Matarazzo Júnior**, il **Conte Chiquinho**, figlio e successore del fondatore, ha avuto cinque figli, tra i quali Maria Pia Matarazzo, che l'ha succeduto.
- **Francisco Matarazzo Sobrinho (Nipote)**, meglio conosciuto come "Ciccillo Matarazzo", è stato politico e industriale.
- **Angelo Andrea Matarazzo**, imprenditore, speaker radiofonico e politico brasiliano.
- **Eduardo Matarazzo Suplicy**, economista, professore universitario, amministratore aziendale e politico brasiliano di spicco.
- **Jayme Monjardim Matarazzo**, regista brasiliano di cinema e televisione.
- **Claudia Matarazzo**, giornalista specializzata in etichetta e comportamento.
- **Francisco Matarazzo Pignatari**, imprenditore e famoso playboy.

GLI IMMIGRATI HANNO FATTO GRANDI AZIENDE

Lo sviluppo economico di un'azienda e il suo successo sono, la maggior parte delle volte, direttamente legati a fattori quali cultura organizzativa, gestione, origine, tradizione, relazioni di lavoro. Tuttavia esistono altri aspetti determinanti per la traiettoria di una compagnia che sono legati alle caratteristiche dei suoi fondatori e dirigenti e ai luoghi in cui sono ubicati le fabbriche e i punti vendita.

Nel caso di organizzazioni di origine italiana in Brasile, create o importate da immigrati, ci troviamo di fronte a una mescolanza di culture e di storie, preservate lungo il trascorrere degli anni, che danno agli affari un tocco diverso, unico, familiare e tradizionale, e allo stesso tempo moderno e attuale. Sono aziende che hanno la "faccia" dell'Italia e la "faccia" del Brasile. Alcune rivelano nel nome la forte presenza dei loro fondatori, altre segnalano la regione italiana di appartenenza.

Cercheremo ora di conoscere un po' meglio queste organizzazioni.

Matarazzo

È il ramo brasiliano di una famiglia tradizionale proveniente dall'Italia.

Tutto è cominciato quando l'immigrato italiano **Francesco Matarazzo**, nato a Castellabate, una piccola città del sud Italia, sbarcò in Brasile nel mese di dicembre del 1881 alla ricerca di migliori condizioni di vita. Mentre provava a sopravvivere in suolo straniero, l'immigrato decise di costruire un magazzino di stoccaggio di ogni tipo di merce a Sorocaba, in provincia di São Paulo. Due anni dopo, egli cominciò a tracciare la traiettoria di successo che immortalò il cognome Matarazzo nella storia del Brasile. Egli fu il fondatore delle *Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo* (IRFM), a São Paulo, il più grande gruppo imprenditoriale dell'America Latina, e giunse ad inglobare circa 350 aziende di rami differenti, quali il tessile, chimico, commerciale, creditizio e alimentare. L'imprenditore ha lasciato un marchio che trascende la storia economica e sociale del suo paese. Anche i suoi discendenti contribuirono a questa storia ed ottennero notorietà e influenza in molteplici aree produttive.



Gruppo Comolatti

Il Gruppo Comolatti ha avuto origine nel 1957, quando l'immigrato italiano Evaristo Comolatti (1922-2005) aprì una piccola rivendita di pezzi di ricambio per macchine, nella città di São Paulo, la Evaristo Comolatti & Cia Ltda, specializzata in pezzi di ricambio per camion FNM, conosciuti come "Fenemê", il primo modello di camion costruito interamente in Brasile. Lo spirito imprenditoriale dell'italiano gli fece intuire le potenzialità di quel tipo di business e così egli, dopo aver convinto i fratelli a diventare suoi soci, decise di creare la Società Anonima (S.A.).

Da quel momento, l'espansione crebbe in modo esponenziale. Vecchie aziende dell'area della distribuzione vennero acquistate e incorporate al Gruppo, come la Laguna, fondata nel 1918 dall'italiano Cirillo Laguna e la Sama, creata nel 1922 dai fratelli Henrique e João Robba, e ciò contribuì al raggiungimento dell'attuale leadership. I fratelli Comolatti non investirono solamente nel settore dei ricambi per autoveicoli, ma diversificarono il loro tipo di affari, entrando nei settori immobiliare e gastronomico. Crearono una loro marca propria, la Autho Mix. Così il Gruppo che aveva iniziato con un solo punto vendita, all'angolo tra l'Avenida Alcântara Machado e la Rua Piratininga, si trasformò in un agglomerato di marche e aziende, tutte insediate nella capitale paulista.

Nel ramo dei veicoli e pezzi di ricambio, troviamo: *Sama Auto Peças, Laguna Autopeças, Cofipe Veículos, Tietê Veículos, Roles Distribuidora, RPR Distribuidora, Matrix Distribuidora e Pellegrino Distribuidora*. Il segmento immobiliare nacque con la creazione di *Bernina Imobiliária*, sorta per sopprimere alle necessità delle altre aziende del Gruppo che avevano bisogno di qualcuno che ne amministrasse le proprietà.

L'idea dell'alta gastronomia si concretizzò nel famoso e tradizionale ristorante *Terraço Itália*.

La scommessa nell'area gastronomica nacque dopo la visita di Evaristo ai lavori di costruzione dell'edificio Italia, all'epoca il più alto di São Paulo, eretto all'angolo tra le Avenidas Ipiranga e São Luís. Stupito dalla vista del paesaggio offerta dall'imponente immobile, egli decise di allestire un ristorante proprio sulla vetta del palazzo, affinché il maggior numero di persone possibile potesse godere della vista del bel panorama della capitale paulista. Il Terraço Italia venne inaugurato nel 1967, con un progetto di Paulo Mendes da Rocha e adattamento paesaggistico di Burle Marx, nel punto più alto del palazzo. Il locale ha già ricevuto illustri figure come la regina Elisabetta d'Inghilterra e l'allora primo ministro italiano Silvio Berlusconi, e conserva la fama di imperdibile luogo turistico, a São Paulo.

Ciò che fa la differenza nel Gruppo, oltre all'investimento costante nell'espansione degli affari, è la strategia, cioè la decisione di rifornire le industrie di pezzi di ricambio, solo con prodotti nazionali, dimostrando così di credere nell'impor-



tanza di stimolare e diffondere l'industria brasiliana. La stessa idea, con l'intento di rafforzare i vari gangli del business, è stata presa in considerazione quando il Gruppo ha esportato in Brasile il concetto degli associati di EuroGarage e ha creato la *Rede Pitstop* di rivenditori indipendenti di pezzi di ricambio, officine e officine specializzate nella rettifica dei motori. Oggi la distributrice lavora con più di 150 marche. .

La marca del Gruppo Comolatti mostra, nel logo, il disegno di un cane San Bernardo, razza originaria delle Alpi Svizzere, e simbolo di chi vuole aiutare il prossimo.

Bauducco

La storia dell'azienda alimentare Bauducco cominciò ad essere scritta nel 1948, quando l'immigrato e rappresentante commerciale Carlo Bauducco (1906 - 1972), originario di Torino, sbarcò in Brasile per la prima volta. Il suo obiettivo era quello di riscattare un debito di vendita relativo ad alcune macchine da panetteria, importate da un amico italiano. Dopo aver recuperato parte dei soldi, egli decise di trasferirsi in Brasile e di investire nella produzione e vendita di panettoni, a São Paulo (SP), avendo notato che, nonostante il grande numero di italiani qui presenti, il famoso dolce di origini milanesi non veniva ancora consumato in grandi quantità.

Nel 1950, Bauducco già produceva panettoni artigianali. Egli non era cuoco e per questo invitò l'amico pasticciere Armando Poppa ad aiutarlo qui in Brasile. Esistendo all'epoca una legge brasiliana che determinava che, per aprire una società, qualunque straniero avesse bisogno di un socio brasiliano, Carlo si associò ai fratelli Lanci. Quando, nel 1952, la legge non era più in vigore, la famiglia (composta da Carlo, dalla moglie Margherita Constantino e dal figlio Luigi Bauducco) inaugurò una pasticceria, nel quartiere Brás, la *Doceria Bauducco*, dove, oltre ai panettoni, venivano venduti biscotti tipo *champanhe*, dolci, prodotti salati e *petit fours*.

Nel 1962 la famiglia ha inaugurato la prima fabbrica, a Guarulhos. Dal 1965, l'imballaggio delle scatole dei panettoni viene fatto con la carta velina, e il prodotto così ha acquistato più fascino. Nel 1972 sono state realizzate le prime campagne pubblicitarie che mostrano il Sr. Bauducco e il figlio mentre preparano le ricette di famiglia. Nel 1978 Massimo Bauducco, nipote del fondatore, ha creato il *Chocottone*. Nel 1990 è stata inaugurata la seconda fabbrica, sempre a Guarulhos.

Nel 1997 è stato fatto un grande investimento per cambiare l'identità visuale dell'azienda: il giallo è diventato il colore predominante ed è stata realizzata una nuova pubblicità che mostra l'arrivo della famiglia in Brasile. Nel 2001 la Bauducco ha comprato la sua principale competitor, la Visconti, e ha consolidato la leadership nel mercato dei panettoni. Nel 2012 è stato inaugurato il primo negozio di proprietà, battezzato *Casa Bauducco*. L'anno dopo è stata aperta la fabbrica di Alagoas e, nel 2014, è avvenuto il lancio della marca di prodotti integrali *Cereale*.



GRUPPI ITALIANI IN BRASILE

Pirelli

L'azienda è stata fondata nel 1872 a Milano, in Italia, dall'ingegnere Giovanni Battista Pirelli (1848-1932), allora 24enne, e da suo cugino Leopoldo. La compagnia ha iniziato le attività fabbricando tubi flessibili, strisce e articoli di gomma. Nel 1884 ha cominciato a produrre cavi elettrici e per i telefoni, affermandosi come una delle prime compagnie ad operare in questa area. Lo pneumatico, oggi punto di riferimento della marca, venne prodotto solo a partire dal 1890, quando fu inaugurata una fabbrica in Italia specializzata in questo tipo di mercato. Inizialmente gli pneumatici venduti erano solo quelli per le ruote delle biciclette e venivano fabbricati sulla base di un sistema creato dalla marca "Milano". Presto però la marca cominciò a commercializzare anche il prodotto per automobili; "Erocole" era il nome del primo pneumatico. Verso la fine della decade ch'ebbe inizio nel 1920, gli pneumatici Pirelli già dominavano il mercato italiano ed erano venduti anche all'estero.

In Brasile la marca arrivò nel 1929, a Santo André (SP). Oggi Pirelli è presente in 160 paesi nei cinque continenti, ed è il maggior rivenditore di pneumatici del mondo. Nel 2005, con la vendita della Pirelli Energia Cabos e Sistemas e della Pirelli Telecomunicações Cabos e Sistemas, la Pirelli brasiliana ha indirizzato il fulcro delle sue attività verso il settore dei pneumatici, per mezzo della Pirelli Pneus S.A. Il Brasile ospita una delle più importanti unità del Gruppo Pirelli al mondo, essendo quello brasiliano uno dei suoi principali mercati; la marca qui infatti è leader nelle forniture alle aziende montatrici ed è la più menzionata dai consumatori brasiliani, quando si parla di pneumatici.

Fiat

La Fabbrica Italiana Automobili Torino o *Fábrica Italiana de Automóveis Turim* venne fondata nel 1899 dall'italiano Giovanni Agnelli. La marca è arrivata in Brasile intorno al 1970, seguendo una strategia aziendale di espansione commerciale. I lavori di costruzione della fabbrica, a Betim (MG), cominciarono nel 1974 e l'inaugurazione avvenne due anni dopo. Uomini e donne emigrarono da tutto il Paese nella città *mineira* per lavorare nella nuova fabbrica.

Dopo meno di vent'anni di operazioni nel Paese, la Fiat cominciò ad acquisire prestigio con il lancio di modelli popolari. Il primo veicolo costruito in Brasile è stata



la *Fiat 147*, che aveva un motore anteriore refrigerato ad acqua, trazione anteriore e linee rette. Il veicolo venne considerato il competitore del Maggiolino, che era il modello più venduto all'epoca. Più tardi, questo fu il primo modello al mondo ad essere lanciato nella versione ad alcol. La campagna pubblicitaria mostrava quanto l'autoveicolo fosse resistente e a buon mercato. In una delle pubblicità, il 147 scendeva le scale della *Igreja (chiesa) da Penha*, a Rio de Janeiro (RJ). In un'altra, attraversava il Ponte Rio-Niterói consumando meno di un litro di benzina.

Qualche anno dopo, l'azienda fu di nuovo innovatrice e produsse il primo autoveicolo popolare del Paese, la *Uno Mille*, della quale lungo gli anni vennero prodotte varie versioni. Nel 1999, è nato il modello avventura *Palio Adventure*. Tutte queste iniziative della Fiat hanno aiutato la marca a divenire leader di vendite in Brasile, posizione occupata per 13 anni.

Parmalat

La Parmalat è stata fondata nel 1961 in Italia, nella città di Collecchio, in provincia di Parma, da Callisto Tanzi. La marca è arrivata in Brasile nel 1972 ed è diventata subito famosa perché è stata sponsor di varie squadre di calcio e di un team di Formula 1. Dopo, con la campagna pubblicitaria "Mammiferi" che mostrava bambini travestiti da animali che bevevano latte e chiedevano al pubblico "Tu l'hai bevuto?" la Parmalat ha conquistato il cuore dei brasiliani. La campagna è stata lanciata nel 1995 nei giornali, riviste e periodici, nel 1996 è approdata alla televisione, e, nel 1998, ha visto la partecipazione dell'ex giocatore Ronaldo, che ne ha aumentate la diffusione e accettazione.

Nel 2003 l'azienda in Italia è fallita e in Brasile è entrata in un processo di recupero giudiziario. Nel 2011 Callisto Tanzi, che ha lasciato un buco di 14 miliardi di euro nell'organizzazione, è stato arrestato a Parma, per poi essere condannato a otto anni e un mese di reclusione.

Nel 2012, dopo la crisi finanziaria che ne ha deturpato l'immagine, la Parmalat ha deciso di riproporsi in Brasile e di cambiare la propria immagine con la campagna "Parmalat. Perché noi siamo umani". Nel 2015, già sotto la gestione della Lactalis, e determinata a riconquistare la fiducia e l'affetto del pubblico brasiliano, la marca è tornata ad occupare una posizione significativa nel mercato. Nel 2017 i mammiferi sono diventati gli ambasciatori ufficiali dell'azienda.

TIM

TIM Brasil, fondata nel 1995, è una filiale di Telecom Italia e gestisce reti di telefonia cellulare nel paese dal 1988. Ha lanciato la tecnologia EDGE nel paese, i servizi multimediali (MMS) ed è stata la prima ad avere Internet 3G per telefoni prepagati. Secondo i dati Anatel, nel 2020 TIM contava oltre 53 milioni di clienti, essendo il 3° operatore in Brasile.





Foto: Fabio Menotti - Disclosure Palmeiras

Stadio Palmeiras con erba sintetica in fase di installazione, a San Paolo

BRASILE E ITALIA, TRADIZIONE SPORTIVA

L'Italia, come il Brasile, ha una lunga tradizione sportiva. Pallavolo, basket, ciclismo, tennis, bowling e automobilismo sono alcune modalità con molta popolarità nel paese e un posto speciale nel cuore degli italiani, oltre alla scherma, atletica, polo acquatico, rugby e gli sport invernali, tra gli altri.

Ma, in Italia come in Brasile, sicuramente è il calcio lo sport che appassiona la grande maggioranza della gente. In Italia tale sport è sorto intorno al secolo XVI, con il nome di giuoco di calcio (ora chiamato solo calcio) e era uno sport praticato dai nobili. Oggi invece riempie gli stadi, e porta il pubblico al delirio. In Brasile è nato verso la fine del secolo XIX, e anche qui è stato prima abbracciato dall'élite e poi è diventato attrazione popolare.

CLUB E SQUADRE DI ORIGINE ITALIANA

Società Sportiva Palmeiras

La storia del Palmeiras ha cominciato ad essere scritta nel 1914. La creazione di un grande gruppo sportivo era un sogno degli immigrati italiani della città di São Paulo (SP) e venne annunciata dal giornale *Fanfulla*, il giornale che si rivolgeva agli *oriundi*. L'invito venne pubblicato dai giovani Luigi Cervo, Luigi Marzo, Vincenzo Ragognetti e Ezequiel Simone e l'atto di fondazione avvenne il 26 agosto, nell'estinto *Salone Alhambra*, nella *Praça da Sé*.

Il club verde e bianco fu inizialmente battezzato Palestra Italia, che aveva un significato simile a quello di *Ginásio Itália*, in portoghese, infatti la parola Palestra, di origine greca, in portoghese significa Ginnasio, Palestra o Scuola di Attività Fisiche. All'epoca già esistevano alcuni gruppi sportivi di origini italiane, ma non ce n'era nessuno sufficientemente grande per ottenere delle conquiste sportive. Il Palestra è nato per questo, con l'obiettivo cioè di creare una squadra che rappresentasse la colonia italiana e che potesse competere con le maggiori potenze calcistiche della città di São Paulo.

Durante la Seconda Guerra Mondiale, più precisamente nel 1942, il governo Getúlio Vargas emanò un decreto che proibiva a qualsiasi entità o azienda l'uso di nomi che avessero relazioni con i paesi dell'Asse (Germania, Italia, Giappone). La squadra allora venne denominata Palestra di São Paulo, ma il cambiamento non piacque ai suoi membri. Il 20 settembre 1942 ebbe luce la Società Sportiva Palmeiras. Le parole del Dr. Mario Minervino vennero annotate agli atti: "Non ci vogliono come Palestra, allora saremo Palmeiras; e siamo nati per esseri campioni". Il nuovo nome sfruttava la «P» sulle magliette e ricordava l'estinta *Associação Atlética das Palmeiras*.

Cruzeiro Esporte Clube

Il Cruzeiro è stato creato da sportivi della comunità italiana di Belo Horizonte (MG), il 2 gennaio 1921, nella fabbrica di scarpe e articoli per lo sport di Agostinho Ranieri, che si trovava nella *Rua dos Caetés*, ed aveva nome di *Società Sportiva Palestra Itália*. Nel 1920 l'idea venne presentata al console italiano, che era in visita nella capitale *mineira*. Il progetto era quello di fondare un club simile al Palestra Itália di São Paulo, ma che rappresentasse la colonia italiana di Belo Horizonte e potesse competere con i grandi club di Minas Gerais, come il Clube Atlético Mineiro, l'América Mineiro e lo Yale Atlético Clube (quest'ultimo di origine italiana).

La fondazione della nuova organizzazione sportiva avvenne quando alcune tra le principali e più ricche famiglie italiane decisero di partecipare all'iniziativa. Nonostante le origini della famiglie italiane, gli atleti che fecero parte del team, italiani o discendenti, venivano dalle classi lavoratrici della città, al contrario dei giocatori dell'Atlético e dell'América, che erano per la maggior parte studenti universitari provenienti da famiglie influenti.



Come successe al Palmeiras, quando il Brasile si alleò agli Stati Uniti, nella Seconda Guerra Mondiale, il club dovette cambiare nome a causa del decreto che proibiva l'uso di termini che ricordassero l'Italia, sia per quel che riguardava entità sportive o d'altro tipo, sia per quel che riguardava gli stabilimenti in cui le attività erano eseguite. Per questo, l'entità scelse il nome di *Cruzeiro Esporte Clube*, in omaggio alla costellazione della Croce del Sud. Così come il nome, anche le magliette cambiarono; prima verdi e rosse, in omaggio alla bandiera italiana, adesso il Club scelse l'azzurro e il bianco, che erano i colori ufficiali della Casa di Savoia.

Palestra de São Bernardo

Seguendo sempre l'esempio del Palestra Itália di São Paulo, il *Palestra de São Bernardo*, squadra della seconda serie del campionato dello stato paulista, che ha abbandonato il mondo del calcio nel 2012, venne fondato il 1° settembre 1935, nel *Bar e Lanche Viarregio*, nella via Rua Marechal Deodoro, a São Bernardo do Campo (SP).

L'idea venne a Alfredo Sabatini, figlio di commercianti italiani. Giocatore di calcio, Sabatini era stato rifiutato dall'Esporte Clube São Bernardo, che era stato fondato qualche anno prima. Frustrato, si organizzò con gli amici José de Jorge e Antônio Garcia e creò il Palestra Itália de São Bernardo, nome suggerito dal proprio Alfredo, a causa del grande numero di immigrati italiani presenti all'atto della fondazione.

Lo stesso motivo che costrinse a cambiare di nome le squadre del Palmeiras e del Cruzeiro, cioè il decreto presidenziale firmato durante la Seconda Guerra Mondiale, decreto che proibiva a qualsiasi entità o stabilimento di usare nomi vincolati alle forze dell'Asse, provocò il cambiamento del nome del Palestra Italia di São Bernardo. In questo caso però il cambiamento non fu così radicale, infatti la parola "Palestra" venne mantenuta. Il club fu l'unico, nel Paese, che, durante la guerra, riuscì a mantenere il termine di origine greca. I suoi colori: verde e bianco.

Club Paraná

Si può dire che il *Paraná Clube*, squadra di Curitiba (PR), possiede qualcosa di italiano nella sua storia, infatti l'organizzazione sportiva venne creata a partire dalla fusione tra l'Esporte Clube Pinheiros e il Colorado Esporte Clube, nel 1989, entrambi di origine italiana.

Il Colorado era nato nel 1971, come risultato di un'altra fusione, tra tre squadre: il Britânia Sport Club, del 1914; il Clube Atlético Ferroviário, del 1930, e il Palestra Itália Futebol Clube, fondato nel 1921, a Curitiba (PR), per rappresentare la colonia italiana nel *Paraná*.

Invece l'Esporte Clube Pinheiros viene dal Savóia Futebol Clube, il cui nome ricordava la casa reale italiana, e venne fondato nel 1914, sempre a Curitiba (PR). Tre anni dopo la sua fondazione, il club si unì all'Operário, e cambiò il nome in Savóia-Operário. Nel 1920, avvenne la fusione con l'Água Verde Futebol Clube, e nacque il Savóia-Água Verde, che più tardi tornò a essere denominato Savóia Futebol Clube.

Nel 1942 però il decreto federale, che proibiva nomi legati alle forze dell'Asse - in questo caso il termine "Savoia" - obbligò il club a cambiare nome e a scegliere *Avai Sport Club* e subito dopo *Esporte Clube Brasil*. Ma siccome era proibito anche l'uso di nomi legati al nostro Paese, il club venne ribattezzato *Água Verde*. Nel 1971, il nome divenne Esporte Clube Pinheiros e i colori, che dovevano essere diversi da quelli del Coritiba, furono l'azzurro e il bianco. Si giunse così alla denominazione definitiva di *Paraná Clube*.

Altre squadre/club

Palestra Itália Futebol Clube – fondato nel 1921, a Curitiba (PR), è stato uno dei club che hanno dato origine al Paraná Clube. L'idea era quella di creare una squadra nel Paraná che rappresentasse la colonia italiana.

Savóia Futebol Clube – fondato nel 1914, nel quartiere Água Verde, Curitiba (PR), è tra quelli che hanno contribuito alla fondazione della squadra denominata Paraná. Il suo nome era un omaggio alla casa reale italiana.

Palestra Itália de São Carlos – fondato nel 1919, nacque per competere con il Paulista Futebol Clube e l'Idea Club. Oggi non esiste più e la data in cui venne sciolto durante le ricerche non è stata trovata.

Palestra Esporte Clube – fondato nel 1931 dall'industriale, commerciante e tenentario agricolo Bonfá Natale, uno dei fondatori della Sociedade Italiana Cesare Battisti, nacque con il nome di Palestra Itália Futebol Clube, a São José do Rio Preto (SP) ed ha operato nell'ambito del calcio amatoriale. Tutt'oggi esiste come club/organizzazione sociale della città.

Clube Atlético Votorantim – è stata una delle prime squadre di calcio del Brasile, fondata nel 1900, a Sorocaba (SP), da operai italiani, con il nome di Sport Club Savóia. Venne sciolta nel 1952, quando venne meno l'appoggio delle *Industrie Votorantim*.

Yale Atlético Clube – fondato nel 1910, a Belo Horizonte (MG), da un inglese, tra i suoi fondatori ci furono alcuni membri della comunità italiana della città. Lo storico Mateus Zebu, di Minas Gerais, discendente di uno dei fondatori, ha scoperto nel 2018 che gli atleti e direttori che uscirono dallo Yale contribuirono alla creazione della Società Sportiva Palestra Italia, l'attuale Cruzeiro. Lo Yale venne sciolto nel 1930.

Palestra Itália Esporte Clube – squadra fondata nel 1917, a Ribeirão Preto (SP), oggi funziona solamente come club/organizzazione sociale.



Bellini (1930 –2014)

Capitano brasiliano ai Mondiali di calcio del 1958 in Svezia, Hilderaldo Luís Bellini è nato il 7 giugno 1930 a Itapira, nell'entroterra di San Paolo, dove ha tirato i primi calci, a palloni di stoffa, per le strade sterrate. Figlio di un immigrato italiano e di una oriunda, il giocatore è stato segnato dal gesto di alzare sopra la testa la coppa Jules Rimet, nella prima conquista mondiale della squadra brasiliana. Il gesto è stato ripetuto da altri capitani nel corso della storia, non solo nel calcio, ed è immortalato nella statua in onore dei campioni del 1958, davanti allo stadio Mário Filho, Maracanã, a Rio de Janeiro. Inaugurato il 13 novembre 1960, il "Monumento ai Campioni" divenne noto come la statua del Bellini, anche se questa non era l'intenzione: l'idea era di onorare l'intera squadra vincitrice.



Bellini, Vicente Feola e Gilmar con la coppa ai Mondiali del 1958

Vicente Feola (1909 – 1975)

Figlio di immigrati di Castellabate, Vicente Ítalo Feola è nato a San Paolo, il 1° novembre 1909. Da giocatore ha giocato per San Paolo, Auto Sport Clube e Americano, ma senza molto risalto. Fu da allenatore che entrò nella storia del calcio brasiliano quando vinse il primo Mondiale per il Brasile, nel 1958, e anche perché insistette a convocare Pelé, che all'epoca aveva solo 17 anni ed era infortunato. Il duo Garrincha e Pelé, scelto dal tecnico, non ha mai perso una partita con la maglia della Nazionale.

Il suo nome era legato al San Paolo, la squadra che ha guidato in diverse occasioni. Dirige anche il Boca Juniors, dell'Argentina, nel 1961. Chiamato nuovamente nel 1966, accetta di comandare la selezione in FA Cup, quando il Brasile viene eliminato nella prima fase. Feola morì il 6 novembre 1975, per insufficienza cardiorenale.

Bellini ha giocato come difensore e ha giocato nei club: Itapireense, Sanjoanense, Vasco da Gama, São Paulo e Atlético Paranaense, dove ha concluso la sua carriera di calciatore nel 1969. Oltre alla coppa del '58, ha partecipato anche alle coppe 1962 e 1966, come riserva. Il due volte campione del mondo ha giocato 57 partite con la maglia gialloverde, con 42 vittorie, 11 pareggi e quattro sconfitte. L'atleta è stato il primo giocatore brasiliano a fare campagne pubblicitarie e ha fondato la prima scuola di calcio privata. Affetto dal morbo di Alzheimer, è morto il 20 marzo 2014 nella città di San Paolo. Ha avuto due figli dal matrimonio di 51 anni con Giselda Bellini, che ha scritto una biografia del marito: "Bellini - il primo capitano", lanciato nel 2015.

GRANDI MOMENTI DI BRASILE X ITALIA NEL CALCIO MASCHILE

La rivalità tra Brasile e Italia nel calcio maschile può essere misurata in titoli mondiali: Brasile 5 x 4 Italia. La nazionale italiana ha partecipato a 18 coppe del mondo di calcio e ne ha vinte quattro: 1934, 1938, 1982 e 2006. Nel 1982, ha eliminato il Brasile, in un gioco drammatico per la nazionale *Canarinho*. Il Brasile ha partecipato a tutte e 20 le edizioni e ha conquistato cinque titoli (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), battendo due volte l'Italia in finale (1970 e 1994).

Coppa del mondo del 1970: finale Brasile 4 x 1 Italia

La Coppa del Mondo di Calcio del 1970, con sede in Messico, ha avuto come finale la partita Brasile - Italia, giocata il 21 giugno allo stadio Azteca, a Città del Messico, con la presenza di 107.412 spettatori. È stata la prima coppa ad essere trasmessa nella televisione a colori e la prima in cui si sono affrontati due ex campioni mondiali, in realtà due bicampioni. Oltre al terzo titolo di campione del mondo, era in gioco la conquista definitiva della Coppa Jules Rimet.

Il Brasile si è schierato così: Félix, Carlos Alberto Torres, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson (sostituito da Paulo César), Rivelino, Jairzinho, Pelé e Tostão. La squadra era stata creata dal giornalista João Saldanha che poi, due mesi e mezzo prima della competizione, sotto le pressioni della dittatura che all'epoca dominava il Brasile, è stato sostituito da Zagallo.

L'Italia è scesa in campo con: Albertosi, Burgnich, Rosato, Cera, il capitano Facchetti, Bertini (sostituito da Juliano), De Sisti, Domenghini, Boninsegna (sostituito da Rivera), Mazzola e Riva. L'allenatore era Ferruccio Valcareggi. L'arbitro della partita era il tedesco Rudolf Glöckner.

Il Brasile è andato in vantaggio con un colpo di testa di Pelé, e con quello che sarebbe stato il centesimo gol della nazionale verde oro in una coppa del mondo. L'Italia ha pareggiato con un gol dell'attaccante Roberto Boninsegna, dopo un errore della difesa brasiliana. Al 45esimo minuto, l'arbitro ha annullato un gol di Pelé, perché, mentre l'attaccante segnava, lui già aveva fischiato la fine del primo tempo. Nel secondo tempo, Gérson, l'uomo con un *Mancino di Oro*, con una giocata individuale, ha segnato il 2 a 1; Jairzinho, il *Tornado*, ha fatto il terzo gol e il capitano Carlos Alberto, dopo un passaggio del *Re Pelé*, ha chiuso la partita con quello che fino ad oggi è considerato uno dei più bei gol nella storia della coppa del mondo.

Ma il podio non è stato conquistato solo da quel gol, infatti la squadra brasiliana del 1970 è stata considerata una delle migliori di tutti i tempi, avendo eliminato,



uno dopo l'altro, tutti gli avversari, senza perdere nemmeno una partita. La coppa Jules Rimet è rimasta nella sede della Confederazione Brasiliana Gioco Calcio (CBF) fino al 1983, quando è stata rubata e mai più ritrovata.

Lo scontro nella Coppa del 1982: Italia 3 x 2 Brasile

Il 5 luglio del 1982, nello stadio Di Sarriá, a Barcellona, in Spagna, davanti a un pubblico di 44mila persone, Brasile e Italia si sono giocate la qualificazione a una delle semifinali della Coppa del Mondo della Fifa. La *seleção* brasiliana aveva mostrato grande talento e arte, ed aveva battuto gli avversari tra gli applausi dei tifosi. La squadra era composta da: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico, Éder, Serginho (sostituito da Paulo Isidoro); l'allenatore era Telê Santana. L'Italia, guidata da Enzo Bearzot, era schierata così: il portiere e capitano Zoff, Oriali, Scirea, Collovati (sostituito da Bergomi), Cabrini, Gentile, Bruno Conti, Tardelli (sostituito da Marini), Antognoni, Graziani e l'ispirato e infallibile Paolo Rossi, autore dei tre gol italiani, nella partita vinta per 3 x 2.

Al Brasile un pareggio sarebbe stato sufficiente per arrivare in semifinale. Ma quello non era un giorno fortunato, per la nazionale *Canarinho*. La stampa dopo ha denominato quella partita "La tragedia del Sarriá" e il suo risultato ha trascinato una nazione intera alle lacrime e un'altra alla felicità per una vittoria e un grido che era rimasto soffocato in gola fin dal 1970. La squadra che aveva incantato le platee di tutto il mondo è stata eliminata grazie allo show di un'altra squadra, quella Azzurra di Paolo Rossi, sulla quale fino a quel momento nessuno avrebbe scommesso niente, in una partita ch'è rimasta negli annali del calcio mondiale.

Con un rigore su Zico non fischiato dall'arbitro e un gol annullato all'Italia, non sono mancate le emozioni. Il primo gol è scaturito da una giocata aerea del terzino sinistro Cabrini, finalizzata da un colpo di testa di Rossi. Il pareggio è venuto dopo un passaggio di Zico per il dottor Sócrates, il capitano. Il secondo gol italiano è stato provocato da un errore di Toninho Cerezo, a centrocampo. Nel secondo tempo il Brasile ha pareggiato con un bellissimo gol di Falcão. Il gol della vittoria è stato segnato dopo un calcio d'angolo, quando mancavano 15 minuti alla fine della partita. Quando l'arbitro israeliano, Abraham Kein, ha fischiato la fine della partita, l'Italia ha festeggiato. E l'11 luglio 1982, nello stadio Santiago Bernabéu di Madrid, la Squadra Azzurra ha conquistato la sua terza coppa del mondo, battendo la Germania Occidentale per 3 x 1.

Finale della Coppa del Mondo 1994: calci di rigore

Quello era il secondo scontro tra la squadra Canarino e la squadra Azzurra. E così come era successo nel 1970, quando Brasile e Italia avevano giocato la finale della Coppa del Mondo da cui era fuoriuscita la prima nazionale tre volte campione del mondo, nel 1994, negli Stati Uniti, i due paesi si incontravano nuovamente per decidere quale sarebbe stata la prima squadra quattro volte campione del mondo. Il Brasile non vinceva la coppa da 24 anni e l'Italia da 12. L'ultima conquista

Foto: FIFA / Acervo CBF



Jairzinho festeggia il suo terzo gol contro l'Italia nel 1970

dell'Azzurra era stata quella del 1982, in cui si era qualificata alle semifinali a scapito della nazionale verde oro.

La finale della Coppa del Mondo Fifa del 1994 è stata giocata il 17 luglio, nello stadio Rose Bowl, a Pasadena, Los Angeles, Stati Uniti, davanti a 94.194 spettatori. Il Brasile si è presentato con: Taffarel, Márcio Santos, Aldair, Branco, Jorginho (sostituito da Cafu), il capitano Dunga, Mauro Silva, Zinho (sostituito da Viola), Mazinho, Bebeto e Romário. L'allenatore era Carlos Alberto Parreira. L'Italia era guidata da Arrigo Sacchi e ha giocato con: Pagliuca, Maldini, Benarrivo, Mussi (sostituito da Apolloni), Baresi, Berti, Albertini, Dino Baggio (sostituito da Evani), Roberto Donadoni, Roberto Baggio e Massaro. L'arbitro della partita era l'unghe-rese Sándor Puhl.

Durante i 90 minuti dei tempi regolamentari e i 30 dei tempi supplementari, nessuna delle due squadre è riuscita a segnare. La partita è finita 0 x 0, ed è così diventata la prima finale di una coppa del mondo ad essere decisa ai calci di rigore, quando il Brasile ha fatto tre gol e l'Italia ne ha fatti solo due, dopo nove tiri dal dischetto. Per il Brasile, sono stati calciati quattro rigori: Márcio Santos ha sbagliato e Romário, Branco e Dunga hanno segnato. Per l'Italia, Albertini e Evani hanno segnato; Taffarel ha parato i tiri dal dischetto di Baresi e Massaro e Roberto Baggio ha calciato alto sopra la traversa.

Nella festa per i 25 anni trascorsi dal giorno in cui è stata giocata quella partita, i giocatori che erano scesi in campo si sono ritrovati per un'amichevole, il 9 gennaio 2019, nello Stadio Presidente Vargas, a Fortaleza (CE). Non erano presenti tutti i titolari della Coppa. Roberto Baggio è stata un'assenza che si è fatta sentire. L'Italia ha vinto grazie a un gol di Massaro.



Gli italiani nell'automobilismo brasiliano

I Fittipaldi – La storia della famiglia Fittipaldi s'intreccia a quella dell'automobilismo. Tutto è cominciato con il figlio di immigrati italiani, Wilson, che molto presto si interessò a macchine e motociclette e, verso la fine degli anni '30, già era speaker radiofonico di eventi sportivi. Conosciuto come *Barão*, ha collaborato anche all'organizzazione di corse d'auto e di moto, ed ha seguito da vicino la nascita dell'autodromo di Interlagos. Ha partecipato a varie competizioni anche come pilota.

Il figlio Emerson è stato per due volte campione del mondo di Formula 1, nel 1972 e nel 1974, campione di Formula Indy, nel 1989, e due volte campione della 500 miglia di Indianapolis, nel 1989 e nel 1993. Assieme al fratello Wilsinho, anche lui pilota, Emerson ha fondato la Copersucar, scuderia brasiliana di F-1, nata nel 1975; la scuderia ha corso 104 gran premi. L'eredità Fittipaldi nell'automobilismo è continuata con Christian, figlio di Wilsinho, che è stato pilota di F-1, Max Papis, genero di Emerson ed ex-pilota di F-1 e di Champ Car, in Italia, e con la nuova generazione, formata dai nipoti di Emerson, Pietro, 24 anni, e Enzo, 19.

Rubinho Barrichello – Un altro importante pilota dell'automobilismo brasiliano, Rubinho Barrichello, è pronipote di un emigrante italiano, Giovanni Barrichello, di Riese Pio X, in provincia di Treviso, il quale, coi fratelli Giuseppe, Santo e Felício, raggiunse il Brasile nel 1885. Giovanni Barrichello ha avuto sette figli: Luis, Eugênio, Jacob, Laura, Angelina, Santina e José. Il terzogenito, Jacob, ha sposato Maria Marim Fernandes, con la quale ha avuto Alcides, Rubens, Wilson, Leonel e Laura. Rubens era il nonno di Rubinho. Ed anche suo padre si chiama Rubens. Per questo, in famiglia sono conosciuti come: Rubens (nonno), Rubão (**padre**) e Rubinho (figlio).

Ayrton Senna – Il più famoso pilota brasiliano di Formula 1, tre volte campione del mondo (1988, 1990 e 1991) è discendente di italiani. La madre, Neyde Joanna Senna, è nipote di italiani da parte dei quattro nonni. Dal ramo materno, i nonni sono originari di Lucca, in Toscana; dal lato paterno, il nonno Luigi Senna era di Napoli (Campania), e la nonna, Giovanna Maria Magro, era di Agrigento (Sicilia).

Luigi arrivò in Brasile nel 1893 e Giovanna, poi conosciuta come Joanna, nome affibbiato anche alla madre di Senna, arrivò nel 1894. I due si sposarono nel 1896, nello stato di Espírito Santo, e uno dei figli, João Senna, divenne il nonno materno di Ayrton. João ha poi sposato un'altra discendente, Marcellina, figlia di immigrati venuti da Lucca. Fino ai quattro anni di età, Senna ha abitato con i genitori nella casa dei nonni materni ed ha così imparato l'italiano.

L'Italia ha segnato la vita di Ayrton Senna ed anche la sua morte. Nell'autodromo Enzo e Dino Ferrari, a Imola, il primo maggio 1994, il pilota brasiliano è morto dopo aver sbattuto con la macchina contro una barriera di cemento, mentre prendeva parte al Gran Premio di San Marino, ed ha così lasciato una legione di fan e ammiratori. Il giornalista Roberto Cabrini, anche lui discendente di italiani, commentando in diretta quel tragico giorno al Jornal Nacional, ha detto: "L'Italia è il paese dove l'uomo è finito, e in cui è iniziato il mito".

GERSON CAMATA: UNA TRAGICA FINE

Giornalista ed economista, Gerson Camata è nato a Castelo, città *capixaba* (cioè dello Stato di Espírito Santo), il 29 giugno 1941. Discendente di italiani – i suoi genitori, Higinio Camata e Julia Bragato, erano figli di immigrati contadini –, ha lavorato nella radio e per la televisione ed è stato direttore di giornalismo dei Diários Associados, nello stato di Espírito Santo. Ha cominciato la sua carriera politica nel 1966, quando è stato eletto assessore a Vitória, per il partito Arena. È stato deputato statale tra il 1971 e il 1975 e deputato federale per due mandati, tra il 1975 e il 1983. Nel 1980, è entrato nel PMDB e, nel 1983, è stato il primo governatore di Espírito Santo a essere eletto dopo il ritorno del Brasile a una vita democratica. Durante tre mandati è stato anche senatore, tra il 1987 e il 2011. Come parlamentare, ha partecipato alla Costituente ed è stato autore del progetto di legge che ha dato origine allo Statuto del Disarmo.

Sposato con Rita Camata, deputata federale durante cinque mandati e relatrice dello Statuto del Bambino e dell'Adolescente e della Legge di Responsabilità Fiscale, con cui ha avuto due figli, il politico è stato assassinato con un colpo di pistola il 26 dicembre 2018, nella Spiaggia del Canto, a Vitória. Marcos Vinícius Moreira Andrade, suo ex collaboratore, è stato arrestato e ha confessato di aver commesso il crimine, motivato da un'azione giudiziale intentata da Camata contro di lui, che aveva causato il blocco di 60 mila *reais*, nel suo conto bancario.

La comunità italo-capixaba, formata da chi possiede la doppia nazionalità (Brasile/Italia) e dai discendenti degli immigrati italiani, si è lamentata pubblicamente della tragica morte di Gerson Camata, primo governatore di Espírito Santo discendente di italiani. La Casa d'Italia di Espírito Santo, associazione che rappresenta gli italo-capixabas, ha pubblicato una nota di condoglianze, firmata dall'allora presidente Cilmar Franceschetto, che, verso la fine del testo, ha scritto, in italiano: "Grazie tante Camata, stia con Dio. Rimarrai per sempre nel cuore della colonia italiana dello Spirito Santo".

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



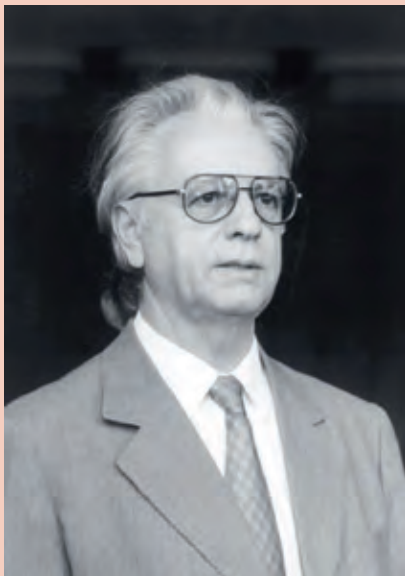
ITAMAR FRANCO: IL 33° PRESIDENTE DEL BRASILE

Radiobrás - Arquivo Nacional do Brasil

Presidente del Brasile tra il 1992 e il 1994, Itamar Augusto Cautiero Franco è stato ingegnere, sindaco di Juiz de Fora, senatore, governatore dello Stato di Minas Gerais e vice-presidente del Brasile, prima di arrivare al *Palácio do Planalto*. Il padre, Augusto César Stiebler Franco, morì di malaria e non conobbe il figlio, il quale, secondo la versione più diffusa di questa storia, nacque a bordo di una nave, il 28 giugno 1930, mentre sua madre, Itália América di Lucca Cautiero, figlia di immigrati italiani, viaggiava da Rio de Janeiro (RJ) verso Salvador (BA). Comunque crebbe a Juiz de Fora (MG), dove arrivò quando aveva quattro mesi di vita.

Durante l'infanzia, aiutava la madre nelle consegne delle pietanze che lei preparava in casa, per i suoi clienti.

Si laureò nel 1954 (o nel 1955) in ingegneria e elettrotecnica nella Scuola di Ingegneria di Juiz de Fora. Nel 1958, si candidò per il *Partido Trabalhista Brasileiro* ad assessore e vice-sindaco della sua città, senza successo. Entrò allora nel *Movimento Democrático Brasileiro* (MDB), ed era il 1966 quando venne eletto sindaco di Juiz de Fora, per poi essere rieletto nel 1972. Nel 1974 lasciò l'incarico per concorrere al Senato Federale per lo stato di Minas Gerais, ebbe successo e assunse l'incarico di senatore, per due mandati. Nel 1982 entrò nel *Partido Liberal* (PL) e dopo nel *Partido da Reconstrução Nacional* (PRN), quando venne



eletto, nel 1989, vice-presidente della Repubblica, nel governo di Fernando Collor de Mello. Dopo il processo di impeachment di Collor, divenne presidente ed esercitò il mandato tra il 1992 e il 1994. Nell'occasione era già tornato al PMDB.

Quando era a capo del governo, lanciò il *Plano Real*, il 1° marzo 1994, e riuscì a ridurre l'inflazione e a promuovere la crescita e la stabilità economica del Paese. Nell'aprile del 1993, sempre durante la sua gestione, venne effettuato il plebiscito per la scelta del sistema di governo brasiliano, e vinse il sistema presidenzialista. Dopo la fine del mandato, Itamar Franco divenne ambasciatore del Brasile in Portogallo. Due anni dopo, venne eletto governatore di Minas Gerais, posizione

che occupò tra il 1999 e il 2002. Dopo fu nominato di nuovo ambasciatore, in Italia. Durante la gestione del governatore Aécio Neves, Itamar diresse, tra il 2007 e il 2010, il Consiglio di Amministrazione della Banca dello Sviluppo di Minas Gerais (BDMG). Nel 2009, cambiò partito ed entrò nel *Partido Popular Socialista* (PPS), grazie al quale venne nuovamente eletto senatore per lo stato di Minas Gerais, nel 2010.

Itamar Franco morì il 2 luglio 2011, a 81 anni, a causa di un'emorragia cerebrale. La sua morte avvenne mentre già era in ospedale, dopo una diagnosi di leucemia. Il suo corpo venne cremato e le ceneri deposte nella tomba di famiglia, a Juiz de Fora.

RUBENS RICUPERO: DUE VOLTE MINISTRO

Agência Senado

Gurista, storico e diplomatico, è nato il 1° marzo del 1937, in una famiglia di immigrati italiani, nel quartiere di Brás. È stato Ministro dell'Ambiente e Amazonia Legale e Ministro dell'Economia, durante il governo Itamar Franco, ed era solito essere considerato dal presidente "Il sacerdote del Plano Real". È stato anche: collaboratore internazionale di Tancredo Neves; collaboratore speciale di José Sarney; rappresentante del Brasile e segretario generale nell'Organizzazione delle Nazioni Unite (ONU), e ambasciatore negli Stati Uniti e in Italia, tra gli altri incarichi pubblici ricoperti. La sua carriera è stata segnata dallo Scandalo della Parabolica, la rivelazione di una sua conversazione con un giornalista, a cui aveva rivelato dei dettagli del Plano Real, e lui quindi ha dovuto rinunciare all'incarico.



Ricupero è anche scrittore, e ha prodotto più di dieci opere, tra le quali: "La nuova proiezione internazionale del Brasile", del 1994, "Rio Branco: il Brasile nel mondo", pubblicato nel 2000, "L'apertura dei porti", del 2007 e "La diplomazia nella costruzione del Brasile - 1750-2016", del 2017. Ora, egli è presidente e direttore della Facoltà di Economia della Fondazione Armando Álvares Penteado (FAAP) e presiede l'Istituto Fernand Braudel, che promuove ricerche, dibattiti e pubblicazioni che riguardano problemi istituzionali come l'educazione, la sicurezza, la politica economica, la politica energetica, lo sviluppo economico e le relazioni internazionali.



referências

Livros e artigos

ALBERTON, Elcio. **Construir Esperança: Coragem, Aventuras e Sonhos**. Videira: Clube de Autores, 2012.

ALVIM, Zuleira. **Brava gente! : os italianos em São Paulo**. São Paulo : Brasiliense, 1986.

BALBINOT, Giovane - **Detratores e defensores da imigração italiana para o Brasil: o Decreto Prinetti de 1902 e a Exposição Mundial de 1906** - SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA [38]; João Pessoa, jan./jun. 2018. P. 205-227.

BANANÉRE, Juó. **La Divina Increnca**. São Paulo : Folco Masucci, 1966.

BERTONHA, João Fábio. **Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil**. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-104, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100005&lng=en&nrm=iso>. Visitada em 10/10/2020.

BERTONHA, João Fábio. **Italianos na cidade do Rio de Janeiro: uma comunidade (re)descoberta**. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro n.8, 2014, p.415-428. Disponível em <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e08_a26.pdf>. Acesso em 12 Out. 2020.

BERTONHA, João Fábio. **O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BIANCO, Maria Eliana Basile. **A Sociedade Promotora de Imigração (1886-1895)**. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BIONDI, Luigi. **Mãos unidas, corações divididos**. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. **Tempo**, Niterói , v. 18, n. 33, p. 075-104, 2012. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042012000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Out. 2020.

Brasil: 500 anos de povoamento / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007. 232 p. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>> Acesso em 10 set. 2020.

CAPPELLIN, Paola; GIULIANI, Gian Mario. **Entre a memória e o mercado Famílias e empresas de origem italiana no Brasil**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011. 14p. Disponível em <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548856708_5e2b70de9636746ef3a1a333c7025ed6.pdf>. Acesso em 13 ago. 2020.

CARELLI, M. **Carcamanos e Comendadores. Os italianos em São Paulo: da realidade à ficção (1911-1920)**. São Paulo : Ática, 1985.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil “Andiamo in Merica”**. São Paulo : Edusp, 2003.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Italiano na cidade – a imigração itálica nas cidades brasileiras**. UPF. 2.000.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O Italiano da Esquina: Imigrantes na sociedade de Porto-Alegrense**. Porto Alegre: EST, 1994.

CORVISIERI, Silverio. **Maria Baderna: a bailarina de dois mundos**. Rio de Janeiro : Editora Record, 2001.

DE BONNI, Luís A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia; Torino : Fondazione Giovanni Agnelli, 1990-1996. V.2 e 3.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo : EDUSP, 2013. 688 p.

FAY, Claudia Musa; RUGGIERO, Antonio de (orgs.). **Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: Estudos de Caso**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. Lazzaro, Agostino (org.) – Vitória : Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. 1.170 p.

GAMBINI, Roberto. **Corações partidos no porto de Gênova**. Estud. av., São Paulo , v. 20, n. 57, p. 264-296, ago. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 set. 2020.

GOMES, Angela de Castro. **A pequena Itália de Niterói: uma cidade, muitas famílias**. Niterói : XXIII Encontro Anual da ANPOCS, 1999. 23 p. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt01-13/4907-angelagomes-a-pequena/file>>. Acesso em 12 Out. 2020.

GOMES, A. C. **Velhos militantes**, Rio de Janeiro : Zahar, 1988, p.25-6

GOMES, Angela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : 7letras, 2000.

GOMES, Angela de Castro. **História de família : entre a Itália e o Brasil : depoimentos**. Niterói : Muiraquitã. 1999.

GONÇALVES, Caroline. **Ernestina Lesina e o Anima e Vita: trajetórias, escritos e a luta das mulheres operárias (inícios do Século XX São Paulo)**. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12790/1/Caroline%20Goncalves.pdf>>. Visto em 20 set. 2020

GROSSELLI, Renzo M. **A Expedição Tabacchi e Colônia Nova Trento**. Vitória : Artgraf Gráfica e Editora, 1991.

HUTTER, Lucy Maffei. **Imigração Italiana: Aspectos Gerais do Processo Imigratório**. Rer. Int. Est. Bras. 27, São Paulo, 1987, 59-73p. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/69906/72560>>. Acesso em 16 out. 2020.

LORENZONI, Giulio. **Memórias de um emigrante italiano**. Porto Alegre : Sulina, 1975.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda**. Rio de Janeiro : Ediouro, 2004.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise no Brasil arcaico**. São Paulo : Pioneira, 1973.

MATOS, Maria Izilda. **Trama e poder**. São Paulo: Edusp, 2003.

MEDEIROS, Rogério. **Espírito Santo - Encontro das Raças**. Vitória : Don Quixote Liv. Ed. , 1997, p. 53-81.

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e Arquitetura: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo**. 2. Ed. Vitória : Flor & Cultura, 2009.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial 2003.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **As cidades e seus monumentos: um estudo sobre a imigração italiana em Buenos Aires e Caxias do Sul 1910 - 1954 - 2016**. Almanack, Guarulhos , n. 17, p. 224-227, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332017000300224&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 set. 2020.

RIZZO, E.; MINARDI, I. M. **Mulheres imigrantes no Brasil**. In: CONGRESSO LUSOAFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 10., 2009, Braga-Portugal. Braga-Portugal: Universidade do Minho, 2009.

SANTOS, Iverson Poletto dos. **A Sociedade Promotora de Imigração e o financiamento público do serviço de imigração (1886-1895)**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina(org.). **Migrantes ao Sul do Brasil. Santa Maria**: Ed. da UFSM, 2010.

TOTH, Nicole Aparecida Santos Abbondanza. **Memórias do Café e da Imigração Italiana – História**. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 136-157. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a8 .

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo : Nobel, 1989. 574 p.

UDAETA, Rosa Guadalupe Soares. **Nem Brás, nem Flores: hospedaria de imigrantes da cidade de São Paulo (1875-1886)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. 200 p. Disponível em <http://spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/PAP-UDAETA_Rosa-15032016-FINAL.pdf>. Acesso em 03 jul. 2020.

VANNI, Júlio César. **Italianos no Rio de Janeiro. A história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império**. Niterói (RJ): Comunità, 2000.

VILLA, Deliso. **História Esquecida**. Tradutora: Adriana Pucci. São Caetano do Sul : Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000.

Sites de instituições

Arquivo Nacional : <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br>

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo : <https://ape.es.gov.br/>

Biblioteca Digital Unesp : <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/>

Biblioteca Digitale Teresiana : <http://digilib.bibliotecateresiana.it/>

Biblioteca Nacional : <https://www.bn.gov.br/>

Brasiliiana Fotográfica : <http://brasilianafotografica.bn.br/>

David Rumsey Map Collection : <https://www.davidrumsey.com/>

Embrapa Uva e Vinho : <https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE : <https://www.ibge.gov.br/>

Museo dell'Emigrazione Pietro Conti : <http://www.emigrazione.it/>

Museo Dell'Emigrazione Italiana Online : <http://www.museoemigrazioneitaliana.org/>

Museu da Imigração do Estado de São Paulo : <http://www.museudaimigracao.org.br/>

New York Public Library : <https://digitalcollections.nypl.org/>

Scientific Electronic Library Online : <https://scielo.org/pt>

Wikipédia : Imigração italiana no Brasil :

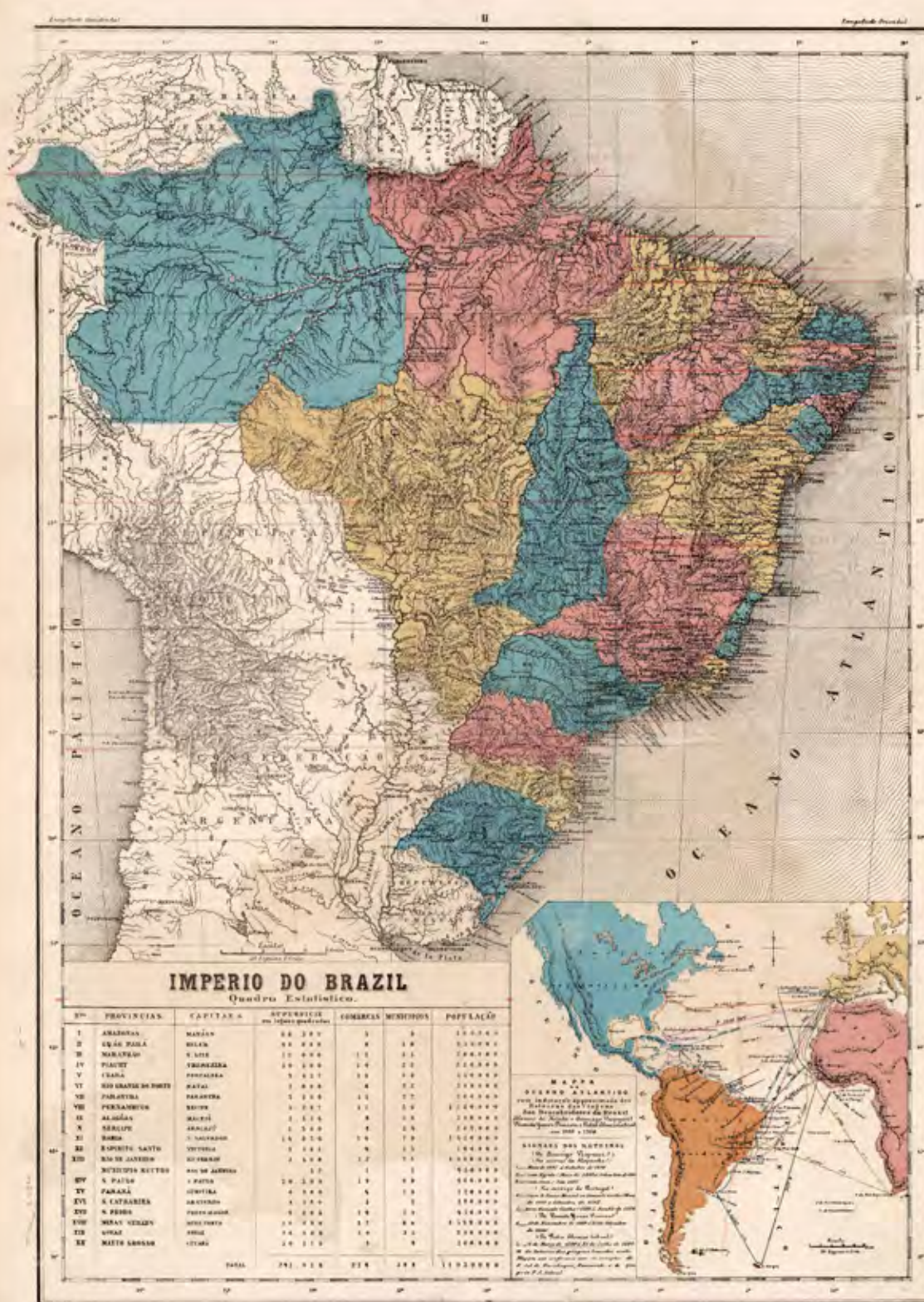
https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_italiana_no_Brasil

Para mais informações sobre o livro “*Oriundi • os italianos no Brasil*”, incluindo mais de 400 links para as fontes de pesquisa, visite:
www.alicomunicacao.com.br/oriundi/

Este livro foi impresso na cidade do Rio de Janeiro, em novembro de 2020, pela Grafitto Gráfica e Editora para a Hexis Editora.

As tipologias utilizadas foram
PT Serif para textos, títulos e complementos,
Meddon para destaques e
America para o título “Oriundi”.

Miolo impresso em papel couchê mate 150 gramas.
Capa em cartão supremo 300 gramas.



Brasil, Atlas do Imperio do Brasil, Rio de Janeiro, 1868

Ao fundo: América do Sul, Grande Atlas de mão do Céu e da Terra, Weimar Geographisches Institut, 1875

Mapas: David Rumsey Map Collection



*“A Itália é indescritível.
Não é apenas o país mais belo do
mundo; é qualquer coisa fora e
acima deste mundo, assim mais
ou menos pendurada a meio
caminho entre o céu e a terra*

*[...]
a gente italiana é,
entre todas, a mais bonita e
a mais simpática,
a mais humana de todas,
a mais alegre.”*

(João Guimarães Rosa, Carta aos pais. Paris, 3.9.1950).



Lei de Incentivo à
CULTURA

EDIÇÃO



Hexis
editora

PRODUÇÃO

INTERCULTURAL

PATROCÍNIO



COMOLATTI

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

